

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Maria Arlene de Almeida Moreira

Longevidade: Novas conquistas, novos espelhos, novos olhares

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Maria Arlene de Almeida Moreira

Longevidade: Novas conquistas, novos espelhos, novos olhares

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica, sob a orientação da Profa. Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cerveny.

SÃO PAULO

2017

Banca Examinadora

No sentido de que somos reconstruções de poeiras estelares, ofereço este estudo a todos os netos, para que tenham a oportunidade de pensar, repensar, construir e viver a velhice que desejem ter; e aos velhos que vivem o presente, como um presente da vida e reciclar de tempos.

Arlene Moreira

AGRADECIMENTOS

*Agradeço a meus ancestrais
Pelos genes, pelos exemplos,
Mesmo aqueles
Que adotar, não quero mais.*

*Agradeço a meus pais
Pelos valores morais,
Em Quebrangulo ter nascido,
Quebrado as amarras,
Aspirações ter perseguido,
No fervilhar de meus ideais.*

*Agradeço a Deus
Pelo sopro de vida,
Vontade, perseverança,
E o nunca perder-me na desesperança.*

*Agradeço aos mestres do meu percurso
E, neste discurso,
Agradeço a Cervený.
E lhe presto homenagem,
Pela oportunidade de estar aqui.*

*Agradeço aos participantes,
Que emprestaram vozes e vidas,
Em detalhadas narrativas,
Demonstrando o viver mais
Com mais vida.*

*Agradeço aos amigos recentes,
E aos amigos de todos os tempos,*

*Aos presentes, aos ausentes,
Pelas jornadas partilhadas
E os maravilhosos momentos,
Dedicados para celebrar a amizade.*

*Agradeço à família
Que, como filha, me acolheu,
Ao dar-me seu crescido rebento,
Que, para casamento,
Escolheu-me.
Abraçando a jornada,
Fizemos germinar sementes
Cultivamos amizades
Em dois continentes,
Enriquecendo e aquecendo a união
Com amor renovado no coração.*

*No semeio de pólen de muitas flores,
Filhos e netos, ora,
Alegram os dias,
Repetem proezas,
Somam alegrias
Às minhas memórias.*

*Agradeço à Mãe Natureza
Pelos encantos de paisagens,
Pelos exemplos de grandeza
Em tantos cenários.
Ela mostra um tempo,
Onde tudo se renova
A seu tempo.*

*Agradeço ao meu companheiro
De todas as horas,
A paciência da espera
Pelo impaciente momento.*

*Agradeço ao patrocínio,
Da bolsa CAPES concedida
Que estimulou o raciocínio
E a pesquisa incentivou.
Espero que produtiva.*

*Agradeço aos presentes ouvintes,
Também, aos futuros leitores.
Sei, que a hora é oportuna
Para reverenciar a banca examinadora:
Pelo aceite, pela presença,
Estímulos e sugestões.
Digo, que coloquei
Como Pessoa,
Tudo o que sou
No que fiz
E sonhei.
Por isso, sou feliz.
Obrigada!*

Arlene Moreira

Longevidade: Novas conquistas, novos espelhos, novos olhares

RESUMO

A longevidade é um fenômeno global. O *envelhecimento ativo* é aconselhado pela Organização Mundial de Saúde (WHO), para um envelhecer com qualidade de vida. Nesse entendimento, ele é pensado como decorrente de vida, que se desenvolve num contexto de acesso à educação, de serviços de assistência e de saúde, de ambiente e hábitos saudáveis, com oportunidades de participação, para que as pessoas possam desenvolver suas potencialidades. A manutenção de autonomia e independência no envelhecimento é uma meta no quadro de políticas públicas. Nem sempre é isso que se tem e o envelhecimento não é homogêneo. No Brasil, país continental, há duas características: a velocidade do envelhecimento está sendo maior por conta da globalização e importação de tecnologias, em relação aos países, que envelheceram no século passado. Em segundo lugar, sendo um país emergente, diferentemente dos países desenvolvidos, não somou qualidade ao envelhecer, por não ter enriquecido antes de envelhecer. Com isso, as moléstias infecto-contagiosas, próprias de países em desenvolvimento, concorrem com as doenças crônico-degenerativas da velhice. Diferentemente do foco em perdas, este estudo procurou explorar o tema *Envelhecimento*, no ganho do viver, nas lentes da Teoria da Complexidade, pelo fato de o envelhecimento ser multifacetado. O viver a velhice tem apresentado mudanças e fugido ao estereótipo redutor. É esse novo espelho que queremos explorar. A abordagem qualitativa com delineamento da análise de narrativas foi o suporte metodológico escolhido para abordar o tema: *Longevidade- Novas Conquistas, Novos Espelhos, Novos Olhares*. O objetivo geral do estudo é perceber o significado de ser velho e viver a velhice. Como objetivos específicos, pretende-se: entender a motivação da vida; perceber que sonhos se encaixam nesse viver; entender a importância do lembrar; perceber como se mantém o pertencimento; e a vivência da sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento. Envelhecimento em construção. Espelhos de Envelhecimento. Conquistas no envelhecimento. Olhares do Envelhecimento.

Longevity: New conquers, New mirrors, New visions

ABSTRACT

Longevity is a global phenomenon. The *Active Aging* is advised by World Health Organization (WHO), as optimizing opportunities for health participation and security in order to enhance quality of life as people age. The word *active* refers the continuing participation in social, economic, cultural, spiritual and civic affairs, not just the ability to be physically active or to participate in the labour force. In the understanding of *health*, it refers to physical, mental and social well being as expressed in the WHO definition of health. Maintaining autonomy and independence for the older people is a key goal in the policy framework for active ageing. Brazil is a continental country, and the elderly is far away to be homogeneous. Brazil has some particularities about ageing: in it, the velocity of ageing is higher, because the effects of the influence of the technology of information (TI) and the globalization. Besides, as an emergent country, it has some differences from the developing countries, who met the elderly last century, who got richness before got old. As a results, in Brazil there are some infeccious diseases, that are not under control, and they occur concurrently with chronic- degenerative ones in the elderly. The matter of this study is not explore the theme on the looses of the elderly, but in the years to live, and the opportunities that could be open to realise new dreams. The authors use the lens of the Theory of Complexity to understand the elderly as multifaceted matter. The method used is the qualitative, with the design of Narratives Analyse. The title of the study is: *Longevity- New Conquers, New Mirrors, and New Visions*. The general objective is to perceive the meaning of how is to live the elderly. As specific subjectives one intends: to understand the motivation on life in this fase; if there are still dreams to be lived; to understand the importance of the memories in the elderly; to perceive how the elders feel the belonging on elderly; and how they live their sexuality.

KEYWORDS: Elderly.Longevity. Elderly under construction. The Mirrors of the Elderly. The Conquers in Elderly. The Visions of Elderly.

Longévité: nouvelles conquêtes; nouveaux miroirs; nouvelles visions

RÉSUMÉ

La longévité est un phénomène mondial. Le *Viellissement Actif* est un terme utilisé par l'Organisation Mondiale de la Santé (OMS), qui signifie aider les personnes âgées à rester aussi longtemps que possible, les acteurs de leur propre vie, aussi bien à contribuer économiquement à la société dans la mesure du possible. Le mot *actif* fait référence à la capacité de leur participation continuée dans les domaines social, économique, culturel, spirituel et civil. C'est à dire, non seulement la capacité d'être physiquement actif, or d'exercer un emploi dans la société. Dans la compréhension de l'OMS, le terme *santé*, se réfère à l'état du bien-être physique, mental et social. La maintenance de l'autonomie et de l'indépendance des personnes âgées est un objectif clé dans le cadre de la politique du vieillissement actif. Le Brésil est un pays continental, où la viellisse n' a pas une face homogène. Premièrement, la vitesse du vieillissement est devenu plus forte, `a cause de l'influence de la technologie de l'information (TI) et de la globalisation. Deuxièmement, em tant que pays emergente, le Brésil n'est pas enrichi avant le vieillissement de as population.. Par consequence des maladies contagieuses typiques dès pays em developpement coexistente avec des maladies degeneratives. L'objet de cet étude n'est pas d'exploiter le thème de la longévité, par rapport aux pertes, mais, en utilisant la Théorie de la Compléxité, voir la longévité comme une nouvelle chance de vivre les opportunités de réalisation. La méthode de l' étude est qualitative, avec l' analyse du récit. Le titre est: *La Longévité- les nouvelles conquettes, les nouveaux miroirs, les nouveaux regards*. L'objectif general est de saisir le significat du villeissement sur les personnes âgées. Les objectifs especifiques sont: comprendre la motivation de la vie; s'il y reste quelques rêves a vivre; comprendre le rôle des memoires; comprendre le significat d'appartenance et, aussi, les expériences de la sexualité dans la vieillesse.

MOTS CLÉS: Viellissement. Personnes Agées et nouvelles opportunités. La construction du nouvel âge. Vieux âges dans le miroir.

LISTA DE ABREVIATURAS

- ACDI-** Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural
- ADD-** Análise Dialógica do Discurso
- ANPAD-** Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração
- APM-** Associação Paulista de Medicina
- BID-** Banco Interamericano de Desenvolvimento
- CAPES-** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CEPAL-** Conselho Econômico das Nações Unidas
- CF-** Constituição Federal
- CLDS-** Contrato Local de Desenvolvimento Social
- CNS-** Conselho Nacional de Saúde
- CVF-** Ciclo de Vida Familiar
- CVI-** Ciclo de Vida Individual
- DSC-** Discurso do Sujeito Coletivo
- DST-** Doenças Sexualmente Transmissíveis
- EI-** Estatuto do Idoso
- EMAS-** European Male Ageing Study
- FLIP-** Feira International do Livro de Parati
- IAFOR-** International Academic Forum
- IBGE-** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- KAU-** União Africana do Quênia
- LGBT-** Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
- MIPAA-** Madrid International Plan of Action on Ageing
- OMS-** Organização Mundial de Saúde
- ONU-** Organização das Nações Unidas
- PUCSP-** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RS- Representações Sociais

SEMESP- Sindicato das Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo

SOC- S, de seleção de fonte no ambiente; O, de otimização de recursos; C, de compensação, reação e descoberta de novos interesses (Relacionado à Psicologia do Ciclo de Vida, T. do Lifespan)

TIS- Teoria da Identidade Social

WHO- World Health Organization

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dados dos Participantes	134
Quadro 1.1 - P1.....	142
Quadro 1.2 - P2.....	145
Quadro 1.3 - P3.....	147
Quadro 1.4 - P4.....	149
Quadro 1.5 - P5.....	151
Quadro 1.6 - P6.....	153
Quadro 2 - Metáforas, associações, valores e mitos.....	163
Quadro 3 - O que as narrativas levaram para a análise	174

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Entrelaçando o C. Individual de Erikson (1998) com C. Vital de Cervený (1984)	
.....	164

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

RÈSUMÈ

INTRODUÇÃO	21
1. AS CONQUISTAS	34
1.1 O Fenômeno (?) Longevidade	36
1.2 A longevidade na história	40
1.3 As especialidades e o envelhecimento.....	43
1.4 As conquistas de direitos e os gêneros	48
2. OS ESPELHOS	54
2.1 Envelhecimento, a cultura e a identidade: espelhos das pesquisas de tantos no viver de muitos	57
3. OS OLHARES	64
3.1 Entre os ciclos vital familiar e individual.....	67
3.2 Construções de castelos	82
3.3 A nostalgia do olhar.....	89
3.4 O envelhecimento nos mitos.....	115
3.5 Sexualidade na velhice	119
3.6 Vivendo o envelhecimento	125
3.7 Políticas sociais para um envelhecimento ativo/saudável	128
4. MÉTODO	131
4.1 Justificativa e objetivos	131
4.2. Tipo de pesquisa	131
4.3 Delineamento.....	132
4.4. Participantes	133
4.5 Instrumento.....	135
4.6 Procedimento	136
5. ANÁLISE DE NARRATIVAS	139
5.1 1ª Etapa - Análise formal do texto.....	139
5.2 2ª Etapa - Descrição estrutural do conteúdo	154
5.3 3ª Etapa - Abstração analítica das narrativas.....	163

5.4 4ª Etapa - Análise do conhecimento	174
5.5 5ª Etapa - Comparação contrastante	180
CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	184
CONSIDERAÇÕES FINAIS	185
REFERÊNCIAS	189
APÊNDICES	206
Apêndice 1 - Normas de Transcrição	206
Apêndice 2 - Narrativas do grupo brasileiro	207
Apêndice 3 - Narrativas do grupo português	213
Apêndice 4 - Ficha Biográfica	220
Apêndice 5 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	221
Apêndice 6 - Relação dos Estudos sobre Nostalgia em Oxford	223

[...] Uma vida em que vamos fazendo coisas, que até podem ser boas e necessárias, mas onde se perdeu a capacidade do espanto, da contemplação... vai- nos afastando de caminhos que permitam ao olhar tatear a plenitude... E, sem sentirmos esse momento extasiado de pura gratuidade em que inscrevemos o tempo na eternidade..., aquilo que criamos fica incompleto... Quantas vezes, porém, não falamos mais do que nos pesa do que daquilo que nos extasia?

*MENDONÇA, J.T. In: FELIX, M.J.C. **Envelhecer sem ficar velho**. Alfragide, Portugal: Oficina do Livro, 2013, p.7.*

PREAMBULO

Que é o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém mo perguntar eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei.

Santo Agostinho, Confissões, Livro XI, 14 (17). Coleção Os Pensadores. Tradução de J. O. Santos e A. A. Pina. São Paulo: Ed. Abril, 1973.

Oração ao tempo.

Caetano Veloso (1979)¹

*Tempo, tempo, tempo.
És um senhor tão bonito
Quanto a cara do meu filho.
Tempo, tempo, tempo, tempo...
Vou te fazer um pedido,
Tempo, tempo, tempo, tempo...
Compositor de destinos,
Tambor de todos os ritmos,
Tempo, tempo, tempo, tempo...
Entro num acordo contigo.
Tempo, tempo, tempo, tempo...
Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo,
Tempo, tempo, tempo, tempo,*

¹ Caetano Emanuel Viana Teles Veloso é músico, produtor, arranjador e escritor brasileiro. A letra da música Oração ao tempo foi escrita em 1979.

*És um dos deuses mais lindos.
Tempo, tempo, tempo, tempo...
Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho.
Tempo, tempo, tempo, tempo...
Ouve bem o que eu te digo,
Tempo, tempo, tempo, tempo...*

*Peço-te o prazer legítimo
E o movimento preciso,
Tempo, tempo, tempo, tempo.
Quando o tempo for propício,
Tempo, tempo, tempo, tempo...
De modo que o meu espírito
Ganhe um brilho definido,
Tempo, tempo, tempo, tempo
E eu espalhe benefícios.
Tempo, tempo, tempo, tempo...*

*O que usaremos p'rá isso
Fica guardado em sigilo
Tempo, tempo, tempo, tempo,
Apenas contigo e migo
Tempo, tempo, tempo, tempo.
E quando eu tiver saído
Para fora do teu círculo,
Tempo, tempo, tempo, tempo...
Não serei, nem terás sido
Tempo, tempo, tempo, tempo.
Ainda assim, acredito
Ser possível reunirmo-nos,
Tempo, tempo, tempo, tempo,
Num outro nível de vínculo...*

Tempo, tempo, tempo, tempo...

Portanto, peço-te aquilo

E te ofereço elogios,

Tempo, tempo, tempo, tempo,

Nas rimas do meu estilo...

Tempo, tempo, tempo, tempo.

INTRODUÇÃO

O tema deste estudo é *Longevidade: Novos Olhares, Novos Espelhos e Novos Olhares*.

A abordagem qualitativa foi o suporte metodológico escolhido para abordá-lo. Na articulação dos assuntos, diferentes áreas do conhecimento humano serão chamadas a interagir. A intenção não é discutir os objetos destas áreas, mas trazer teorias, que permitam complementações e analogias, de modo a contribuir na convergência/ construção/ compreensão das idéias, ou enriquecimento de metáforas. O intuito de trazer *flashes* de tantas áreas de conhecimento foi uma tentativa de montar o feixe de luz incidente no diamante do conhecimento que, na refração, o decompõe nas diferentes versões (áreas de conhecimento), num diálogo entre conhecimentos, tempos e tradições.

Assim procedendo, podemos nos lembrar, que reconfigurações de ideias, modos diferentes de conhecer acontecem ao longo do tempo. Isso ocorreu e vem ocorrendo, também em relação ao envelhecimento. Nesse sentido, podemos falar que o fio condutor a ser seguido nesse trabalho, segue o paradigma da complexidade².

A Teoria da Complexidade possibilita lançar um olhar multidisciplinar, transdisciplinar e transversal sobre temas, aproveitando saberes provenientes de diferentes campos do conhecimento humano. Esse conhecimento nos faz observar, que o viver em diferentes culturas e ambientes produz diferentes longevidades, e que essas longevidades se mostram nos resultados demográficos regionais, traçando complexos e diferentes perfis, que refletem como é nascer, viver e morrer em cada país.

No caso do Brasil, valho-me de dados censitários (IBGE, 2010) e atualizações, que indicaram um aumento da esperança de vida ao nascer a cada ano, em média de 04 meses e 15 dias.

Em 1987, uma pessoa aos 65 anos tinha atingido sua esperança de vida ao nascer e era considerada velha. Em 2010, essa esperança de vida alçou os 73,76 anos (setenta e três anos, 9 meses e 03 dias), possibilitando ao homem uma esperança de vida de 70,21 anos; e à mulher, de 77,38 anos (p.43, IBGE, 2013, Caderno 30) e, hoje, um pouco mais.

² Para Morin (2001) são três os princípios desse paradigma: 1. *Princípio Hologramático*, para o qual a unidade está no todo, e o todo está na unidade; 2. *Princípio da Recursividade Multidimensional*, o qual rompe com o conceito de linearidade; e 3. *Princípio da Dialógica* que não contempla o conceito excludente, mas a complementaridade e simultaneidade.

Com o incremento do segmento etário 65 anos e mais, entre nós, os estudos sobre o assunto recrudesceram e trouxeram saberes de outros campos.

Devemos nos lembrar, que nosso país tem pouco mais de 500 anos de história, e já começa a lidar com problemas, que envolvem o envelhecimento. Problemas que estudiosos de outras nações pesquisaram e, talvez, os tenham ultrapassado, para enfrentar outros e novos desafios.

Os descritores *Envelhecimento* e *Longevidade*, na Biblioteca da PUCSP, no período entre 2000 a 2015, foram explorados em teses e dissertações em 188 trabalhos, abordando diferentes contextos presentes no envelhecimento. Em uma dessas dissertações, Moreira e Cerveny (2013) em *Maratonas e Longevidade*, trataram da importância da auto-estima no envelhecimento ao entrevistarem idosos que corriam maratonas. Mostraram como a atividade física promovia integração, sentido de pertencimento, renovação da rede, saúde, novas oportunidades e exemplo a ser seguido por familiares e amigos. Realizações e conquistas para os maratonistas longevos confluíram (confluem) para a sensação de bem-estar físico e mental e movimentaram (movimentam) a vida no tempo a mais do viver, não permitindo o apagar da capacidade de sonhar e concretizar esses sonhos.

Hein e Aragaki (2012) na procura pelo interesse do assunto envelhecimento no meio acadêmico, fizeram um levantamento das dissertações de mestrado brasileiras junto ao Portal CAPES, com os descritores *idoso*, *envelhecimento*, *terceira idade*, *senescência*, *ancião* e *velho*, sobre o tema Saúde e Envelhecimento durante o período 2000 a 2009. Das 9.415 dissertações encontradas, os autores selecionaram 175 trabalhos, nos quais a relação entre saúde e envelhecimento permitia construir e explicar os sentidos presentes a respeito do que é ser velho na atualidade, com predomínio das áreas de Gerontologia e Psicologia. Nesses trabalhos, os autores citados relatam que prevaleceu uma conotação negativa em relação ao envelhecimento, abordando muito mais as perdas decorrentes dessa fase da vida, talvez por que não foram capazes de mostrar a presença subjetiva do humano.

Os temas *Envelhecimento*, *Longevidade* explorados em vários estudos têm relevância por colocar em evidência, que viver demais transformou-se numa preocupação complexa. Complexa, porque envolve consequências de uma variedade de necessidades e de demandas regionais, que nem sempre são ou foram atendidas. Nos tempos atuais as morbidades infecto - contagiosas concorrem com atualizações das demandas crônico-degenerativas desse envelhecer, em nosso país. O viver a mais sofre também as influências e as consequências das

mudanças sociais, que promoveram e promovem alterações na estrutura familiar, o que interfere no protagonismo do cuidado.

Somado a isso, existe uma preocupação relativa ao financiamento dos gastos com a saúde e assistência social, relativos ao envelhecimento da população. Em caso do aumento de gastos ocorrer, o financiamento futuro fica comprometido, pela baixa taxa de fecundidade atual, que não traz a renovação/ substituição da população ativa.

Pesquisadores como Tótorá (2008) chamavam a atenção para as biopolíticas de poder, pautadas num pensamento linear, que não levam em conta o modo subjetivo, pessoal e contextual do envelhecer. Quaresma (2008), por seu lado, também manifestou certo desconforto em relação às políticas públicas, que pareciam não levar em conta esta heterogeneidade e complexidade do envelhecimento.

Pesquisas encomendadas por iniciativa do Banco Mundial, datadas de 2011, e realizadas por Gragnolati et al (2011), foram divulgadas em Workshop sobre Envelhecimento Populacional³, em Brasília. Os resultados das pesquisas serviram de base para a publicação de um Relatório com 25 sugestões, no qual, entre outras, o Banco Mundial recomendava melhor debate sobre o envelhecimento, e aconselhava a realização de algumas mudanças. As mudanças sugeridas contemplavam um investimento na formação de capital humano, para recuperar um tempo em que os nascimentos eram poucos e a esperança de vida, alta.

Dados relativos à população mundial, datados de 2016, e divulgados pelo *Bureau International Population Reports*⁴, presentes nas pesquisas de Wan He e Kowal (2016) mostraram que o número de idosos com mais de 65 anos era de 617 milhões de pessoas. Este número representava 8,5% da população mundial global, então. Os autores citados procuravam por similaridades e diferenças nesse envelhecimento, além da velocidade com que as diferentes nações atingiam o envelhecimento. Verificaram, que os países que souberam enriquecer antes do envelhecimento da população, prepararam um caminho de melhor qualidade para o envelhecer.

³ Workshop *Envelhecimento em um País mais velho. Implicações do Envelhecimento populacional para o crescimento econômico, a redução da pobreza, as finanças públicas e a prestação de serviços*. Brasília, 6 e 7 de abril de 2010.

⁴ Recomendo: *Shades of Gray: A Cross-Country of Health and Well- Being of the Older Population in SAGE Countries, 2007-2010*. Disponível em: <<http://www.healthyageing.eu>>. Acesso em: 10 ago.2017; e *2016 World Population Data Sheet*. Disponível em: <<http://www.prb.org>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

Quanto à velocidade do fenômeno, Wan He e Kowal (2016) reportaram que a Ásia e a América Latina lideravam a transição demográfica⁵, no envelhecimento de suas populações.

Kanso (2014) em estudo prévio ao de Wan He e Kowal (2016), já explicara, quanto à velocidade do envelhecer que, se a mudança na esperança de vida ao nascer para os países desenvolvidos demorou, em média 60 anos, nos países em desenvolvimento (o Brasil aqui incluso), o tempo ficou abreviado, devido à importação de tecnologias e da globalização.

Se consultarmos os dados censitários nacionais, em 2010 se registrava 14 milhões de idosos, aproximadamente, 10,8% da população brasileira total (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, IBGE, 2010). Como evidência da velocidade aumentada, a atualização da taxa de envelhecimento brasileiro realizada pela Pesquisa Nacional por Domicílio (PNAD, 2016) revelou que, entre nós, os idosos já representavam, em 2016, 14,3% da população. Os números são superiores aos da média mundial, mas não podemos deixar de levar em consideração, que o marco etário para o envelhecimento nos países em desenvolvimento é de 60 anos, diferentemente daquele observado para os países desenvolvidos, o qual é de 65 anos.

Em 2015, entre os estudos de Kanso (2014) e Wan He e Kowal (2016), a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia divulgou Relatório da Organização Mundial de Saúde (OMS- WHO)⁶ e demonstrou sua preocupação, quanto ao atendimento às necessidades da pessoa idosa, pois há múltiplas e diferenciadas demandas para fazer face à complexidade e heterogeneidade da população idosa. O relatório ao qual se faz referência pontuou seis (06) afirmações:

1. Não há pessoa tipicamente velha;
2. A idade avançada não implica em dependência;
3. O envelhecimento da população não aumentará, tanto quanto esperado, os custos com os cuidados à saúde;
4. Setenta anos não é o novo sessenta, mas poderá ser;
5. Os papéis sociais e familiares em relação aos gêneros mudaram e outras tecnologias se somam no cuidado. A visão que se deve ter em relação ao envelhecimento deve ser prospectiva e não retrospectiva;

⁵ Processo pelo qual as sociedades passam de altas e estáveis, para baixas e estáveis taxas de fertilidade e mortalidade.

⁶ Disponível em: <<http://www.sbgg.org.br>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

6. Os gastos com a população mais velha devem ser vistos como um investimento, não como um custo.

O Relatório reconheceu que o envelhecimento tem características biológicas, **porém acrescentou** (grifo nosso), que essas características não são lineares ou consistentes, mas vagamente associadas à idade. Reconheceu que as mudanças ocorrem na vida; e papéis, rede e posições sociais sempre necessitam de ampliações e adequações, particularmente no envelhecimento. Do mesmo modo, novos papéis, novas redes e a descoberta ou o uso de outros talentos podem ocorrer também no envelhecimento.

A divulgação do relatório acima citado, assim como a mudança na denominação, de *Envelhecimento Saudável* (WHO, 2002), para *Envelhecimento Ativo* (WHO, 2005), apontam para uma mudança na concepção do envelhecimento. Na denominação *Envelhecimento Saudável* (WHO-2002), a impressão era de uma associação entre envelhecimento e doença, com um olhar predominantemente biológico para as perdas, ligando envelhecimento à deterioração física, sem considerar a história de vida. Ao mesmo tempo, imperativos eram feitos para aquele que envelhece e aspira um envelhecer sem doenças (pratique esportes, faça uma dieta saudável e tenha uma vida regrada !), como se apenas ao indivíduo recaísse a responsabilidade de um envelhecer com saúde.

Já o termo *Envelhecimento Ativo* (WHO, 2005)⁷ passa a mensagem de que o envelhecimento é um processo, que exige cuidados pessoais. Entretanto, os contextos particulares podem ser independentes de gestão individual e passam a exigir ações complementares externas advindas de políticas públicas.

Sim, a manutenção do cuidado de si é importante no retardo de manifestações degenerativas da idade, mas, a qualidade do envelhecimento não está separada do acesso à saúde, das oportunidades de participação, da presença de uma rede social e de apoio, da educação, da segurança e de investimentos sociais continuados nesse segmento. Esses pontos, o relatório citado dá a entender, consomem recursos financeiros que devem ser vistos como **investimentos** (grifo nosso) a serem feitos, com o olhar voltado para o futuro, e não como gastos.

⁷ A II Assembléia Mundial do Envelhecimento (WHO, 2002), realizado em Madri deu origem ao Plano de Ação Internacional com o comprometimento da adoção de Políticas Públicas para o Envelhecimento, firmada na 26ª. Conferência Sanitária Pan-americana. No desdobramento, ocorre a Política do Envelhecimento Ativo (WHO, 2005), que objetiva aumentar a qualidade de vida dos indivíduos que envelhecem, incluindo os com incapacidades, que necessitam auxílio em suas atividades cotidianas, mas apontando para a necessidade de Políticas Públicas que possibilitassem oportunidades de participação.

Quaresma (2016) é uma das autoras que comungam a ideia, a que acabei de me referir. Esta autora entende, que o conceito de Envelhecimento Ativo depende de um empoderamento dos sujeitos para superar o viver mais, tendo em vista trajetórias tão singulares, complexas e heterogêneas. Para esta autora, o manter-se ativo está na articulação de diferentes políticas sociais, que atuem para acolher a interdependência do envelhecimento *versus* o desenvolvimento humano *versus* o desenvolvimento social. Segundo esta autora citada, o papel das políticas sociais, cada vez mais, deve ser o da promoção de desenvolvimento humano nesse *continuum* da vida, isto porque sem a possibilidade do desenvolvimento humano, as pessoas não podem alcançar/ desenvolver seus potenciais (o *dever ser*).

Autores reconhecem a necessidade de mudança de paradigma para as políticas públicas, no enfrentamento da questão *envelhecimento*. Prazeres (2012) mostrou, que o idoso pode ser capaz de compensar as limitações físicas, utilizando eficazmente o potencial psicológico e social, mesmo em contexto de incapacidade, no estudo que desenvolveu, acompanhando idosos com *Diabetes Mellitus*. Este autor citado explicou, que as políticas públicas podem promover um bom envelhecimento, quando objetivem esforços que promovam uma *compressão da morbidade*⁸ no envelhecimento. Tal entendimento também é compartilhado por Young et al (2009).

Existe uma polissemia de termos: velhos, idosos, evelhescentes, *Terceira Idade*, Melhor Idade. A terminologia é múltipla, às vezes usada como sinonímia, outras como eufemismo, outras para designar a fase da vida minada por incapacidades ou doenças, ou mesmo sem intercorrências na saúde, com ênfase em usufruir o prazer de viver. Mas, não há enganos inúteis: todos seguimos pela mesma estrada do amadurecimento e envelhecimento a partir do nascer, percorrendo os processos que o tempo impõe às células, aos órgãos e seus interstícios.

As teorias sobre o envelhecimento são múltiplas. Sabemos que há perdas biofísicas, químicas, celulares, e/ou ósseas presentes nessa fase. Nas conversas com idosos, podemos ouvir queixas de dores físicas no tempo de efetuar as mais variadas tarefas. E as teorias do envelhecimento explicam porque isso ocorre.

Nessas teorias há diversas abordagens. Troen (2003); Weinart et al (2003); Anton et al (2005); Teixeira et al (2010) pontuaram que as teorias biológicas sobre o envelhecimento podem ser divididas em dois grandes grupos: as estocásticas e as genéticas. As primeiras

⁸ Objetiva encurtar o tempo entre incidência da morbidade e a morte. Isso significa que as morbidades da velhice incidiriam mais próximas à morte e o tempo de vida sem intercorrências de grande porte estaria ampliado. Para isso, é necessário empreender relevância aos indicadores sociais e psicológicos.

sugeriam que a causa do envelhecimento é o acúmulo de lesões aleatórias em determinadas moléculas. Essas lesões, com o tempo, originariam um declínio fisiológico, característico do envelhecimento.

Já as teorias genéticas consideravam que a regulação do crescimento, da maturação, da senescência e da morte era promovida por *relógios biológicos* (o DNA celular).

Esses dois grandes grupos teóricos comportam uma gama de teorias menores, nas quais não nos envolveremos. Mesmo porque, Pérez et al. (2009) inclusive, entendem que algumas dessas teorias citadas transmutaram de nome na evolução dos estudos, como é o caso da Teoria do Estresse Oxidativo, pertencente ao grupo das estocásticas.

De qualquer modo, as de natureza estocástica, entendem que o dano causado ao organismo é de natureza química, como é o caso das Teorias das Reações Cruzadas e dos Radicais Livres.

Por outro lado, as de natureza genético- desenvolvimentista, desenvolvidas na década de 70, referem-se à capacidade máxima de reprodução celular. Nesse grupo a vida é um *continuum*, de provável programação genética. No reforço desta teoria, Farinati (2002) mostrou a possibilidade de haver certa correlação entre a longevidade e o cromossoma 4, num estudo do qual participaram mais de 300 pessoas.

Entretanto, para Howes (2006), as investigações dos últimos cinquenta anos, demonstraram que cada teoria pontuada carece de predictabilidade, não sendo possível a confirmação por método científico.

Muitos autores escreveram sobre o envelhecimento, relacionando teorias e alterações físicas, químicas, biológicas, ou cognitivas; ou sobre as necessidades psíquicas e sociais; ou mesmo sobre os recursos que podem estar disponíveis no enfrentamento do envelhecer, enquanto processo. Neri (2004), inclusive, referiu que, muitos dos estudos desenvolvidos exploraram o envelhecimento com ênfase em doenças, perdas, declínio e incapacidade e compartilhou a necessidade de mudança desse paradigma, visto que o envelhecimento, nem sob o aspecto demográfico, social ou cultural, é genérico.

Vosniak e Falcão (2016) pontuaram, que embora aconteçam perdas e declínio nesta etapa da vida, elas podem ser compensadas por recursos e estratégias psicológicas no enfrentamento de situações difíceis. Esses recursos e estratégias estas autoras inferiram estarem relacionados à sensação de bem-estar nos idosos e dizem respeito aos mecanismos que podem ser acessados no envelhecimento bem sucedido, com a finalidade de compensar as perdas.

Quanto ao envelhecimento bem- sucedido estas autoras citadas entendem que a espinha dorsal dele é o paradigma de desenvolvimento ao longo da vida (*Lifespan*, BALTES e BALTES, 1990), o qual é pluralista, pois compreende diferentes níveis de temporalidade, segundo o desenrolar da vida, e segue um meta- modelo de Seleção, Otimização e Compensação. As contribuições originais deste paradigma são de inspiração de Paul B. Baltes (1987), e relativas à Psicologia do Desenvolvimento.

Nery (2006), em outra de suas pesquisas, explica que as contribuições contidas nos princípios do paradigma de Baltes (1939-2006) se embasam nos seguintes entendimentos:

1. Que a plasticidade biológica e fidelidade genética declinam com a idade, pois a natureza privilegia o crescimento nas fases pré- reprodutivas e de reprodução;
2. Que a eficácia da cultura na promoção do desenvolvimento e reabilitação das perdas e do declínio⁹ é limitada, porque a plasticidade comportamental e a resiliência biológica são menores;
3. Que o desenvolvimento nas idades mais avançadas só é possível com avanços evolutivos cada vez mais expressivos na cultura, além da disponibilidade de recursos culturais¹⁰. Nesse sentido, Baltes e Baltes (1990), já citados, pontuaram que o instrumental científico nas várias áreas do conhecimento (habitação, ciência e tecnologia, medicina, indústria farmacêutica, educação, entre outras tantas contribuições) contribuiu e possibilitou ao homem, maior proteção às agressões do ambiente.

Desse modo, esse paradigma concebe o desenvolvimento humano como um processo contínuo, dinâmico e contextual, no qual há a influência de caracteres genético-biológicos e sócio- culturais, tanto de natureza normativa (os que ocorrem na infância, adolescência, maturidade, envelhecimento, por exemplo), como não normativa (o imponderável da vida).

Embora as perdas ocorram no envelhecimento, há ganhos concorrentes, ao longo da inter- relação indivíduo e cultura. Algumas mudanças procedem num mecanismo adaptativo por parte do indivíduo, que se desenrolam durante toda a vida, inclusive, no envelhecimento propriamente dito. Existe durante a vida uma sequência previsível de eventos psicossociais (as alterações psicológicas na adolescência, por exemplo), na socialização (o início da vida

⁹ Baltes entendia que os idosos são menos responsivos aos recursos culturais, porque a plasticidade comportamental e a resiliência são menores.

¹⁰ Há de se entender que, se hoje a expectativa de vida é maior, isso só foi possível pelos instrumentos, habitabilidade, técnicas, equipamentos de trabalho, normas de higiene, imunização, antibióticos, outros fatores de proteção contra as agressões do ambiente e a educação (NERI, 2006).

escolar, por exemplo), mas, também, uma imprevisibilidade de influências não normativas, conforme já mencionado.

Como derivação e complementação da Teoria do Lifespan, Cartensen (1995) é uma autora que pela Teoria da Seletividade Sócio- Emocional explica, que os idosos são capazes de adotar um comportamento mais acomodativo, quando passam por situações em que o bem-estar está comprometido, ou ameaçado. Nesse sentido, Charles e Cartensen (2010) referem que o idoso apresenta um funcionamento sócio- emocional igual ou superior ao de adultos jovens, mas, em determinadas circunstâncias, como na presença de doenças crônicas, ou situações de estresse (perda de familiares, por exemplo), podem apresentar depressão, vez que o comprometimento cognitivo dificulta-lhes o acesso a essas estratégias de modo efetivo.

Com relação aos recursos de que fala a Teoria do Lifespan, eles são de Seleção (S), Compensação (C) e Otimização (O), compondo a sigla *SOC*. Constituem mecanismos que contribuem para equilibrar potencialidades ou limites, quando situações difíceis se apresentam, demonstrando presença de plasticidade cognitiva. Desse modo, uma estratégia *S*, é a possibilidade de escolher um recurso, diante de determinada perda (dentre as fontes disponíveis: o uso de aparelho auditivo, na percepção de perda auditiva; anotação de tarefas, ante a frequência de esquecimento, por exemplo); uma estratégia de *O*, poderá ser a possibilidade de continuar acessar determinado conhecimento, atuando em uma atividade diferente, refinando um recurso no exercício de um talento. A *C* envolve a adoção da melhor ou da possível alternativa para a manutenção da função.

Diante da segmentação do conhecimento e de sua especialização, Morin (2013) nos diz que o século XX foi um século de especializações e de fragmentações, que reduziu o complexo, enfraqueceu a percepção do global e a dos vínculos, além da responsabilidade, também. Com isso, separou também as dimensões psíquica, social, religiosa e econômica do homem. Esse autor entende o ser humano como multidimensional, ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo e racional. A separação do que era unido reduziu o que era complexo, abstraiu o objeto de seu contexto, com conseqüente incapacidade para interpretar causa e conseqüência. O paradoxo do século XX, para este autor citado, é viver os avanços da tecnologia, das ciências, e ao mesmo tempo conjugar e integrar as partes desse todo.

Podemos nos embasar no entendimento deste último autor citado para dizer que a vida parece ter sofrido uma clivagem, e a parte última dela, a velhice, foi isolada, sendo agora vista como singular e terminal.

A inspiração do tema para o presente trabalho jorrou de várias fontes. Estudos anteriores realizados por mim, ou em co-autoria; a experiência pessoal e profissional ao longo dos anos e o cotidiano, me mostravam *jovens* idosos, que sentiam prazer no viver e no realizar. A aposentadoria poderia chegar, mas nem por ela desistiam de viver. Encontrei e convivi, ao longo do meu caminho, com idosos que não passavam horas na frente da televisão e, neles, me inspirei. Fora isso, os ainda mais idosos, inclusive com perdas, não faziam dessas perdas o fulcro da vida que levavam.

Vendo o enfoque do estudo de tantos autores, juntei-me àqueles que indagavam se os idosos estavam mudando. Foi quando encontrei o livro mencionado *Envelhecer sem ficar velho*, de José Tolentino Mendonça (2013), o qual reproduzira narrativas de idosos produtivos. Este autor também os encontrara! Achei que poderia mostrar novas e diferentes imagens de quem envelhece e tem vontade de contar essa experiência de envelhecer, novos modos de ser, que desenhavam novas imagens refletidas no espelho da vida.

Pensei em Freud (1919:309) e no modo pelo qual ele se referiu a si mesmo (*eu não sou esse velho que me olha*). Pensei se ele notara o sentido de envelhecer e se era feliz, se ele olhava para o próprio envelhecimento como quem construía uma história, se ele percebia suas múltiplas identidades ...E, então, surgiu o tema para estudo. *Longevidade: Novas conquistas, Novos espelhos, Novos olhares*.

Nesses parágrafos sobre o envelhecimento, em que o tempo envolve a vida, trarei estudos, idéias, olhares e espelhos...

Escrevendo vida.

Arlene Moreira

*Vou escrever muitas páginas
Para descrever vidas,
Vividas e vivas histórias,
Que restaram nas memórias
De quem as viveu para contar.*

*Vou escrever de relance,
Espero que a leitura não o canse,
As páginas dão-me a chance*

Do conteúdo relatar.

Mas vou escrever o que senti

E coloco o perfume

Da partilha feita

Que o tempo deixou

Nas palavras que ouvi.

Vou escrever para não perder,

Para materializar o poder

E realçar o valor do viver.

Vou escrever para que outros

Possam firmar e ler,

O quanto da vida se pode salvar,

O quanto de amor se transmite

Em cada ato simples da vida.

E, ao juntar cada letra

E formar palavras,

Vou colocar sentido,

E repetir o significado

Que ficou em minh'alma,

Do que senti nas histórias

E derramei no papel...

E o vento,

Será como o tempo,

Que leva o perfume

Desse sentimento.

Para falar sobre *Longevidade: Novas Conquista, Novos Espelhos, Novos Olhares*, faço uma abordagem qualitativa com delineamento em análise das narrativas. Quanto aos objetivos:

Objetivo Geral: Perceber e entender novas vivências da velhice.

Objetivos Específicos:

1. Entender a motivação da vida na velhice;
2. Perceber como os sonhos se encaixam nesse viver;
3. Entender a importância do lembrar na velhice;
4. Perceber a manutenção do pertencimento na velhice;
5. Perceber como a sexualidade é vivida na velhice.

Além das narrativas colhidas, fotografias, documentos, objetos, recortes de jornal foram selecionados e fazem parte do estudo. Tais objetos serão detalhados adiante, no capítulo que trata do Método.

Nesse desiderato, divido o tema em capítulos. No capítulo 1, tratarei *das Conquistas*. Falo em conquista e entendo, que chegar a ter longa idade já é uma conquista. A medicina e os avanços foram importantes. Hoje temos a oportunidade de saber as doenças que podemos ter, além de métodos para que não aconteçam. Conquista, também, porque ultrapassamos os riscos de ter morrido nos primeiros anos de vida; driblamos as doenças infecto-contagiosas, até aqui; a insegurança por morar nas grandes cidades e ter morte violenta; ou as restrições de acesso, que podem ocorrer nas pequenas cidades. Falo das conquistas promovidas pelas leis, e elas são verdadeiras conquistas, porém necessitam de ações complementares que as façam eficazes.

Mas, interrogo o quanto de conquista é viver essa longevidade, quando ela guarda o paradoxo de ser um problema, pela falta de renovação da população, o temor do previsivo aumento de gasto com saúde e cuidado no envelhecer da população e a falta de espaços para o exercício de cidadania pelo protagonismo responsável.

Provoco a reflexão se esse não é um problema de inação ou tergiversação, promovida pela falta de Políticas Públicas continuadas e preparadas para provisionar ações. Políticas que tratem dos verdadeiros problemas que nos afligem, tendo em vista que neste assunto nações desenvolvidas enfrentam a problemática e encaram soluções há muito mais tempo que nós. Então, busco no tempo, se os avanços tecnológicos e da medicina são os únicos responsáveis por essa longa vida. Localizo alguns personagens longevos na História. Eles viveram em épocas em que os avanços tecnológicos e da Medicina ainda não vigoravam.

As descobertas dos séculos, até então, puderam resgatar anos para serem vividos, que antes eram perdidos para as pestes, as doenças, a falta de higiene e cuidados, de saneamento

básico, fazendo com que maior número de pessoas possa alcançar a longevidade. Mas como explicar a longevidade observada, nos séculos anteriores a essas descobertas? Mesmo hoje, o número de centenários, que vivem nas chamadas *Zonas Azuis*¹¹, causa curiosidade entre estudiosos. Qual o segredo?

No capítulo 2, tratarei *dos Espelhos* para confrontar os construtos criados que espelham a imagem do velho. Esse espelho que reflete os preconceitos agregados no cotidiano, palco de uma era voltada ao consumo e ao descarte das coisas.

No capítulo 3, tratarei *dos Olhares*. Ponho o foco nos ciclos familiar e individual, no afeto, na importância do olhar do outro sobre nós, na formação da nossa identidade. Interponho a nostalgia que nos traz de volta tempos e pessoas, mas também entrelaço uma metáfora com os mitos, no mito do herói e do amor romântico. E essa analogia se embasa no fato de que aquele que alcança a longevidade é um vitorioso, e encontrou as forças e a inspiração nos esforços de tantos: antepassados, genealogia, perseverança, ciência, quem sabe? Mas, afinal, é mesmo um herói que se renova pelo afeto que recebe e dá ao longo da vida. Nessa vitória, acontece o tempo da colheita, que demonstrarei no envolvimento e partilha dos que contribuíram participando da pesquisa.

¹¹ García, Hector; Miralles, Francesc são autores que relatam experiência de campo em uma das *zonas azuis*, em Ikigai, Okinawa, no Japão. As demais zonas azuis são: Sardenha, na Itália; Loma Linda, na Califórnia, USA; a Península de Nicoya, na Costa Rica; e em Icária, na Grécia. Estes autores escreveram um livro, dessa experiência, cujo nome é: *Ikigai. Viva bem até os cem. Os segredos dos centenários do Japão para uma vida longa e feliz*. Porto: Editora Albatroz, 2016.

1. AS CONQUISTAS



Vencendo o tempo. Vem sendo o tempo (do entardecer)...

Arlene Moreira.

*O peso dos anos
Encurva-me,
Desidrata-me,
Enruga-me,
Maltrata-me,
Ensina-me.
Faz-me surdo,
Faz-me esquecido,
Faz-me trôpego,
Faz-me lento,
Mas me dá tempo
De recordar
E de sonhar.*

*O peso dos anos
Faz do tempo passado
Um amigo,
Que carrego comigo
Para lembrar
Que não quero
Com o alemão me encontrar...*

*Ao longo dos anos
Motivo-me no exercitar
Mente, corpo e alma
Para continuar a sonhar
E concretizar.*

1.1 O Fenômeno social (?) da Longevidade

Os tempos atuais permitem a possibilidade da convivência de até 04 gerações na família. Uma conquista que se tem e um exemplo da longevidade na família e na comunidade.

Estudos tem creditado esse aumento da vida aos avanços tecnológicos e científicos, à escolha de mecanismos compensatórios eficientes e eficazes, ou aos genes familiares. Pesquisas recentes¹² tentam provar a correlação *educação e longevidade*.

Sobre a questão do aprendizado no envelhecimento os mais jovens olhem o fato, talvez com estranheza, como se o tempo fosse um aliado eterno apenas deles. Os mais velhos veem o tempo como um sopro na vida e observam que as mudanças presentes nos relacionamentos, na convivência e a velocidade das novas tecnologias exigem adequação rápida aos novos tempos.

Para aqueles que nasceram na primeira metade do século passado, por outro lado, pode haver alguma dificuldade para lidar com artefatos tecnológicos, ou até aceitar *modernidades*, uma dificuldade provavelmente proveniente, até mesmo, do modo com que foram educados. Por outro lado, a criação e educação de homens e mulheres tem uma história de desigualdade, que vem sendo modificada. Se hoje a mulher tem acesso a uma instrução superior, outrora o destino obrigatório era o matrimônio (maternidade inclusa), ou a vocação religiosa. A atenção aos objetivos e aos sonhos, talvez tivessem outro estofa para os jovens de então, em relação aos atuais. Mas, Lazzareschi (2002) ainda nos mostra idosos que veem no momento da aposentadoria, a realização do sonho da velhice.

Proponho uma viagem no tempo. Num breve retrospecto, volto aos idos de 1985 (trinta e dois anos atrás), e encontro dados referentes à comparação das taxas de mortalidade

¹² Projeto 80+, da Universidade de São Paulo (USP), iniciado no Centro de Pesquisas sobre o Genoma Humano e Células-Tronco em 2010. Trata-se de um estudo do DNA de idosos, que objetiva descobrir quais características genéticas e ambientais influenciam no viver mais e melhor, e a relação entre educação e longevidade. Iniciado em 2010, o estudo tem 150 integrantes e nasceu da idéia do biólogo Michel Naslavsky há 08 anos. O Projeto tem a ajuda da Faculdade de Saúde Pública da USP, a qual coleta os dados dos idosos, desde 2010 e inclui pessoas a partir dos 60 anos, de diferentes classes e estados de saúde, incluindo analfabetos e analfabetos funcionais. Baseia-se na Teoria da Reserva Cognitiva a partir do exercício intelectual, ao qual é atribuída a capacidade de criar conexões entre os neurônios e possibilitar que os impulsos nervosos caminhem por trajetos paralelos, quando há bloqueios pelo caminho. O estudo mostra, que as pessoas que só são alfabetizadas têm uma maneira de raciocinar diferente daquelas com número de anos a mais dedicados à educação. E isso seria decorrente de alterações na formação da rede neuronal. O Projeto também objetiva uma base de comparação para pesquisar mutações que podem causar doenças genéticas como o Alzheimer.

infantil¹³ dos Estados Unidos e da Suécia, relatadas nos estudos realizados por Wallace et al. (1985). Tais dados exibem taxas de mortalidade infantil, respectivamente, de 11,7% para os Estados Unidos e 6,9% para a Suécia, por 1000 crianças nascidas vivas. Com base nestes estudos, Laurenti¹⁴ (1987) engendra um estudo temporal, abrangendo o intervalo retrógrado dos anos 1950 - 1982, no Estado de São Paulo, com a finalidade de comparar os achados nacionais aos dos estudos de Wallace et al (1985). A motivação de Laurenti (1987) pela escolha de São Paulo foi intencional, e residia no fato de que São Paulo representava, à época, o Estado da Federação em que a acessibilidade à saúde era maior. Laurenti (1987) pretendia comparar a taxa de mortalidade no primeiro ano de vida entre as crianças brasileiras com a das americanas e suecas, para a implementação de ações preventivas em Saúde Pública. Os resultados obtidos por Laurenti (1987) mostraram uma taxa de mortalidade infantil de 75,8%, ou seja: 75 crianças a cada 1000, morriam no Estado de São Paulo, antes de completar um ano de vida.

É tempo de retornar ao século XXI, novamente. E enfrentarmos a realidade. A título comparativo, resgatando esses estudos visitados, proponho comparar os resultados censitários mais atuais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), relativos às taxas de mortalidade infantil, com aqueles. Vemos que as taxas beiraram: 76%; em 1990; 48,3%; em 2000; 35,26%; e em 2010, 16,7%, por mil crianças nascidas vivas.

E embora decrescentes, mesmo em 2010, não atingimos os números demonstrados pelos Estados Unidos e Suécia e apontados por Wallace et al. (1985).

Em seu estudo temporal, Laurenti (1987) revelara que as taxas de mortalidade infantil eram contrastantes, devido a fatores diversos, dentre os quais: presença ou ausência de acompanhamento médico à gestante; facilidade de acesso a serviço de atendimento; a eficiência ou deficiência da assistência hospitalar; desnutrição; déficit de saneamento básico ambiental e analfabetismo, entre outras.

Tomando os estudos de Laurenti (1987) e, observando que se passaram 30 anos (estamos em 2017) desses estudos, podemos dizer, que a taxa de mortalidade infantil brasileira de 16,7% (dados IBGE, CENSO 2010), apesar de ter sido reduzida, ainda é superior

¹³ A taxa de mortalidade infantil é uma indicadora de desenvolvimento do país e pontua o número de crianças que morrem antes de completar um ano de idade.

¹⁴ Prof. Dr. Rui Laurenti faleceu em junho de 2015. Foi incansável em suas pesquisas para mostrar a importância do controle da mortalidade infantil e materna (entre outras) na área da Saúde Pública.

àquelas apresentadas pelos países referidos (11,7% e 6,9% respectivamente) nos estudos de Wallace et al. (1985).

O que poderia ter sido e o que vem sendo feito, nesse intervalo de trinta anos para resgatar as vidas perdidas de tantas crianças?

A resposta pode estar no retorno de tantas moléstias infecto- contagiosas, que ainda incidem entre nós.

As águas desse rio

Arlene Moreira

*As águas que correram,
Pelo rio afora
Já são águas passadas.
E o rio que hoje corre
E mostra suas águas,
Também não são aquelas de outrora.
É o mesmo rio,
Mas nem mesmo suas margens
São as mesmas
Nesse desafio...*

Percebemos que, apesar dos estudos de Laurenti (1987) serem antigos e estarmos em plena era tecnológica da informação, o Brasil ainda enfrenta a escassez de programas voltados para diminuir as desigualdades de acesso a serviços e à informação, de saneamento básico e de problemas estruturais.

Nosso panorama atual de saúde, contempla e atualiza doenças infecto-contagiosas antigas, como Dengue, Zika, Chikungunya, Febre Amarela; reincidência de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST); além do plus de doenças crônico-degenerativas, que podem acometer o curso do envelhecimento. Patologias essas que demandam ações de prevenção e controle continuadas nas mais variáveis instâncias em Saúde Pública, e o próprio Dr. Rui Laurenti tinha essa convicção, nos idos de 85.

As consequências sobre a falta de investimentos em Saúde e Educação, ou a inadequação e descontinuidade de Políticas Públicas suficientes e regionalmente adequadas podem ter relação com as consequências do que hoje vivenciamos. Mas o controle da mortalidade infantil que se perseguiu, não nos levou à renovação da população ativa. Há o entendimento simplista de que o viver mais não ser reconhecido como conquista, mas como um problema social. Será que paira sobre os velhos a culpa de viverem mais, ou faltou na história narrada algum elemento, como na Fábula da Cigarra e da Formiga?

1.2 A longevidade na história

A longevidade enquanto ganho, tem sido creditada ao desenvolvimento tecnológico e científico; controle de doenças infecto contagiosas e adoção de práticas de higiene, e é uma afirmação aceita, que não explica totalmente a ocorrência de longevos famosos ou conhecidos da História, em relação ao número crescente de velhos da pós- modernidade.

A História cita longevos famosos (nada sabemos sobre os não famosos), e não nos referimos aos personagens bíblicos¹⁵ para os quais, cientificamente, não podemos creditar veracidade na idade revelada dos mesmos, por maior que seja a nossa crença religiosa.

Assim pensando, a longevidade vivida hoje, não parece ser uma possibilidade exclusiva dos tempos atuais, embora os avanços tecnológicos, na Medicina, inclusive, tenham chamado para si esse mérito (e o tenham em parte!), pelo controle de muitas patologias, pela redução da mortalidade infantil, ou pela possibilidade de ter filhos na maturidade mais tardia.

Sabemos, que não só artistas, mas também filósofos atingiram a sexta, sétima, oitava e nona décadas em épocas remotas.

Tales de Mileto, por exemplo, primeiro filósofo que se tem notícia, astrônomo e matemático, nascido em Mileto, em 623 a C (século VII a. C) e fundador da Escola Jônica, para o qual a água era o princípio de todas as coisas, temos notícia de sua morte ter ocorrido aos 70 anos de idade.

Do mesmo modo, Empédocles, médico, filósofo, pensador pré-socrático grego e criador da Teoria Cosmogênica, nascido na Sicília em 490 a C (século V a. C.), também viveu até os 70 anos. E que dizer de Sócrates (século V a.C.) que chegou aos 70 anos; Parmênides (século V a. C.), defensor da teoria monista que atingiu os 90 anos; Demócrito (século V a. C.) e Pirro de Elis (século III a. C.) que morreram aos 90 anos, nos seus respectivos séculos. Zenão (século V a. C.) conseguiu chegar aos 60 anos; e Platão (século IV a. C.), aos 80 anos...

Como os efeitos dos avanços tecnológicos ainda não eram tantos e nem tão usufruídos, vale a reflexão se realmente os avanços tecnológicos em todas as áreas do conhecimento possam ser os únicos responsáveis pela longevidade atingida por estes ou outros não citados.

¹⁵SOUZA FILHO, A.B. **A idade dos personagens bíblicos**. Disponível em: <<http://www.bibliapage.com/idade>>. Acesso em: 05 nov. 2014. O autor fala que pode haver na Bíblia uma forma diferente para a contagem dos anos e cita alguns versículos, como Salmos, 90:10, o qual relata que a duração da vida de Davi foi de 70 anos; Gênesis 5:3 (Adão,130 anos); Gênesis Jó, 45:17 (140 anos); Genesis 27:5 (Abraão, 175 anos) e outros. Para corroborar esta visão, diz que o Genesis 17:17 relata que Sara tinha noventa anos ao gerar Isaque. Entretanto, o autor não põe em dúvida, que este último fato pode ter sido um milagre.

Pensando na esperança de vida ao nascer noticiada nos séculos XVI, XVII, sabemos que ela era de 30 a 35 anos (GALANO, 2011). Guerras de conquistas de território e de povos sempre ceifaram muitas vidas. Entretanto, Miguel Angelo Buonarroti viveu por essa época (séculos XV-XVI) e atingiu os 89 anos de idade; John Locke (século XVII) chegou aos 72 anos de idade e Leibnitz (século XVII), também atingiu os 70 anos.

Com a primeira revolução industrial, no século XVIII, sabe-se que a saúde popular era precária, assim como a higiene. As cidades, superpovoadas, sofriam com a falta de saneamento e os problemas de abastecimento: um ótimo caldo de cultura para a propagação de pragas, pestes e as doenças que se espalhavam rapidamente. Philippe Buonarroti viveu nesses tempos (século XVIII) e passou dos 70 anos.

Já o século XIX, por ocasião da segunda revolução industrial, quando já estavam disponíveis a eletricidade, os deslocamentos através de estradas de ferro, a comunicação por telégrafo, por telefone e por rádio, a essas descobertas creditou-se o aumento da qualidade de vida em muitos países da Europa, com conseqüente aumento da expectativa de vida da população. Este foi o século em que viveu Goya, que morreu aos 82 anos.

Por que essas personagens em exemplos fornecidos viveram tantos anos, quando a expectativa de vida era mais baixa?

Talvez a profissão desenvolvida os tenha protegido da morte pela guerra? Ou o material genético herdado os tenha favorecido?

O que se lê descrito sobre eles é que tinham uma vida ativa, se envolviam nos prazeres da vida, colocando também prazer no que realizavam. Alguns apresentavam problemas mentais e se mostravam geniais nas Artes Plásticas. Nem todos gozaram do reconhecimento de sua obra em vida. Porém, muitos dos seus estudos, escritos e obras atravessaram o tempo e transportaram um fascínio ou uma admiração, talvez por terem sido instrumento, chave ou abertura para desenvolvimentos futuros, nos mais diversos setores da economia, da política, da ciência, da produção, das Artes, ou da comunicação e transporte. E, nem mesmo souberam disso...

Esses velhos personagens que citei, passeando pela História (e tantos outros não citados) construíram algo que pôde ser catalisado em novos instrumentos, novas percepções e novas ideias. Como cometas, arrastaram e transformaram poeira estelar, formaram, somaram à morte uma memória coletiva e frutuosa de vida, da qual emergiram novas raízes, que brotaram em descobertas futuras, num viver que perdura...

A viagem dos artistas contada na História

Arlene Moreira

*Os artistas, na História,
Sempre foram viajantes
Que nos trazem
De suas viagens,
Relatos de sonhos
E memórias
Escritas, faladas,
Coloridas, pintadas...
Histórias sem tempo
Narradas pelas crianças,
Que lhes habitam o interior.
Descritas por olhares
Privilegiados,
Atônitos e curiosos,
Inigualáveis,
Suas impressões nos alcançam
Numa dança
Num jogo de espelhos
Que despertam
Esperança.*

*Quando o tempo nos torna velhos,
Nós também,
Em artistas transformados,
Vemos as possibilidades das imagens,
Novas facetas para coisas antigas
Nos vem à lembrança.
Superadas,
Pela leitura transformadora,*

*O novo olhar traduz
A novidade do ver diferente
O ontem e o hoje,
Nesse jogo que seduz.*

1.3 As especialidades e o envelhecimento

A necessidade de lidar sobre questões que envolvem o Envelhecimento não é recente. Com as guerras, o século XX viu as populações do mundo desenvolvido envelhecidas. Surgiram, então, as especialidades para estudar o envelhecimento social e patológico: a Gerontologia, por iniciativa do médico Ilya Mechnikov em 1903; e a Geriatria, como especialidade médica, por Leo Nasher, em 1909. Alguns autores referem, que a Geriatria nasceu no seio da Gerontologia...

Entre nós, a Geriatria apareceu em 1961; e a Gerontologia, em 1969, mas ambas só se firmariam em 1990, ficando a Gerontologia como ponte interdisciplinar (Medicina Social, Direito, Antropologia, Psicologia, Serviço Social e Nutrição) na compreensão e estabelecimento de práticas para melhor abordagem da velhice (SILVA LOPES, 2011).

Fávero (2010) refere que as primeiras publicações sobre o tema ocorreram em 1908 e, posteriormente, de Pearl, em 1922. Mas nessas publicações, a causa do envelhecimento era considerada singular, sem integração entre os caracteres biológicos, psicológicas, hereditários, sociais ou ambientais, de que tratariam as teorias do envelhecimento, posteriormente. A preocupação era com a origem da espécie. Os cientistas, em 1908, acreditavam que a existência de um animal dependia das interações celulares que ocorriam durante seu desenvolvimento. Este autor citado refere, que a perspectiva interdisciplinar para explicar o envelhecimento, avançou após a Segunda Guerra Mundial. Daí para frente, as explicações sobre o envelhecer começaram a englobar três planos: o biológico, o social e o psicológico para explicar as manifestações do processo e as estratégias adaptativas dos idosos (BALTES E SMITH, 2003) ao realizarem tarefas cotidianas, ou ao se posicionarem ante desafios.

Neri (2006), já citada, por sua vez fizera referência aos ganhos e às perdas do envelhecimento como resultantes da interação de recursos pessoais (estratégias adaptativas) com os do ambiente (pessoa x ambiente); e que os mecanismos auto- reguladores do *self*, eram capazes de estabelecer metas, fazer revisão da vida, acionar mecanismos de

enfrentamento ao estresse e possibilitar o desenvolvimento de outros papéis, na significação da vida.

Tal fato foi motivo de estudo em corredores de maratonas longevos (MOREIRA E CERVENY, 2013), que encontraram na corrida um meio de renovar o círculo de amizade, com novas interações sociais intergeracionais e ganho na auto-estima, inclusive.

Esses pesquisadores citados, juntam-se a muitos outros, que concordam que, no envelhecimento, há a necessidade de enfrentamento às perdas, assim como o ajustamento das múltiplas identidades relativas aos papéis desenvolvidos ao longo da vida (BATISTONI, 2016).

Mas, e na perspectiva dos idosos, que fatores contribuiriam para a longevidade?

Patrício, Ribeiro, Hoshino e Bocchi (2008) analisaram as percepções colhidas de longevos¹⁶, na busca de fatores influentes para a longevidade. Segundo eles, o bom envelhecimento pode ser conseguido com um estilo de vida saudável e sociável, sono adequado, hábitos alimentares, ausência de vícios, com a prática regular de alguma atividade física, pensamentos positivos e afetividade no relacionamento com familiares e amigos. Os referidos autores pontuaram no resultado de suas pesquisas: que não houve o consenso, entre os participantes, se o habitat econômico e sem poluição era positivo, ou não, para a longevidade, mas que referiram as *condições ambientais do município* (em que viviam) *sempre foram boas*, e eles associavam o adoecimento à instabilidade climática. A aposentadoria representou, para os participantes da pesquisa um *desestímulo à vida*. Com essa fala, os autores agregaram a necessidade do desenvolvimento de outras habilidades e papéis para exercício e significação da vida (em relação ao *self*).

Sobre a facilidade ou dificuldade dos idosos na aquisição e habilidade para novos conhecimentos, Oliveira e Passerino (2012) demonstraram a capacidade de adequação do idoso na alfabetização digital, em pesquisa realizada sobre inclusão digital na Terceira Idade. Os autores citados observaram que a adequação era favorecida, quando os programas apresentados ofereciam a interação receptor- emissor. Este fato, abre reformulação sobre a crença construída de que o envelhecimento cursa com a incapacidade de novos aprendizados e

¹⁶Os autores citados acima entrevistaram 30 ferroviários longevos (idade superior ou igual a 74,8 anos) da cidade de Botucatu (São Paulo) e a fala dos longevos possibilitou determinar que a percepção dos fatores se aglutina em torno de categorias progressivamente abrangentes. Estas categorias culminam no entendimento de que a longevidade é dependente do embate entre fatores prejudiciais à vida e fatores saudáveis, geradores de vida. Um embate no qual a falta de controle social e do Estado torna pessimista a visão do futuro.

falam a favor de um espaço potencial para possibilidades de inserção social, mesmo após o advento da aposentadoria.

Interessante exemplo, podemos ilustrar com o filme “The First Grader”¹⁷, do diretor Justin Chadwick. O filme conta a história de Kimani Maruge que quer aprender a ler. Aos 84 anos ele tem conhecimento de um programa de governo, em 2003, de que haverá escola gratuita para todos e, no dia nacional das matrículas, dirige-se para a escola. Recebe várias negativas para a satisfação de seu intento nas muitas vezes em que comparece à escola: explicações sobre a quem se destina a educação e o programa, preconceitos relativos à idade (deveria apenas esperar pela morte), não poder efetuar as despesas para obter a roupa exigida e adequada para a frequência às aulas, ou os materiais exigidos para o uso na escola. Seus pares o chamam para beber, para jogar, dizem que perdeu o juízo, por querer estudar. Porém, Maruge não desiste. E um dia aparece na porta da escola com as roupas apropriadas de aluno, os materiais necessários na mão. Perguntam-lhe porque quer aprender a ler? Ele conta um pouquinho de sua história de vida e diz que quem não sabe ler não existe. E realiza seu sonho.

Maruge, na história narrada, realizou o sonho e reorganizou o presente de seu passado. Conseguiu ler a carta que o Presidente de seu país lhe enviou, na qual o condecorava pela resistência oposta ao inimigo. Até a leitura, ele desconhecia o conteúdo da mesma, apenas

¹⁷ O título em português é “O aluno”, lançado em 13 de maio de 2011. Pode ser visto pela Netflix. O filme é baseado na história de Kimani Maruge, da tribo *kukuyu*, nascido no Quênia em 1920. É preciso voltarmos para história do Quênia, que, pela Conferência de Berlim de 1885, fazia parte da área de influência entregue ao Reino Unido. O povo *kukuyu*, inicialmente caçador-coletor, ao longo dos tempos se instalou ao redor das terras férteis do Monte Quênia e as cultivavam. Com a entrega do Quênia ao Reino Unido, as melhores terras cultiváveis foram monopolizadas pelos europeus, e os *kukuyus*, ao longo dos tempos tiveram suas terras confiscada, foram impedidos de cultivá-las e confinados em uma pequena reserva. Os *kukuyus* tinham como princípios e tradições a missão de serem guardiões e protetores da terra e de tudo nela abrigado, além de reconhecerem a autoridade dos mais velhos. Com isso, acreditavam que o homem só poderia alcançar o *status mũranati*, de homem realizado, se tivessem gerido bem seu pedaço de terra, circuncidado um de seus filhos e participado dos rituais e interditos tradicionais. A pobreza era, portanto, estigmatizada, e os pobres amaldiçoados, pois era como se os ancestrais tivessem faltado com os princípios. Sem as terras para cultivar logo a presença da pobreza começaria a aparecer entre os *kukuyus*. Uma Associação Central dos *Kikuyus* foi fundada em 1921, e passou a exigir participação no poder. O problema da administração também incomodava outros povos, como os indianos, por se sentirem insuficientemente representados. Em 1944, foi formada a organização nacionalista União Africana do Quênia (KAU), cujo líder, Jomo Kenyatta, pregava a redistribuição da terra. Com a Declaração do Estado de Emergência em 1952 e a formação da sociedade secreta *kukuyu*, pautada por alianças seladas por juramentos na luta de devolução das terras houve prisão de vários *kukuyus*. Há várias interpretações sobre essa sociedade secreta *kukuyu*, a qual foi chamada *Mau Mau*, de acordo com Melvina Araújo em sua pesquisa *Missionários, Kikuyu e Mau Mau: Pontos de convergência em situações de conflito* (Revista Aulas: ISSN 1981-1225 Dossiê Religião, N. 4- abril2007/julho 2007). Maruge tem a história de ter sido um rebelde na Revolta Mau-Mau (1952-1960), que terminou com a vitória dos britânicos. Jurou fidelidade aos que lutaram com ele pela recuperação das terras, e viu sua mulher e filhos serem mortos pelos soldados do King’s African Rifles. Após a revolta, tendo sido preso, permaneceu na prisão até a emancipação do Quênia e recebeu uma carta do Presidente do Quênia, a qual foi a motivação para querer lê-la ele próprio. Após ser alfabetizado e saber do conteúdo da carta, foi chamado para discursar na Nações Unidas, sobre a *Importância da Educação Gratuita para as crianças* (Millenium Development Summit, NY), em 2005. Kimani Maruge figura no Guinness World Record como a pessoa mais velha a frequentar a escola primária, em 12 de janeiro de 2004. Maruge morreu em 2009 e, como não tinha papéis que lhe comprovassem a idade, presume-se que aos 89 anos.

revia, em pensamento seus familiares assassinados em sua presença, sem que ele nada pudesse fazer. Esses acontecimentos foram uma ferida aberta durante muito tempo. O herói só ganhou existência após a leitura da carta, feita por ele mesmo, que possibilitou dar significado a tudo aquilo pelo qual lutou e sofreu.

Podemos unir os exemplos fornecidos das pesquisas e o filme, ainda, com os resultados do trabalho de Shibata (2006), no sentido de encontrar desafios a serem vividos no envelhecimento. Esta autora, em Dissertação de Mestrado, pela PUCSP, tratou do Programa de Incentivo à Aposentadoria, com o tema “*Em busca de um novo caminho. O pós-carreira como oportunidade de realização de potencialidades*”. O programa foi instituído na iniciativa privada, no sentido de dar uma ressignificação para a Aposentadoria, para os que estão na iminência desse evento. Os inseridos no Programa tinham um prazo de dois anos para se prepararem para a aposentadoria. O objetivo era ajudá-los na construção de um projeto de vida que pudesse acolher aspectos negligenciados ao longo da vida ativa na instituição, e estimular o sujeito a administrar o processo de transição (ativo x inativo), de modo a viver a aposentadoria, como uma fase feliz com nova oportunidade de auto-realização.

Alcançar a longevidade com saúde e sem dependências é a meta que o ser humano tem para o próprio envelhecimento, como a melhor alternativa e, no dizer de Bordignon (2005), tendo esperança para querer livremente ser o que se ama, poder se cuidar e ser aquele que sobrevive. Afinal, cada um ainda é o ator principal de sua vida, mesmo no envelhecimento.

Tanto Patrício et al (2008); como Neri (2006), entre outros, retrataram o segredo da longevidade, como sendo decorrente da concomitância de fatores tanto biológicos, como genéticos favoráveis; associados ao controle da saúde; adicionados ao prazer e ao envolvimento na realização do trabalho; à valorização pessoal pelo conhecimento adquirido; à espiritualidade; e ao sentimento de estar tranquilo e/ou ser feliz.

Alexievich¹⁸ mostrou, entrevistando adultos jovens que viveram o acidente da central nuclear de Chernobyl, o sentimento reverso: a desesperança da alma humana ao saber da ausência de perspectiva para envelhecer e deixar sementes.

Quase como um exemplo prático, Willox, Willox e Suzuki (2006) mostraram a longevidade excepcional observada na localidade de Ogimi, em Okinawa¹⁹, no Japão. E

¹⁸ Svetlana Alexievich foi ganhadora do prêmio Nobel de Literatura de 2015, por seu trabalho *Voices of Chernobyl. História de um acidente nuclear*, no qual entrevistou os que viveram o dia 26 de abril de 1986, data do acidente da central nuclear.

¹⁹ É uma aldeia no Japão, na qual o número de habitantes com 100 anos é de 24,55/ 100.000 habitantes. Eles vivem mais tempo, têm menos doenças crônicas; têm menos doenças inflamatórias, uma menopausa mais suave;

García e Miralles (2016) reportaram em livro a experiência de campo feita em Ogimi. Estes autores entrevistaram 100 pessoas, todas com idades em torno dos cem anos. O segredo revelado dos japoneses, está no *Ikigai*²⁰: eles envelheceram sendo eternamente jovens, mantendo a curiosidade da criança e se envolvendo nas atividades que realizam. Estão em constante movimento. O significado do termo refere-se à sensação de se sentir imerso na vida, ao realizar as tarefas. Encontrar nas tarefas cotidianas o prazer, a alegria e a criatividade. E isso, significa entrar em união com o objeto (*kami*) ao realizá-las. Os centenários que residem em Ogimi, também cultuam seus ancestrais, são amáveis e alegres, têm um arraigado sentimento de pertencimento, fazem divisão de tarefas na comunidade, como uma grande família. E nunca se sentem sós...

os hormônios sexuais estão elevados até idade mais avançada e a taxa de demência é pequena. Declaração do povo mais velho do mundo: *Aos 80 ainda sou uma criança. Quando vieres buscar-me aos 90, esquece-te de mim e espera que chegue aos 100. Quanto mais velhos, mais fortes, E nada de deixarmos que os nossos filhos nos mimem. Se queres ter uma vida longa e com saúde, sê bem-vindo à nossa aldeia, onde receberás as bênçãos da natureza E juntos descobriremos o segredo da longevidade.* Datado de: 03.04.1993, Federação dos Clubes de Anciãos da Aldeia de Ogimi (pp.101-102: García, Hector; Miralles, Francesc (2016). *Ikigai. Viva bem até os cem. Os segredos dos centenários do Japão para uma vida longa e feliz.* Porto: Ed. Albatroz.

²⁰ *Ikigai* significa “a arte de envelhecer eternamente jovem”.

1.4 As conquistas de direitos e os gêneros

As leis decorrem dos hábitos e das mudanças sociais vigentes na sociedade. É preciso lembrar que o século XX assistiu, além das mudanças tecnológicas, que promoveram um modo diferenciado das pessoas se relacionarem, se comunicarem, viverem e se atualizarem, também viu o despertar para a possibilidade de homens e mulheres exercerem a igualdade no gênero, seja econômica, jurídica ou política. Deu à mulher o acesso ao estudo e ao ensino superior; ao voto; ao trabalho fora do lar; à formação profissional e seu exercício; à liberdade de escolha para ter ou não filhos, dada pelo advento da pílula anticoncepcional; à possibilidade de adotar ou não o nome do marido após o casamento; ao aborto; ao estabelecimento de partilha do poder familiar, entre outras conquistas. Deu ao homem a possibilidade de estar e participar da vida dos filhos, antes tarefa exclusiva da mulher; poder demonstrar seus sentimentos. E a ambos, o século trouxe a possibilidade do pleno exercício de sua sexualidade.

É desafiador falar de igualdade, mesmo quando os dados demográficos apontam as diferenças regionais que nos separam e alcançam nosso país continente. A Carta Magna (1988)²¹ fala em igualdades, mas sabemos das nossas diferenças e o quanto devemos caminhar para o encontro dela. Nesse ponto, entram as chamadas *ações inclusivas*, que têm o objetivo de tornar possível o exercício da igualdade entre desiguais.

As leis brasileiras, que pontuam os direitos do Idoso, seguem cinco princípios, os quais, originariamente, provêm de recomendações fixadas pela Organização das Nações Unidas²² e que inspiram o Parágrafo 1º. e o caput do Artigo 230, da Constituição Federal de 1988²³. Enquanto princípios, são eles: 1. **Independência**; 2. **Participação**; 3. **Assistência**; 4. **Auto-realização**; e 5. **Dignidade**. Relativamente ao significado destes princípios, podemos declinar algumas linhas.

²¹ Constituição Federal de 1988.

²² Resolução n.46, de 16.12.1991, ratificada pelo Brasil em 28.09.1989. Fato a ser observado é que da data da ratificação à promulgação do Estatuto do Idoso (EI- Lei 10.741/2003) há um lapso temporal de 14 anos. De onde se vê que as mudanças nos usos e costumes precedem e demandam tratamento legislativo, que leva mais tempo a ser concretizado.

²³ Artigo 230: A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhe o direito à vida. Parágrafo 1º: Os programas de amparo aos idosos serão executados preferencialmente em seus lares.

1. Princípio da Independência. Garante ao idoso o direito e o gozo de ser independente, tendo acesso à alimentação, água, moradia, vestuário, saúde, apoio familiar e comunitário, assim como a oportunidade de trabalho ou outras fontes de geração de renda; usar de seu livre arbítrio para a resolução do momento de afastar-se do mercado de trabalho; ter acesso à educação permanente e a programas de qualificação e requalificação profissional; assim como poder viver em ambientes seguros e adaptáveis e ter a autonomia de viver em sua casa enquanto viável;

2. Princípio da Participação. Reporta-se ao incentivo para permanecer integrado, participante. Nesse sentido, depende da formulação e prática de políticas que afetem diretamente o bem-estar, o aproveitamento de oportunidades para integrar-se em trabalho voluntário, ou outros serviços comunitários, ter o direito de formar associações ou participar de movimentos de idosos, além da possibilidade de transmitir conhecimentos e habilidades aos mais jovens;

3. Princípio da Assistência. É a base da assistência e proteção à saúde, pautando nos valores culturais da sociedade, no sentido da manutenção do bem-estar físico, mental e psicossocial, como prevenção ao aparecimento de doenças; também, para a possibilidade de obter das instituições, meios que proporcionem a reabilitação e o desenvolvimento social, em condições humanitárias e ambiente seguro. Nele, também se baseia o direito de tomar decisões, em relação à sua dignidade e crenças, quando está residindo em instituições ou se refiram à assistência que está sendo prestada e à qualidade de vida que tem;

4. Princípio da Auto-realização. Diz respeito à possibilidade de aproveitar as oportunidades para o desenvolvimento de suas potencialidades;

5. Princípio da Dignidade. Refere-se à possibilidade de viver com dignidade e segurança, sem ser exposto a maus tratos, sejam físicos ou mentais, ser tratado com justiça e não sofrer preconceitos de que natureza for.

Em 1982, após a I Conferência Internacional sobre Envelhecimento das Nações Unidas, ficou patente a dificuldade dos países em priorizar Políticas Públicas direcionadas ao envelhecimento. Por esta razão, em 1991, a Carta dos Princípios, já mencionada linhas acima,

é transformada na Resolução 46/91 da Organização das Nações Unidas. Depois dela, em 1994, é promulgada, no Brasil, a Lei 8.842/ 94, a qual estabelece a Política Nacional do Idoso, que vem a ser a ratificação desses direitos.

A Política Nacional da Pessoa Idosa traz a possibilidade das empresas utilizarem um Programa de Incentivo à Aposentadoria, o qual tem sido aproveitado por empresas privadas, na demanda por atender executivos de média e alta gerência, com mais de 55 anos que se preparavam para a aposentadoria. Nele, a participação é espontânea ou determinada pela empresa.

Em 2002, durante a II Conferência Internacional sobre o Envelhecimento, houve a publicação da Declaração Política e do Plano de Ação Internacional de Madri sobre o Envelhecimento (MIPAA), um documento reivindicatório, no qual o direito do idoso passou a ser compreendido de forma abrangente.

No Brasil, em 2004, a Lei 10.741/2003 foi inaugurado o Estatuto do Idoso. Este Estatuto do Idoso (EI)²⁴ estabelece o direito ao envelhecimento digno (artigo 8º, Lei 10.741/2003); o benefício da prestação continuada, estabelecido em um salário mínimo por mês; e a prioridade no recebimento da devolução do Imposto de Renda.

Em 2010, com a publicação do Estudo do Comitê Consultivo do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas, houve a necessidade de uma convenção internacional para tratar dos direitos da pessoa idosa e auxiliar a garantia desses direitos. Enquanto conquistas, alguns passos foram dados na evitação da invisibilidade do idoso, seja a nível federal, estadual ou municipal, e podem ser citados:

1. Guichês exclusivos em repartições públicas e instituições financeiras;
2. Privilégios em fila de atendimento;
3. Assentos preferenciais destinados a idosos nos transportes públicos;
4. Obrigação de assentos preferenciais em repartições e instituições²⁵; Conselhos de Idosos na administração pública;
5. Entrada “senior” nas salas de espetáculo com preço reduzido;
6. Gratuidade em viagens urbanas e semi-urbanas (10% dos lugares).

²⁴ A Lei 10.741/1º.10.2003 dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Não dá o conceito legal de idoso, apenas menciona o critério cronológico, o qual não é único, estabelecendo para o gozo de alguns direitos a idade de 60 anos, e de 65 anos, para outros. Não faz distinção de sexo, inclui o nacional e o estrangeiro, o urbano e o rural, o trabalhador da iniciativa privada ou o do serviço público, o cidadão livre ou o recluso, quer esteja ou não no exercício de suas atividades e não importa a que posição social pertença.

²⁵ Lei Municipal 11.468/94, obriga farmácias a terem no mínimo 03 assentos disponíveis em suas dependências.

Muito embora o Estatuto do Idoso se refira à “proteção integral do Idoso” e garanta a prioridade do trâmite processual, a lei não consolidou regras para a prestação da assistência judiciária gratuita para os idosos.

Relativamente à área penal, nos crimes cometidos por réu idoso, a imposição de pena obedece ao disposto nos Códigos Penal e Processual Penal, subsidiariamente. No caso do crime cometido contra o idoso, e não definido pela Lei 10.741/2003, na ausência de procedimento especial, fica válido o estatuído no parágrafo 1º, do artigo 394 do Código Processual Penal.

E, em 2010, foi instituído o Fundo Nacional do Idoso para financiar programas e ações relativas ao idoso, com o objetivo de assegurar os direitos e promover a autonomia, a integração e a participação efetiva do idoso na sociedade.

Muito embora seja pequeno, talvez por desconhecimento, o investimento neste Fundo, foi criado pela Lei 12.213/20.01.2010 e permitiu, que pessoas físicas e jurídicas tenham deduções em seu Imposto de Renda, quando comprovem doações feitas a esse Fundo, na ordem de 1% para pessoas jurídicas; e de 6%, para pessoas físicas.

Enquanto conquistas, algum avanço foi dado na evitação da invisibilidade, nos níveis federal, estadual e municipal, tendo em conta a hierarquia das leis.

A Organização das Nações Unidas (ONU), baseando-se em estudos da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em seu Relatório sobre Desigualdade na América Latina e Caribe, lançado no Rio em 21.08.2012, referiu que o Brasil é o quarto país mais desigual da América Latina, perdendo para Guatemala, Honduras e Colômbia²⁶.

Essa Comissão reuniu no livro “Mudança Estrutural para a Igualdade” algumas propostas para a construção de um caminho de crescimento a longo prazo, salientando a necessidade de políticas públicas industriais nos setores produtivos; a adoção de políticas

²⁶ A CEPAL é uma comissão criada, em 1948, pelo Conselho Econômico das Nações Unidas para incentivar a cooperação entre seus membros. É uma das cinco comissões econômicas da Organização das Nações Unidas (ONU). Possui 44 Estados e 08 Territórios não independentes membros. No Relatório sobre a desigualdade na América Latina e o Caribe de 2012 (CEPAL 2012), a Comissão referiu que que essa desigualdade constitui um obstáculo para o desenvolvimento sustentável. Que a distribuição de renda é somente uma das dimensões da desigualdade na região. Mais recentemente, no **Panorama Social da América Latina 2016**, apresentado em uma coletiva de imprensa pela Secretária-Executiva da CEPAL, Alicia Bárcena, em Santiago (Chile), referiu que o estudo abordou e se aprofundou nas desigualdades entre homens e mulheres, na condição étnico-racial e as que se evidenciam em distintas etapas do ciclo da vida. Disponível em: <<http://www.cepal.org/pt-br/comunicados/cepal-elevada-desigualdade-america-latina-constitui-obstaculo-o-desenvolvimento>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

macroeconômicas para o crescimento, geração de emprego e distribuição da renda; adequação de políticas sociais e trabalhistas; igualdade de remuneração no trabalho para as mulheres no que concerne à mesma função; estabelecimento de uma nova equação entre o Estado, o mercado e a sociedade. Da data do Relatório para os dias atuais, talvez tenhamos avançado pouco para atingir o aconselhado, além de vermos nos dias atuais o país mergulhar numa profunda de crise político- econômica de corrupção. De qualquer modo, devemos festejar os pequenos avanços e policiar como cidadãos o caminho aspirado.

Corpos na dança

Arlene Moreira

*Corpos que escapam às normas,
Dançam a dança dos anos,
Sacodem as rugas do tempo
Nas dobras dos corpos morenos.
Amarelos, brancos,
Pretos, mulatos...
Que se sustentam em canos,
Não temem a vingança dos anos.
Dançam mais leves, mais tênues,
Mais sábios...
Que importam as dobras nas curvas
Se fazem parte da dança do tempo?
Mesmo que lentos
Sustentam os corpos
Que dançam e escapam.
Dançam, tremem, suam, amam
O mesmo sentimento
Na calma paixão
Da vida em amplitude.
Com o sereno coração
Corpos escapam às normas do tempo*

*Abrem os braços, criam asas
E alçam o voo da liberdade,
Que descobriram com a idade.
Corpos que escapam às normas
Deixam o estereótipo vazio.
Pensam “a vida é um fio! ”
E, no equilíbrio,
Dançam a dança do tempo
Abrem as asas ao vento
Nesse vento da pós -modernidade,
Mantendo na serenidade
O que a vida lhes concedeu.*

2. OS ESPELHOS

Foi num lavatório de edifício público, por acaso. Eu era moço, comigo contente, vaidoso. Descuidado, avistei... Explico-lhe: dois espelhos- um de parede, o outro de porta lateral, aberta em ângulo propício- faziam jogo. E o que enxerguei, por instante, foi uma figura, perfil humano, desagradável ao derradeiro grau, repulsivo, senão hediondo. Deu-me náusea, aquele homem, causava-me ódio e susto, eriçamento, espavor. E era- logo descobri... era eu, mesmo! O senhor acha que eu, algum dia ia esquecer essa revelação? (O espelho, Guimarães Rosa, Primeiras Histórias, 1988.)



Os fatos, o tempo, as memórias e o espelho

Arlene Moreira (02.2016)

Tenho duplo vínculo filiativo

Com Portugal:

De um lado as raízes,

Nas histórias de bisavós;

De outro a conquista

E o amor de um lusitano marido.

Meus sogros são pais por afinidade.

Eu os fiz avós, na consanguinidade.

Se de lá eles partiram,

Para lá eles voltaram,

E, no entardecer da vida

Ao Brasil retornaram.

Indo e vindo, cruzando os mares

Como eles, muitos avós

Povoaram o Brasil.

Na repetição e navegando

Mares de cor anil,

Os filhos repetem caminhos

E cruzam mares pelos ares.

Quatro dos meus netos

Também são lusitanos,

Gerados com um angolano,

Cujos pais migraram

E retornaram.

Indo e vindo,

Em histórias de vida,

*Continuadas,
E por netos repetidas
Com novos vínculos construídos.*

*Cruzando os mares,
Indo e vindo,
Não navego,
Pois que o tempo
Permite-me alçar espaço aéreo.
Muitas teias de memórias
Quero tecer e formar
Com netos de lá e de cá,
Na conjugação do verbo amar.*

*A longevidade me dá
Histórias para contar
E tempos para o rememorar.
Nutro-me na nostalgia,
E perpetuo na magia,
A fumaça de muitos lugares,
Em heterotopias construídas.*

*Defronte ao espelho
As imagens refletidas
Em faces, fases e momentos,
Me vem pelo vento
Nas vozes, que atravessam o tempo.
Dispersas, nesse presente que vivo.
No espaço povoam em gorjeios,
Um rumor que me alcança
Pela lembrança...*

Pergunto-me:

É essa construção que me faz velha?

Resta-me ainda muita esperança ...

2.1 Envelhecimento, a cultura e a identidade: espelhos das pesquisas de tantos no viver de muitos

À palavra *espelho* se associa *imagem*.

Numerosos autores fizeram uso dessa associação em seus estudos, como Umberto Eco (2016), ao refletir filosófica, semiótica e academicamente, à respeito de fenômenos culturais. Neles, este autor tratou a metáfora imagem/ espelho, no sentido de perceber o quanto da imagem refletida é um signo, um fenômeno semiótico.

Correia (2001) nos explicou que a *semiose* serve para relacionar a linguagem, enquanto interpretação, com outros sistemas de signos, pela capacidade do homem em gerar significados a partir da experiência. Este autor pontuou, que os signos mudam e evoluem com a maturidade cognitiva dos indivíduos, porque a percepção também evolui pela qualidade das experiências ao longo da maturidade cognitiva.

Metáforas com espelhos também foram utilizadas por Lacan (1998), para individualizar o momento do desenvolvimento em que a criança se identifica, reconhecendo-se na imagem refletida, separando os registros real, simbólico e imaginário. E, muito embora Lacan (1998) falasse de espelhos lineares (planos), e dentro de um contexto psicanalítico, Eco (2016) utilizou essa metáfora, como uma prótese, a qual, ao magnificar ou reduzir a imagem, levaria a enganos perceptivos para a criação de ilusão de uma realidade²⁷. Utilizo-me dessa metáfora para abordar o construto cultural em torno do *velho* e de sua identidade.

Há uma influência exercida em nós pelo olhar do outro e, como diz Mucida (2009:51), *nos traços em que nos reconhecemos e identificamos e tomamos como nossos*.

Também Ingold (2000) trouxe contribuições da antropologia na consideração do tornar-se humano, o devir ser, além do biológico e do social, na influência de quatro instâncias: a genética, a epigenética, a comportamental e a do meio, como relações mutuamente condicionantes com porosidade entre essas fronteiras.

Autores em diferentes ramos do conhecimento falaram da importância da formação da identidade, das espécies de identidades e do modo pelo qual elas vão sendo formadas. A

²⁷ Faz-se necessário a alusão ao Princípio da Indiscernibilidade dos idênticos de Leibniz, ou da Identidade, segundo o qual dois objetos são iguais se tiverem as mesmas propriedades.

identidade pessoal como *conceito de si*, ao longo da vida é um processo de construção psicológica, que se desenvolve ao longo das e nas experiências de socialização. Nessas experiências se impõe a linguagem, falada ou escrita, e a mímica (BARTHES, 2008); mas, também os mitos, as lendas, e a cultura e história familiares, de que fala Ingold (2000). Nesse processo, o outro é como um espelho em que nos refletimos. E, lembrando Winnicott (1975, p.153), este já dizia, referindo-se ao desenvolvimento emocional da criança, que o precursor do espelho (enquanto reconhecimento de si) é o rosto da mãe: a socialização é um processo que se inicia na família.

Machado (2003) é uma autora que concebeu as identidades como fenômenos contemporâneos. Esta autora explica, que a nível pessoal, a identidade é o conceito de si, mas, também, o ser reconhecido como pessoa. Interessante, porque aqui devemos considerar, e veremos isso um pouco adiante, não só o que ocorre no ciclo epigenético de Erikson (1998), mas também no ciclo familiar de Cerveny (1994). Esse reconhecimento de si, diz também respeito à importância de ser reconhecido pelo outro (MUCIDA, 2009); à importância da história dos vínculos (nada sou sem ter alguém que me reconhece), à relevância do afeto e do apego, em relação ao pertencimento em todas as fases da vida (WINNICOTT, 2011; BOWLBY, 1984) e o sentir-se acolhido ou excluído pelo meio.

Machado (2003), já citado, concebeu que uma identidade historiográfica é construída ao longo da vida e evolui na forma, no tempo e no espaço. No tempo, porque há características individuais, que vão sendo estimuladas/construídas na família, encontram-se com as influências da alteridade, nas relações do trabalho, ou nas diferentes esferas das atividades humanas, em muitos espaços de convivência. Na forma, porque existe também a influência da educação, outras oportunidades que se abrem nas escolhas e nos percursos que se faz. E no espaço, porque sugere o surgimento de oportunidades na conjugação dos fatores azo, local, tempo e pessoa.

Importante fixarmos alguns conceitos usados aqui. Falamos em longevidade para nos referir àquele que alcança longa idade. Entendemos o envelhecimento como uma fase dentro do processo vida; a velhice, como referência à fase em que *o ser velho* vive as consequências da vida longa.

O que é um construto?

Bagno e Rangel (2005) dão a entender que *construto* é o significado de algo em voga por determinado tempo, que circula no senso comum, e vincula concepções da sociedade em determinado momento histórico. Assim, o termo "velho", pode definir a pessoa com 60 anos e

mais. Entretanto, enquanto construto cultural, pode ter o significado transformado, por lhe serem agregados qualidades, ou defeitos.

Por exemplo: “Velho” pode significar todas as pessoas, que estão na faixa de 60 anos e mais. Pode, entretanto, enquanto construto, designar aquele que está fora da capacidade produtiva e adota uma atitude passiva diante da vida.

Identificar-se com o construto, ou a ele se amoldar, para Adorno e Horkheimer (1985) acaba por ser uma mimese, a qual pode ser sujeição, mas também um modo de auto-preservação. E de um modo, ou de outro, o tratamento reducionista e homogeneizante se efetiva.

Alguns autores classificam os construtos culturais como estereótipos. Outros, como Peixoto (1998); Kite, Stockdale, Whitley e Johnson (2005); Costa e Santos (2013); e Castro (2016) entendem que eles constituem uma forma de ageísmo, modos perceptíveis de exercer preconceitos ou discriminação.

Couto, Koller, Novo, Soares (2009) em estudo sobre a discriminação contra idosos brasileiros, compararam os dados encontrados em Portugal e nos Estados Unidos, e utilizaram para a discriminação contra os velhos, de modo amplo, o vocábulo inglês *ageism*, explicando que o mesmo foi utilizado pela primeira vez, em 1969, por Robert Butler, médico geriatra, relacionando-o com as perdas que advém com a idade.

Palmore (2004, 2015) refere que empregou, em seu trabalho de 1999, o termo estereótipo para relacionar a pessoa de idade a características positivas (gentileza, sabedoria, confiabilidade, afluência, poder político, liberdade, juventude prolongada, felicidade, entre outros) ou negativas (doença, impotência ou desinteresse sexual, feiúra, inutilidade, isolamento, pobreza, depressão, entre outras). Sobre a preocupação que o ageísmo, enquanto preconceito agrega, este autor citado o relaciona com algumas causas. Uma delas, é a discriminação que os trabalhadores mais jovens sentem em relação aos trabalhadores mais idosos. Muitas das motivações de aposentadoria é a idade dos trabalhadores, o que representa perda da capacidade produtiva para a nação. Outra das causas é a vulnerabilidade a que todos estamos sujeitos (racismo, sexismo, envelhecimento, entre algumas das causas). Além disso, o número de pessoas que alcançam a longevidade aumenta a cada ano, o que onera o Sistema de Seguro Social e Médico. O autor citado, entretanto, entende, que o direito ao envelhecimento é um direito civil, e numa sociedade igualitária, o ageísmo não deve e não pode ser tolerado. Pelos efeitos adversos decorrentes da identificação ou conformação ao preconceito, este autor aconselha ações individuais e coletivas a serem adotadas para a redução de sua prática. Elas

se referem à manifestação de aversão ao uso de termos no tratamento dado aos velhos, à veiculação de piadas ou cartões, que associem a velhice à fraqueza, doença; assim como à associação da virilidade à juventude. Essa manifestação, inclusive, pode ser feita enviando cartas às editoras, protestando quanto à veiculação de artigos e políticas aceitas, ou mantidas; além de dar voto a candidatos que se oponham às práticas de ageísmo; fazer lobby por legislação, entre outras.

Daí, podemos indagar, até que ponto os construtos culturais que colocam no cenário os pares antagônicos “jovens” e “velhos” ocultam interesses hegemônicos?

Os construtos são formados pelo tempo, atravessados pela efemeridade e autofagia de modismos e se reciclam. São veiculados e pasteurizados com o auxílio da mídia e assim, vão sendo transmutados. Conforme ocorreu em relação ao reconhecimento e à ascensão da Infância, vivemos o tempo das portas abertas para enaltecer a juventude, a leveza do corpo, a beleza e o prazer de ser (e parecer eternamente) jovem.

Couto et al. (2009), já citados, entendem que situações do cotidiano se prestam às manifestações de *ageísmo*, e dizem que ele também pode ter conotação positiva ou negativa. Isso porque a análise dos comportamentos é orientada pela referência ao tempo de trabalho produtivo, com completa exclusão do curso historiográfico da vida.

Desse modo, o estereótipo redutor do idoso, mostra a face de perda econômica (não única), que é a marca do declínio da vida produtiva com o advento da aposentadoria (como se a aposentadoria fosse a desistência/ decadência da vida/ não ação na vida!).

Pesquisas levadas a cabo por Minichiello; Browne; e Kendig (2000) mostraram, que o *ageísmo* acarreta efeitos negativos na auto-estima e conduzem ao isolamento, mesmo para os idosos que não se fixam só nas perdas impostas pelo envelhecer. Por esse motivo, os autores citados afirmaram que todas as formas de *ageísmo* são prejudiciais. Nelson (2005) cita exemplos: o caso da comunicação infantilizada e paternalista no sistema de saúde; a fala vagarosa, o discurso simplificado, os maus-tratos físicos, psicológicos e financeiros contra idosos. O autor citado manifestou a influência do impacto negativo na auto-estima, na identidade e nas habilidades do idoso, em relação a essas formas de preconceito.

Existe uma tendência contemporânea para rever os estereótipos associados ao envelhecimento. Até porque, há o entendimento de que as perdas do envelhecimento tem sido compensadas por momentos de conquista, de busca do prazer e da satisfação pessoal, retomada de projetos abandonados, e que o estabelecimento de relações com diferentes segmentos etários é saudável (FREITAS, QUEIROZ; SOUSA, 2010, entre outros).

Até que ponto essas manifestações de preconceito não promovem um conflito interno nos idosos, entre sua história de trajetória de vida e a imagem que se mostra no espelho?

Até que ponto essas manifestações não promovem ou mantêm um conflito interno ou externo, considerando os tempos globalizados?

Machado (2003), já citada, referiu que a formação da identidade pessoal é um processo consciente e inconsciente, no qual os espelhos orientam nossas escolhas; e a memória exerce papel importante na construção da identidade, porque une o tempo do retrovisor ao presente (passado, presente e futuro), reunindo o que semelha, e separando o que difere nas experiências vividas, projetando expectativas positivas em relação ao que almejamos.

Com relação à identidade social, ou coletiva, similarmente ao que ocorre com a construção da identidade pessoal, ela também é resultante de um processo de interação. Nesse processo de interação atuam mecanismos psicológicos e sociais, nos quais existe a percepção de si (identidade pessoal), mas também a orientação para o pertencimento (por ser semelhante a) ou oposição (por ser diferente de). Dessa forma, o grupo toma consciência de sua unidade (pela vinculação), ou se distingue, pela diferenciação, em relação aos outros.

Os velhos podem ser iguais nas idades, mas são diferentes nas experiências que trazem.

O tempo é que os faz velhos? Os espelhos é que os fazem velhos?

Perpetuam um mito ao se acomodarem ao padrão?

Citei alguns dos muitos autores que pesquisaram ou pesquisam, ainda, o envelhecimento em diferentes áreas do conhecimento humano. Tentei não realçar os estudos, que corroboram ou colocaram o foco nas perdas do envelhecimento, não por desmerecê-los, ou por não reconhecer essas perdas, mas por querer salientar possibilidades de crescimento e realização nesta fase da vida.

O saber compõe-se de muitos grãos de areia e ao querer pesquisar, o pesquisador se propõe a pegar em suas mãos alguns desses grãos. Para os estudiosos do envelhecimento, sempre haverá o que pesquisar, pois a vida nunca é igual, sempre há o imponderável, o desconhecido, o porvir, a mudança, o pensar diferente, e novas roupagens revestem o pensar mais remoto... E seguimos escrevendo e reescrevendo, opiniões e saberes de muitos.

No entanto, o envelhecimento é um fato da vida, como o nascer, o crescer e o morrer, numa temporalidade que pode parecer imperceptível e volátil para quem o vive. De repente, vê-se a imagem projetada no espelho... Os filhos estão crescidos, caso os tenhamos, mas

parece que não os vimos crescer. E a vida neles se repete, como a nossa, antes da deles; os netos chegam; um outro ciclo começa, mas o nosso tempo acaba. *Sinto pena que está acabando*, ouvi de um octagenário, enquanto sorria e tomava um café.

Entendo que a visão do envelhecimento não deve ser engessada e única. Ao fazê-lo, negam-se as alternativas de outras imagens, que refletem velhos diferentes e reais. Estereotipar é retirar dos velhos as próprias identidades e ignorar o processo da vida.

José Luis Peixoto (2016) refere que,

Para os novos, os velhos são um aviso (...). Os novos estão sempre ocupados com os seus assuntos e, mesmo que olhem, mesmo que ouçam, só raramente veem e escutam (...). Mas, os velhos já foram esses novos (...). E a passagem do tempo tinha mais semelhanças do que a maior parte dos velhos tem vontade de assumir (...). Em certo dia, de repente, o espelho causa grandes surpresas: um novo fechado dentro de um velho. Tantas coisas ainda iguais e, no entanto, onde está a elasticidade das pernas e da paciência? Como Cassandra, os velhos tentam alertar sobre a guerra de Tróia (...). Mas os novos não querem saber (... não escutam o que acreditam que já sabem...). Os velhos ignoram os novos com o mesmo desdém (...). Para os velhos, os novos são uma ameaça (...). Os adolescentes rejeitam tudo o que uma criança lhes possa ensinar, têm medo de serem confundidos com ela, têm medo que os outros descubram que ainda são crianças. Aqui, neste momento, tão compostos, vestidos de acordo com a ocasião, também está quem fomos nas fotografias que escondemos no fundo das gavetas, também está um reflexo do futuro, pouco cabelo e pouca força. Estas mãos concretas, que fizeram carícias delicadas, que mediram o peso exato do toque, são as mesmas que irão tremer sem controlo, entregues a uma vontade alheia e invisível. Todos somos velhos e todos somos novos, ao mesmo tempo (2016)

Nossas identidades nos acompanham, pois o que importa, não é o tempo, mas a construção que fazemos pelo caminho.

De meu lado, projeto todos os meus eus em meu tempo de vida.

Meus eus

Arlene Moreira

Trago em mim

Todos os meus eus.

Da minha infância,

As memórias dos cheiros,

As lembranças do tempo.

Olho no espelho,

*E ele me projeta minha mãe,
Minha avó, antes de mim,
Que nem vi.
Guardo a imagem
Da filha que fui
E o que herdei das mães
Antes de mim.
A mãe da mãe
Hoje me habita
No que sou.*

*Objetos ao redor
Contam histórias
Dos tempos neles retidos,
Sem atualizações.*

*Do espelho,
A imagem refletida
Olha-me.
Mostra um branco pintado
De vermelho a dourado,
Nos cabelos...*

*Mas as cores
Dos meus valores,
O tempo não levou.
Somou tudo ao que sou
E me valorizou.*

3. OS OLHARES



O encontro

Arlene Moreira

*Você é quem é
Para a religião,
O filho de um santo
Que o cobre com seu manto.*

*Mas isso não basta.
O 'crescei e multiplicai-vos'
Não assegura o pão,
A saúde e a educação,
Mas é a base do amai-vos.*

*O amor físico garante
O possível povoar,
Para na terra os dias prolongar.
Hoje, temos alternativas:
Banco de espermas,
Reprodução assistida,
Clonagem, DNA manipulado...
O amor em si,
Ficou ao largo?*

*Temos a escolha.
Livres para decidir,
Se queremos dividir
Cama, filhos, comida,
Materiais conquistados em vida,
Um amor para cada dia
No gozo dos prazeres
Com poucos deveres,
Ou a história*

De uma vida inteira.

*Você se olha no espelho,
Que um outro olhar
A cada dia espelha.
Você nem percebe o tempo
Que, em você, a imagem
Congela e passa,
Como miragem.
Nesse azo,
Nenhum problema.*

*Você é quem é:
Tinta, esmalte, cor, emblema,
Perfume, grife,
Dão-lhe a dimensão
Que as luzes têm
E sugerem a importância do cacife.*

*Em você está o que você é.
Na resposta ao espelho,
Da pergunta feita
Sobre a dimensão do amor,
Se perdido, ou refeito,
O que deu e recebeu
E o que dele permaneceu...*

*Você é quem é.
Isso basta?
Criança, jovem, velho,
A vida passa.
Para todos a vida tem um tempo.
No tempo da vida*

*Sempre estamos a sós,
Na dança que espera
O último encontro
Em qualquer dessas primaveras.*

3.1 Entre os ciclos vital familiar e individual

Muitos autores em suas áreas de atuação definiram concepções de família e realçaram a importância dessa instituição no percurso da vida, como um referencial de existência.

Geertz ([1973], 1978) a entendeu, como um universo de relações, definida por sua história, seus mitos, sua linguagem e sua cultura e simbolismos, numa repetição que tende a se perpetuar num discurso internalizado aprendido.

Para Benghozi (2010), a família continua a ser o primeiro lugar da formação dos vínculos. Melanie Klein (1982) colocou ênfase no meio familiar, como o ponto referencial inicial do bebê na construção de seu mundo interno e de sua identidade.

Bowlby (2015) marcou a família, como o lugar em que a criança inicia o desenvolvimento da subjetividade, articula a experiência de sentir-se amada, validada, trabalha a inscrição num grupo de pertencimento; e Frankl (1989), quase complementando, realçou a importância desse referencial de pertencimento no encontro do sentimento de que a vida tem um sentido.

Cyrulnik (2006, 2009) colocou ênfase nos vínculos familiares amorosos, que favorecem a resiliência, a qual é fator de proteção ante situações de vulnerabilidade. E Sarti (2004) enfatizou essas reflexões e definições, dizendo que o que é das origens, também sofre mudanças no decorrer do tempo.

Desse modo, a família, enquanto primeiro espaço social, é o lugar no qual a auto-imagem começa a ser construída; em que aprendemos a língua da cultura de nossa família e guardamos nossas referências; onde aprendemos a reverenciar e a significar nosso mundo. A família é como um laboratório inicial para o alçar voo em outras ordens sociais, como uma adequação em nosso processo de crescimento. Assim, enquanto cada membro da família se envolve no cumprir o que se espera dele, também perfaz os próprios caminhos de aprendizado, de crescimento e de individualização.

Pensando nos dias atuais, o momento é particular, porque o conceito de família foi ampliado e não há um padrão a seguir, quando uma multiplicidade de formas de família se apresentam. Famílias uniparentais, fruto de separações ou de divórcios; pessoas solteiras, que tomam a decisão de ter filhos, independentemente de terem ou não um parceiro; homens e mulheres que se encontram como únicos (as) provedores (as) e cuidam dos netos; casais homoparentais que adotam filhos. Todos devem seguir no caminho das vidas que escolheram ao longo do ciclo vital familiar e individual. E em todos esses espaços, o envelhecimento e o processo de construção da subjetividade ocorrerão para cada um de seus membros sob um modo peculiar e diferenciado.

As concepções de família que coletei entre alguns autores demonstram, que muitos foram e são os estudos sobre ela. Isto, porque a cultura mostra diferentes dinâmicas nas famílias.

Cervený (1994) pôs o foco na realidade brasileira e debruçou-se sobre a família paulista rural e da cidade, como um guia em Psicologia e Terapia Familiar para a compreensão da família. Esta autora citada levou em consideração as mudanças pelas quais a família passa no decorrer da vida familiar e que funcionam como as etapas de um caminho.

Seu estudo mostrou, que as famílias brasileiras não são tão extensas como em outros tempos; os espaços habitacionais que ocupam são mais reduzidos; uma grande densidade humana se concentra nas cidades, com alteração da rede de apoio; que houve mudanças nos papéis desempenhados pela mulher, hoje incluída no contingente público do trabalho, o que antes era uma referência no doméstico e no privado. Estes aspectos acarretaram modificações, não só no lugar que o idoso ocupa na família, mas, também, no cuidar dos idosos da família.

Esta autora citada, em algumas das pesquisas que realizou só, ou em co-autoria (CERVENÝ, BERTHOUD e cols, 1997) observou que o envelhecimento da população segue em paralelo a outras mudanças, as quais afetam o viver plenamente a longevidade. É o caso das migrações internas, ou externas, que propiciam um distanciamento de parentes da família de origem, gerando no idoso isolamento e perda de vínculo com as gerações sucessivas. Mas também, da vinculação dele a outros membros da família por dependência financeira do provento da aposentadoria (o qual, por isso mesmo, pode acabar por se tornar, ou sentir-se valorizado no círculo familiar). Esses fatos foram, também, espelhados nos dados censitários posteriores ao estudo de Cervený (1994).

A concepção do ciclo familiar concebido por esta autora é a de um processo, que se inicia com o casamento e evolui em quatro etapas sequenciais, intercaladas por interfases.

Nessas interfases, algumas dificuldades e adaptações devem ser superadas pela família. Estas fases foram nomeadas: Fase de Aquisição; Fase Adolescente; Fase Madura e Fase Última, numa metáfora com as fases da lua: nova, crescente, cheia e minguante, respectivamente. Resumidamente, passo a descrevê-las:

1. Lua Nova ou Fase de Aquisição, na qual o homens e mulheres se apaixonam e se unem para formar família e criar laços. Vivem o processo inicial da união e se preparam para novos papéis e funções. Afastam-se das famílias de origens; moldam-se um ao outro; constroem a relação; adaptam-se; relacionam-se com as famílias de origem com as quais estabelecem fronteiras e avaliam valores. O casal formado têm seus próprios padrões, constituem patrimônio, exercem os novos papéis, vivem suas dificuldades, fazem escolhas, aprendem a ceder, a respeitar as individualidades, a negociar, a elaborar relações de autonomia e dependência. Criam novas redes, à medida em que frequentam novos ambientes. Ambos podem estar estudando ou exercendo a profissão. As influências da tecnologia e dos avanços da Medicina possibilitam ao casal priorizar a vida profissional em relação à parental, com possibilidades de congelar óvulos ou sêmen; ter filhos mais tardiamente, ou mesmo não os ter. Nessa fase do ciclo, o eixo propulsor são as aquisições e os objetivos comuns do casal. Com o advento dos filhos, vem a descoberta de novos sentimentos, novas responsabilidades, dificuldades, expectativas, ou mudanças. Há reestruturações, fuga ou reprodução de padrões da família de origem na assunção do papel parental;

2. Lua Crescente ou Fase Adolescente. Nela ocorre um “alinhamento de crises evolutivas” com transformação de todos os membros da família. De um lado, as readaptações pela passagem da infância para a adolescência, de outro, a transição da meia idade dos pais, individualidades que devem evoluir. Nesta, o relacionamento tem um diferencial, com um reajuste e reconfiguração das relações. Não ser mais um cuidador, um sentimento de perdas múltiplas, ter dúvidas sobre o rumo adotado da criação e sentir culpa são sentimentos que a autora percebeu como recorrentes nesta fase;

3. Lua Cheia ou Fase Madura - Fase em que ocorre a saída dos filhos (a sensação de “ninho vazio”), a reestruturação e o alinhamento de novas metas do casal, a volta dos filhos, o surgimento dos agregados - noras e genros com outros padrões familiares, o momento da aposentadoria e o pensamento “o que vou fazer? Como vou viver? ”;

4. Lua Minguante ou Fase Última. Esta é a que nos interessa mais de perto, por ser aquela em que o casal deve reconhecer o envelhecimento e, por vezes, conviver com a dependência. A autora refere ser uma fase de múltiplas perdas; na qual pode ocorrer a

inversão dos vários papéis (de cuidador a ser cuidado), mudança no domínio do espaço e das funções exercidas (de provedor, patriarca ou matriarca); a insegurança biofísica; ou a perda da autonomia econômico-financeira. Enfim, o casal, quando ainda junto, ou cada um per si na vigência da viuvez ou separação, se depara com a responsabilidade de administrar socialmente a própria longevidade. O fato de ter ou não filhos, aqui pode pesar no sentido de não ter de quem receber os cuidados que se fizerem necessários. A autora reconhece a imprecisão do início dessa fase, em termos etários. Mas também reconhece que pode ocorrer situações em que se encontre velhos, em pessoas com 40 anos; outras, em que aos 70 anos, elas se sentem como jovens. A autora citada admite a imprecisão do marco, e que a vivência desta fase depende de como foram vividas as anteriores, além da característica de não haver mais tempo para reparações.

A Fase Última Muito embora queiramos colocar a ênfase da pesquisa nos ganhos, devemos falar sobre inexoráveis perdas: sobre a viuvez e a dependência no envelhecimento. Tais assuntos podem permear conversações entre os cônjuges idosos no estabelecimento de acordos, dos quais é dada a ciência aos filhos/familiares. Muitos dos idosos com os quais mantemos contato no dia a dia, conjeturam sobre essas possibilidades e estabelecem algumas diretrizes: se querem ou não ser cremados, que objetos dar a cada um, e o fazem via testamento, ou legado, por escrito.

As alternativas para o cuidado com os mais velhos, se apresentam na contemporaneidade num universo mais abrangente, contemplando outros atores. Falo do cuidador externo, mas também de instituições que prestam esse serviço, ou de condomínios de idosos.

No caso do cuidador externo, a entrada de pessoa estranha à família, nesse cuidar, pode ser um entrave, às vezes, necessário, porque o outro cônjuge também se encontra envelhecido.

Há ocasiões em que o idoso não aceita estar sob o cuidado de um cuidador, que não seja da família. Deve-se pensar, o quanto é constrangedor ter alguém estranho a nos tratar e a vivenciar os nossos mais íntimos momentos, tendo a intimidade exposta sem restrições. Por esse motivo, minha opinião é de que, se necessária qualquer das opções, o diálogo deve ser mantido, considerando as hipóteses, os desejos do idoso, assim como os motivos da escolha, na tomada de decisão. Decisão essa, que o idoso deve participar, particularmente, no caso de ter sua cognição preservada. Arranjos sempre podem ser encontrados para satisfazer as necessidades do cuidado.

Por outro lado, a decisão de ir para um condomínio de idosos pode, ou não ser do próprio idoso. Viver em lares, em repúblicas, ou em condomínio de idosos, ou instituições cuidadoras-dia pode ser uma escolha conflituosa, quando a decisão parte somente da família.

Caso haja o compartilhamento de cuidado com outros membros vale ressaltar a importância dos acordos sobre quem e como cuidar; como cada um pode contribuir para esse cuidado e como as despesas pelo cuidado serão repartidas. A sobrecarga de uns em relação aos outros, ou omissão de alguns, pode originar mágoas guardadas, ou interpretações de abandono no cuidar, situações que geram constrangimentos familiares.

Galano (2011), já citada, revelando as mudanças ocorridas na concepção e estrutura da família ao longo dos tempos, refere que uma delas foi a responsabilidade pelo cuidado dos pais envelhecidos, o qual era tarefa pertinente à filha mais nova.

Moreira e Cerveny (2016) levaram, em estudo sobre parentalidade invertida, o relato da Sra. A., 91 anos, para exemplificar o encargo que herdou, por ser mulher:

É difícil ser idosa nesse país e ver como os idosos são tratados. A situação política é grave e, sabe, parei de votar aos 70 anos: a lei me permite esse direito, e eu o exerço. É difícil escolher gente competente e honesta na política. Sou como a mulher de verdade (Amélia) da música, que tirava a roupa e ficava à vontade. Tenho 91 anos. Moro nesse bairro desde 1979. Fui a única filha, e a mais nova de uma família com três filhos e nunca me casei. Meu pai morreu e fui incumbida de cuidar da minha mãe, que faleceu aos 98 anos. Com isso não houve espaço para me casar e ter meus filhos. Sou sozinha, mas me sinto feliz por ter cumprido minha missão. (MOREIRA; CERVENY e ZERBINI, 2016, ainda não publicado).

Por conta de todas as mudanças sociais que afetaram a formação da família, ao chegar na Fase Última (CERVENY, 1994), é possível encontrarmos famílias com pelo menos uma geração de idosos. Às vezes, a opção de morar sozinhos é dos idosos, outras, por contingências da própria vida.

Muitos dos idosos, entretanto, podem não tê-los, ou não quererem dar trabalho aos filhos, ou preferirem ter o próprio espaço de liberdade.

Idosos morando sós, ou com os filhos, qual a solução ideal?

Debert e Simões (2012, p.5), revelam que:

A hipocrisia social reside também na visão anacrônica de que a família é o refúgio num mundo sem coração, e que é desejo dos velhos viverem na casa dos filhos e por eles serem cuidados até o fim da vida. Essa visão impede a emergência de outras formas criativas de dar dignidade às etapas mais avançadas do curso da vida. (DEBERT; SIMÕES, 2012, p.5)

Stuart et al (2002) referem que, por vezes, os idosos mesmo morando com filhos, ficam sós em grande parte do dia, quando os integrantes da família estão fora do domicílio por motivo de trabalho. Nesse caso, também sofrem privação de contato social.

O depoimento de B, 94 anos, portuguesa, dois filhos, 06 netos, 07 bisnetos, exemplifica o fato:

A casa antes, com os meninos aqui vindo almoçar, estava sempre cheia...Agora... o 'M' já foi embora (mora fora)..., o 'K', foi morar com a namorada...,... nem o 'L', vem mais almoçar em casa...Ficamos só nós... sozinhos, assim...

Vivendo a fase última - No estudo do fenômeno (social) *residência unipessoal*, Mauritti (2011), Furedi (2002), Penn e Zalesne (2008) são autores que o estudaram, como uma mudança social das mais significativas ao longo da segunda metade do século XX. A primeira autora citada expôs os contextos do *viver só*, ao analisar a produção acadêmica sobre o assunto. Na análise, ela referiu que, até 1990, o assunto foi pouco explorado, à exceção do trabalho de Tunsdall (1966)²⁸.

Mauritti (2011) separou o ato *viver só*, do sentimento de solidão/ solitário/ tristeza, com que a mídia costuma focar a solidão no envelhecimento, como sentido de perda (do ser amado, da família, por exemplo). E referiu, que as representações do *viver só/ estar só* estão longe do paradigma de vitimização, sofrimento ou privação de relações interpessoais.

Juntaram-se à voz desta autora, outras, como Buchholz (1997) e Yum (2003), as quais entenderam que a solidão pode co-existir ou, mesmo ser desejada em quaisquer idades e contextos, num relacionamento, dentro da família, ou de amigos.

Com relação a este assunto, os estudos de Jim Ogg (2003, p.158) e Mauritti (2011, p.14) sobre residência unipessoal na população idosa, também são interessantes e significativos ao considerar que nesses trabalhos, nem a redução de laços afetivo/ sociais, nem a solidão estão presentes. Para os homens, como para as mulheres, morar só, não equivalia necessariamente a *estar só*, ou *sentir-se só*, mas um distanciamento feito por opção, como uma preferência para estarem *na casa em que viviam com seus objetos pessoais, testemunhos vivos de experiências passadas*. Os objetos eram projeções materiais e simbólicas investidas, que, por vezes, orientavam e lembravam fatos vividos: no âmbito profissional, familiar ou de lazer. Os objetos recordavam pessoas e relacionamentos no percurso da vida. Eram objetos referenciais e integrantes de histórias partilhadas.

²⁸ TUNSDALL, Jeremy. **Old and alone. A sociological study of old people**. Londres: Routledge e Kegan Paul., 1966.

Mauritti (2011, p.65) falou da importância das referências familiares na história de vida:

A família constitui uma base crucial de auto-referenciação do passado, no presente e em futuros prováveis... Ela materializa um complexo de laços e apoios emocionais Ela delimita a forma como o próprio se perspectiva a si, aos outros e aos seus contextos. (Mas) enquanto autopercepção, o não ter família, ou não conseguir ultrapassar barreiras de comunicação e partilha nessa esfera, constitui porventura um dos fatores cruciais no aprofundamento e na repetição...de experiências emocionais de solidão e isolamento existencial, mesmo quando de fato o sujeito está mobilizado envolvido numa intensa teia de amizades ou relações de parentesco (MAURITTI, 2011, p.65).

Para esta autora citada a necessidade de pertencimento é ontológica. Ela explicou a importância do *ter uma família* em qualquer idade. É essa necessidade de pertencimento, que faz com que constituamos *famílias de escolha e quase família*. Nelas, é onde incluímos amigos de diferentes esferas/épocas; os laços virtuais (como os advindos da Internet, por exemplo). Esta autora mencionou que esses laços passam por um crivo de escolha, são alimentados no cotidiano pela lealdade e partilha e têm uma intimidade diferenciada. Desse modo, apesar do viver só, a casa guardaria grande parte da vida, objetos pessoais, presenças virtuais de experiências passadas e, neles estaria a *proximidade* de familiares ou amigos, independentemente da distância. O entendimento desta autora tem afinidade com o estudo sobre família credenciada realizado por Cervený e Moreira (2016) e já detalhado anteriormente.

Então, na medida do possível, e presentes as condições necessárias, o desejo de viver só deve ser respeitado, sem dar causa a discussões entre gerações. E, se a convivência entre as gerações é agradável, a construção de memórias perdurará no tempo, para serem lembradas num tempo do não mais existir. São memórias com qualidade, que se tornam vivas, por serem alimentadas pelo afeto, que são comumente rememoradas ao longo de toda a existência.

Relembrando Gilberto Gil (1981), na música Drão...

*Drão,
O amor da gente é como um grão,
Uma semente de ilusão,
Tem que morrer p'ra germinar,
Plantar nalgum lugar,
Ressuscitar no chão,
Nossa sementeadura...*

*Quem poderá fazer aquele amor morrer,
Nossa caminhadura?*

Dura caminhada pela estrada escura...

Drão,

*Não pense na separação,
Não despedace o coração,
O verdadeiro amor é vã,
Estende-se infinito,
Imenso monolito,
Nossa arquitetura...*

*Quem poderá fazer aquele amor morrer,
Nossa caminha dura,
Cama de tatame,
Pela vida afora...*

Drão,

*Os meninos são todos sãos,
Os pecados são todos meus,
Deus sabe a minha confissão,
Não há o que perdoar,
Por isso mesmo
É que há de haver mais compaixão.*

*Quem poderá fazer aquele amor morrer
Se o amor é como um grão,
Morre, nasce, trigo, vive, morre, pão?*

Drão...

Renovação da rede de pertencimento - Como não podemos negar a existência das perdas, é importante cuidar da renovação da rede, como mecanismos compensatórios de adaptação.

Como as pessoas fazem, para compensar as perdas dos familiares e dos amigos? Será que elas passam a considerar a formação de outro tipo de família, que não por filiação ou afiliação (BENGHOZI, 2013)? Existiria uma natureza para integrar pessoas nessa *nova família*? Seria ela composta apenas pessoas vivas, ou também, por aquelas que já se foram? Objetos de lembranças fariam parte dessa família? Animais de estimação alçariam esse *status*?

Acabamos de falar sobre a experiência de morar só e da formação de família de escolha (ou credenciada, ou quase família). A formação de novas redes de pertencimento fomenta o sentido de pertencimento. Além disso, a afetividade é uma fonte necessária para a sensação de auto-estima. Novos vínculos também fazem parte de um resgate de reconquista de subjetividade, de que Neri (2004) e Ferrigno (2009) já citados, reconhecem ser necessário no envelhecimento. Do mesmo modo, a aquisição de novas competências podem e devem ser estimuladas, particularmente, quando favorecem a possibilidade de maior convívio entre gerações.

Fortes (2004) é um autor que considerou, que a estabilidade emocional e o crescimento pessoal real do senescente só são possíveis, por meio dos contatos interpessoais feitos nas atividades, nas relações familiares e sociais, que os idosos desenvolvem no cotidiano.

Moreira e Cervený (2017)²⁹, em recente trabalho, colheram impressões de idosos (09 mulheres e 01 homem), na faixa de 70 a 94 anos, sobre temas da vivência do envelhecimento, em Faculdade da Terceira Idade. As autoras citadas revelaram o valor, que os participantes do estudo deram ao grupo formado na faculdade. Embora os participantes respondessem aos temas postos em discussão, o achado mais importante foi resultado de meta análise: a afeição compartilhada e o sentimento de pertencimento ao grupo. O referido estudo foi qualitativo, com delineamento da Prática Colaborativa Cerimônia de Definição³⁰.

²⁹ Moreira e Cervený (2017). *What happens when us enhances me?* Trabalho apresentado no International Academic Forum (IAFOR). The European Conference on Psychology & Behavioral Sciences, 2017, Brighton, UK, 3- 5 Julho de 2017.

³⁰ Cerimônia de definição: termo empregado por Myerhoff para descrever os fóruns dos quais participaram judeus idosos e imigrantes na década de 70, onde contavam, recontavam e encenavam suas histórias de suas vidas. Andersen (2002) acreditava que a inclusão de múltiplas vozes, numa prática de igualdade nas relações, é um campo propício para processos reflexivos e o desenvolvimento de um fazer colaborativo, com expansão da sensibilidade e o acolhimento de múltiplas realidades. Referiu ter importância na participação da cerimonia de definição, a adoção de uma atitude de escuta ativa, de colocar-se no lugar do outro, não julgar, teorizar ou opinar sobre o que é ouvido. Isto, porque a contribuição oferecida por cada um dos participantes é recebida com o mesmo peso, mesma importância e valor, e representa a dimensão da visão individual de mundo de alguém. O espaço aberto, acolhedor, confortável e informal, e a contribuição dada por um, tende a influenciar mútua e reciprocamente os demais participantes. O autor referido, entendia que esta é uma prática importante para

O que os participantes manifestaram sobre o pertencimento?

[...] Fazem 18 anos que estou nela... (Faculdade da Terceira Idade) ... Ela é uma família. Nos agregamos... Estamos juntas há bastante tempo. Eu sou a mais idosa da turma... Ter essa convivência é um privilégio enorme... Essa turma existe há 20 anos. Falamos das nossas experiências, é um aprendizado... Ter essa convivência é um privilégio enorme pelas atividades que desenvolvemos... Estive dois anos fora (motivo saúde), fico feliz por estar de volta... Conviver com essa turma é uma das coisas boas hoje. Podemos nos embonecar para encontrar a turma. A amizade é sincera e é um lugar onde a gente se sente bem... Gosto de todas... Me emocionou o tamanho da afinidade que o grupo tem... Aprendo com minhas colegas e tudo que falam fica na minha cabeça! Não perder o que tenho no momento (essa convivência), levar isso adiante... Amizade, amor, a família, honestidade, solidariedade, religiosidade, lealdade, gratidão... (Encontramos aqui).

...O que ouvi, me deixou feliz, porque o velho que sou ficou encantado com o que ouviu. Coisas que as senhoras disseram, vejo que aqui só tem meninas. O único velho aqui sou eu. Fiquei feliz em ouvir o que ouvi. Só fiquei desconfortável por coisas que elas disseram que fazem e eu não faço. Sou um herege! ...

Comentamos em linhas atrás a inclusão de integrantes a compor uma família **credenciada** (grifo nosso), em pesquisa realizada pelas autoras referidas acima. Estas descobriram que a inclusão desses novos membros é escolha feita pela convivência do cotidiano, além dos membros remanescentes da família sanguínea. Quem eram eles? Eles se constituíam de prestadores frequentes de serviço (manicure, psicólogo, fisioterapeuta, jornalista, porteiro do edifício, seguranças, taxista, cuidador, professor de Pilates, padre, garçons, pessoas falecidas, colegas de academia, colegas de doutorado, colegas de grupo de estudos, orientadora do mestrado, ou do doutorado, colegas da faculdade, pessoas com as quais frequentam o clube, fazem viagens de lazer), namorado, objetos presenteados, como se fossem personagens vivos que contam histórias, pessoas com as quais se relacionavam em trabalho voluntário, ex- alunos, o grupo do whatsapp, fotografias e a professora de ingles.

Uma das participantes (90 anos), em resposta à pergunta de como catalogaria os objetos esparsa e primorosamente dispostos em sua casa, respondeu: *como amigos e lembranças desses amigos*. Tais objetos eram quase personagens de sua história de vida, que a memória trazia para o presente. Para ela, a vida estava impregnada neles, no seu dia a dia, como constante companhia.

Família credenciada?

Arlene Moreira

*Entre as décadas
De dez a vinte,
O Líbano presenteou a América
Com a cultura
Da gente que de lá saía
Para terras de fartura.
No Brasil e no Texas
Ancorou um navio,
Que deixou nove irmãos
Da mesma família.
Gente desbravadora,
Aceitou o desafio
De vencer.
Eles acenderam o pavio
De, pelo trabalho, o merecer.*

*Filhos mortos, queridos,
Foram substituídos,
Com novo nascer
Nos nomes repetidos.
E a ausência deles
Pedia ao coração
Por escondida adoção,
Mas recuperada filiação,
Proposta pelo casamento
Em novos acolhimentos.*

*As separações ou uniões
O amor encobria*

*Outras ligações,
Nem sempre sabidas...
Isso nem importava
Com tanta gente amada.
Santos, São Pedro, Piracicaba
Os acolhiam!
Se a doença ceifava
Os homens da família,
O amor os resgatava
Para perto, em seus filhos:
Lições guardadas
Para preencher a vida!*

*Os amigos sitiantes,
Os compradores do comércio,
Os doutores da América
Com seus filhos
Eram uma família agregada.
Nos sítios, com mangueiras de frutas carregadas,
As parreiras germinavam
Das mudas provindas do Líbano,
Cujas folhas secas
As crianças recolhiam
Na brincadeira de escola
No quintal, a menina professora comandava,
E elas a obedeciam.*

*O quadro configura
O feliz resultado
Do sonho pintado
Por gerações de libaneses.
Revela o século passado
De trabalho,*

*Que se fixa nas lembranças,
Contadas em histórias para crianças,
De sapos, que viram princesas.*

*Hoje, na casa,
Estão os testemunhos:
Documentos, pinturas, postais,
Objetos, esculturas, vitrais...
Ouvimos e vemos a partitura
Cantada dos jograis.
Ali, estão consagrados
Vestígios da família credenciada.*

*A menina por tantas mães,
Cuidada, envelheceu.
O tempo passou por ela
E deixou no apego,
Novas irmãs conquistadas:
Pesquisadoras recolhem o vinho
Das libanesas parreiras.
Muitas folhas repousam
No quintal de muitas casas,
Povoando a ciência e o cuidado.*

Embora a finitude alcance a todos e torne compacta a rede, a manutenção da saúde mental necessita ser mantida pela convivência com o outro. Para isso a rede ao minguar deve ser constantemente implementada por novos integrantes para o compartilhamento da vida e suprimento de eventuais necessidades de ajuda.

Mendes (2005, p.5) referiu, que ser ouvido, receber contingência, escutar, pertencer a um grupo e possuir um objetivo são necessidades presentes em todas as fases da vida. Há prejuízo na saúde, quando escassos são os contatos. Entretanto, pode ocorrer incompreensão por parte dos mais jovens, ou dos demais membros da família sobre o envelhecer...

Em todas as fases da vida, a família exerce uma importância fundamental no fortalecimento das relações, embora muitas vezes a família tenha dificuldades em aceitar e entender o envelhecimento de um ente, tornando o relacionamento familiar mais difícil. O indivíduo idoso perde a posição de comando e decisão que está acostumado a exercer e as relações entre pais e filhos modificam-se. Consequentemente as pessoas idosas tornam-se cada vez mais dependentes e uma inversão de papéis estabelece-se. Os filhos geralmente passam a ter responsabilidade pelos pais, mas muitas vezes esquecem-se de uma das mais importantes necessidades: a de serem ouvidos. Os pais, muitas vezes, quando manifestam a vontade de conversar, percebem que os filhos não têm tempo de escutar as suas preocupações (MENDES, 2005, p.5).

Gênero e cultura - As questões referentes à trajetória de vida, tanto na família, quanto individualmente, envolvem construção de narrativas com diferenças de gênero. De acordo com Lins de Barros (2006, p.111) as narrativas pessoais, no evocar, envolvem idas e voltas ao tempo passado e ao presente. Para esta autora, a memória é capaz de reconhecer as marcas das tradições, dos símbolos e dos mitos familiares, da educação e da cultura. E, no momento do recordar, é como se o momento sócio-histórico fosse propício (ou exigente) para a execução de tal ou qual projeto de vida na constituição da identidade.

Buriti e Aguiar (2009), em pesquisa em que analisaram as identidades de gênero sob o olhar historiográfico, referiram a importância de explicitar as perspectivas dessas identidades no contexto de cada paradigma histórico.

Se hoje é civilizado dizer que homens e mulheres têm os mesmos direitos, isso foi uma motivado pela construção e tradição traçadas nas culturas. O que ocorre é que, por conta da diferença com que homens e mulheres, seja por influência religiosa, econômica, social ou política, foram educados, criados e alçados em funções construídas e ditas próprias para cada um, os ranços no exercício desses papéis, ainda nos alcançam e podem ser sentidos.

As mudanças ocorridas ao longo do tempo envolvem as gerações envelhecidas e marcam diferenças, perceptíveis pelas gerações mais jovens.

Podemos deixar um exemplo do cotidiano, em cena de vida real:

Data: 1994.

Evento: Almoço de domingo na casa dos avós.

Estão presentes os 02 filhos (um homem e uma mulher), genro e nora, os sogros da filha e todos os 06 netos do patriarca. Ao todo 14 pessoas. O jogo é sueca, e jogado em duplas. O avô joga com o filho; o genro joga com o pai dele. Só os homens jogam, aos pares. As mulheres preparam o almoço, a mesa, servem as cervejas, alguns petiscos... O patriarca pede para a esposa lhe trazer os chinelos (Ele e a mulher acabaram de chegar da missa. Ele ainda calça os sapatos sociais). A mulher se posiciona, os chinelos do marido à mão e fica

parada ao lado dele. O patriarca diz: *mulher, o que estás à espera?* Ela responde, *que você se vire, para eu calçá-los.* Ele retruca: *Ainda tenho que me virar?* Ela não diz nada. Fica à espera e ele se vira. A neta de 17 anos, que observa a cena, repreende a avó, por ela se abaixar e calçar os chinelos ao marido. Diz: *Avó, o que é isso, tenha dó!*

Falamos de pessoas que nasceram entre as décadas de 20-30 para os dias atuais, e que foram educadas sob a influência do pós-guerra, quando as diferenças na educação dada para homens e mulheres eram bem demarcadas.

Essas diferenças, em certas culturas, ainda permanecem e são referentes ao sexo e gênero. O sexo é característica biológica, mas a natureza da mulher, ou do homem é que serviu à manipulação para a organização da sociedade familiar, no desempenho dos papéis esperados.

O assunto inclui, ainda, os tipos de organização social, que informaram às famílias, o lugar da criança, do jovem, ou da mulher na sociedade, o momento de falar, ou de calar, o posicionar-se, ou não, perante o assunto. Tal organização, enquanto construção cultural e social ainda é vista e sentida, no protagonismo feminino preferencial da cena doméstica das gerações envelhecidas. Para estas gerações, a mulher ainda pode ser vista, ocupando o lugar da *rainha do lar*; e o homem ao se aposentar, se sente como quem não tem um lugar próprio na casa, a qual, desde sempre, foi o reduto do feminino.

Mas, Buriti e Aguiar (2009, p.139) explicam, que *as imagens de passividade, confinamento e desigualdade foram construídas em meio a elementos da cultura, configurações sociais ou de classe, etnia, religião, costumes e trabalho* em momentos históricos. Um panorama que tem sofrido mudanças.

Conforme vimos no ciclo familiar, o viver o envelhecimento, exige do homem e da mulher uma reinvenção da convivência comum para envelhecerem e usufruírem desse viver a mais. Isso vale tanto para a vida doméstica, como para a vida social, ou ocupações laborativas. No caso de ambos terem exercido suas profissões/ ou funções de trabalho externo, essas funções poderão ser referência para a escolha de novos projetos na velhice e/ou reconstrução de biografias.

Entretanto, para a reconstrução de biografias, também faz-se necessário haver na sociedade um canal aberto de possibilidades para a inclusão em novos projetos e dar continuidade ao protagonismo social.

Acredito que as Faculdades de Terceira Idade foram e são um exemplo para essa tentativa de reformulação de biografia. A afluência de idosos desejosos de atualizar

conhecimentos, informar-se e criar novas redes é uma demonstração do fato, conforme mostram, inclusive, os estudos de Oliveira e Passerino (2012) citados.

Individualmente, a passagem pelo ciclo de vida familiar de Cervený (1994), até a Fase Última, segue em paralelo ao ciclo individual de Erikson (1998), com movimentos concomitantes e independentes de mudanças, que se complementam e se completam.

Cervený (1994) ao explicar a concepção para a nomenclatura das fases do ciclo familiar, referiu que ficou desconfortável ao chamar *Fase Última*, à quarta fase do ciclo, pois parecia reforçar o fim próximo. Mas, como não encontrasse alternativas de nomeação, que satisfizessem sua concepção, foi a melhor que encontrou. Ela costuma referir, ser esta uma fase de avaliações, reflexões, balanço e mudanças sobre o percurso familiar, individual, social ou profissional...

2.2 Construções de castelos

O início do ciclo de vida individual ocorre dentro da família, para depois, alçar espaços que proporcionam e propiciam o encontro com o outro. É no encontro com o outro de diversos grupos, que existe a possibilidade de crescimento da subjetividade, como cadinho de oportunidades, ações e responsabilidades para serem assumidas e que preparam o indivíduo para o *dever ser*.

No processo de subjetivação da criança, ela é cuidada e se desenvolve, mas também se expõe às figuras da alteridade, do não eu, e, com isso, aprende a renunciar sua *onipotência*, assim como a depender do outro, no ambiente social e físico, do objeto que a acolhe, do “*holding*” materno, nas experiências de transformação e de mutualidade (WINNICOTT, 1973). Na carência de tais fatores, o autor acima citado, referiu que há perda na auto-estima do pequeno ser.

Em momento temporal histórico anterior, René Spitz (1945), em mais de cinquenta filmes, documentou seus estudos sobre o desenvolvimento infantil em crianças hospitalizadas³¹, e já apontava, que a perda de sustentação afetiva podia levar a uma depressão anaclítica por perda do objeto amado. Tal fato levaria a criança a adotar um

³¹ Spitz, René (1887-1974). Médico psicanalista austríaco de família judia, emigrou para os Estados Unidos em 1939. Realizou observações, quanto aos efeitos emocionais por privação da presença materna, apresentados em crianças internadas, cunhando o termo “depressão anaclítica (hospitalismo parcial), para referir-se à perda do objeto de amor; e hospitalismo, quando essa privação tinha duração maior do que 3 a 5 meses.

comportamento regressivo e, até mesmo, se deixar morrer, por não ter ninguém por quem viver. O afeto é um ingrediente importante em qualquer fase da vida.

Para Winnicott (1973), a subjetividade está em contínua formação. No idoso houve um bebê, que existiu e ainda existe, e que vai sendo (re) construído, permanentemente, nos canais de afetividade e na compreensão de significados partilhados, estabelecidos com os outros no cotidiano. Vê-se que a afetividade é um fator importante, também na velhice.

Nessa subjetividade em formação, Erickson (1998), já citado, pensou o ciclo individual, no qual o desenvolvimento psicossocial individual ocorria em fases desde o nascimento, infância, adolescência, fase adulta jovem, fase idade adulta, maturidade, senescência até a morte. Nessa concepção ocorreriam fenômenos ritmados: desenvolvimento, movimento, crescimento em cada uma das 08 (oito) fases, como um processo. Em cada uma delas, estaria presente uma tensão dialógica entre os mundos: o interno (psicológico) e o externo (social). As fases perfariam um objetivo: a transformação e a conquista de uma força psicossocial em cada uma delas. Da díade de forças em luta deveria emergir uma resultante conquistada. Todas as forças resultantes (8) para emergirem, entretanto, dependeriam da capacidade interna individual, assim como do contexto das relações sociais na família e fora dela.

Num paralelo entre as concepções de Cerveny (1994) e Erikson (1998), os estressores horizontais, que afetam a família, são as crises promovidas pela tensão entre a dupla oponente sincrônico/ distônico, do entrelaçamento dos mundos interno e externo, que são concorrentes com os eventos pelos quais a família atravessa ao longo do ciclo vital familiar.

Ao chegar à Fase Última do ciclo vital de Cerveny (1994), para a bagagem individual de forças resultantes e emergentes, adquiridas do ciclo de Erikson (1998), se esperaria um conjunto de forças, já conquistadas, as quais seriam: Esperança, Força de Vontade, Propósito, Competência, Fidelidade, Amor, Cuidado, Sabedoria e Gerotranscendência.

Caridade (2011) chamou de *Gerotranscendência* à capacidade de mudarmos de atitude, de metas ou de perspectivas, no nosso modo de olhar a vida, nós mesmos e/ou os outros. Essa força pode forjar em nós um ego forte, capaz de nos dar sustentação ao envelhecer e um nível maior de satisfação com a vida.

Talvez, possamos, aqui fazer uma aproximação entre o momento de complementação das forças do ciclo individual (ERIKSON, 1998), com a idéia de *metanóia* (JUNG, 1972), a qual Arcuri (2006, 2012) explicou relacionar-se à certa característica do processo de envelhecimento para a segunda metade da vida, intimamente ligada à individuação

(*metanóia*). Enquanto conceito, Jung (1972) define *metanóia*, como o momento em que ocorre uma reorientação do corpo dos pensamentos e das emoções em direção ao mundo interno.

Arcuri (2012) em uma abordagem transpessoal³², referiu que, com a idade e diante da finitude, aspectos da personalidade antes negligenciados, passavam a ter melhor consideração. Assim, mágoas, ressentimentos, amor impossível do passado que constituíam fardos deveriam ser abandonados. E o grande desafio nesta fase da vida é abandonar as infelicidades vividas e abrir fenda para o futuro... Lembrando da mitologia, podemos dizer, que os fardos do passado devem ser abandonados para não sermos devorados por Cronos³³.

Daí vem a ideia, que traz o termo grego *metanóia*, que significa *mudar o próprio pensamento, mudar de ideia*, no sentido que o indivíduo pode/deve experimentar mudança de valores para um novo modo de viver.

Porque *metanóia* associada a esta fase? A explicação é de que na primeira metade da vida, definimos nosso universo pessoal, os objetivos, o que é importante para nós ou não, o que nos move, os nossos limites e já trabalhamos o reconhecimento e o respeito pela alteridade.

Arcuri (2012, p.94) manifestou o entendimento do Ego³⁴, como um corpo de pensamentos, emoções, sensações que define um universo pessoal, garante a identidade física, social e psicológica do ser humano. E disse, que o foco, que iluminava o Ego, ao atingirmos a

³² Abordagem transpessoal: O autor reconhece uma revolução paradigmática, com crescente aproximação entre a filosofia, a ciência, a arte e a religião, no sentido de romper as barreiras entre as concepções de mundo oriental e ocidental.

³³ Na mitologia grega, Cronos é filho de Urano e Gaia, cortou os testículos do pai e o destronou, a pedido de sua mãe, porque ao lhe nascerem os filhos, Urano devolve-os ao seio materno, com medo de ser destronado. Cronos casou-se com Réia, sua irmã, com quem teve 06 filhos (Héstia, Deméter, Hera, Hades, Posidon e Zeus). Com medo de ser destronado por seus filhos, engolia-os ao nascer. Entretanto, Réia, o enganou, em relação ao último deles, apresentando a ele uma pedra enrolada num pano. Nada percebendo, Cronos engoliu a pedra e Zeus permaneceu vivo. Zeus, querendo vingar-se do pai, obteve a ajuda de Métis, filha do titã Oceano, que ofereceu uma poção mágica a Cronos, fazendo-o vomitar todos os filhos devorados. Foi assim que Cronos foi destronado e Zeus tornou-se a divindade suprema (BRANDÃO, 1996).

³⁴ Sobre o Eu, Ego e o Self: para esse autor o Eu permite vivenciar um sentido de identidade estável, apesar da diversidade das experiências e responde pela harmonia e equilíbrio do nosso mundo interior. É o representante da consciência, que possibilita que nos conheçamos em todos os nossos aspectos, manifestos ou não. Embora seja um elo entre os níveis superior e inferior do psiquismo e transite entre o Ego e o Self (potencial mais amplo), não pode se fixar ao mesmo tempo em ambos. Através dessa possibilidade de ligação, Arcuri (2012) refere que o ser humano pode desenvolver um crescimento equilibrado e expandir sua consciência, e isso nos remete à questão da espiritualidade e da criatividade. Com relação ao Ego, ele é um corpo de pensamentos, emoções e sensações que define o universo pessoal. Numa perspectiva transpessoal, este autor diz que o Ego nos aprisiona, porque enxergamos o mundo através desses pensamentos, emoções, sensações e, assim, não temos a percepção da totalidade por conta dos mecanismos de defesa do Ego. No envelhecimento, o Ego precisa desaparecer gradualmente, para transcender. Já o Self é o centro superior da personalidade, fonte de amor, de sabedoria e de inspiração criativa. É a ligação com o Self que, para este autor, leva à maturidade psicológica.

maturidade, pode ser direcionado ao Self, esse mundo interno, que nos permite vivenciar a transcendência. Este autor citado ilustrou o modo pelo qual se dá essa realização transcendental, ao dizer que é preciso considerar a vida como um processo ininterrupto, no qual passamos por constante desenvolvimento e ampliação da consciência. Essa expansão da consciência nos daria a capacidade de reconhecer facetas da personalidade, buscar em nosso íntimo uma fonte de conhecimento, de inspiração e de criatividade, como “o olho que tudo vê”³⁵. O autor referido entendeu a realização transcendental, como a ligação Eu- Self, *que permite aos indivíduos serem fortes (em Ser) e flexíveis (em Fazer e Ter)*, verem a espiritualidade como a experiência que permitiria reconhecer o todo na unidade (o eu com o outro, e com a vida).

Voltando a Erikson (1998) e às forças emergentes do ciclo individual, em relação à *Geratividade*, bom relembrarmos ser esta a força sintônica da 8ª. Fase, antagônica à força distônica *Estagnação* (falta de propósito). A Geratividade diz respeito à tendência, que os mais velhos têm de cuidar da geração futura, pelos dons naturais para ensinar, orientar, transmitir conhecimento e cuidar. Aquela transcendência (*metanóia*) referenciada por Jung (1972).

Nos dias atuais, a formação da 8ª. Fase de Erikson (1998), diante da longevidade alcançada prolongou-se. Nesse prolongamento, os anos a mais de vida dão margem a que outros interesses sejam explorados. Os filhos crescem. Os netos, por opção do novo casal parental, têm seus nascimentos adiados, por objetivar interesses profissionais ou outros, e podem ou não acontecer.

De qualquer modo, o cuidar deles deixou de ser função exclusiva da avozidade. Eles têm o início da vida escolar também antecipado e seguem no cumprimento das respectivas individualizações.

O prolongamento da vida, as mudanças ocorridas na estrutura da família e a diversidade dos contextos permitem, que as gerações anteriores façam outras ocupações do (e no) tempo a mais do viver.

O viver a longevidade tem- se apresentado de modo diferente de antigamente, e isso transparece nas histórias de família. Os avós de hoje correm maratonas, fazem coreografias artísticas, frequentam Faculdades da Terceira Idade, viajam sozinhos, praticam voluntariado

³⁵ ‘O olho que tudo vê’ tem significados que foram sendo adotados ao longo dos tempos. Originalmente, na Mitologia do Egito Antigo fazia referência ao Olho de Osiris/ Horus. Na batalha contra Seth, Horus perdeu um olho, e este artefato foi feito para ficar no lugar. Teve o significado de amor e proteção. Aqui, o contexto é de uma visão ampliada das coisas.

e, ao se separarem dos companheiros de 40/50/60 anos de convívio, namoram, casam-se novamente, exercem outras tantas atividades no tempo expandido da vida.

Podem, por isso, não serem compreendidos pelos familiares, que prefeririam ver seus velhos mais sossegados, por causa da idade e por terem uma imagem **pré- determinada** (grifo nosso) de como um idoso deve ser, ou comportar-se.

Identidade: Bauman (2001) chamou “sociedade líquida” ao valor dado ao corpo, ao universo da imagem e da aparência que impera na sociedade de consumo e, que se resume na importância do ‘TER’, em detrimento do “SER”. A sociedade na qual há a necessidade de demonstrar a capacidade de ser seduzido pelo consumo; como um deixar-se levar pela água, na fluidez dos laços pessoais, na constante reciclagem e substituição do objeto de desejo.

Sant’Anna (2001), na década de 1990, escreveu suas reflexões em dez ensaios e as fez publicar em livro. A autora referida, parte do princípio, que, atualmente, o corpo é o mais desejável objeto de consumo e, por meio de intervenções tecno- científicas, passou a ser, continuamente, construído. Ela notou, que, por volta dos anos 80, o corpo começou a ser um território experimental, a ser construído e exibido; e sua beleza e valorização passaram a ter condição existencial. Assim, o corpo é motivo de contínua metamorfose e faz parte do imagético, do efêmero: uma mercadoria que deve perseguir os cânones da beleza e a lógica do mercado.

Nussbaum (2009)³⁶, em relação aos tempos atuais, referiu que o homem completo (com seus valores e honra) deu lugar ao homem comercial. E o que ela chamou de *homem*

³⁶ Esta autora apresenta os dois modelos de Educação: uma, voltada para a cidadania e outra, de desenvolvimento restritivo, esta última voltada para o crescimento econômico. Faz um retrocesso sobre alguns eventos: 1. Novembro de 2005, experiências para uma educação democrática; 2. Março de 2006, quando o Reitor da Universidade de Harvard, Lawrence Summers, foi para a Índia, dirigir o evento “Harvard na Índia”, incluso no currículo dedicado à Ciência e Tecnologia. (Neste evento, nenhum acadêmico indiano participou. O custo era da inscrição era de US\$100. Só o preço do custo afastava a participação); 3. Outubro de 2006, quando a Comissão do Departamento de Educação dos Estados Unidos sobre o futuro da Educação Superior, na figura de Margareth Spellings, apresentou um Relatório sobre o estado do Ensino Superior no país. Neste relatório ela foca, exclusivamente, o crescimento da Economia Nacional e a rentabilidade no Mercado Global. Deixa de lado a investigação científica de base dessas áreas e restringe-se à aplicação dos conhecimentos voltados para a estratégias de ganho financeiro rápido; 4. Quando ela mesma, convidada para dar uma palestra sobre “O futuro da Educação Liberal”, no último momento, percebe que o título fora alterado para “As últimas conquistas da Ciência e da Educação”. A autora cita esses exemplos para refletir sobre a educação e o sentido dela e da sociedade democrática. Quando se fala em Ciência e Tecnologia, a política que emerge é a que visa o lucro e não o bem-estar dos povos. A educação voltada ao desenvolvimento humano, objetiva desenvolver capacidades, concentrar-se sobre a vida, a saúde física, emocional e mental, a desenvolver uma razão prática, a prática de atividades recreativas, de relacionamentos significativos e respeitosos, de respeito ao Meio Ambiente e à Natureza. Esse modelo ajuda a entender os problemas, a conectar-se com outras civilizações e culturas numa atitude de respeito ao diferente. Por outro lado, a educação de desenvolvimento econômico tem como política a formação do homem comercial, e tem como competências básicas: a alfabetização, a familiaridade rudimentar com a História, a evitação da reflexão sobre as classes e sobre o investimento estrangeiro ser ou não benéfico aos pobres do campo, sobre a distribuição das oportunidades e a docilidade de uma elite tecnológica. A autora não discute o conceito dessa educação científica e técnica ser boa ou não, mas se preocupa com a saúde interna da

comercial? Ao homem voltado unicamente ao lucro, ao consumo, à produção... Nussbaum (2009), citada, referiu, que os progressos da ciência auxiliaram no desequilíbrio na balança moral do homem, obscurecendo-lhe o lado humano. Com isso, a vida, enquanto significado, não é mais pontuada.

A metáfora de Bauman (2001), igualando os valores da sociedade à liquidez e velocidade com que a água escorre; pondo o foco para o valor do corpo jovem, representante da saúde e da vida, fez com que no imagético, os que não se coadunassem ao conceito “jovem”, fossem quase que excluídos da vida. Assim, o idoso é visto como alguém que perdeu seu lugar social e é incapaz de seduzir ou de ser seduzido (SANTOS; MOREIRA; CERVENY, 2014).

Com essa desvalorização, a velhice causa mal-estar, por lembrar o fim próximo e o não ser. Isso coloca o velho numa espécie de *eutanásia natural*³⁷. A fase velhice passa a ser aquela ausente de sonhos, de esperanças, ou de vivências de sexualidade.

Sociedade pós- moralista e Gilles Lipovetsky

Arlene Moreira

Diz Gilles:

Preceitos superiores?

Não, não mais

Podemos vê-los.

Só com eufemismo

Ou descrédito.

Porém, sem o zêlo

E na depreciação

De quem os desvaloriza.

Democracia, pois ao privilegiar o lucro, deixa—se de lado o pensar criticamente, o projetar-se no lugar do outro, a capacidade de transcender lealdades locais, e o desenvolvimento de uma consciência moral. O que diferencia as formas de educação está relacionado à presença das Humanidades e Artes nos currículos, o que estimula o desenvolvimento de um pensar crítico.

³⁷ Faço uma metáfora e utilizo aqui o termo *eutanásia natural* empregado por Royo- Villanova, em 1928. Nessa ocasião, ele a empregou, no entanto, para determinar morte natural ou senil, resultante do processo natural e progressivo do envelhecimento.

*Vale, agora,
Do ego, a imediata satisfação,
Da paixão.*

*Passa por nós, o vento da felicidade.
Somos nós,
A sociedade pós,
Das profanas finalidades.*

*Nosso eu
Quer ser atendido.
O egoísmo suplantou a alteridade...
Que importa o outro
E suas necessidades?
Não há mal-entendidos.
No passado, refém
Do dever, ou do ofício,
A religião impunha o sacrifício.
Hoje, a autonomia da moral, negada,
Não há mais amém!
Obrigações, sanções, mais nada.*

*Nem mesmo saudade.
Vale minha vontade,
O coração e a festa.
E, em muitas frestas
A liberdade se manifesta,
Sem remorsos
Nos nossos dorsos.*

*Nesse panorama
A mídia se inflama
Com o passatempo*

Dos acontecimentos.

Há muita fumaça

Nessa breve existência.

Essa alternância terá sentido?

Corpo e alma assim invertidos?

3.3 A nostalgia do olhar

Heterotopic space

Arlene Moreira

In the surface of the mirror,

I see some footprints in the sand...

What am I doing?

I am thinking about...

I follow others that came before me

By recreating their ideas,

Rereading their thoughts...

And as I am thinking,

I open the drawers of my past

To revival my parents,

My relatives, my friends,

And the places, where we used to go,

The events and happenings of the past.

I am saving memories

By bringing them to life again

From the ashes of time.

And as I am wandering about

The present, and the past time,

*All they together
 Are closer to me
 In a golden place.
 I can feel the same taste
 And smell.
 That the memories bring to me.
 I feel that they never left me
 The images from the past, present or future
 Are alive in my mind,
 Forever and ever,
 Until I die.*

Para falar da ocupação do espaço pela pessoa de idade, reporto-me à Fenomenologia, enquanto possibilidade de explorar o homem e seus espaços sociais.

Lembro-me de um texto, datado de 1967, “De outros espaços. Heterotopias”³⁸, no qual o autor afirmava a importância do espaço, enquanto relações de localização. E apontava

³⁸ Este texto foi explorado na Disciplina, “A História do Corpo”, ministrada pela Prof. Dra. Denise Sant’Anna, em grade disponibilizada nos Estudos Pós-graduados da PUCSP, no primeiro semestre de 2015. Michel Foucault. *De outros espaços* (1967), *Heterotopias*. O texto, realizado para a Conferência no Cercle d’Études architecturales, 14 de março de 1967. Publicado in *Architecture, Mouvement, Continuité*, no. 5, Oct 1984, pp.46-49. Nele, o autor fala da obsessão do século XIX com a idéia de ciclo e afirma que a obsessão da época contemporânea é com o espaço, mas que o espaço já era explorado na Idade Média, e a preocupação, portanto, não era nova. Lá, havia lugares profanos e sagrados, protegidos e sem proteção, os quais grosseiramente poderiam ser chamados de ‘espaço’ Foucault acreditava que ainda há alguma oposição entre os diferentes espaços, que a prática não ousa violar (espaço da família, espaço do trabalho, por exemplo). Com relação aos princípios das heterotopias, o primeiro deles, consiste no fato de estarem presentes em toda cultura, e poderem ser heterotopias de crise (os lugares sagrados, o serviço militar, a tradição “lua de mel”, como o lugar não lugar, onde o defloramento das jovens mulheres poderia acontecer, até a metade do século 20), as quais estão desaparecendo; ou de desvio, como as casas de repouso, prisões, clínicas psiquiátricas. Explica a qualificação “de desvio”, pela ociosidade com que se reveste (o lazer é a regra, a ociosidade é o desvio). O segundo deles, é que uma sociedade pode fazer com que uma heterotopia tenha uma função diferente de acordo com a sincronia da cultura. Como exemplo, Foucault (1967) cita a heterotopia do cemitério (da hierarquia das sepulturas, inicialmente dentro das igrejas, no século XVIII, no século XIX, passa para o limite da cidade. Da crença do cuidado para com a alma, à crença de que são os mortos que trazem as doenças para os vivos). O terceiro princípio é que a heterotopia é capaz de justapor diversos espaços, complexos e organizados, mesmo que pareçam incompatíveis. Como exemplo, cita o jardim e as representações simbólicas que ocupa nas diferentes culturas (persa, chinesa, por exemplo). O quarto princípio, o autor refere que as heterotopias estão ligadas a recortes do tempo, quando os homens chegam a uma espécie de rutura com o tempo tradicional e que, por razões de simetria se abrem para heterocronias. É o exemplo dos museus, das bibliotecas, nos quais o tempo se amontoa continuamente; dos festivais, ou feiras sazonais, nas quais é como se a história voltasse às origens e fosse possível um conhecimento imediato. O quinto princípio diz respeito à pressuposição, de que nas heterotopias exista algo semelhante a um sistema de abertura e fechamento, que as isola, ou as torna permeáveis. A entrada a esses lugares (heterotopias) pode ser obrigatória (Ex.: prisão); quando não, também é livre. O último princípio é que as heterotopias têm uma função a todos os espaços que permanecem. Uma função que se desdobra: ao mesmo tempo em que criam o espaço de ilusão, denunciam como mais ilusório ainda todo o espaço real, ou os lugares em que a vida humana é compartimentada; ou, então, criam um outro espaço real, tão perfeito, ou mais

heterotopias, como espaços possíveis sem marcas geográficas ou reais, onde se podia viver, ao contrário das utopias, uma construção imaginária, sem localização real. Nesse espaço o autor acreditava poder haver uma mistura, uma espécie de espelho. Nesse espelho poderíamos nos ver, onde não estamos, como uma espécie de sombra. E é através do espelho, que nos ausentávamos do lugar em que podíamos estar, um modo pelo qual nossa visão voltava-se a nós e nos reconstituía. O espelho, nesse sentido poderia ser uma heterotopia, pois podíamos nos ver, no tempo real e conectados a um espaço irreal.

E assim, imagino alguém envelhecido, olhando-se no espelho e viajando por outros tempos.

Bachelard (1974, p.358) mencionou que, *a casa é nosso canto no mundo*, o nosso ponto de referência, como a imagem poética de proteção em relação ao mundo exterior, ou de poder reviver a casa natal inscrita em nós. Esse pensamento trouxe-me à lembrança uma visita, que fiz para a realização de monografia sobre envelhecimento, em curso de Especialização em Terapia de Casal e de Família. A participante era uma senhora de 81 anos, oriental (sansei), que começara a correr por problemas de depressão há mais de 30 anos, e acabara por despertar admiração, estima e solidariedade por parte de membros da família e fora desta. Na entrevista, ela levou-me à sala de visitas, para mostrar-me os troféus ganhos, as fotos tiradas dos eventos, na prática das provas de maratonas em que competira, sempre angariando os primeiros lugares em sua faixa etária. E ela me disse, que soubera, ter sido seu pai um maratonista, no Japão, premiado em muitas cerimônias. *Imagine, eu sendo mulher, sigo o que ele já fez...*, como se reportasse ao choque entre culturas. E, também, o quanto, apesar de ser mulher, podia despertar o respeito e a admiração entre os familiares e amigos.

A oportunidade do convívio de até quatro gerações traz a oportunidade de comparar modos e tempos de vida, e os trajetos singulares de cada um. Pessoas inspiradoras e inesquecíveis sempre influenciaram e influenciam trajetos intergeracionais e fazem parte da história da família, seja para o bem, ou para redimensionar e ressignificar o rumo da história pessoal a seguir. Desse modo, os personagens familiares compõem suas histórias individuais de vida, nos quais levam os exemplos de momentos de embate e superação, de determinação, de afetividade, ou de motivação, que vivenciaram, ou souberam nas histórias relatadas pelos familiares.

arranjado do que os confusos e malconstruídos que vivenciamos (heterotopia da compensação. Como exemplo, o autor cita as colônias dos jesuítas na América do Sul).

As famílias têm seus mitos, suas crenças, suas culturas e seus valores. Podemos pegar o exemplo que Krom (2014, p.31) expôs, sobre o mito da conquista e do sucesso, presente em famílias de emigrantes. Ela se embasa na frase: *se as raízes são fortes, a árvore se sustentará*³⁹.

O significado da frase, depreendida do teor religioso, pôde ser interpretado por Gibson (2012), que, ao estudar os símbolos e seus significados expôs: as raízes representam o inconsciente; o tronco, o consciente; e o cume, a necessidade de individuação.

Krom (2014), reportando-se aos mitos, revelou que a perseverança de propósito e a crença na realização é o estandarte do conquistador. Nesse sentido, a entrevistada a que me referi em linhas anteriores, dizia que, lembrar-se do treinamento, lhe dava a certeza do conseguir realizar, de ver a medalha conquistada.

Pela Teoria da Complexidade pode-se compreender que os valores, as tradições, os mitos e as crenças familiares, que dão suporte e sentido à concepção individual de mundo, estão em constante movimento no ciclo de vida individual, muito embora se iniciem na família de origem.

Moscovici (2003), tratando de representações sociais (RS), refere que o objetivo delas é explicar os fenômenos humanos, a partir de uma perspectiva coletiva, sem perder de vista o individual. Este autor relaciona as representações sociais com o estudo das simbologias sociais, tendo em vista o modo pelo qual os símbolos influenciam a construção do conhecimento.

O mesmo autor citado, continua em sua explicação, referindo que essas RS são como uma reapropriação de conteúdos, provenientes de diferentes períodos, que vão se ajuntando aos gerados em novos contextos. Uma das finalidades das RS é tornar familiar algo não familiar, o que é feito com a transformação da informação, no intuito de tornar possível a compreensão e manipulação dos novas ideias e acontecimentos a partir de ideias, valores e conhecimento anteriormente internalizados. Desse modo, *a familiaridade* com o novo exige uma *digestão*, que é feita pela memória, em processos mentais de armazenagem e transformação.

No processo acima, segundo o autor citado, a atenção, a percepção, o raciocínio, a criatividade têm papel relevante, em relação ao processamento das novas informações, antes da armazenagem dos novos conteúdos. Assim, para proceder a armazenagem a memória se utilizaria da objectivação e da ancoragem.

³⁹ De certo modo, reproduz a Parábola do Semeador, presente no Evangelho de São Mateus 13:1-9; Marcos 4:3-9 e Lucas 8:4-8.

O autor referido explica, que na objetivação, é como se a memória se utilizasse de idéias já agrupadas para visualizar imagens concretas. Tais imagens, então se juntariam às novas (ancoragem), na compreensão e domínio do ambiente social, material e ideal.

Falei sobre a construção de castelo e falo sobre a nostalgia do olhar, no sentido de ver um percurso pela jornada feita.

Marilene Krom (2014, p.17) sobre a jornada do herói, descreve:

As histórias a respeito de heróis são profundas e eternas. O paradoxo da vida moderna é que, ao mesmo tempo que vivemos intensamente, nossas atividades frequentemente nos parecem infundadas e vazias. Para transcender esse estado, precisamos nos sentir enraizados simultaneamente na história e na eternidade. O mito do herói une a pessoas de todas as épocas e lugares. Ele fala em andar com confiança e sem medo, através dos limites do conhecido para enfrentar o desconhecido, porque quando chegar o momento, teremos os recursos necessários para enfrentar nossos dragões, descobrir nossos tesouros e retornar para transformar o reino. Ele também fala em aprendermos a ser verdadeiros com nós mesmos e a viver em harmonia com os outros membros da nossa comunidade. (p. 16)
... Tal como os heróis de outrora, nós contribuimos para restaurar a vida, a saúde e a fecundidade do reino, em decorrência de termos, em nossa jornada, descoberto o nosso destino e ofertado nossas próprias dádivas. É como se o mundo fosse um gigantesco quebra-cabeça e cada um de nós retornássemos com um pedaço desse quebra-cabeças. E, à medida que todos dão sua contribuição, o reino é transformado (KROM, 2014, p.17).

Em nosso estudo, o que importa é o tempo: passado, presente e, principalmente, futuro, o tempo de vida e o por viver, nos quais construímos memórias.

Que memórias construímos no tempo de vida?

Como explicar e entender, o que Jung (1972) chama de inconsciente coletivo, no contexto das memórias coletivas e individuais que coletamos em vida?

Para o sociólogo Halbwachs (2003), a memória coletiva compõe-se de pontos de referência estruturantes inseridos em nossa memória, que reforçam a coesão social através da adesão afetiva ao grupo (comunidade). A memória nacional para ele, por exemplo, seria a forma mais completa de memória coletiva.

Pollak (1989) trouxe exemplos desses pontos de referência que habitam a memória coletiva, nos quais incluiu os monumentos; o patrimônio arquitetônico e o estilo; as paisagens; as datas; os personagens históricos sempre recordados; as tradições e costumes; certas regras de interação; o folclore e a música; as tradições culinárias...

Mas, Halbwachs (2003) referiu, que há uma espécie de negociação entre memória coletiva e individual, e que é necessário haver pontos de contato entre ambas, como uma base comum, para que sejam construídas e tenham durabilidade e estabilidade.

É certo que a modernidade e os tempos que atravessamos deixaram/deixam um rastro de memórias não desejadas. Refiro-me aqui, aos acontecimentos que envolvem guerras, holocausto, acidentes nucleares, expatriações por motivações múltiplas, que marcam pessoas e famílias que viveram esses diferentes contextos.

Segredos

Arlene Moreira

Segredos escondem temas,

Onde germinam

Desconforto e solidão.

São lugares de silêncio,

Em que o desejado

É uma luz apagada.

É preciso um esforço

Para ver na escuridão

O desejo oculto, calado,

Que pesa no coração...

Pollak (1989), já citado, referiu que o silêncio sobre o passado pode carregar a necessidade de encontrar um *modus vivendi*, ou *uma proteção* para lidar com o sentimento de culpa; poupar sofrimento a outrem; ou, até mesmo pela falta de uma escuta. Este mesmo autor, entretanto, diz que a história formada que se incorpora ao consciente coletivo não pode forçar ao silêncio, pois as lembranças individuais sempre irão emergir, enfatizando um ou outro aspecto. Nesse ponto, acrescenta que há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido; entre o vivido e o transmitido, seja para a memória individual, coletiva, familiar, nacional ou de pequenos grupos.

Sobre o tempo e o papel da memória, Bergson (1999) propõe uma construção do tempo diferenciada e inseparável à interioridade psíquica e nessa construção nos deteremos nos parágrafos adiante.

É comum, na longevidade, ouvirmos ou quereremos falar sobre nossas histórias de acontecimentos passados. Às vezes nos desapontamos, se somos nós a narrá-los e o ouvinte, mais jovem, mostra certo desdém ao ouvi-las. Se somos o ouvinte, e nosso contador de histórias é mais velho, talvez, nem damos importância ao relato do evento ocorrido no

passado e como era visto por quem o viveu e relata. Qualquer interlocutor pode pensar *o que pode ser mais interessante do que o tempo atual, no qual a velocidade e a concomitância das informações atualizam culturas e conhecimentos?*

Não podemos esquecer que os representantes da *millenium generation* (STRAUSS & HOWE, 2000) ou Geração Y⁴⁰, ou da que se lhe seguiu (Geração Z), vivem numa era digital, de múltiplas tarefas simultâneas. Numa metáfora, podemos dizer que, jovens e velhos fazem a mesma coisa, só que aqueles em maior velocidade e praticidade e essa velocidade não condiz com acontecimentos passados.

Para os jovens, o passado não tem interesse, só o presente é real (ou virtual?).

Para os mais velhos a vida guarda muitas circunstâncias vividas, que acompanham histórias de como as coisas eram antes. Para os velhos, o depois só tem sentido se houve um antes significativo e guardado, que se apresenta no agora, para explicar, lembrar e dar sentido ao hoje e ao amanhã. Certa nostalgia pode aparecer refletida nas tentativas de relatos, às vezes frustradas.

Mas, nem sempre queremos nos lembrar de certas memórias e Benghozi (2010), já citado, entende que nos relacionamos com nosso estilo afetivo e nossa história passada, mas um evento catastrófico do passado pode fazer uma laceração psíquica, um desmalhamento. O diferencial é o sentido que atribuímos a esse evento, o qual pode ser mudado na presença de um cotidiano impregnado de afeto.

Assim, nosso presente, segundo Cyrulnik (2006), está sempre impregnado de nosso passado.

Uma série de autores estudou sobre a Nostalgia e o gosto por coisas, moda, acontecimentos, tipo de vida, essa sensação de paraíso perdido, retratada na poesia de Jessier Quirino⁴¹, a qual reproduzimos abaixo. Com certeza, nem metade das coisas, conceitos e

⁴⁰ Strauss e Howe cunharam o termo *Millenium Generation* para designar a Geração Y, designando os jovens nascidos no Pós-guerra Fria, entre as décadas de 70 a 90, também chamados de *geração internet* e que viveram período de grandes avanços tecnológicos e prosperidade econômica. Os autores referem que é uma geração familiarizada com a baixa durabilidade e a efemeridade dos produtos, com prêmios e facilidades materiais em troca de pouco esforço, o que é visto pelos autores como uma compensação referente às lacunas pelas quais os pais passaram (guerras, dificuldades econômicas vividas pela Geração X). E uma geração que cresceu no mundo digital, de múltiplas tarefas simultâneas, consumidores, e que vivem um crescente individualismo e competitividade. A essa sucedeu a Geração Z, a partir de 1990.

⁴¹ Sobre o autor: Jessier Quirino é paraibano de Campina Grande, arquiteto, poeta, vive atualmente em Itabaiana. Tem um estilo humorístico e é autor de vários livros: *Paisagem de Interior*; *A Miudinha*; *O Chapéu Mau e O Lobinho Vermelho*; *Agruras da Lata D'Água*; *Prosa Morena*; *Política de Pé de Muro*; *A Folha de Boldo - Notícias de Cachaceiros*, além de cordéis, causos, músicas e outros escritos. O poema reproduzido foi inspirado na leitura do livro *Memorial de Marco Polo Guimarães*, Edições Bagaço, e em conversas e poemas anteriores do próprio autor e consta do livro *Prosa Morena, Editora Bagaço - Recife, 2001*.

peças contidas na poesia podem ser familiares aos jovens de hoje e mereceria, talvez, certa transcrição histórica...

Vou-me embora p'ro passado

Jessier Quirino

"No rastro da Bandeira de Manuel"

Vou-me embora p'ro passado

Lá sou amigo do rei

Lá tem coisas "daqui, ó!"

Roy Rogers, Buc Jones

Rock Lane, Dóris Day

Vou-me embora pro passado.

Vou-me embora pro passado

Porque lá, é outro astral

Lá tem carros Vemaguet

Jeep Willes, Maverick

Tem Gordine, tem Buick

Tem Candango e tem Rural.

Lá dançarei Twist

Hully-Gully, Iê-iê-iê

Lá é uma brasa mora!

Só você vindo pra crê

Assistirei Rim Tim Tim

Ou mesmo Jeanne é um Gênio

Vestirei calças de Nycron

Faroeste ou Durabem

Tecidos sanforizados

Tergal, Percal e Banlon

Verei lances de anágua
Combinação, califon
Escutarei Al Di Lá
Dominiqui Niqui Niqui
Me fartarei de Grapette
Na farra dos piqueniques.
Vou-me embora pro passado.

No passado tem Jerônimo,
Aquele Herói do Sertão.
Tem Coronel Ludugero
Com Otrope em discussão.
Tem passeio de lambreta,
De Vespa, de Berlineta,
Marinete e Lotação.

Quando toca Pata Pata
Cantam a versão musical:
"Tá Com a Pulga na Cueca"
E dançam a música sapeca.
Ô Papa Hum Mau Mau
Tem a turma prafrentex,
Cantando Banho de Lua.
Tem bundeira e piniqueira,
Dando sopa pela rua.
Vou-me embora p' ro passado.

Vou-me embora p' ro passado,
Que o passado é bom demais!
Lá tem meninas "quebrando"
Ao cruzar com um rapaz.
Elas cheiram a Pó de Arroz
Da Cachemere Bouquet,

Coty, ou Royal Briar.
Colocam Rouge e Laquê,
English Lavanda Atkinsons,
Ou Helena Rubinstein;
Saem de saia plissada,
Ou de vestido Tubinho
Com jeitinho encabulado,
Flertando bem de fininho.

E lá no cinema Rex
Se vê broto a namorar
De mão dada com o guri
Com vestido de organdi
Com gola de tafetá.

Os homens lá do passado
Só andam tudo tinindo
De linho Diagonal,
Camisas Lunfor, a tal,
Sapato Clark de cromo,
Ou Passo-Doble esportivo,
Ou Fox do bico fino.
De camisas Volta ao Mundo,
Caneta Shafers no bolso,
Ou Parker 51,
Só cheirando a Água Velva,
A sabonete Gessy,
Ou Lifebouy, Eucalol
E junto com o espelinho
Pente Pantera ou Flamengo,
E uma trunfinha no quengo
Cintilante como o sol.

*Vou-me embora pro passado,
Lá tem tudo que há de bom!
Os mais velhos inda usam
Sapatos branco e marrom
E chapéu de aba larga
Ramenzone ou Cury Luxo,
Ouvindo Besame Mucho,
Solfejando a meio tom.*

*No passado é outra história!
Outra civilização...
Tem Alvarenga e Ranchinho,
Tem Jararaca e Ratinho,
Aprontando a gozação.
Tem assustado à Vermuth
Ao som de Valdir Calmon.
Tem Long-Play da Mocambo,
Mas Rosenblit é o bom.
Tem Albertinho Limonta,
Tem também Mamãe Dolores,
Marcelino Pão e Vinho;
Tem Bat Masterson, tem Lesse
Túnel do Tempo, tem Zorro.
Não se vê tantos horrores.*

*Lá no passado tem curso,
Lança perfume Rodouro,
Geladeira Kelvinator,
Tem rádio com olho mágico.
ABC a voz de ouro,
Se ouve Carlos Galhardo
Em Audições Musicais,
Piano ao cair da tarde,*

*Cancioneiro de Sucesso,
Tem também Repórter Esso
Com notícias atuais.*

*Tem petisqueiro e bufê
Junto à mesa de jantar.
Tem bisqüit e bibelô,
Tem louça de toda cor,
Bule de ágata, alguidar,
Se brinca de cabra cega,
De drama, de garrafão,
Camoniboi, balneira,
De rolimã na ladeira,
De rasteira e de pinhão.*

*Lá, também tem radiola
De madeira e baquelita,
Lá se faz caligrafia,
Pra modelar a escrita;
Se estuda a tabuada,
De Teobaldo Miranda,
Ou na Cartilha do Povo,
Lendo Vovô Viu o Ovo
E a palmatória é quem manda.*

*Tem na revista O Cruzeiro
A beleza feminina.
Tem misse botando banca
Com seu maiô de helanca,
O famoso Catalina;
Tem cigarros Yolanda,
Continental e Astória;
Tem o Conga Sete Vidas,*

*Tem brilhantina Glostora,
Escovas Tek, Frisante,
Relógio Eterna Matic
Com 24 rubis,
Pontual a toda hora.*

*Se ouve página sonora
Na voz de Ângela Maria:
"— Será que sou feia?
— Não é não senhor!
— Então eu sou linda?
— Você é um amor!..."*

*Quando não querem a paquera,
Mulheres falam: "Passando,
Que é pra não enganchar!"
"Achou ruim dê um jeitim!"
"Pise na flor e amasse!"
E ai e pofe! e quizila, Mas o homem não cochila
Passa o pano com o olhar.
Se ela toma Postafen,
Que é pra bunda aumentar
Ele empina o polegar,
Faz sinal de "tudo X"
E sai dizendo "Ô Maré!
Todo boy, mancando o pé,
Insistindo em conquistar.*

*No passado tem remédio
Pra quando se precisar.
Lá tem Doutor de família,
Que tem prazer de curar.
Lá tem Água Rubinat,*

*Mel Poejo e Asmapan,
Bromil e Capivarol,
Arnica, Phimatosan,
Regulador Xavier.
Tem Saúde da Mulher,
Tem Aguardente Alemã,
Tem também Capiloton,
Pentid e Terebentina,
Xarope de Limão Brabo,
Pílulas de Vida do Dr. Ross,
Tem também aqui pra nós,
Uma tal Robusterina,
A saúde feminina.*

*Vou-me embora pro passado
Pra não viver sufocado,
Pra não morrer poluído,
Pra não morar enjaulado,
Lá não se vê violência,
Nem droga, nem tanto mal,
Não se vê tanto barulho,
Nem asfalto, nem entulho,
No passado é outro astral.
Se eu tiver qualquer saudade,
Escreverei pro presente
E quando eu estiver cansado
Da jornada, do batente,
Terei uma cama Patente
Daquelas do selo azul,
Num quarto calmo e seguro,
Onde ali descansarei.
Lá sou amigo do rei,*

Lá, tem muito mais futuro.

Vou-me embora pro passado...

E então, poderemos imaginar as dificuldades de comunicação na compreensão do que essa poesia pode significar se lida por jovens...

Cyrułnik (2009, p.42) referiu, que se nossa existência fosse tranquila não haveria o que colocar na memória e não seríamos capazes de nos descobrir. Assim, continua ele, sabemos quem somos, porque sabemos que somos capazes de vencer as adversidades. São elas que nos ajudam a construção de nossa identidade.

Peço, aqui, permissão para fazer uma metáfora, e dizer que no envelhecer, muitas vezes, ao olhar para trás, podemos perceber a presença do sentido da construção do castelo da vida.

Acredito que atingir a longevidade é olhar pelo espelho retrovisor do carro da nossa vida e ver os alicerces e a construção do castelo de nossa morada. É como se víssemos nossa vida como um filme, cujas imagens são reveladas em recordações de momentos de alegria, ou de tristeza, que nos mobilizam a rever situações, refletir e ponderar sobre os acontecimentos a elas associados.

Quanto às situações negativas, às vezes nos admiramos com a nossa capacidade em ultrapassá-las, ou olhá-las sob outra perspectiva (*metanóia?*), e talvez, a ultrapassagem nos tenha propiciado novas e possíveis alternativas de escolha de caminhos.

Mas também percebemos a própria capacidade em superar dificuldades e sobreviver a situações adversas, essa capacidade que os autores chamam de *resiliência*⁴², como é o caso de estresse pós-traumático, dos maus tratos, das condições de pobreza, de guerra, de violência intrafamiliar e de catástrofes naturais, por exemplo.

Resiliência é termo proveniente da Física, que se refere à capacidade de resistência do material à deformação, quando submetido a pressões externas.

Na década de 70, segundo Infante (2005), o termo foi levado ao campo das Ciências Sociais, relacionando-o à capacidade de regeneração, adaptação e flexibilidade que determinadas pessoas apresentam ao passar por situações traumáticas. Esta mesma autora citou, que os estudiosos no assunto faziam referência à capacidade de superação e enfrentamento de carências múltiplas, como na dissolução de redes de apoio e mencionou duas correntes representativas nas gerações de pesquisadores. A primeira delas, explorou a

⁴² Na Teoria do Lifespan há autores que a correlacionam como um recurso psicológico.

vulnerabilidade, como traço individual (WERNER e SMITH, 1992⁴³; RUTTER, 1991, entre eles); e a segunda geração expandiu o tema, incorporando-a à noção de processo e modelos promotores de resiliência (a dinâmica entre fatores de risco e de proteção, na presença da resiliência permitiria superar a adversidade).

Na continuidade da exploração do tema, Luthar, Cichetti e Becker (2000) entenderam que essa superação envolveria um processo dinâmico do qual participavam a família, as características dos ambientes sociais (cultura inclusiva), além de traços de personalidade, os quais comporiam a capacidade da pessoa enfrentar adversidades de forma positiva, flexível e benéfica à auto-estima.⁴⁴

Os estudos realizados por Infante (2005) acrescentaram, que o relacionar-se com as circunstâncias de forma positiva é uma responsabilidade coletiva, a qual também necessita de suporte de programas, que envolvem políticas públicas e sociais na promoção de qualidade de vida. Assim, há um dinamismo que caracteriza o processo de adaptação positiva, no qual ocorre a interação de três níveis de fenômenos:

1. A presença de laços afetivos e integração na rede social de apoio;
2. A presença de habilidades sociais; e
3. A presença de força interna.

De certo modo, por ser o envelhecimento nosso último estágio de vida, devo concordar com Cyrulnik (2009, p.149), quando este autor diz que:

O envelhecimento neuronal obriga o idoso a realizar uma transação contraditória: sua identidade narrativa, mil vezes revisada, lhe dá certezas históricas no momento em que o mundo à sua volta muda.

As narrativas do passado podem trazer o tempo vivido aos olhos do presente, e ser um *alimento* para a alma de quem narra. Nostalgia? O falar sobre nostalgia pede algumas considerações a serem feitas, para entender o corpo de memórias e o modo pelo qual elas são atualizadas.

⁴³ O estudo longitudinal de Emmy Werner e Ruth Smith (1982) estudou 505 pessoas em Kauai, no Havaí, durante 32 anos. O estudo teve início em 1955, no período pré-natal, acompanhando-as até a idade adulta e identificou as condições de adversidade a que estavam submetidas, os fatores que diferenciavam as que se adaptavam e as pessoas que assumiam atitudes de risco. Este estudo, intitulado *Vulnerable but invincible: a longitudinal study of resilient children and youth* (New York, McGraw-Hill Book), representou um marco nos estudos da primeira geração (INFANTE, 2005).

⁴⁴ Importante citar o Projeto de Kuisqa Wawa (1998,1999), cuja iniciativa da Secretaria Técnica de Assuntos Indígenas do Ministério de Promoção da Mulher e do Desenvolvimento Humano do Peru levou a cabo, com o apoio da Fundação Bernard van Leer. O Projeto é orientado para prevenir os efeitos negativos do mau trato de crianças menores de 06 anos, que vivem na região rural andina do Peru. Esse projeto tem um enfoque de resiliência como geradora de autoestima e, realiza um trabalho que envolve a família, a comunidade e as organizações sociais.

Benjamin (1975), ao falar sobre narrativas, reconheceu, que no processo narrativo, aquele que narra faz uma submersão nos eventos passados para lembrar o encadeamento dos acontecimentos.

O que diz Bergson (1999) ? Para ele, a memória é uma espécie de experiência humana no tempo, e este tempo (passado, presente e futuro) é como um fluxo na consciência. Os acontecimentos iniciais e os posteriores são percebidos como ligados ou isolados.

No entendimento deste autor citado, o tempo presente é a condição da continuidade do passado, num fluxo que segue continuamente, diferentemente do conceito de tempo, proveniente da Física. O corpo de imagens na memória, para Bergson (1999), une o tempo presente e o tempo passado, fazendo com que algo ocorrido lá atrás, fique aberto e pronto para agregar novas memórias e percepções, num fluxo que segue continuamente.

Este autor citado considera: 1. A Imagem- lembrança; e 2. A Imagem- ação.

A imagem- lembrança: As imagens- lembrança são peças referenciais sobre situações já vividas (passadas). Nelas, o passado e o presente permanecem ativos, enquanto circunscrevem o limite da nossa interpretação sobre as imagens que nos rodeiam. O condutor da atualização é a memória.

A imagem- ação: Esse tipo de imagem não é responsável pela representação do nosso passado, mas pelo nosso agir diante de algo relacionado. A reconstrução da percepção vai sendo feita a partir de experiências semelhantes e mais atuais, pela necessidade de reconstruir nossa percepção sobre o passado.

Este autor citado chama de *duração* ao processo comunicacional passado- presente, na produção/ atualização do corpo de imagens. Para ele, a nostalgia é uma ponte que une o passado ao presente. E êle vê a memória, como um agente na criação de subjetividades. Um ponto que este autor citado disse ser alvo de observação, é o modo pelo qual as imagens, que vem de fora (mais atuais) atuam em relação às imagens mais antigas e como elas influenciam o nosso corpo de memórias. Isto é, como as imagens novas se agregam em áudio-visualidades às mais antigas. É nesse sentido que o corpo de memórias detém uma posição ativa na relação entre imagem e subjetividade, fazendo com que cada indivíduo tenha um corpo de imagens diferenciado.

Esse entendimento de Bergson (1999) despertou em mim certa similaridade, em relação ao mecanismo das representações sociais, detalhado por Moscovici (2003), já citado, quando este fez referência à ancoragem de novos entendimentos para mudanças de atitude em relação a um conteúdo.

Com isso, para Bergson (1999), as passagens do tempo e dos acontecimentos são agentes de subjetividades e novas imagens, providas de novas experiências (mais atuais), e renovam imagens de memórias mais antigas.

Halbwachs (2003), já citado, por sua vez, referiu ser a memória um garantidor de coesão de um grupo histórico; e que a memória coletiva é a base da construção da identidade. Nesse sentido, podemos entender porque esta construção de identidade exige um esforço e uma permeabilidade, para dar sequência ao sentimento de pertencimento às gerações seguintes, dentro da família ou grupos. Em outro estudo, Halbwachs (2008) entendeu que, nesse processo, tem co-participação os mitos de nossa história de família, e separa a memória individual, da memória coletiva e da memória histórica. Este autor vê:

1. Na memória histórica, uma *reconstrução* dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada sobre o passado reinventado. Não é uma construção cristalizada de um grupo, mas advém da costura de diversos grupos, ou povos. Religiões, atitudes políticas, organizações temporais trazem uma marca do tempo como contribuição. Essa memória tem como característica a pluralidade real dos tempos sociais;

2. Já na memória coletiva há a *reconstituição* do passado pelo grupo (família, por exemplo) que o viveu;

3. E, na memória individual devemos considerar que, por sermos seres sociais, somos arrastados em várias direções (combinações de diversas lembranças) e a memória se forma pela combinação de elementos diversos. Qualquer fato vivido por um número de pessoas pode ser rememorado diferentemente por cada uma delas, de acordo com uma intenção/propósito.

Assim como produtos de memórias históricas, culturais e com nossas experiências individuais somos os principais atores sociais nas cenas de nossas vidas.

Histórico da nostalgia - A palavra *nostalgia* (nostos= regresso; algia= dor) foi cunhada no fim do século XVII (1688), por um estudante de Medicina suíço, Johannes Hofer. Este estudante, ao se graduar, escreveu sobre essa condição por ter observado os sintomas e sinais de um estado letárgico em soldados suíços, que lutavam como mercenários. Estes soldados permaneciam muito tempo longe da pátria, sem data, ou certeza de para ela retornarem. Com isso, eram acometidos por uma condição física, que os tornava inaptos para o exercício de suas funções, o que exigia a dispensa dos serviços. Enquanto impedimento ao exercício da função, este estado foi considerado uma doença à época. Entretanto, os sintomas destes soldados, ao retornarem à pátria, passado algum tempo, desapareciam. Daí o sentido

dado à disfunção *Dor do regresso, Patologia da Imigração, Home- sickness, ou Maladie du souvenir*. Patológico, porque a dor era a associação de que algo anormal acontecia no corpo físico.

Boym (2001) afirma que, em relação à Nostalgia, houve alterações quanto ao significado dado originalmente, mas a associação referente à origem da palavra se agregou ao termo.

Barbosa (2013, p.62), por seu lado, em Dissertação de mestrado, referiu que a Nostalgia foi associada a uma idealização, que o significado do senso comum fez desse sentimento, como um *sonhar com um passado que nunca poderá voltar..., um alienar-se, um desligar-se.....*

Holbroock (1993) foi um dos autores que incorporou a nostalgia no consumo, dando - lhe um olhar estético e positivo, não relacionado à idealização conservadora. E esse olhar permeou a literatura, o cinema, o campo da arte e o consumo.

Quanto à função da nostalgia, Henri Bergson (1999) referiu que é a de fazer com que a conexão mente- coração fique sempre aberta, para novas atualizações. Este autor, filósofo e contemporâneo de Freud, nos disse mais, e referiu que o tempo, passado, presente e futuro, no processamento de nossa memória corresponde a um fluxo da consciência. Num tempo, segundo ele, que não pode ser medido pelo deslocamento dos corpos no espaço, como a Física o faz, por ser esta uma convenção científica. Para ele, a Nostalgia é uma ponte que liga o passado e o presente, faz com que, quando nos lembramos de alguém, que não está mais entre nós, ou de como as coisas costumavam ser, recriemos lembranças familiares e novas referências. E este autor referiu que a Nostalgia, enquanto recurso comunicativo, está presente em muitos de nossos momentos, como na escrita de cartas, ou de cartões postais, na apreciação de fotos, ou de acontecimentos filmados.

Scarmeas e Stern (2003), adeptas ao paradigma do Lifespan consideraram, que a memória desempenhava importante papel funcional adaptativo na sobrevivência (geradora de resiliência?) e é uma reserva cognitiva a nível supra individual para o retardamento da demência. E, merecedora de pesquisa, a Nostalgia foi estudada por muitos autores, até ser considerada fato natural e funcional (PUSSETTI et al, 2009)⁴⁵.

Patrício, Hoshino e Ribeiro (2009), citados anteriormente, enfatizaram a possibilidade de que a memorização, prática comum nos idosos, é um mecanismo de defesa, e que ao

⁴⁵ Esta interessante pesquisa foi baseada em entrevistas e relatos com pacientes, imigrantes, que no sofrimento individual, manifestavam o sentimento de ruptura de sua identidade, o sentir-se deslocado, suspenso entre dois mundos e órfão de sua cultura.

rememorar e evocar momentos de prazer armazenados na memória, a alegria provocada ativa o sistema imunológico, e o resultado é a preservação da vida. A tristeza e a depressão, ao contrário, inibem o sistema imunológico, facilitando a incidência de diferentes problemas de saúde.

Cyrulnik (2009), autor já citado, nos diz que o mundo dos idosos responde ainda melhor às representações, o que torna possível continuar um diálogo *pessoal*, mesmo quando o interlocutor já não estão mais entre nós. Isso lhes permite viver o mundo familiar que conservam na memória.

No caso dos soldados suíços, citados anteriormente, a Nostalgia era uma “doença cerebral”. Na verdade, os soldados mercenários manifestavam sua vulnerabilidade na tristeza e na saudade da sua terra.

Cyrulnik (2009, p.44), em relação ao rememorar e à sensação de estar excluído, refere que:

A memória não é o retorno do passado, é a representação de si que vai buscar nas marcas do passado algumas imagens e algumas palavras. Essa reconstrução dá uma forma coerente ao sentimento de felicidade ou de infelicidade experimentado no momento de uma relação (CYRULNIK, 2009, p.44).

Em outro momento, o mesmo autor refere que:

É tão certo que uma dor crônica leva à depressão quanto é certo que uma depressão provoca uma dor crônica, porque o entroncamento dessas informações se dá na área do cíngulo anterior (CYRULNIK, 2009, p.48).

As pesquisas de Routledge, Arndt, Wildschut, Sedikides, Hart, Juhl, Vingerhoets e Scholtz (2011) viram em memórias nostálgicas um papel importante na manutenção do significado da vida, quando experimentamos situações delicadas e referiram que a nostalgia pode operar de vários modos:

1. Fazer com que as pessoas se sintam amadas e aceitas socialmente;
2. Promover satisfação em relação aos relacionamentos e incentivar a pessoa na busca do relacionamento romântico;
3. Influir no otimismo para atingir metas desejadas; e
4. Auxiliar a vencer os efeitos psicológicos negativos da solidão.

Pimenta (2014) referiu, que no conceito de Bergson (1999), é como se o passado e o presente não fossem momentos sucessivos, mas concomitantes: um é o presente, que segue em frente; o outro é o passado, que aparenta ter se completado. E mesmo na aparência de

experiência completa passada, a memória formada no presente, tem o poder de a modificar. É como uma pintura borrada que vai sendo repintada com cores mais luminosas. Assim, o tempo não é mais imaginado como uma linha, mas como um fluxo circular de memória com um *status* ontológico.

Dona L. G., uma senhora de 80 anos, nos resume o sentimento:

Eles (meus filhos) reclamam que falo muito do passado. Mas eu tenho que falar. É lá que está muito do que vivi...

Olhares com múltiplos significados vestiram a significação da Nostalgia em julho de 2015 em um Projeto que reuniu 16 representantes de diferentes países⁴⁶. Entre as variantes do tema estava um, extremamente atual: o de “ser refugiado” e mostrava, o sentimento ambivalente da Nostalgia, que oscilava entre a reafirmação da identidade, e a amarga experiência social/ política de ser refugiado (ELIJAH BELL, 2015). Em outro estudo, as mudanças sazonais na paisagem de Coney Island (New York), fomentavam lembranças, que uniam passado e presente, preservando memórias familiares possíveis de serem compartilhadas através de novas tecnologias (ROBYN AUTRY, 2015). Essas memórias, capturadas por tecnologia digital, são recebidas e partilhadas intergeracionalmente, ampliando as alternativas de melhores recursos de captação para voz, música e imagens (JO BARNES, 2015). E em outro estudo, apenas era vista como lembrança compartilhada, através de *selfies* (MARÍA PANBEHCHI, 2015). Kahneman (2015), já havia definido *selvies* (iPhonegrafia), como lembranças compartilhadas, aquelas que contam uma história e, ao mesmo tempo, relatam experiências e, por isso, tornam-se *memórias de experiências*.

Outro estudo apresentou objetos que guardam do passado a perda. E museus que foram construídos na Alemanha Ocidental para a guarda de objetos. Objetos que representavam a perda de pessoas, de bens materiais e de lugares do passado. Nesse estudo, a diferença entre nostalgia, melancolia e luto foi feita, e a nostalgia foi chamada de ambivalente, ou nostalgia esquerda. O propósito da nomeação era a investigação relativa ao trabalho do “Eu” sobre o passado coletivo, e até que ponto podia haver um *working through* do passado. A discussão se efetuou em relação aos mecanismos restituidores de sentido, para remalhagem e possibilidade para ultrapassar as inevitáveis perdas. Aqui, discutiu-se o significado do *apego*, que essa guarda de objetos significaria, em relação aos objetos

⁴⁶ Alguns dos trabalhos são aqui citados,mas não tenho notícia de publicação deles. Trago aqui os apontamentos que fiz durante a participação na Conferência, com o nome dos respectivos autores. A relação completa pode ser lida nos Apêndices.

guardados. A discussão também se fez na indagação, se esses objetos poderiam ser restaurados na função de objeto transicional, ou se representavam a lembrança de um passado que assusta (MARIA BROCK, 2015).

Houve a presença do olhar conservador e restaurador sobre o passado, à respeito da experiência croata, com a *Yugonostalgia*, exemplo de Nostalgia Restaurativa e Reflexiva. E as autoras concluíram ser esta Nostalgia Restaurativa um fenômeno cultural contemporâneo (ANITA DREMEL e ANDREA ZEKIC', 2015).

Em mais uma ocasião, a distinção entre a Nostalgia e a Melancolia se fez presente no estudo do soneto de Tony Harrison⁴⁷, “The School of Eloquence”, plenos de Nostalgia e que falam da saudade da casa. A casa como a cidade, um ponto na memória, um lugar no qual o cenário e a linguagem são quase extintos e que necessitam ser continuamente, lembrados, para não serem esquecidos. Na verdade, a poesia de Harrison, segundo o estudo, mostra a atitude ambivalente de perda de objeto e o modo pelo qual a impossibilidade de identificação com o lugar de origem encoraja o desenvolvimento de atitudes conflitantes com o passado vivido (AGATA G. HANDLEY, 2015).

A influência da Nostalgia na filmografia foi mostrada nos filmes “De volta para o Futuro” (Robert Zemeckis, 1985) e “O casamento de Peggy Sue” (Francis Ford Coppola, 1986), os quais retraram o pós- guerra e a cultura *teen*. Desenharam a estrutura familiar, o papel dos gêneros e os conflitos raciais e políticos, marcos ideológicos que separaram os anos 50 dos anos 80. A filmografia, nos anos 70, era uma metanarrativa que expunha o modo pelo qual a sociedade vivia as idéias sobre direitos cívicos e os movimentos feministas da segunda onda⁴⁸ (HELGA THOREY JONSDOTTIR, 2015, Austrália).

Por outro estudo, o autor se pergunta de que modo a isenção das referências da procedência dos objetos, ou a contemplação destes poderia interpretar o passado? Estariam eles, então, desprovidos de sentido? O estudo explorou a idéia de que o ambiente carrega a vida e os objetos, o significado deles. Ficou a pergunta, se o passado requer essa nostalgia na re-escrita das memórias da família, mas, também, o autor disse que ficou a certeza de que ao

⁴⁷ Tony Harrison é autor do poema “The Blue Bird”.

⁴⁸ Eva Blay propõe a divisão do movimento feminista brasileiro em três momentos: o primeiro compreendendo o século XIX; o segundo, os anos de 1930 e a conquista do voto; e o terceiro, os anos 70 (cidadania). Muitos outros autores ainda considera o movimento em evolução. A referência, no texto, à segunda onda feminina, diz respeito ao voto. A terceira onda, também referenciada poucas linhas à frente, diz respeito à aquisição da cidadania, com direitos iguais entre homens e mulheres (Fonte: Feminismo e literatura no Brasil. Constância Lima Duarte. Estudos Avançados 17 (49), 2003).

escrever sobre o passado da família e seus objetos de sentido, quem o faz retém um sentimento resultante, que é útil ao escritor (DANIEL JUCKES, 2015).

Até mesmo os monumentos como o *Queen's and Star Ferry Pier*, local onde os governadores chegavam à colônia e desembarcavam carregam uma história de submissão e controle? Este foi o fulcro do estudo. O Pier teve a estrutura demolida em 2007. Enquanto estrutura simbólica de sujeição, a demolição foi a forma camuflada de escapar ao simbolismo que ela detinha. A transformação de espaços coloniais pelas autoridades foi relutante, vez que a demolição e a transformação representavam *perder o lugar na memória*. Mas a demolição deflagrou a emergência e a necessidade do reconhecimento de uma identidade de pertencimento (LIZA KAM, 2015, Bauhaus University Weimar, Germany),

Também uma fase da vida pode guardar memórias para um adulto. Isso foi utilizado no filme *Where the Wilds Things Are*. Serviu para apresentar a infância como um espaço para o qual as pessoas se voltam nos momentos de rutura, em busca do que é familiar. Nesse ponto, a lembrança dos estudos de Gaston Bachelard (1988) associaram a infância aos *sonhos poéticos do passado*, como uma *nostalgia dobrada*, numa fantasia que nutre a psique adulta. E, à medida em que é possível reescrever pelas narrativas esse período, é possível trazer o sentimento do tempo da infância, como alguém em frente ao espelho, redefinindo o “self”, resuturando selves passados (NONIE MAY, 2015).

Hal MacDonald (2015), da Mars Hill University, Estados Unidos, partiu do conceito de construção da memória, realçando o entendimento de que a memória episódica é mais construtiva do que reprodutiva. O conceito da construção ajuda a explicar a coleta de eventos passados em nossa vida e, como eventos mais importantes, quando sem muitos pormenores, tendem a ser esquecidos. Os modelos construtivos oferecem estranhas metamorfoses, quando se referem a episódios desagradáveis. E, uma vez transmutados, usam a Nostalgia de forma mais estética do que cognitiva. A natureza da Nostalgia, como objeto de prazer e contemplação fá-los mais parecidos com poemas, num papel de instrutores. A memória nostálgica é, em essência, um texto estético construído de nossas memórias episódicas, nas quais se omitem ou se incluem partes e, desse modo, ela serve a um propósito estético.

Anaparna Mukheryee (2015) nos falou das memórias traumáticas que resultaram da Partição da Índia em 1947. Traumáticas por representarem uma lacuna na narrativa do passado; nostálgicas porque, enquanto reconstruções somadas, este passado não está presente. A autora entendeu que as narrativas com Nostalgia eram reacionárias pelo imperialismo com que se revestiam e o potencial de exclusão que espelhavam. Isto as tornavam perigosas,

manifestando-se em xenofobia política ou racial. Mas, referiu, também, que a oposição entre trauma e nostalgia não pode ser tida como absoluta, pelo fato de que incidentes traumáticos algumas vezes facilitarem uma reescrita positiva da memória autobiográfica, conforme MacDonald (2015) nos mostrou, anteriormente.

Em diferentes papéis a Nostalgia se vestiu nos escritos da novela (Índia) *In Search of a Blue-Jay* (Nilkantha Pakhir Khonje) de Atin Bandyopadhyay's: catártico, integrativo ou restaurativo na vivência dessa Partição. Em outro contraponto estava a *A Strange Tale (Phundane)*, de Saadat Hasan Manto. As duas leituras interrogavam os diferentes caminhos pelos quais trauma e nostalgia podem historiar um evento como a Partição, com métodos de exclusão e proliferação de detalhes.

Myriam Osorio (2015) examinou a Nostalgia no livro *Todos se van*, de Denis Walder (2006), mas não como uma idealização do passado. No livro, a protagonista do livro (Nieve Guerra) recorda momentos nos quais sentiu alegrias, mas também experiências de abuso, medo e perda. A narrativa se passa num momento histórico do envolvimento de Cuba com Angola, a influência da União Soviética e o êxodo de Mariel. A protagonista relembra uma infância como nunca foi; e também aqueles que deixou, sem que a saudade signifique a volta às coisas, como costumavam ser. *Todos se van* significa não apenas a perda da infância de alguém, mas a perda da infância em si. A estrutura do livro se apresenta como um diário, que suporta o reclamo da criança. Neste sentido, nostalgia é uma condição existencial da criança, hoje um adulto. Neste trabalho apresentado, a autora referiu, que a questão reflete a experiência de uma geração nascida em Cuba nos anos 70, mas também a catarse da autora, através da escrita.

Programas para pacientes com Alzheimer, que unem arte e saúde e se desenvolvem no *Victoria e Albert Museum*, no Reino Unido, uniram a possibilidade da utilização da nostalgia como ação social inclusiva, alinhando arte, saúde e acessibilidade e encorajando outras instituições a financiarem programas semelhantes (JENNY PHELAN, 2015).

A nostalgia tailandesa se mostrou na experiência histórica de 12 golpes militares, desde o estabelecimento da Monarquia Constitucional em 1932. Sete deles ocorreram no *Período Dourado* (1950-1970). A autora arguiu se a nostalgia foi útil para justificar as ações militares em relação ao povo, promovendo a instituição da monarquia; se ela fortaleceu os homens para reagir contra a ineficiência dos políticos corruptos. Concluiu, que a nostalgia ajudou a estabelecer a paz e a estabilidade numa era moderna, por lembrar aos militares o

poder expansivo do *Período Dourado*; reintegrar a cultura das armas e os valores da honra desde a escola militar na retórica da política atual (THAYA UTHAYOPHAS, 2015).

Gary Pui-Fung Wong (2015) acresceu a experiência trazida de Hong-Kong, ao examinar a nostalgia na identidade política nos filmes, no circuito da cultura. Em trabalho anterior, outros autores a empregaram para ilustrar como a mídia eletrônica construindo a identidade de Hong Kong, antagonicamente à identidade da Pátria China, no período entre os anos 70 a 90. O período britânico colonial da China era representado nos filmes como uma era dourada com melhores governos e oportunidades econômicas. Criticamente, o circuito de cultura de Hall (2014) serviu para examinar a representação colonial dos filmes no período pós Handover (de 1997 aos dias atuais). Ele apontou a existência da 03 (três) tendências enquanto manobra nostálgica na identidade política: 1. A legalidade colonial britânica; 2. Uma identificação representada na desigualdade social para desaprovar o governo colonial; 3. A reflexão nostálgica sobre o período colonial. Particularmente, o trabalho também refletiu sobre os debates mais recentes da comunidade *on line*, sobre o movimento *Umbrella*⁴⁹, de 2014. Com referência à identidade política, o autor concluiu e arguiu à respeito da intervenção governamental e da influência da mídia social no desenho do circuito cultural nos tempos atuais.

Representando a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, apresentamos um caso clínico no qual utilizamos o recurso poético como coadjuvante na terapia de família. Enquanto autoras, reunimos o tempo terapêutico, a nostalgia, o poder biblioterápico e os recursos da catarse ao uso da poesia levada à sala da Terapia, para analisar a evolução de um caso clínico.

Desse Projeto trouxemos uma experiência dos matizes da Nostalgia nos diferentes campos do saber, sob o ponto de vista das diferentes culturas e campos de atuação.

Envelhecimento e cultura - Helman (2005), à respeito da homogeneização na concepção do envelhecimento, entendeu ter essa homogeneização múltiplas origens: resultado de fenômenos físico-químicos a nível celular e molecular, deslocamento das pessoas dos contextos culturais, com implicações éticas e sociais, conforme já mencionado. Mas, também, outros fatores, este autor acrescentou: a mudança da estrutura da sociedade, que fez com que os jovens buscassem melhores condições de empregabilidade e vida; o aumento da

⁴⁹ Umbrella para designar a proteção usada por estudantes de Hong Kong, para se protegerem de gás lacrimogênio, o que foi um símbolo de protesto.

expectativa de vida; a institucionalização da aposentadoria; os avanços tecnológicos o enfraquecimento dos vínculos entre avós e netos; o surgimento de uma educação pública; e a perda de posição dos velhos, como transmissores de saberes.

Hall et al (1983), tendo em conta as diferentes concepções de tempo no Oriente e no Ocidente, referem que para as sociedades agrárias da Ásia, o tempo é uma experiência cíclica e espiral, repetitiva e ascendente da experiência humana. Nele, está inserido o conceito de reencarnação, *samsara*, que perfaz um ciclo completo, composto por nascimento (s), morte e renascimento (s)⁵⁰. Estes autores citados chamam essa concepção de tempo *policrônico*.

Helman (2005) refere que, diferentemente para as sociedades ocidentais, o conceito de *tempo judaico-cristão* é linear, tem como termo inicial, a criação; e, como termo final, a chegada do Messias. É um tempo direcional, contínuo, cujo drama não contempla performances repetitivas. Esta concepção filosófica-cultural atinge a contemporaneidade. Esta última, Hall et al (1983) nominam de *tempo monocrônico*.

A influência dessas duas concepções de tempo, monocrônico e policrônico, segundo Helman (2005), impregnou o significado dado ao envelhecimento humano nessas sociedades distintas. Para as sociedades orientais (de tempo policrônico), o velho é o repositório da sabedoria, daquilo que viveu e experienciou, um conhecimento que atravessa as gerações. A morte do velho equivale à queima de uma biblioteca, disse em certa ocasião Ibrahim Boubakar Keita, presidente de Mali.

No segundo caso (sociedade da concepção do tempo monocrônico), ocorre uma inversão de padrão: é o novo que oferece a esperança e a possibilidade de entender as inovações, seja pela educação, livros ou Internet; é ele que determina o padrão de beleza, produtividade, autonomia e habilidade.

Na Mitologia grega, *Kairós* é o filho mais novo de *Chronos* e *Reia*. Pela Teologia cristã *Kairós* é o tempo de Deus, que não pode ser medido; *Chronos* nos remete à medida linear do tempo e, pela Teologia cristã, é o *tempo dos homens*, medido em segundos, minutos, horas, dias, meses, anos, séculos.

Schneider e Irigay (2008) concordaram no entendimento de que as concepções de velhice são construções sociais e temporais particulares de cada sociedade, que influenciam e se manifestam nas atitudes adotadas no tratamento dado aos velhos que nelas vivem. Essa visão pode ser positiva ou negativa. Na concepção negativa, o construto arraigado ao “ser velho” não privilegia a história de vida, mas o segmento- etapa da vida vivida. Nele, se

⁵⁰ No Budismo e no Hinduísmo, por exemplo.

associam idéias preconceituosas de deterioração, estagnação, perdas, descarte e morte próxima, contrárias aos valores cultivados na pós-modernidade: crescimento, força, progresso, juventude, esperança, poder.

Estas construções relativas ao tempo da longa vida são levadas ao espelho retrovisor de Chronos, que realça a escrita do tempo na pele e nos órgãos.

Freud (1919) não reconheceu essa escrita do tempo em si mesmo. Será que a imagem interna guardada era a da curiosa criança que nele habitava?

Das alterações na pele e da redução da quantidade de areia na parte superior da ampulheta do tempo ninguém escapa, mesmo que a aparência externa possa sugerir outra imagem, maquiada pela cirurgia estética. A areia do tempo, irremediavelmente, se deposita nas engrenagens, mas as realizações e os novos projetos são reforços que enfatizam a possibilidade do *poder fazer* em qualquer etapa da vida, não apenas na juventude. Nesse ponto de vista, o propósito, um objetivo de vida, o prazer no realizar, o estar em movimento é grande fonte de auto-estima, como temos notícia, nos centenários de Ogimi, a aldeia centenária do Japão.

Cícero (106 a.C-43 a.C) já dizia que *os sonhos são como deuses. Se não se acredita neles, eles deixam de existir*. Os nossos sonhos concretizados são como um rastro do cometa, um percurso desenhado atrás daquele, que viveu e deixou sua marca algures. É a poeira estelar na qual nos transformamos, ao final.

O agarrar todo espaço de oportunidade para a realização dos sonhos necessita da existência do azo, da vontade individual e da capacidade de sonhar. Isso motiva nossa existência para a escrita e leitura com as lentes de Kairós. E, significando o tempo, *Kairós* caracteriza o momento da oportunidade, que deve ser encarada com força e destreza para se alcançar o sucesso, num tempo não linear.

3.4 O envelhecimento nos mitos

Já vimos as forças a serem trabalhadas no processo de individuação, dentro do ciclo individual de Erikson (1998). Um processo em constante aprimoramento, o qual, na segunda metade da vida tem relação com o significado dado a esta vida.

Também Jung (1972) nos forneceu uma vertente a explorar, e mostra que o processo de individuação não é linear. Ele exige de nós reconhecer nossa sombra, os aspectos

reprimidos, despir a máscara e enfrentar as estruturas bipolarizadas dos arquétipos nas diversas situações da vida.

Nesse processo de individuação devemos reconhecer a permeabilidade e influência da cultura e das respectivas cosmogonias, visíveis nos mitos cultuados na família. A influência primordial que nos afeta é ocidental, greco-romana e judaico-cristã. Nela, Chronos é o “tempo dos homens”, medido em segundos, minutos, horas, dias, meses, anos, séculos, enquanto Kairós é o “tempo de Deus”, que não pode ser medido⁵¹.

Jung (1973) desenvolveu:

1. O conceito de arquétipo. Jung (1972) reconheceu os arquétipos, como processos psicológicos espontâneos inconscientes de representação. Uma estrutura elementar primordial da psique humana, que pode concentrar tanto um aspecto positivo, como um aspecto negativo. Puer or puella aeternus (aeterna) or puer animus; Puer / Senex. No arquétipo Puer/ Senex, Jung (1973) associa as figuras de Kronos (disciplina, controle, responsabilidade, racionalidade e ordem) e de Hermes ou Dionísio (instinto de desunião, desordem, intoxicação, capricho). Graham (2013) referiu que Senex e Kronos são ambos dotados de aspectos virtuosos, mas também com aspectos morais deficientes, e a compreensão Senex/ Kronos vem com o desenvolvimento do Self e de nossa espiritualidade. O Elder é diferenciado, é uma figura ciente do caminho da sabedoria. É um professor e um guia para os que procuram o caminho, porque compreende a natureza da jornada da realização do Self, da individualização da família e sua cultura, as adaptações e os jogos do ego, bem como as ilusões de poder, da fama, do sucesso. Sente sua força declinar com a idade, mas crescer a presença do que é maior e mais importante. Do mesmo modo, Storr (1973, p.84) entendeu, que a serenidade interior, se o homem (mulher) quiser alcançá-la, deve redescobrir os aspectos de si mesmo que tenham sido negligenciados.

Jung (1972), ao tratar do *puer animus*, refere que são faces para descrever o lado masculino da *psyché* feminina; e o lado feminino da *psyché* masculina, no que diz respeito à *puella anima*, não como entidades, mas como experiências. Nessa representação do arquétipo, o aspecto positivo de *puer*, é o da criança divina, simbolizada no potencial do crescimento, da esperança e do futuro, da figura do herói, do vir a ser; e a representação do lado sombra, do aspecto negativo, é a figura do homem/ mulher - criança, que se recusa a crescer.

⁵¹ Disponível em: <www.pt.wikipedia.org>. Acesso em 07 mai. 2014.

Da representação do arquétipo *puer/senex*, também se ocuparam Marie Louise Von Franz (2000) e Yeoman (1998), este último, ilustrando o referido arquétipo à nominada síndrome de Peter Pan⁵², que traduz a figura do adulto imaturo, que se recusa a crescer.

2. O conceito de inconsciente pessoal e de inconsciente coletivo: Para Jung (1972), o inconsciente pessoal guardaria a singularidade do sujeito, enquanto que o inconsciente coletivo, as experiências comuns da humanidade, na busca pelo sentido da vida.

O processo de envelhecimento humano retratado no mito de Eos e Titonus (BRANDÃO, 1996) - Na cosmogonia grega, Eos é a Aurora, deusa do Alvorecer, uma das crianças do Olimpo e filha dos titãs Téia e Hiperion, que sai a cada manhã numa carruagem puxada pelos cavalos Claridade e Brilho, para anunciar à Terra, o Sol e um novo dia.

O mito de Eos é tecido de amores, pois provocou os ciúmes de Afrodite, ao se unir a Ares. Afrodite se vingou, fazendo com que se apaixonasse louca e eternamente por heróis e mortais, e nem sempre fosse correspondida. Dos tres paixões, a primeira, foi Orion, filho de Posídon, raptado e levado à ilha de Delos, foi, por fim transformado em constelação como castigo, após ser picado por um escorpião, por tentar violentar Ártemis. A segunda, foi Céfalos, filho de Hermes. Ela o abandonou, por não corresponder ao seu amor. A terceira, foi Titonus, filho de Ilo e Plácia, de Tróia, o qual levou para a Etiópia (País do Sol) com quem teve dois filhos: Memnón (Memória), morto por Aquiles na Guerra de Tróia; e Emátion (Emoção), morto por Hércules. Sem seus filhos, Eos pediu a Zeus a imortalidade de Titonus, mas se esqueceu de pedir-lhe também a juventude e a beleza eternas. Como os deuses não envelhecem, Titonus, por não ter recebido a graça da juventude eterna, envelheceu, mesmo sendo imortal, tornando-se pequeno e feio. Então, Eos o transformou em uma cigarra e o trancou em seu palácio, para poder ouvir o canto da cigarra todos os dias.

Esse mito de Eos e Titonus nos remete ao processo do envelhecimento humano que ocorre a cada dia. Eos é a deusa, jovem e imortal. Titonus é o humano, sujeito ao processo de envelhecimento. A imortalidade dele só transparece no seu fazer: o canto. Esse é o feito que pode ser lembrado. Para a deusa, o que dói (emoção) é a lembrança (memória) dos frutos que colheu: o amor do marido, os filhos, a beleza do amado, guardados no canto de Titonus.

O astrônomo Fred Hoyle (1965:65) referiu que, normalmente, não entramos em contato real com as forças que moldam nosso futuro. E por não sermos capazes de prever a hora em que o fio que nos prende a vida se partirá, devemos seguir a recomendação de James

⁵² O Dr. Dan Kiley popularizou essa síndrome em 1983, no livro *The Peter Pan Syndrome: Men who never grown up* (Avon Books. ISBN 978-0380688906). Neste livro, usou Adolph Hitler, como exemplo do fenômeno.

Hillman (1979), de que é preciso encontrar a conexão psíquica que liga o passado e o futuro, para descobrir a inabilidade coletiva de ver de onde viemos e para onde vamos, e a polaridade entre o tempo de ser pai e deixar a eterna juventude.

Peter Pan e o espelho mágico

Arlene Moreira

*Não seja o menino mimado
Que se deixa no canto acuado
Porque não lhe dão
O que aponta com a mão.
A vida não é a fada madrinha,
Que nosso desejo encaminha
Com o simples toque
De sua vara de condão.*

*De si, ao redor
Tudo tem sua história
Tempo, motivos e glória.
É o devir do momento
E não seus argumentos,
Choros e lamentos,
Que trazem o convencimento,
Não seu narcísico merecimento.*

*Você já foi criança,
E na bonança da idade
Tinha os sonhos mágicos.
Navegava na irrealidade.
Essa criança cresceu,
Mas vive o tempo passado,
Não o presente momento.*

*Receba o amor de seu velho
Sem cobranças,
A vida é receber e dar,
E em nossas andanças
Há pedras nos caminhos por pisar.*

*Pode ver que o tempo passa,
E pede-nos para atualizar
Antigos modos de ser e ver,
Para podermos crescer.
Aproveite o hoje
E a presença do velho.
Guarde na lembrança
Os bons tempos de criança.
Olhe-se no espelho,
Retire-se do heterotópico espaço
Que se foi,
E abrace o presente:
És o filho,
Mas também o pai
Mas também avô serás,
Nos caminhos e nas voltas
Que o ciclo da vida dá...*

3.5 Sexualidade na velhice

A publicação de Warner Schaie, sobre a psicologia do envelhecimento data de 1977. Fávero (2010) referiu que a 4ª. edição de 1996, ainda não tratava das questões referentes ao gênero e à sexualidade. Tanto na produção nacional, que em sua maioria tem os trabalhos publicados em revistas da área da saúde e meio ambiente, como na internacional, o tema sexualidade dos idosos, na grande maioria dos casos, é tratado com o foco nos riscos à saúde, mas não na prática social ou pessoal da vida dos idosos.

Tal fato se repete nas produções ligadas à área da psicologia, ao tratar das concepções de felicidade ou envelhecimento saudável.

Sexo e sexualidade no envelhecimento: qual a opinião do senso comum?

Blenda Kassel (2001) na *Age and Ageing*, em relação ao emprego dos vocábulos *sexo* e *sexualidade*, referiu que o vocábulo *sexo*, tem sido empregado, significando o *aspecto físico*; e *sexualidade*, para abarcar um sentido mais amplo, que compreende o *físico, o mental e o social*. Para esta autora, o senso comum vê a sexualidade do idoso de três maneiras:

1. A sexualidade não existe. Esse pensamento se embasaria na idéia de que a atração física seja inerente à juventude e à beleza; os velhos não exerceriam mais sua sexualidade e, não teriam mais desejos;

2. Sexualidade como humor. Este é o modo pelo qual muitos cartões de aniversário ainda tratam o tema, na referência ao aspecto da falha na performance sexual no envelhecimento;

3. Sexualidade como repugnante. Modo pelo qual as pessoas de idade são vistas, quando fogem ao estereótipo e querem uma vida sexual ativa.

No entanto, essa autora citada referendou estudos de outros cientistas, que mostram a expressão da atividade sexual em pessoas idosas como sinal de vida saudável. E ela esclarece que:

1. A atividade sexual pode declinar com a idade avançada, se ou quando relativizada por problemas de saúde ou psicossocial;

2. Que o envelhecimento natural tende a fazer com que haja necessidade de um tempo maior de preparo para a performance, e exigir maior estimulação (por problemas de redução da rigidez peniana, ou de menor lubrificação vaginal);

3. Que existem fatores ligados à medicação de problemas de base (hipertensão, por exemplo), ou decorrentes do uso de álcool e cigarro, que interferem na sexualidade;

4. Que a não atividade sexual pode estar ligada à ausência de parceiro (a), ou falta de privacidade (instituições, por exemplo);

5. Que os assuntos da área da sexualidade podem e devem ser tratados nas consultas, em busca de soluções, aconselhamentos, esclarecimentos e estratégias para os problemas.

O tema sexualidade, com os estudos de Fleury e Abdo Najjar (2012) mostraram algumas diferenças e algumas similaridades. O senso popular também não apostava na sexualidade do idoso, fato que alimenta a associação idoso- morte e a crença da ilusão, por parte dos jovens, que a juventude perdura para sempre e ninguém se imagina tornar-se velho.

Essas autoras citadas, entretanto, fizeram um levantamento das alterações da função sexual próprias do envelhecimento e de doenças crônicas, para melhor conhecerem e aconselharem/ favorecerem a preservação da vida sexual dos clientes.

Entre as queixas que analisaram estão:

1. Disfunção erétil (homens);

2. Desejo sexual hipotativo (mulheres entre 60 e 70 anos). O declínio do desejo, ou da frequência do orgasmo e da atividade sexual, segundo as autoras citadas, costumam sofrer o impacto de fatores psicológicos, relacionais, sociais, culturais e biológicos no bem-estar sexual durante o envelhecimento.

As autoras citadas observaram no levantamento feito, dois estudos: 1. European Male Ageing Study (2009, Reino Unido, UK). O qual estudando 3.200 homens de 08 países, em 2009, verificou, que 50% dos homens, entre 40 e 79 anos, apresentavam uma ou mais comorbidades (hipertensão, doença cardíaca, obesidade); que as disfunções sexuais, como a disfunção erétil, se associava a essas comorbidades e, apenas 38% deles, se preocupavam com essa condição. Homens, na faixa entre 50 e 78 anos, se queixavam de disfunções ejaculatórias (disfunção erétil, volume de sêmen, habilidade, dor ao ejacular). A queixa era seguida pesquisa para exclusão de história de prostatectomia, carcinoma de bexiga e próstata, e doença neurogênica de bexiga. Uma vez excluídos, ainda assim, era a queixa mais frequente, seguida de problemas sociais; 2. Multinational Survey of Ageing Male (2003). O qual englobou 34.800 homens com sintomas urinários baixos, decorrentes de hipertrofia prostática benigna, com idades acima de 50 anos. Deles, 14.254 deram retorno ao ensaio. Deste contingente, 90% dos homens com disfunção erétil, apenas 19% procurou ajuda médica para o problema e 11% deles foram medicados, inferindo forte relação entre disfunção erétil e sintomas depressivos. Com relação ao uso de medicamentos continuados, que interferissem na sexualidade, acabavam por serem abandonados, pelos efeitos adversos que geravam.

Relativamente às mulheres, Fleury e Abdo Najjar (2012) referiram que os hormônios são apenas um, dos muitos fatores relacionados à função sexual. A menopausa podia propiciar secura e atrofia vaginal (níveis de estrogênio reduzido), com desconforto e dor à penetração, porém passíveis de serem contornados. Os fatores biopsicossociais e relacionados ao parceiro, que influenciam na sexualidade e nos transtornos depressivos da pós-menopausada, poderiam ter relação com a ingestão de medicamentos antidepressivos, quanto ao efeito negativo na resposta sexual. As autoras disseram, que mesmo que a atividade sexual diminua com a idade, de modo geral os idosos permanecem ativos sexualmente.

De posse desses dados, as autoras citadas avaliaram que a atividade sexual de homens e mulheres acima de 55 anos podiam melhorar os sintomas depressivos, a saúde cardiovascular, reduzir a obesidade em homens e mulheres e constituíam um sinal de saúde. Desse modo, as autoras concluíram, que a maior longevidade faz com que se pense a saúde sexual, como parte da saúde integral. Além disso, o desenvolvimento de drogas para melhor resposta sexual tem avançado, daí a importância de uma abordagem multidisciplinar para conhecer as alterações biológicas, psicológicas, relacionais e sociais.

Tiefer (2000) referiu que, talvez, parte do não tratar sobre a sexualidade feminina, possa ser decorrente do fato de que o envelhecimento é feminino. E fez uma análise crítica sobre as pesquisas sobre sexualidade, para as quais aponta um conjunto dos fatores:

1. O modelo masculino é o padrão;
2. O reducionismo biológico (sexualidade de cada um é uma psicobiografia de contexto particular e pessoal);
3. Sexualidade considerada uma atividade neutra (não se considera o meio sociocultural em que se está inserido);
4. O silenciamento do desejo sexual pesa com o passar dos anos, ou morre ante o desrespeito, ou ante a desqualificação pelo companheiro;
5. A medicalização da variante do *normal*.

Leonore Tiefer (2000), a pesquisadora citada, além de cientista, é feminista e manifestou seu protesto, em relação à perspectiva da visão do desejo sexual, como um determinismo biológico inato, a ponto de ser visto como disfunção tratada como tal pela indústria da medicalização, e ignorando a realidade interpessoal das mulheres. Foi uma das que participou do *Manifesto da nova visão dos problemas sexuais da mulher*⁵³.

Devemos deixar de lado, as categorizações que segmentam a faixa *idosos (estudos feministas? Defesa da população LGBT?)*, para considerar o *ser idoso na contemporaneidade*, e considerar o quanto os estudos contribuem na formação de um ambiente saudável para viver a sexualidade como pleno direito. São ainda muitos os olhares que confluem na formação dos preconceitos em relação à sexualidade do segmento idoso da população, por verem o desejo e a sexualidade próprios do corpo jovem, mas impróprios ao corpo envelhecido. Neste, o desejo e a sexualidade transparecem como anormais, deteriorados e como sinais de disfunções.

⁵³ Lançado no ano 2000, no sentido do desenvolvimento de uma substância semelhante ao Viagra, para as mulheres.

Fávero (2010), diz que manter essa tendência no modo de ver a sexualidade do idoso, na pesquisa ou na prática psicoterapêutica do dia a dia, é manter o caráter reducionista com que se lidava com o envelhecimento, no início do século XX; além de ter os olhos fechados para a inter e multidisciplinaridade.

Vieira, Miranda e Coutinho (2012, p.123) em pesquisa qualitativa de embasada na representação social, pesquisaram 30 idosos, de ambos os sexos, com idades entre 60 a 79 anos, em grupos de convivência no Município de João Pessoa (Paraíba, Brasil). Os autores procuraram contextualizar a importância da sexualidade na qualidade de vida, no entendimento do ator social. Os participantes referiram mudanças, quanto às vivências da sexualidade.

Os sentimentos e as emoções vivenciadas são diferentes...existe muito mais carinho, não como na juventude...mas, mais cumplicidade do que sexo em si...(VIEIRA, MIRANDA e COUTINHO, 2012, p.123)

Os idosos reconheceram que os benefícios da sexualidade repercutem no sentimento de bem estar. Que a sexualidade é uma coisa natural e fá-los refletir sobre a intimidade do casal, a realização pessoal: amor, bem estar, intimidade, apego, companheirismo e cuidado mútuo. E as autoras citadas concluíram, que a sexualidade é um elementos essencial à qualidade de vida na velhice, não se resumindo apenas ao ato em si, mas também ao carinho, ao companheirismo e à intimidade.

Muitas vezes, dificuldades financeiras, ou patologias orgânicas podem interferir, negativamente na vivência sexual. As autoras sentiram certa discriminação e preconceito percebido pelos participantes, em relação à vivencia da sexualidade na velhice. Entretanto relataram que poder expressar e vivenciar a sexualidade contribui para um envelhecimento saudável e feliz.

Clarice Lispector nos mostra, numa pequena história, que o desejo não é característica nem apenas masculina, nem somente dos mais jovens.

Ruído de passos

Clarice Lispector

Tinha oitenta e um anos de idade. Chamava-se dona Cândida Raposo. Essa senhora tinha a vertigem de viver. A vertigem se acentuava quando ia passar dias numa fazenda: a altitude, o verde das arvores, a

chuva, tudo isso a piorava. Quando ouvia Liszt se arrepiava toda. Fora linda na juventude. E tinha vertigem quando cheirava profundamente uma rosa.

Pois foi quando dona Cândida Raposo que o desejo de prazer não passava. Teve enfim a grande coragem de ir a um ginecologista. E perguntou-lhe envergonhada, de cabeça baixa:

- Quando é que passa?

- Passa o quê, minha senhora?

- A coisa.

- Que coisa?

- A coisa, repetiu. O desejo de prazer, disse enfim.

- Minha senhora, lamento lhe dizer que não passa nunca.

Olhou- o espantado.

- Mas eu tenho oitenta e um anos de idade!

- Não importa, minha senhora. É até morrer.

- Mas isso é o inferno!

- É a vida, senhora Raposo.

A vida era isso, então? Essa falta de vergonha?

- E o que é que eu faço? Ninguém me quer mais...

O médico olhou-a com piedade.

- Não há remédio, minha senhora.

- E se eu pagasse?

- Não ia adiantar de nada. A senhora tem que se lembrar que tem oitenta e um anos de idade.

- E ... e se eu me arranjasse sozinha? O senhor entende o que eu quero dizer?

- É, disse o médico. Pode ser um remédio.

Então saiu do consultório. A filha esperava-a embaixo, de carro. Um filho, Cândida Raposo perdera na guerra, era um pracinha. Tinha essa intolerável dor no coração: a de sobreviver a um ser adorado.

Nessa mesma noite deu um jeito e solitária satisfez-se. Mudos fogos de artifícios. Depois chorou. Tinha vergonha. Daí em diante usaria o mesmo processo. Sempre triste. É a vida, senhora Raposo, é a vida. Até a benção da morte.

A morte.

Pareceu-lhe ouvir ruído de passos. Os passos de seu marido Antenor Raposo.

Sexualidade na filmografia - Na Filmografia nacional há retratos da vivência da sexualidade na velhice. O exemplo a ser tomado, vem com o filme dirigido por Cacá Diegues, em 1978, “Chuvas de Verão”. À época em que o filme foi lançado, o Brasil ainda era um país de jovens. No filme, o personagem principal, Afonso (Jofre Soares), representa um recém - aposentado, que mora num subúrbio do Rio de Janeiro, próximo da linha de trem Central do Brasil.

Após seu último dia de trabalho, sai da festa de despedida que seus colegas lhe presentearam, vai para casa, pensando em curtir a vida de aposentado: o sonho esperado, que

se realizara. Como num ritual de passagem para essa não função, Afonso veste seu pijama com a intenção de nunca mais tirá-lo, e sai pela cidade. Entretanto, a filha o convoca para flagrar o genro, em uma orgia.

O vizinho ao lado, da mesma idade que ele, é preso e se confessa pederasta assassino; e Afonso descobre que sua vida sexual não acabou. No entanto, ele e os de sua geração tomam a aposentadoria, como associada à velhice e à morte social, um protótipo de imagens negativas associadas a essa fase da vida. Os desejos, que sente, e os acontecimentos que se desenrolam, são um eclipse para a vida do subúrbio, e é assim que ele descobre um outro caminho para viver essa fase da vida. O filme é ilustrativo, pois as cenas retratam trajetórias de vida; as desigualdades e as diferenças dos mundos sociais em relação ao gênero, às gerações e às interações nos espaços público e privado.

Há uma série que está sendo veiculada pela Netflix, criada por Marta Kauffman e Howard J. Morris, chamada *Grace and Frankie*, duas mulheres rivais, protagonizadas por Jane Fonda (Grace) e Frankie (Lily Tomlin), cujos maridos são sócios em escritório de advocacia. Casamentos com histórias de 40 anos. Um dia, em evento familiar, envolvendo a família de ambos os casais e proles, os maridos relatam que estão apaixonados. Segue-se o divórcio, a dificuldade em entender a situação, a sensação de sentir-se traída, a separação e a partilha de bens. Começam a ser discutidos os problemas familiares nas respectivas fratrias, todos adultos, e questões relevantes à velhice feminina e masculina, à vivência da sexualidade, ao relacionamento do novo casal homoparental, os resgates de lembranças de antigos possíveis amores, o viver só a fase última da vida. As tentativas de controle dos filhos, ante o aparecimento de transtornos na saúde, que retratam realidades possíveis, discutidas de um modo interessante e que promovem reflexões pertinentes no expectador. A série é interessante pelo modo como põe o foco no envelhecimento, além de expor uma contrastante diferença em relação aos estereótipos relacionados aos velhos e uma nova abordagem para os assuntos tratados.

3.6 Vivendo o envelhecimento

Uma reportagem da Folha de São Paulo⁵⁴ noticiou, que na Cidade de São Paulo, 8% dos moradores já passaram dos 65 anos (CENSO 2010, IBGE). Esse contingente de pessoas foi percebido como um nicho de oportunidade de consumo, assim como de negócios voltados

⁵⁴ Suplemento 114, p.21-27, Folha de São Paulo, 09 a 15 set. 2012.

para a exploração de serviços, o qual se diversifica a cada dia. Este nicho inclui turismo, diferentes materiais orientados ao segmento, opções de lazer e cultura e pessoal treinado para a prestação de companhia, ou cuidados junto aos idosos. O assunto, de certo modo, tem relação com o *viver só*, já explorado em páginas anteriores.

Muitas vezes, as famílias não podem tomar para si a oferta de companhia ou cuidados diários pela dinâmica em que vivem. O segmento de cuidados, inclui centros-dia, que oferecem serviços de creche; cuidadores para os que têm dificuldade na locomoção; casas de repouso de longa permanência; atividades de lazer; residenciais para idosos, com hidroginástica, salão de beleza, salão de festas e enfermaria 24 h.

As pessoas entrevistadas na reportagem referida, motivaram que preferiram ir para o residencial, para não *dependerm dos filhos*, para *terem liberdade*, por *serem independentes*, por *se sentirem sozinhos*, para *poderem ter companhia*.

Nesses residenciais, os idosos dividiam o quarto, como é o caso de C.S.N., 66 anos, retratado na reportagem referida, o qual residia com outros três senhores, e os via como “a família que achava que nunca iria ter”. No local, C.S.N. recebia acompanhamento semanal de gerontólogos e psicólogos, além de ter autorização para sair durante o dia.

Por ser onerosa a alternativa de casa de repouso, muitos familiares optam pelo Centro-dia, embora alguns geriatras⁵⁵ tenham restrições quanto à esta alternativa. Em Portugal, ela é bastante comum e utilizada pela população, vez que o idoso deixa de estar só em casa, e recebe assistência, quando todos os familiares estão fora, ou no trabalho, ou na escola. Lá, ele tem a convivência com outros de sua idade, toma seu banho, tem o almoço, um lanche, o jantar, além de participar de passeios, atividades e pequenas viagens programados.

Porto Alegre, é exemplo de cidade que abriu a primeira creche particular⁵⁶ para idosos. E entre as atividades desenvolvidas estão fabricação de decoração, jogos, idas a shopping e passeios pela cidade. Há fisioterapia, dentista e outros serviços de saúde disponíveis aos usuários, no local. A idéia inovadora do projeto, segundo informou o proprietária, é trazer o idoso de volta ao mundo, dando-lhe maior convívio social. Este serviço citado, dado como

⁵⁵ Dr. Clineu Almada Filho recomenda cautela com a opção Centro-Dia, pois alguns idosos têm dificuldade em manter a própria rotina, quando a ida ao Centro não é o seu cotidiano, mas o eventual).

⁵⁶ A creche para idosos relatada tem o nome de *Cuidadores* e é uma alternativa para as pessoas que necessitem de cuidados durante o dia ou à noite, por conta de viagem, trabalho, festas de casamento. O custo para 12 horas é de R\$150,00 (cento e cinquenta reais). A iniciativa é de uma policial aposentada, Délcia Marisa Krutzman, de 57 anos, que se inspirou em serviços desse molde da Alemanha e da Suíça. Para isso, investiu o local alugado com reformas adequadas. A experiência anterior era com serviço de homecare, o qual ainda está em funcionamento. Tendo tido um problema de saúde, essa experiência ajudou-a a definir esse novo projeto. Este negócio ela tenciona transformar em franquia (Disponível em: <<http://www.uol.com.br>> . Acesso em: 21 fev. 2016).

exemplo, pode representar um nicho de oportunidade conforme diz a proprietária, mas também visa suprir necessidades de quem tem pessoas idosas em casa, vivem na cidade com os problemas a elas inerentes e trabalham fora.

Tomo a liberdade de comentar o nome dado à instituição, *creche*, o qual pareceu-me infeliz. Traz o dicionário on line da Língua Portuguesa⁵⁷, que “creche” é um *estabelecimento ou instituição que abriga, durante o dia, crianças de pouca idade*. A meu ver o nome auferido diz menos, por vários motivos: 1. É um termo antagônico para a nomenclatura ‘*ideia inovadora*’, com que se reveste; 2. Parece reforçar o estereótipo redutor atual do idoso; 3. Os usuários não têm pouca idade; 4. O nome não condiz com a intenção da ideia inovadora em ser um espaço novo e trazer o idoso ao convívio e à participação no mundo.

Essa descrição, ao contrário do que objetiva, parece reconhecer que o idoso não é um participante, embora o comprometimento da instituição seja com a participação. Portanto, a ideia tem a participação do idoso no mundo como algo inovador, mas o nome não coaduna com o que quer qualificar. Por outro lado, as creches, originariamente, são estabelecimentos destinadas às crianças que não podem frequentar a escola, pelo fator idade. O destinatário da proposta de Krutzman, neste caso é o idoso, cliente antagônico ao do conceito originário, vez que a autora da ideia pretende que o espaço recém-criado seja de retorno à participação. De qualquer modo, os custos não são baixos, se pensarmos no número de dias em que o serviço venha a ser utilizado.

A vivência dos longevos em cidades menores e no meio rural pode mostrar diferenças, em relação aos serviços oferecidos ou disponíveis. Nos centros menores, o grau de interação entre os membros da comunidade tende a ser maior, assim como o grau de pertencimento ao ambiente. Um exemplo é o que ocorre em pequenos Concelhos, como Tondela, em Portugal, nos quais predomina uma população envelhecida⁵⁸, pois os jovens, afetados pelo desemprego saem à procura de novos postos de trabalho. Para esta população estão programadas atividades, que têm como base a promoção da qualidade de vida e um maior contato social.

Na esteira das vivências de envelhecimento, Britto da Motta (2004, p.119) dizia que a velhice devia ser pensada no plural, pela pluralidade de formas de envelhecer dentro do

⁵⁷ Disponível em: <<http://www.dicio.com.br>> . Acesso em: 28 mar. 2016.

⁵⁸ Tondela faz parte do Distrito de Viseu, Portugal. A notícia referente ao Concelho de Tondela, foi matéria de Sandra Rodrigues, para publicação no Jornal do Centro de 05.02.2016, conforme o diagnóstico social para o Programa de Apoio à comunidade local, “Tondela Inclusiva”. Este Programa é integrado no Contrato Local de Desenvolvimento Social (CLDS) de 3ª. Geração e coordenado pela Santa Casa de Misericórdia de Tondela, em parceria com a autarquia local, agrupamentos, escolas, serviço local de emprego, Segurança Social, entre outros, que se envolverão nas atividades a serem realizadas.

mesmo grupo etário, e porque há vários grupos etários na denominação genérica de velhice. Ao distinguir padrões de sociabilidade nas diferenças geracionais, ela propõe categorias de velhos, nominando velhos- jovens, aos que se dão nos espaços sociais de interação mais públicos; velhos- velhos, aos que se restringem sua vivência ao ambiente doméstico; mas, mesmo aderindo a uma categorização, essa autora anui com a influência de agentes da gestão da velhice nas formas de interação “fabricadas” (aspas da autora).

Vale aqui um adendo em relação ao pertencimento. E, traçando um paralelo entre Brasil e Europa, trazemos as pesquisas realizadas por Clarice Peixoto (2000). Essa autora fala da sociabilidade, e das *conquistas de espaço e territórios de pertencimento* nas cidades do Rio de Janeiro e Paris. Na pesquisa, ela mostrou que os idosos desenvolviam sociabilidades e padrões de comportamento mais flexíveis e incluíam gerações mais jovens e de diferentes níveis sociais. Tal fato uniu essas pessoas nos espaços da cidade. Para os mais envelhecidos, segundo esta autora, a dança e os jogos possibilitaram a criação de regras e, também, algumas *transgressões* a estereótipos. Que transgressões eram estas? A autora cita exemplos: o namoro e a sedução, como experiência de velhice ativa, que faz emergir o jovem que habita o interior de cada um desses velhos.

3.7 Políticas sociais para um envelhecimento ativo/saudável

Na construção que é feita para o bem envelhecer, um envelhecimento ativo, Brundtland (2003) preconizou a manutenção de um interesse vivo, a prática de exercícios físicos, alimentação equilibrada e oportunidades de participação em atividades para manutenção da rede, para manter a saúde física e mental e postergar a dependência física.

Algumas palavras a serem ditas.

A oportunidade de participação em atividades extra- domésticas pode depender da participação do Estado, com alternativas e facilidade de acesso, ou de recursos financeiros para participar. Ante a ausência ou deficiência na disponibilização, a carência pode ensejar impossibilidade para o idoso viver esta etapa com saúde mental, conforme estudos de Fortes (2004); Ciampa (2005); Campedelli (2008); Costa Felix (2013); Cerbério (2013), entre outros.

A *práxis* contemporânea do envelhecimento⁵⁹ tem sido discutida em simpósios pelo mundo. Exemplo disso, ocorreu em 2015, durante a Semana de Gerontologia na PUCSP, na qual estiveram presentes representantes de países como México, Argentina, Portugal e

⁵⁹ XV Semana de Gerontologia. Outubro de 2015. PUCSP; II Simpósio Internacional de Gerontologia Social, em São Paulo, discutiu-se o tema “Longevidade como Oportunidade: Praxis Contemporânea”.

mostraram alguns exemplos de políticas públicas em ação. A Dra. Verônica Montes de Oca Zavala, da Universidad Nacional Autónoma de México falou sobre a importância das redes de apoio e do pertencimento. Representando Portugal, a Prof. Carla Ribeirinho, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa trouxe projetos voltados para o envelhecimento do futuro, seja no âmbito da promoção da inserção de idosos em projetos educativos, consultorias, voluntariado, coabitação inter geracional, como exemplos de novas possibilidades econômicas e sociais.

No contexto brasileiro houve a apresentação do projeto, em fase de implantação, pela Secretaria do Estado de São Paulo, sobre ‘Cidades Amigas: otimizando oportunidades’, que mostrou como o Decreto 58.047, de 15.05.2012, vem sendo desenvolvido nas cidades do Estado de São Paulo (Programa “Cidades amiga do Idoso”). O projeto estava sendo pensado no sentido de dar maiores oportunidades de convivência em sociedade, e mostrava a adesão de 639 Municípios.

No projeto citado há previsões de cumprimento de metas: ações obrigatórias (10) e ações coletivas (30) a serem cobradas dos Municípios aderentes. Dentre as ações obrigatórias consta a redução do índice de analfabetismo entre idosos. Ao longo do cumprimento dessas ações há outorga de selos (inicial, intermediário e pleno), mediante ações de manutenção e de monitoramento para Municípios e gestores. O objetivo do Programa é a implantação de uma agenda urbana inclusiva, que segue as normativas da ONU , tendo em vista a projeção do maior número de idosos no futuro. Tal número demandará por novas políticas públicas em resposta a uma série de adaptações e necessidades. Com isso, cidades e moradias tenderão a ser projetadas arquitetônica e urbanisticamente com a finalidade de amplo espectro de uso para diferentes usuários (crianças, idosos, pessoas com restrições temporárias ou permanentes), à medida em que o usuário envelheça.

O referido projeto, ”Cidade Amiga do Idoso”, entretanto, demonstra que a estrutura ainda necessita de maior organização. Um projeto interessante, que pede por complementação constante, acompanhamentos e cobrança por parte dos cidadãos. Isso porque, já há requisitos primários ainda não atendidos, e que dizem respeito a todos os cidadãos, envelhecidos ou não. As ações complementares de que falo, dizem respeito ao acesso aos serviços; à segurança diante da violência da cidade; à melhoria da pavimentação e da integridade das calçadas; a um “timing” adequado para travessia viável para o idoso pedestre nos semáforos; ao respeito recíproco dos ciclistas e pedestres às regras de trânsito, com vistas a prevenção em envoltimentos evitação de acidentes; ao respeito no transporte público (preparo e educação

dos motoristas, cobradores e usuários); à organização e estruturação de banheiros públicos; à ampliação e segurança das áreas verdes das cidades; além do aumento de oferta para atividades culturais, uma iluminação viária noturna adequada, entre outros exemplos. Como se vê, as necessidades são muitas. E o caminho, longo. É preciso percorrer o caminho e fazer as cobranças, para que outros possam por ele caminhar.

No hoje que vivo

Arlene Moreira

E assim, a luz

Inicia o dia

E deixa no rastro da noite

A poeira da estrela,

Que o alvorecer traz.

Vontades e sonhos são inspirações

Das novas realizações,

Que realizar sou capaz.

Sei que meu tempo se vai

Mas sem dores profundas,

Ou mágoas restantes.

Procuro no mundo

Aquele raio- de- sol,

Que faz o pássaro cantar

E me acorda pela manhã.

Na chama que me resta

Dei adeus aos ranços do passado,

Pois que nenhum amanhã

Nos pertence, jamais.

E levanto-me sem pressa

Num tempo de conversa

Com os ancestrais.

4. MÉTODO

A presente pesquisa tem uma abordagem qualitativa.

4.1 Justificativa e objetivos

Justificativa

A justificativa do estudo foi perceber e entender o envelhecimento, como um processo em que, enquanto fase da vida, está presente a possibilidade de concretização de sonhos e projetos, e não se constitui apenas um tempo só de espera e do *não ser*.

Objetivo Geral: Perceber e entender novas vivências da velhice .

Objetivos Específicos:

1. Entender a motivação da vida na velhice;
2. Perceber a presença dos sonhos no envelhecimento;
3. Entender a importância do lembrar na velhice;
4. Perceber como o pertencimento é mantido na velhice;
5. Entender a vivência da sexualidade na velhice.

Além das narrativas colhidas, fotografias, documentos, objetos, recortes de jornal foram selecionados e fazem parte do estudo.

4.2 Tipo de pesquisa

Metodologia

A metodologia é qualitativa e, quanto ao tipo, a escolha recaiu na Análise de Narrativas para abordar questões relacionadas à singularidade dos indivíduos, combiná-las aos contextos socioculturais, no sentido de compreender as mudanças de crenças ou valores, que podem motivar e justificar suas ações.

A coleta de narrativas traz novas perspectivas de análise da realidade social, por reproduzir em detalhes as estruturas que orientam as ações dos indivíduos. Além disso, há nas narrativas uma característica colaborativa, vez que na interação entrevistador- participante

existe interação e troca; tornando possível a compreensão da dimensão histórico- crítica de aspectos da realidade social presentes ao longo da vida e, particularmente, na velhice.

Autores como Lefevre e Lefevre (2003, 2006); e Lefevre; Lefevre e Costa Marques (2009) compreendem que o discurso, aparentemente, guarda um paradoxo: é redigido na primeira pessoa, mas é o coletivo quem fala (o senso comum). Daí a idéia de que o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é uma proposta explícita de reconstituição de um coletivo empírico opinante, abrindo espaço para representações sociais (RS).

Por outro lado, de acordo com Moscovici (1981), as operações mentais e da memória são construções simbólicas da realidade, que dependem das normas sociais, dos valores cultuados, da história comum da comunidade, mas também da linguagem, dos mitos, das lendas de cada família e cultura (BARTHES, 2008) nas quais há influência da recursividade na interação na comunicação entre as partes. E as narrativas constituem um meio de revelar o social construído, que então se presta a análise. Desse modo:

- a) O que as pessoas pensam individualmente sobre os temas, elas expõem.
- b) Os discursos, no entanto, revelam o que a coletividade pensa.
- c) O pensar das pessoas é a ressignificação da interpretação da coletividade.

É bem verdade, que o que se faz é um corte da realidade sobre o processo de envelhecimento. Entretanto, o estudo poderá contribuir para expor outra face do envelhecimento, no sentido de desconstruir significados únicos de uma realidade múltipla.

4.3 Delineamento

A pesquisa ‘*Longevidade: Novas conquistas, novos espelhos, novos olhares*’ teve abordagem qualitativa com o delineamento de *Análise de Narrativas*. Inúmeras foram as contribuições das correntes teóricas, não só da Linguística, seja ela francesa, anglo-saxã ou do Círculo de Bakhtin, mas também provenientes da filosofia, literatura, antropologia, teorias políticas, biologia, teoria literária, bem como diálogos travados com tendências oriundas da psicologia, do estruturalismo, do formalismo russo, do marxismo ortodoxo, do freudismo na concepção, compreensão, reflexão sobre a análise da linguagem. Um movimento de idéias, a meu ver contribuiu, seguindo a opinião de Brait (2013, p.84), para o arcabouço histórico e metodológico da Análise Dialógica do Discurso (ADD) e, mostrou “*uma relação indissolúvel entre língua, linguagens, história e sujeitos*”.

A linguagem verbal está ligada à vida da comunicação relacional. Brandão (2013) refere que trabalhar ao nível do discurso é atuar ao nível do linguístico, mas também do extralinguístico. Para Bastos e Biar (2014) a Linguística Aplicada serviu como uma moldura epistemológica construtivista. Nessa moldura, somou-se a contribuição da gênese da sociolinguística, no sentido de suprir a *incompletude de uma análise que se ocupa mais da forma do que das intenções dos narradores* (FLANERY, 2015, p.98).

Reforçando esta linha, Revuz (1990, p.26, 2004), em relação à Teoria da Enunciação, refere que o discurso não emerge de apenas um sujeito e existe um Princípio do Dialogismo, isto é, um discurso em oposição a outro. Essa autora citada questiona a inicial concepção homogeneizadora do discurso, e entende que ele nem é fechado, nem homogêneo, e está sempre sendo remetido ao interlocutor; recebendo e influenciando outros discursos. Por esse motivo, “*o sujeito do discurso está situado no contexto sócio- histórico da comunidade, num tempo e espaço concretos*”.

Local do estudo: O estudo abrangeu dois locais de coleta de narrativas: Viseu (Portugal) e São Paulo, Capital (Brasil), por conveniência estratégica.

Em Portugal, ou no Brasil, o local escolhido procurou somar à escolha alguns critérios: o conforto, a vizinhança, a familiaridade do bairro em que viviam e os lugares que frequentavam, com o melhor horário que dispunham. Estivemos num espaço reservado, agradável e tranquilo, onde pude oferecer minha gratidão por momentos ricos e preciosos de histórias de vida que compartilharam.

4.4 Participantes

Número de participantes: 06 (seis), sendo 03 homens e 03 mulheres.

Faixa etária: oitava década e mais (76 a 83 anos).

Critério de inclusão:

- a) Pessoas com idade mínima de 70 anos;
- b) Pessoas não institucionalizadas;
- c) Pessoas com autonomia.

No presente estudo, enquanto processo investigativo- exploratório, o foco da pesquisa é dirigido para a pessoa a partir da sétima década, representante de um subgrupo social

“Idoso”. Leva-se em consideração que a estrutura da sociedade se movimenta mediante um conjunto de forças, que compreende a ação social do indivíduo e a do grupo.

Para o pesquisador essas narrativas guardam significados e fornecem matéria prima multi- individual, que permite elencar e articular operações, de modo a mostrar versão do senso comum, e as diferenças com o modelo construído.

Outros instrumentos foram utilizados além das entrevistas, como as observações de campo, coleta de documentos e artefatos, os quais, também trazem histórias do envelhecer, que enriquecem, ilustram e contextualizam as narrativas tomadas.

Participantes	Sexo	Nacion.	Idade (anos)	E. Civil	T. União (anos)	Escolaridade	No. Filhos	No. netos
P1	M	Brasil	76	Casado	54	Superior	4	04
P2	F	Brasil	76	Casada	54	Prof.a.	03	06
P3	M	Port	83	Casado	55	E. Médio	—	—
P4	F	Port	82	Casada	55	E. Médio	—	—
P5	M	Port	78	Casado	55	Técnico	03	11
P6	F	Port	76	Casada	55	Prof.a.	03	11

Quadro 1 - Dados dos Participantes

Conforme se observa na Quadro 1, não há história de viuvez, ou de separação entre os participantes. O tempo da união variou entre 54 a 55 anos. Os participantes brasileiros não são casados entre si. Os participantes portugueses, sim.

Sobre o universo da análise (nível empírico)

Os critérios para a seleção do universo levado à análise (PIRES, 2010):

a) no estrito/ operacional: deve ser tal, que seja apto para extrair a parte do todo selecionado; e

b) no sentido amplo: deve resultar de uma operação, que tem por objetivo constituir um *corpus* para a pesquisa, apto a alcançar os objetivos eleitos.

Sobre os critérios de diversificação e de saturação

Com relação às características de diversificação, o universo selecionado deve ter:

a. diversificação externa, ou contraste (intergrupo) para que a visão de conjunto seja obtida com um retrato global;

b. diversificação interna (intragrupo), de modo a apresentar no grupo selecionado, o resultado de saturação, processo pelo qual se observa certa repetição.

No presente estudo houve a necessidade de uma homogeneização, quanto à faixa etária, com exclusão dos outros grupos etários, como regra. É feita a inclusão de pessoas independentemente de suas profissões, culturas, ou posições sociais, desde que satisfizessem as regras pré-estabelecidas. Para contrabalançar o controle da diversificação externa, houve a inclusão do grupo feminino nas mesmas premissas estabelecidas no estudo, um mecanismo compensador diversificador interno, com a finalidade de maximizar a análise extensiva do grupo escolhido. O critério referente ao estado civil não foi objeto de indexação. Assim, a escolha dos participantes feita na faixa etária dos 70 anos ou mais, dá à amostra a característica de homogeneização.

4.5 Instrumento

Formulário de temas para coleta de impressões nas narrativas

Na exploração do instrumental, POUPART (2010) elenca as bases epistemológica, eticopolítica e metodológica:

a) Base epistemológica. Permite uma exploração em profundidade, considerando a perspectiva dos atores sociais (o sentido dado pelo próprio entrevistado);

b) Base ético- política. Como abertura de possibilidades para a compreensão das condutas sociais ou constituir uma voz de denúncia;

c) Base metodológica. O entrevistado é um informante-chave, uma testemunha privilegiada capaz de falar sobre sua maneira de pensar. É um ator social que representa seu grupo. Enquanto ferramenta de informação, a narrativa possibilita o acesso às realidades sociais (observador participante) e à experiência dos atores sociais.

MANZINI (2004) fala sobre a abordagem dos temas, sua sequência e adequação. Refere que um guia pode ser elaborado, sem que haja necessidade de se cumprir o roteiro feito com rigidez. A eficácia desse roteiro poderá ser verificada em projeto piloto, o qual permitirá complementação, caso necessário. Com relação à abordagem dos temas, caso o participante aborde o assunto em momento anterior à propositura, não há necessidade de

interrompê-lo. A narrativa tem uma sequência e permite certa flexibilidade. A exploração das questões pertinentes podem ocorrer independentemente da ordem fixada. O roteiro é mais uma lembrança, do que uma camisa de força.

A interação social neste estudo promoveu narrativas, as quais foram coletadas e constituíram dados.

Procurei adotar uma atitude cuidadosa na abordagem dos entrevistados e introdução dos temas, evitando comentários, que pudessem causar desconforto aos participantes durante as narrativas. A delicadeza dos assuntos que pretendi estudar, exigia um comportamento de ética e respeito, em respeito aos universos particulares, o que foi seguido.

Os temas abordados foram:

- a) VIVENDO A VELHICE;
- b) REALIZANDO NOVOS PROJETOS E SONHOS;
- c) LEMBRANDO O PASSADO;
- d) MANTENDO E EXPANDINDO A REDE;
- e) A SEXUALIDADE NA VELHICE.

Duração média das narrativas

A duração desses encontros flutuou entre 1h30m a 1h50m.

4.6 Procedimento

Nos encontros, procurei explicar e verificar se os participantes compreenderam o que lhes foi explicado e se havia dúvidas sobre o tema, sobre as necessidades na coleta e as exigências feitas, em relação à pesquisa. Particularizei o fato da necessidade de obtenção da permissão para a divulgação dos dados, requisito obrigatório pela exigência do sigilo, motivo pelo qual lhes era solicitada a assinatura no Termo de permissão de uso de dados. Do mesmo modo, esclareci que, na eventualidade da presença de algum desconforto, motivado pelos temas abordados, ou pelas lembranças que lhes viessem à mente, se desejassem desistir da entrevista, o consentimento poderia ser retirado a qualquer momento, sem qualquer consequência, ou impedimento (RESOLUÇÃO NO. 466/2012⁶⁰, do CNS, v. APÊNDICES).

A estruturação do procedimento para a coleta das narrativas seguiu as seguintes fases (JOVCHELOVICH e BAUER, 2002):

⁶⁰ A Resolução 510/2016 apenas fez alguns adendos à Resolução citada, não a revogou.

1. Do preparo (exploração do campo e formulação de questões exmanentes⁶¹);
2. Da iniciação (formulação do tópico inicial para narração, com ou sem emprego de auxílio áudio- visual);
3. Dos procedimentos adotados pelo pesquisador em relação ao sujeito narrante em sua narrativa);
4. Do modo pelo qual devem ser feitas as perguntas, bem como sua sequência;
5. Da fase conclusiva da narrativa (fase de parar a gravação, das perguntas imanentes⁶²).

Com uma atitude cuidadosa, a pesquisadora pretendeu evitar os vieses que a literatura cita (POUPART, 2010:235 e ss.), no sentido de impedir deformações ao que se pretende pesquisar.

Tais vieses dizem respeito:

[...] à maneira de indagar, às técnicas de registro dos dados, ou às circunstâncias de tempo e lugar em que se efetuou a investigação (POUPART, 2010, p.235)... ”ou às possíveis repercussões do discurso para ou no entrevistado” (POUPART, 2010, p.237).

Quanto às intervenções, atitudes e características que são capazes de “*marcar a fala do entrevistado*” (POUPART, 2010, p.237), procurei seguir um comportamento no qual o participante e seu universo fossem privilegiados, aplicando o que o autor chama de *a maior homologia possível*, mesmo que não tenha sido possível seguir a regra mulheres entrevistando mulheres e homens entrevistando homens, inclusive no caso de etnias, e que, segundo os mais radicais, poderia dar causa a uma *intrusão de viés*.

E mesmo nas narrativas de casais⁶³, como se verá adiante, foi interessante no sentido de observar as interações entre eles (POUPART, 2010, 2a. ed.).

Excluí da lista de possíveis entrevistados pessoas íntimas, que estavam diretamente ligadas à minha investigação.

⁶¹ As que interessam à pesquisa para cobrir os objetivos.

⁶² Perguntas imanentes seriam *os por quês?*

⁶³ Agradeço a Dra. Daniela Moreira Esteves, médica de família de Viseu, Portugal, o fato de ter encaminhado alguns dos utentes do Posto de Saúde local, onde trabalha. Esclareço que, o convite feito motivou casais, que normalmente comparecem juntos à consulta com a médica de família para a visita habitual. Tanto o marido, como a mulher desejaram contar suas narrativas de vida. Ante a expectativa criada pela vontade da participação, a inclusão deles como grupo português respeitou a adoção de narrativas em separado, cada um em seu tempo de manifestar-se e complementar, acrescentando detalhes. A oitiva posterior das narrativas revelou contribuições importantes. Ante a riqueza dos detalhes, e por entender que suas vozes representavam suas individualidades, essas narrativas foram incluídas para análise.

Procurei, igualmente, explicar e verificar se havia qualquer outra dúvida que se relacionasse à pesquisa, ou aos temas propostos durante a realização da mesma. Particularizei o fato da necessidade de obtenção da permissão para a divulgação dos dados, requisito obrigatório pela exigência do sigilo, motivo da assinatura no Termo de permissão de uso de dados solicitada.

5. ANÁLISE DE NARRATIVAS

O desenvolvimento da análise se iniciou com a audição repetida das narrativas gravadas, por tantas vezes quantas necessárias para sanar dúvidas, acertar compreensões, captar e caracterizar entonações, nuances, ou silêncios expressivos. Pontos de transcrição literal foram selecionados de cada uma, na caracterização dos pontos acima descritos.

No entendimento de Barthes (2008), as narrativas são discursos construídos no ato de contar histórias. E, ao contá-las, os atores sociais organizam suas experiências e constroem um sentido. No caso presente, as narrativas foram produzidas por atores sociais que estão vivendo a velhice e expõem a vivência do envelhecer em seus contextos e culturas.

Benjamin (1975) estabelece cinco etapas na interpretação das narrativas, a qual segui neste estudo.

5.1 1ª Etapa - Análise formal do texto

Iniciei pela identificação dos diferentes tipos de texto e os principais marcadores de finalização e inicialização de tópico. Deste modo, os elementos narrativos foram separados dos não narrativos, com o objetivo de manter o texto puro.

Utilizei cores para identificar os participantes. Três colunas foram elaboradas com a narrativa de cada um deles: a coluna da esquerda mostra a transcrição textual da narrativa; a do meio, os recortes da narrativa; e a da direita, as palavras-chave que vieram à minha mente, no momento da análise.

A sequência dada às colunas obedece a ordem P1 a P6, sendo que as cores que lhes correspondem são as que seguem abaixo.

P1: AMARELO;

P2: LARANJA;

P3: AZUL CLARO;

P4: ROSA CLARO;

P5: LILÁS CLARO;

P6: VERDE CLARO.

Nos quadros que seguem, estão dispostos os dados da 1ª. Etapa. Todos os quadros trazem a identificação do participante, de acordo com as cores que lhes correspondem.

P1	Recortes	Palavras- chave
<p>Com licença... Boa tarde...Prazer, meu nome é P1. Desculpe o atraso, eu estava no salão, me preparando para o fim- de semana...Cabelo, unha...É preciso nos cuidar, certo? (O senhor P1 chega atrasado, se apresenta impecável, vestindo um suéter vermelho, anéis nos dedos, pulseira no punho direito...).</p> <p>... Nasci em 04 de janeiro de 1940. Sou carioca, vivo no bairro há 44 anos...</p> <p>A primeira vez que vim morar em SP, foi em 1963, ano em que me casei. Tenho 53 anos de casado...</p> <p>Minha avó era fã desse cantor...colocou o nome dele no meu pai. Meu pai deu-me o nome do cantor de sua geração, ... Preciso falar da minha história de vida para dar o testemunho... Como disse, sou cartocista, filho de militar, criado no Paraná. Meu pai era engenheiro do exército e eu segui engenharia...Tem um ponto que contribui...Aos 60 anos de idade, fundei o Instituto "X" ... aqui está o cartão (distribui o cartão para mim e para P2)... O instituto foi um marco, porque depois de trabalhar 20 anos com consultoria, no ano 2000, fundei esse instituto junto com minha família: minha mulher e dois dos meus filhos (temos 04)... Há outros marcos: o casamento, o nascimento dos filhos, a formatura... mas o interessante é esse, porque consegui começar nova atividade aos 60 anos. Hoje, esse instituto tem 16 anos. Como toda organização, tem seus altos e baixos, o que é natural... Tive a benção, graças a Deus, e a satisfação de ter uma instituição que teve sucesso.</p> <p>Não há possibilidade de cuidar do outro se não cuidamos de nós mesmos...</p> <p>A finalidade [da instituição- Z] (por P20? Trabalho com projetos sociais, educação e tecnologia...Está sendo uma expertise maravilhosa. Aposentei-me aos 59 anos como engenheiro... Passei a ter a possibilidade de descobrir novos caminhos. Hoje tenho 03 dos meus filhos mais próximos: minha filha mais velha é doutora em Educação pela USP; trabalham comigo e [ela] é diretora técnica do instituto... [Realização de sonho]. É... Tem algo, uma sementinha lá na década de 80... Eu e minha esposa trabalhávamos no Amparo Maternal....sabem o que é? Ela [a esposa] era presidente das voluntárias...</p>	<p>1.VELHICE</p> <p>(?). Desculpe o atraso, eu estava no salão, me preparando para o fim- de semana. (!) Cabelo, unha...É preciso nos cuidar, certo? ... TAMBÉM ACREDITO QUE NO ENVELHECIMENTO, DEVEMOS OCUPAR A CABEÇA E O ESTUDO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS AJUDA MUITO. É PRECISO CUIDAR DO CORPO, MAS DA MENTE TAMBÉM. TENHO ATIVIDADES CORPORAIS. FAÇO PILATES HÁ 10 ANOS, CAMINHADAS, ISSO TUDO...PROCUREI ESTUDAR LÍNGUAS. FIZ INGLÊS POR 09 ANOS, ESPANHOL NO MIGUEL DE CERVANTES NA PAULISTA E FRANCÊS, ANTERIORMENTE... FICOU PROVADO, ... CIENTIFICAMENTE...ISSO MEXE COM ÁREAS DO CÉREBRO QUE EVITA O NATURAL ENVELHECIMENTO E HABILIDADES QUE VÃO SENDO PERDIDAS...PARA SE REDUZIR A VELOCIDADE DESSE PROCESSO DA NATUREZA, PROCURO FICAR CONECTADO NO MUNDO. TODAS ESSAS ATIVIDADES FAZEM-ME SENTIR BEM...</p> <p>Outro aspecto é a terapia... Faço até hoje. Corpo, cérebro e espírito...Não é ser louco para fazer ou não, ... dispensar ... Precisamos nos conhecer. Estudo até hoje. Leio livros sobre Psicologia...Aposentei-me aos 59 anos (...)</p> <p>... 2.SONHOS</p> <p>Aos 60 anos de idade, fundei o Instituto "X" O instituto foi um marco, ... porque depois de trabalhar 20 anos com consultoria, ... no ano 2000, fundei esse instituto junto com minha família: ...minha mulher e dois dos meus filhos [tenho 04, e dois dos filhos trabalham comigo] ... mas o interessante é esse, ...porque consegui começar nova atividade ... Hoje, ... esse instituto tem 16 anos. Como toda organização, ...tem seus altos e baixos ... Tive a benção, graças a Deus, a ... instituição que teve sucesso... É uma ocupação maravilhosa. A cabeça trabalha mais com o entusiasmo e ..., a gente fica sempre</p>	<p>Longevidade: cuidados com o individual e o coletivo</p> <p>Longevidade: atividade de corpo e mente.</p> <p>Longevidade e novos projetos.</p> <p>Longevidade e a construção de si.</p> <p>Envelhecendo conectado.</p> <p>Longevidade: cuidando de si e dos outros.</p> <p>Longevidade: fugindo de estereótipos.</p> <p>A nova velhice.</p> <p>Longevidade e pertencimento.</p> <p>Ampliando a rede na longevidade.</p> <p>Cidadania e envelhecimento.</p> <p>Pro- atividade na longevidade.</p> <p>Fase Minguante: a individualidade e o casamento.</p>

<p><i>Eu tinha a função de resgatar nas mães solteiras a relação com o ente masculino da família, porque elas haviam sido postas fora de casa... Foi esta semente que germinou a ideia da organização do projeto na área social... e assim foi...</i></p> <p>[Sinto-me] Totalmente [realizado]. É uma ocupação maravilhosa. A cabeça até trabalha mais com o entusiasmo e a dedicação, a gente fica sempre ocupada... Também acredito que no envelhecimento, devemos ocupar a cabeça e o estudo de línguas estrangeiras ajuda muito. É preciso cuidar do corpo, mas da mente também. Tenho atividades corporais. Faço Pilates há 10 anos, caminhadas, isso tudo... Procurei estudar línguas. Fiz Inglês por 09 anos, Espanhol no Miguel de Cervantes na Paulista e Francês, anteriormente... Isso mexe com áreas do cérebro que evita o natural envelhecimento e habilidades que vão sendo perdidas... Para se evitar e reduzir a velocidade desse processo da natureza, procuro ficar conectado no mundo. Todas essas atividades fazem-me sentir bem...</p> <p>Eu trabalho com jovens, com famílias, com adolescentes. A instituição está assentada nos valores... Minha família... Sobre a rede, acredito que a pessoa deve procurar estar com a rede ativa. Você precisa procurar fazer caminhadas, romper a barreira de isolamento que a sociedade impõe... ampliar...procurar interesses para estar nas redes. Não consigo entender ficar na frente da TV. Nossa geração conheceu a radionovela, o cinema e a TV...o cinema não perdeu para o DVD ... Tenho cartão do Reserva Cultural, para mim, por exemplo, cinema é extremamente valioso. Fui à amostra de cinema e assisti a 20 filmes. Nem sempre minha esposa me acompanha... Fui à FLIP, às Olimpíadas e visitei o Museu do Amanhã, no Rio ((mostra fotos de suas visitas e a família)) ...</p> <p>Sobre o casamento, uma coisa é minha vida individual, outra, a familiar [casal] ...Não deixo de ser indivíduo. Eu convido, se não quiser ir, eu vou ao cinema, palestras, teatro, como estou aqui, agora. Acho natural, se ela não quiser ... Mas eu me sinto conectado no mundo. Na política, a polis é o saber conviver na sociedade...Hoje, ela é transformada em coisa ruim. Sou conectado com tudo, não sei o quanto mais posso contribuir... Outra coisa, é quando se tem uma vida comum, não perder sua individualidade. O casamento não é uma prisão. O casamento tem que ser estável, agradável...</p>	<p><i>ocupada... descobrir novos caminhos.... Acho que sou uma pessoa que sempre procura por novas experiências. Não vou me deixar à margem, ou ... me dominar pelo que a sociedade me dá... Não há possibilidade de cuidar do outro se não cuidamos de nós mesmos... Trabalho com projetos sociais, educação e tecnologia...</i></p> <p><i>Há outros marcos [na minha vida]: ... o casamento, o nascimento dos filhos, a formatura...</i></p> <p>(No Amparo Maternal exercia o trabalho voluntário com a mulher)... eu tinha a função de resgatar nas mães solteiras, a relação com o ente masculino da família, porque elas costumavam ser expulsas de casa...Sem marido e sem o pai para prover as necessidades, e com um recém-nascido para cuidar...[. Hoje]....</p> <p>3.VALORES</p> <p><i>Eu trabalho com jovens, com famílias, com adolescentes. A instituição está assentada nos valores... Família ...</i></p> <p>4.REDE <i>Sobre a rede, acredito que a pessoa deve procurar estar com a rede ativa. Você precisa ... romper a barreira de isolamento que a sociedade impõe... ampliar...procurar interesses para formar novas redes. Não consigo entender ficar na frente da TV. Nossa geração conheceu a radionovela, o cinema e a TV...o cinema não perdeu para o DVD...Tenho cartão do Reserva Cultural, ... Fui à amostra de cinema e assisti a 20 filmes. Nem sempre minha esposa me acompanha... Fui à FLIP, às Olimpíadas e visitei o Museu do Amanhã, no Rio ((mostra fotos de suas visitas e a família)) ...Sobre o casamento, uma coisa é minha vida individual, outra, a familiar (casal) ...Não deixo de ser indivíduo. Eu convido, se não quiser ir, eu vou ao cinema, palestras, teatro, como estou aqui, agora. Acho natural, se ela não quiser ... Sinto- [me] conectado no mundo.... Sou conectado com tudo ... Outra coisa, é quando se tem uma vida comum, não perder sua individualidade. O casamento não é uma prisão. O casamento tem que ser estável, agradável...</i></p> <p>5.SEXUALIDADE <i>Acho que enquanto há vida, há desejo.... E a vida saudável inclui a sexualidade também. Não é só</i></p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p><i>Outro aspecto é a terapia. Faço até hoje. Corpo, cérebro e espírito... Não é ser louco para dispensar... Precisamos nos conhecer. Estudo até hoje. Leio Freud, Jung ... Minha esposa é psicóloga. (Sexualidade na velhice). Muito bem... Acho que enquanto há vida, há desejo, uma das questões essenciais. E a vida saudável inclui a sexualidade também. Não é só alimentar-se, cuidar do corpo e da mente. Temos que aprender a relacionarmos com o desejo. Não podemos dizer que acabou. Todo mundo tem condições para, de certo modo, encontrar como viver a sua sexualidade. É prioritário. Acho que sou uma pessoa que sempre procura por novas experiências. Não vou me deixar à margem, ou deixar me dominar pelo que a sociedade me dá... (com os estereótipos). Os netos, é outra história (uma coisa boa). Tenho 04 netas. A mais velha ((com orgulho)) está na Austrália... quando ela vem para o Brasil, fica hospedada comigo.</i></p>	<p><i>alimentar-se, cuidar do corpo e da mente. Temos que aprender a nos relacionar com o desejo. Não podemos dizer que acabou. Todo mundo tem condições para, de certo modo, encontrar como viver a sua sexualidade. É prioritário.</i></p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro 1.1 - P1

P2	Recortes	Palavras-chave
<p>Não ... Muitas vezes a gente trabalha, ou usa a aposentadoria para sustentar encargos... Duas gerações, quando desempregados.... Como é o meu caso, lá em casa ... Filho e netos desempregados... Pode ser que na Rússia, ou outros países..., seja diferente....</p> <p>Olha... eu ia sair e me olhei no espelho... e pensei: não vou passar mais ruge, porque o ruge fica impregnado e faz uma canaleta na pele e acentua rugas.... Vou deixar a cara lavada mesmo...O querer melhorar, às vezes estraga...Minhas rugas são meu viver. Viver o envelhecimento é normal, uma consequência do existir. Tive uma coisa boa: cresci no interior, até casar. Só temo as gerações do meu filho e netos... Acompanhei meu marido fazer carreira, mas primeiro, dou graças a Deus que casei... Porque no meu tempo, se a gente não casasse... Tive e tenho um companheiro muito ajudado ...que pensa muito para gastar. Com isso, conseguimos economizar... Guardar... Garantiu certa tranquilidade para vivermos o envelhecimento e um tantinho, que permite ajudar os filhos, se eles necessitam. Mas tenho pena da geração dos meus filhos....não sei o que os espera... Meu marido conseguiu fazer carreira no Banco do Brasil ... não estamos nadando, mas dá para ajudar filhos e netos. A vida é tranquila. Meu marido tem muita paciência. Eu fiz 19 cirurgias... E olha, a gente sente dor, geme, chora, tem repouso, recuperação, necessita de companhia no hospital, fica chata... Mas ele sempre teve muita paciência comigo... Filho não tem tempo. Eu não tenho paciência... Temos nossas rugas, temperamentos diferentes, mas, no frigir dos ovos, minha vida tem sido boa ...</p> <p>Envelhecer...Não sei... Uma consequência normal de nascer, viver ... Também me casei nesse ano (1953) ...</p> <p>Eu tinha uma amiga que, como eu, colaborava [para instituições que davam enxovais para recém-nascidos de mães solteiras], ...e até hoje... na confecção de casaquinhos para essa instituição...</p> <p>(Atividades em que se envolve) Longevidade: esperando acontecer? Atuais? ... Fui professora primária e mãe para cuidar de 03 filhos e um marido. Minha saúde sempre foi precária, sempre. Casei-me com um rim só. Sempre tive problemas de saúde. Sou espírita e sempre me ocupo em arrecadar coisas para bazares: pedir, recolher e entregar. O que faço até hoje para entidades beneficentes ... Nas minhas moléstias, nas muitas recuperações, deixava minha cestinha com lãs, linhas do meu lado ... Faço isso até hoje, inclusive contribuindo</p>	<p>1. VELHICE</p> <p>Envelhecer ... Acho que estou com a vida boa...Não sei... Uma consequência normal de nascer, viver...Muitas vezes a gente trabalha, ou usa a aposentadoria para sustentar encargos... duas gerações, quando desempregados.... Olha... eu ia sair e me olhei no espelho... Pensei: não vou passar mais ruge, porque o ruge fica impregnado e faz uma canaleta na pele e acentua ... rugas.... Minhas rugas são o meu viver. Viver o envelhecimento é normal, uma consequência do existir.... Conseguimos economizar... guardar- garantiu certa tranquilidade para vivermos o envelhecimento e um tantinho, que permite ajudar os filhos, se eles necessitam- não estamos nadando... A vida é tranquila. Meu marido tem muita paciência. Eu fiz 19 cirurgias...E olha, a gente sente dor, geme, chora, tem repouso, recuperação, necessita de companhia no hospital, fica chata... mas ele sempre teve muita paciência comigo... Cuido-me com os remédios, porque sou perseverante. Mas, não consigo evitar o que vai me acontecendo... Ah, ((hidroginástica)) eu comecei...fiz uma temporada, mas o problema do cloro no cabelo... Alguns médicos eram a favor, outros contra... Operei muito o meu pé, ... [neuroma] E aí, tem as consequências: um dedo fica duro, o outro repuxado. Então não posso caminhar muito. Tenho até um cartão de deficiente ambulatorial, além do cartão do idoso... Agora não estou realizando nenhuma atividade física. Aliás, até à lavanderia, vou de carro, e é no quartirão de baixo...</p> <p>2.SONHOS</p> <p>...Tem a parte dos netos...uma coisa boa. ... [A atividade filantrópica]. Ah...essa é uma delícia... Meu sonho atual é ter uma consulta com ele... (médico que tem um banco de dados com 12.000 biópsias de</p>	<p>Corpo e Envelhecimento.</p> <p>Envelhecimento: o filme da vida.</p> <p>Nostalgia: Cumprindo o gênero.</p> <p>Sexualidade no envelhecimento.</p> <p>Rede social e envelhecimento: recuos e abrangências.</p> <p>Envelhecimento: esperando acontecer?</p> <p>Longevidade: novos e velhos sonhos.</p> <p>Longevidade: o filme da vida.</p> <p>Envelhecimento e a fala do corpo.</p> <p>Dependência no envelhecimento.</p>

com enxoval para mães solteiras, ou pessoas idosas em asilos...
 [Percebo o olhar para o cuidar do outro e o expresso]
 Cuido-me com os remédios, porque sou perseverante. Mas, não consigo evitar o que vai me acontecendo...
 (Vida social, redes)
 Olha, eu sempre tive colegas na escola..., não amigas, dessas de levar para casa e frequentar a família, para quem você conta tudo... Amiga para mim tem um sentido de família...Então, os amigos eram os do meu marido, com quem saíamos. Não tenho a minha amiga da praia, mas os amigos dele...sempre dependi dos amigos dele...Não sei porque desenvolvi isso...
 [Na atividade filantrópica]
 Ah...essa é uma delícia...Eu tenho as amigas da rede de solidariedade, sim, com elas eu me abro, elas me acolhem, me dão ombro...
 Eu as mantenho. Nos reunimos algumas vezes para um chá, mas não consigo maior frequência...Às vezes nos falamos...Quanto às atividades, se forem à noite, ou distante... compro as rifas delas. Durante o dia, eu vou...Não tenho tanta atividade quanto poderia, se eu fosse mais flexível, ou meu marido mais... ele não gosta e não entende isso de espiritismo... Perdi o contato com algumas dessas amigas...Eu nem o convidei para essas atividades, vou com minhas amigas...
 [Lazer e atividades físicas]. Ler, ver TV, crochê, bordado...Agora não. Os médicos estão me cobrando muito...Tenho uma porção de problemas de saúde. Estou relutando...Espero a consulta de um médico que tem 12.000 biópsias de músculo, o maior banco de biópsias, e que está fazendo uma pesquisa. Meu sonho atual é ter uma consulta com ele, que está agendada para março de 2017. Acho que ele não vive de consulta. Estou pensando: é preguiça que me impede de praticar atividade física? Não sei se espero o resultado da consulta, ou se a início...Tenho uma contratação muscular...nem sei se é, ...que quando vem dá muita dor...
 (Z- P1: A senhora é daqui da região? Tem um estúdio de Pilates aqui perto. Tenho uma porção de amigos lá...)
 Eu sei, meu marido frequenta...
 [Hidroginástica]. Ah, eu comecei... Fiz uma temporada, mas o problema do cloro no cabelo... Alguns médicos eram a favor, outros contra... Operei muito o meu pé, por conta de um neuroma...E aí, tem as consequências: um dedo fica duro, o outro repuxado. Então não posso caminhar muito. Tenho até um cartão de deficiente ambulatorial, além do cartão do idoso...Mas, agora não estou

músculo)) ..., e que está agendada para março de 2017. Não sei se espero o resultado da consulta, ou se início ((a atividade física)) ... Quero estar atualizada, lendo ...
3.VALORES
TIVE UMA COISA BOA: CRESCI NO INTERIOR, ATÉ CASAR. Só temo as gerações do meu filho e netos...
ACOMPANHEI MEU MARIDO FAZER CARREIRA, MAS PRIMEIRO, DOU GRAÇAS A DEUS QUE CASEI, PORQUE NO MEU TEMPO, SE A GENTE NÃO CASASSE... Tive e tenho um companheiro muito aquecido, que pensa muito para gastar... Meu marido conseguiu fazer carreira no Banco do Brasil... FUI PROFESSORA PRIMÁRIA E MÃE PARA CUIDAR DE 03 FILHOS E UM MARIDO. MINHA SAÚDE SEMPRE FOI PRECÁRIA, SEMPRE. CASEI-ME COM UM RIM SÓ. Nas minhas moléstias, nas muitas recuperações, deixava minha cestinha com lãs, agulhas, linhas do meu lado, na cama... Ele sempre teve muita paciência comigo... Filho não tem tempo. ... Acho normal ter nostalgia. As lembranças ruins... ah essas podem ser refletidas e tomar outro sentido com o tempo...
4.REDE
 Meu marido tem a pescaria dele; eu, os eventos do Centro Espírita, aos quais vou sozinha. Acho saudável...
 Eu tinha uma amiga que como eu sempre colaboramos...e ... na confecção de casquinhas para essa instituição (Amparo Maternal) ... Olha, eu sempre tive colegas na escola..., não amigas, dessas de levar para casa e frequentar a família, para quem você conta tudo... Amiga para mim tem um sentido de família...Então, os amigos eram os do meu marido, com quem saíamos. Não tenho a minha amiga da praia, mas os amigos dele...sempre dependi dos amigos dele...Não sei porque desenvolvi isso... Eu tenho as amigas da rede de solidariedade, sim, com elas eu me abro, elas me acolhem, me dão ombro... Eu as mantenho. Nos

<p>realizando nenhuma atividade física. Aliás, até à lavanderia, vou de carro, e é no quarteirão de baixo...Estou andando pouco. Na Tutóia até dá, mas para voltar é puxado, porque é subida...Aqui no bairro é muito sobe e desce... Não, não vou ao cinema. Tomo um taxi daqui até a Paulista, quando preciso apanhar o metrô...Essas dores não são brincadeira...Por conta delas, tomei alguns tombo, quando estive em Gramado. Sei que arrumo desculpas para não fazer Pilates. [Nostalgia]. Acho normal ter nostalgia. As lembranças ruins... ah essas podem ser refletidas e tomar outro sentido com o tempo ... Minha vida está muito boa... Meu marido tem a pescaria dele; eu, os eventos do Centro Espírita, aos quais vou sozinha. Acho saudável. (A sexualidade na velhice) ... Ela continua existindo. Tudo com mais calma. Não com a euforia, nem com a obrigação...É uma confiança, não há a obrigação de comparecer...há uma certeza do que se está fazendo ... Acho que estou com uma vida boa. Quero estar atualizada, lendo...Tem a parte dos netos...uma coisa boa.</p>	<p>reunimos algumas vezes para um chá, mas não consigo maior frequência...Às vezes nos falamos...Quanto às atividades, se forem à noite, ou distante... compro as rifas delas. Durante o dia, eu vou...Não tenho tanta atividade quanto poderia, se eu fosse mais flexível, ou meu marido mais... ele não gosta e não entende isso de espiritismo... Perdi o contato com algumas dessas amigas...Eu nem o convido para essas atividades, vou com minhas amigas... 5.SEXUALIDADE [Sexualidade]. Ela continua existindo. Tudo com mais calma. Não com a euforia, nem com a obrigação...É uma confiança, não há a obrigação de comparecer...há uma certeza do que se está fazendo ...</p>	
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

Quadro 1.2 - P2

P3	Recortes	Palavras-chave
<p>.... Meus pais tiveram 03 filhos e eu sou o mais velho. Tive uma infância difícil. As nossas meninices foram difíceis, mais a dela do que a minha. Alguns problemas poderiam causar outros problemas, mas, graças a Deus, foram sanados... Sat de Viseu aos 22 anos e fui para Covilhã, numa casa que foi uma escola para mim. Houve um problema no estabelecimento em que eu trabalhava, em Viseu, que forçou minha saída. Aos 25 anos fui para Lisboa. Minha ida a Lisboa me fez acordar para a vida. Encontrei minha cara metade. Vi uma cara conhecida no elétrico e fui atrás do elétrico a correr, na Rua da Palma. Entrei e puxei conversa com ela "lembra, fomos vizinhos em Viseu" ... Há um fado [Ai Mouraria], que a Amália Rodrigues canta, que fala da Rua da Palma, "onde deixei presa minh'alma", no caso, é verdade... A (esposa) contribuiu muito para que eu mudasse a perspectiva da vida. Pronto, isso nos levou a casar e a pensar no futuro. Se calhar, o futuro era uma coisa muito longe.... Fazemos um par homogêneo. Não temos filhos, mas sempre temos trabalho com os filhos dos outros. Minha mãezinha faleceu com 100 anos e 01 mês ...Ela fazia ajour, era costureira, iniciou por fazer colchões, que eram costurados e depois enchidos com palha...Mas se especializou no ajour... Meu pai era um marceneiro, um bom artífice.... Até quase o fim da vida. Também era fiscal dos campos de futebol. Sempre foi um homem de muito trabalho. Morreu aos 80 e tal anos... Era uma família modesta... (sobre a origem do nome) Meu nome foi uma inspiração para outros na família...Depois de mim apareceram mais 03 C. Antes, não havia nenhum. Aqui em Portugal, há o hábito do afilhado (a) ter o nome do padrinho/ (madrinha) ... Meu padrinho era sapateiro, pai do rapaz que esteve na farmácia, mas não se chamava C... Meu nome foi o primeiro, depois houve mais três, talvez porque tivesse sido um bom rapazito...</p> <p>Ser velho em Portugal não é das coisas mais engraçadas de se contar. Suponho que depois de 25 de abril houve muitas transformações, mas não tão boas para se ter uma vida ativa... Velhice não é estatuto de quem teve vida ativa... A sociedade não está preparada para um estatuto de preferência para os velhos. E, em relação a mim, ainda hoje, não me dei conta de que sou velho. Todos os dias vou ao ginásio (desportos). Sábados e domingos damos umas voltinhas no Fontelo (parque). Agora ainda me recupero da Quimioterapia, estou retornando aos poucos... Doença para mim, foi algo que aconteceu, mas não esmoreci por causa disso. Continuo a pensar da mesma maneira. Agora ando um pouco cansado, porque tive alimentação por sonda, após a cirurgia, mas encaro isso como algo que aconteceu e tenho que superar, e não me queixo...</p> <p>Sinto que não estou velho, que tenho possibilidade de vida ativa... (sobre ter superado a doença) É verdade...(nasceu de novo) há um ano!</p>	<p>1. VELHICE. Ser velho em Portugal não é das coisas mais engraçadas de se contar... Suponho que depois de 25 de abril houve muitas transformações, mas não tão boas para se ter uma vida ativa... Velhice não é estatuto de quem teve vida ativa... A sociedade não está preparada para um estatuto de preferência para os velhos. E, em relação a mim, ainda hoje, não me dei conta de que sou velho... Todos os dias vou ao ginásio (desportos). Sábados e domingos damos ((a esposa e ele)) umas voltinhas no Fontelo (parque)). Agora ainda me recupero da Quimioterapia, estou retornando aos poucos... Doença para mim, foi algo que aconteceu, mas não esmoreci por causa disso.... Preenchemos nossa vida. Hoje, nosso objetivo é fazer com que nossa vida não seja como a de tantas pessoas ((velhos, como eles)) Agora ando um pouco cansado, porque tive alimentação por sonda, após a cirurgia, mas encaro isso como algo que aconteceu e tenho que superar, e não me queixo...</p> <p>2.SONHOS ((Realizou muitos sonhos e agora está vencendo um câncer. Concorde com o comentário de que nasceu de novo há um ano)) Sim, é verdade!</p> <p>3.VALORES Meu nome foi inspiração para outros que vieram depois na família.... Talvez porque tenha sido um bom rapazito. Meu pai era marceneiro... sempre foi um homem de trabalho... Morreu aos 80 e tal anos. Minha mãezinha era costureira, ... se especializou no ajour...faleceu com 100 anos e 01 mês. Era uma família modesta. As nossas meninices (da esposa e dele) foram difíceis, mais a dela do que a minha. Alguns problemas</p>	<p>Envelhecimento e contexto.</p> <p>Envelhecimento e vida ativa.</p> <p>Longevidade: o velho do espelho.</p> <p>Vencendo o câncer no envelhecimento.</p> <p>Envelhecimento: mudanças e adaptações.</p> <p>Longevidade: o sonho é vencer o câncer.</p> <p>Ser velho: o mito do herói.</p> <p>Sonhos de jovens que chegam a velhos.</p> <p>Envelhecimento e</p>

<p>Nós somos casados há 54 anos, faz este mês.... As nossas meninices foram difíceis, mais as dela do que as minhas. Alguns problemas poderiam causar outros problemas, mas graças a Deus foram sanados...</p> <p>Nossa vida econômica... Em Lisboa correu bem, mas fruto de grande trabalho, de procura e de estudo. Tive a sorte de ter um emprego que, à primeira vista, nada tem a ver com uma pessoa que vem do interior. Tive a sorte de ir para uma empresa que me deu muitas possibilidades. Quando apareceu a guerra, não era possível contratar.... Vindo visitar os pais em Viseu, soube que o manda chuva da companhia tinha andado ao colo de uma tia minha... E eu disse à minha mãe da chateação que tinha por não entrar na empresa. Minha mãe disse-me para falar com essa minha tia. Eu era solteiro, então. O manda chuva da empresa disse-me para eu embarcar no barco, mesmo sem que houvesse uma contratação, eu iria aprendendo e quando chegasse a hora, eu estaria pronto para assumir a vaga. Fiquei 3 anos nessa condição de aprendiz. Eu criei um esquema dos horários de navios em Lisboa. Passado o tempo, entrei na companhia. E, em 12 anos, ocupei de aspirante, 1.º Oficial, 2.º Oficial, até o cargo de chefe de sessão, uma categoria equiparada a diretor. Além de ser um profissional, entrei no assistencialismo da empresa (sindicato). Havia um grupo desportivo: gerimos 03 refeitórios; 01 teatro; 01 bar; 01 biblioteca; 01 serviço de assistência dentária; 01 serviço de enfermagem. Fui um incentivador dessas criações. Depois houve uma dispensa em massa, mas fui escolhido para a frente de um serviço, que antes necessitava de 45 empregados para funcionar.</p> <p>(o senhor se adaptou às circunstâncias...) Fui além disso, dirigente sindical nos tempos livres. A SGTP criou uma agência de viagens só para trabalhar com sindicatos. Fui também secretário de Henrique Medina, que tem um irmão que esteve no Brasil, inclusive... Henrique Medina foi o pintor que ficou conhecido por ter pintado o quadro que aparece no filme "O Retrato de Dorian Gray", no qual quem envelhece é o retrato, e não o retratado. Esse pintor tem, inclusive, um museu em Esposende... Mas Henrique Medina nunca gostou da Amália Rodrigues...Conhecemos esta história por termos convivido com ele por dezena de anos...</p> <p>Tivemos uma vida sempre cheia...</p> <p>Preenchemos nossa vida. Hoje, nosso objetivo é fazer com que nossa vida não seja como a de tantas pessoas [velhos, como nós] ..(sobre sexualidade e envelhecimento. Percebo silêncio ao escutar a crônica). Nossa sexualidade terminou com a doença ((câncer de estômago)) e com a medicação que faço uso para a próstata...</p>	<p><i>poderiam causar outros problemas, mas, graças a Deus, foram sanados- Sá de Viseu aos 22 anos...fui para Covilhã...depois para Lisboa... me fez acordar para a vida. Encontrei minha cara metade. VI UMA CARA CONHECIDA NO ELÉTRICO E FUI A CORRER..., NA RUA DA PALMA. ENTREI, PUXEI CONVERSA- COMO O FADO DA AMÁLIA RODRIGUES- NA RUA DA PALMA 'DEIXEI PRESA A MINH 'ALMA'. Fazemos um par homogêneo.</i></p> <p>3.SONHOS Tive sorte de ter um emprego que, à primeira vista, nada tem a ver com uma pessoa que vem do interior. Tive oportunidades.... Desempenhei funções...fui [bom profissional] e cheguei a exercer um cargo equiparado a diretor. Fui um incentivador de inovações [foram criadas]... Depois quando [tempos difíceis promoveram dispensa de muitos empregados] fui escolhido para ficar à frente de um serviço, que antes necessitava de 45 empregados para funcionar. Tivemos uma vida sempre cheia...Também fui dirigente sindical...e secretário de Henrique Medina, o pintor ...do quadro que aparece no filme 'O retrato de Dorian Gray'...</p> <p>4.REDE [A gama de atividades em que se envolveu durante toda a vida o fez sempre ter muitos relacionamentos].</p> <p>5.SEXUALIDADE (Sério)). Nossa sexualidade terminou com a doença ((ca de estômago)) e com a medicação que faço uso para a próstata...</p>	<p>afetividade.</p> <p>Velhice e Resiliência.</p> <p>Envelhecimento: histórias de superação.</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro 1.3 - P3

P4	Recortes	Palavras- chave
<p>Aqui, velhos é que não faltam...Meus pais eram da aldeia de Côta, tiveram 07 filhos: 06 raparigas e 01 rapaz, o mais velho, que viveu em Lisboa e morreu lá aos 62 anos. Teve filhos, e netos lá.... Meu pai faleceu aos 73 anos; minha mãe viveu até os 78 anos. Meu nome é o nome de minha mãe e da mãe dela. Mas não gosto do meu nome. Ainda hoje penso no futuro.... Tivemos, temos, uma vida bonita. Nos agarramos um ao outro. Nos agarramos tanto que quando fiquei grávida, fiz um aborto. Depois nos agarramos aos filhos dos outros. Ensinei a nadar todos eles.</p> <p>Em casa, ninguém pensa que é velho. Eu não ia deixar....</p> <p>Faço muitas coisas e vejo colegas minhas com 50 anos, que são umas chatas. Eu não tenho nada, estou sempre bem-disposta para tudo. Sou uma doida, estou sempre a pensar nos outros.... Não ando com velhos. Só na hidro é que ando. Faço tudo no Palácio do Gêlo (shopping center onde fica a academia). Faço natação (50 piscinas) Ioga; pilates; 01 hora de ginásio antes do bodyballance; e ginásio duas vezes na semana cada; e hidroginástica 03 vezes na semana cada; e hidroginástica 03 vezes na semana....</p> <p>Agora mudei tudo para o período da manhã, por conta da doença do C. Ele foi operado há 01 ano... a Dra. Disse, por conta de uma tossezinha do P3, e porque outros exames não deram nada, que era bom ele fazer uma endoscopia e o resultado foi para ela e ela conseguiu que ele fosse operado em 02 a 3 dias a seguir...E o médico que o operou, disse que era bom ele fazer uma quimioterapia antes da cirurgia, se calhasse, dispensaria fazer depois. Foi sorte!</p> <p>Meu marido vai às compras, à farmácia, ao Jumbo, enquanto estou na atividade desportiva...Hoje sou mais compreensiva, não sofro como sofria antes (antecipação) Meu marido ficou doente, encaramos bem, como ter que passar por algo.... Minhas irmãs morreram e eu encarei bem. Não sei se é do Ioga.</p> <p>Há um ano, com a cirurgia do meu marido, a vida se alterou.... Não me queixo, com a cirurgia do meu marido, ... vou para minhas atividades, deixo tudo preparado antes, pois ele come pouco, mas tem horas certas para comer...</p> <p>Apesar de não termos tido filhos (nossa opção) em casa sempre tivemos crianças, mas hoje, passa um ano, sem irem a minha casa...As que não são família, sempre nos vêm ver... Fazemos coisas para pessoas que não são da família e temos bisnetos emprestados...Somos independentes, mas nem poderíamos depender (não temos de quem...).</p> <p>Z A última vez que estivemos com ele [Medina, o artista] foi no Minho...</p> <p>Z. Habitamo-nos a uma vida sempre cheia e diferente, que hoje não acho que custa o</p>	<p>1.VELHICE... Temos, uma vida bonita... Em casa, ninguém pensa que é velho. Eu não ia deixar.... Faço muitas coisas e vejo colegas minhas com 50 anos, que são umas chatas. Eu não tenho nada, estou sempre bem-disposta para tudo.</p> <p>2.VALORES Sou uma doida, estou sempre a pensar nos outros....(solidariedade) Não ando com velhos. Só na hidro é que ando. FAÇO TUDO NO PALÁCIO DO GÊLO (shopping center onde fica a academia)). Faço natação (50 piscinas) Ioga; pilates; 01 hora de ginásio antes do bodyballance; e ginásio duas vezes na semana cada; e hidroginástica 03 vezes na semana... Habitamo-nos a uma vida sempre cheia e diferente, que ... não acho que custa o que faço hoje....</p> <p>TEMOS QUE NOS ADAPTAR. TENTAMOS FAZER COM QUE A VELHICE NÃO SEJA UM PROBLEMA, COMO É PARA TANTA GENTE. Somos independentes, mas nem poderíamos... (ela explica que não ter filhos foi uma opção)).</p> <p>3. SONHOS AINDA HOJE PENSO NO FUTURO.... FAÇO MUITAS COISAS.... SOU UMA DOIDA, ESTOU SEMPRE A PENSAR NOS OUTROS... Agora mudei tudo para o período da manhã, por conta da doença do meu marido....</p> <p>TIVEMOS UMA VIDA BONITA... Nos agarramos um ao outro- tanto, que, quando fiquei grávida, fiz um aborto- Depois nos agarramos aos filhos dos outros. Meus pais eram da aldeia de Cota e tiveram 07 filhos: 06 raparigas e um rapaz, que viveu em Lisboa e morreu lá aos 62 anos. Meu pai faleceu aos 73 anos; minha mãe viveu até os 78 anos. Hoje sou mais compreensiva, não sofro como sofria antes ((antecipação)) Meu marido ficou doente, encaramos bem, como ter que passar por algo.... Minhas irmãs morreram e eu encarei bem. Não sei se é do Ioga.... Apesar de não termos tido filhos em casa sempre tivemos crianças, mas hoje, passa uns anos, sem irem a minha casa.... As que não são família, sempre nos vêm ver....</p> <p>4.REDE</p>	<p>Velha e atleta.</p> <p>Envelhecimento e as adaptações da idade.</p> <p>Envelhecimento: o futuro é hoje?</p> <p>Envelhecimento e o filme da vida.</p> <p>Longevidade: a sexualidade acaba?</p> <p>Envelhecendo e afetividade.</p> <p>Longevidade: credenciado novas famílias.</p>

<p><i>que faço hoje.... Temos que nos adaptar. Tentamos fazer com que a velhice não seja um problema, como é para tanta gente.</i></p> <p><i>Aconselhamos as pessoas a fazerem atividades. Toda a gente sabe o meu nome... (sobre sexualidade e envelhecimento percebo um sorriso ao ler a crónica) Nossa sexualidade terminou com a doença (câncer do estomago) e com a medicação que faço uso para a próstata... Agora é tudo diferente, mas encaramos como natural. Aos homens assusta mais.</i></p> <p><i>Nós não somos o retrato dos velhos de Portugal. A mim me enervam as pessoas moles...</i></p> <p><i>Z]. Eu não tomo remédios e ela (a doutora) me arruma coisas naturais...</i></p>	<p><i>Aconselhamos as pessoas a fazerem atividades. (Por conta das atividades desportivas) ... Toda a gente sabe o meu nome [no Palácio do Gêlo, onde faço as atividades]. ... A dra. é maravilhosa. Eu não tomo remédios e ela sempre me arruma coisas naturais.</i></p> <p>5.SEXUALIDADE ((Sorri ao escutar a crónica Ruido de Passos)). <i>Agora tudo é diferente, mas encaramos como natural. Aos homens assusta mais.</i></p>	
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

Quadro 1.4 - P4

P5	Recortes	Palavras-chave
<p>Z Nós o criamos, o rapaz [fruto de relação extra- conjugal do sogro], eu e minha mulher...</p> <p>Minha família é complicada, e para minha história, uma folha não chega. Sou filho único, o que é triste, pois todas as bagunças que fazia, a culpa não dava para dividir com ninguém (ele ri). Era só eu.... Meu pai era de Campo Lindo e veio para Viseu aos 20 anos e pouco. Casou-se com minha mãe, uma união que não durou muito, eu tinha 02 anos e fui dado para ele criar. Só vim a saber quem era minha mãe, quando tinha idade de ir à escola (6-7 anos). Uma senhora que vendia castanhas, perto da escola me chamou e perguntou se eu queria conhecer a mãe e mostrou- ma. Um jeito triste de saber.... O que levou ao divórcio o meu pai, sei hoje, que foi uma mentira. Nessa altura meu pai estava casado com a pessoa que eu julgava ser minha mãe, mas, na verdade, era minha madrasta. Não me lembro de meu pai pegar-me ao colo. Ele aos 10 anos foi trabalhar para o comércio e entendo que tinha uma vida dura e era como era... Só tenho boas recordações do pai da minha madrasta, que era capitão do exército e fez a campanha da África, inclusive, esteve no Brasil. E da irmã dela, que era mesmo uma querida. Hoje se fala em 'bullying', mas isso já tínhamos naquela época. Colocavam alcunhas nos nossos nomes, que nem sempre eram agradáveis, mas ríamos deles.... Hoje os papás estão na escola e os meninos mais velhos se misturam com os mais novos... isso não era permitido. Os padrões hoje são diferentes. Tenho uma meia irmã por parte de mãe, mas minha relação com ela é nenhuma, a família dela sempre interpôs dificuldade...</p> <p>.... Meu pai casou-se 03 vezes. Na última, eu fui contra, ele tinha idade, mas a senhora com quem ele se casou, foi quem cuidou dele com muita dedicação. Mesmo hoje, a campã onde ele está é minha, mas ela a conserva sempre limpa e com flores.... Quando ele morreu ela me ligou e eu lhe disse: tudo que meu pai tiver é seu, eu não quero. Ela me contou que o gerente do banco não a deixava mexer no dinheiro. O gerente era meu conhecido, andou comigo na escola, e eu liguei para ele e pedi-lhe que a deixasse levantar o dinheiro. Imagine que meu pai tinha 94 anos e fizeram-no fazer aplicação por 12 anos! Tudo o que meu pai podia me dar era em vida. Ela sabia que eu havia sido contra o casamento, mas isso foi antes, à medida que as coisas se compuseram... e ela sempre o tratou bem.</p> <p>Meu nome é igual ao de meu padrinho. Também não gosto do meu nome.</p> <p>Z Já estou cansado só com as atividades de....</p> <p>Faço caminhadas, faça chuva ou sol, é o meu esporte. Tenho uma quintazinha e planto rosas, e algumas verduras...</p>	<p>1. VELHICE Fazemos tudo a pé ... às 2as e 6as feiras vou à cidade.... Faço caminhadas, faça chuva ou sol, é o meu esporte. Tenho uma quintazinha e planto rosas, e algumas verduras.... Ter velhice resolvida é estar resolvido com os filhos, com a sociedade, com a família.... Não temos quaisquer problemas.... O que posso fazer dentro de casa....</p> <p>2. VALORES Sinto-me lisonjeado.... Tenho orgulho dos meus netos e, quando os pais estão em casa eles os comandam. Tenho 03 filhos: um rapaz e 02 raparigas. Uma delas mora em Coimbra e a outra em Setúbal. O que estudou menos foi o rapaz ((reflexão sobre a família que tem, em relação à família de origem e ao que vê na TV e lê nos jornais, sobre violência)) Às vezes, a casa é cheia, umas 14 pessoas. É uma alegria ter os netos.... Cabem todos.... Eles ainda vêm passar as férias conosco... Os de Setúbal têm 6, 14 e 16 anos. Temos um com 17 anos..., mas esse tem namorada, já não vem.... Adoram vir à casa dos avós!</p> <p>3. SONHOS Não tenho medo de morrer, mas de sofrer e fazer sofrer.... Tenho que fazer um testamento para desligar a máquina- não prolongar a vida artificialmente.... Nos custa ver sofrer uma pessoa assim...Gostaria de acordar morto....</p> <p>Sou filho único....todas as bagunças que fazia, a culpa não dava para dividir com ninguém (ele ri)...- Meu pai me criou... só vim a saber quem era minha mãe quando tinha idade de ir para a escola... [de um jeito triste] através de uma senhora que vendia castanhas. Ele foi trabalhar no comércio aos 10 anos... entendo porque era</p>	<p>Longevidade: Aprendizado no viver.</p> <p>Longevidade é pensar no fim?</p> <p>Longevidade e nostalgia: um olhar diferente.</p> <p>Sou as raízes que carrego, mas a árvore que dá novos frutos.</p> <p>Vivendo a sexualidade.</p> <p>Fazendo novos amigos.</p> <p>Longevidade: a construção do clã.</p> <p>Solidariedade na longevidade.</p>

<p><i>Ter velhice resolvida é estar resolvido com os filhos, com a sociedade, com a família... Não temos quaisquer problemas... Tenho orgulho dos meus netos e, quando os pais estão em casa eles os comandam. Tenho 03 filhos: um rapaz e 02 raparigas. Uma delas mora em Coimbra e a outra em Setúbal. O que estudou menos foi o rapaz. O que posso fazer dentro de casa... Às vezes, a casa é cheia, umas 14 pessoas. É uma alegria ter os netos... Cabem todos... Eles ainda vêm passar as férias conosco... Os de Setúbal têm 6, 14 e 16 anos. Temos um com 17 anos ... Mas esse tem namorada, já não vem. Vamos buscá-los em Mangualde.... Adoram vir à casa dos avós!</i></p> <p><i>Eu me sinto lisonjeado porque vejo/ ouço na TV, nos jornais, o que se faz aos velhos, os netos e os filhos... O que nos choca é a maneira com a sociedade nos trata. No aspecto humano, matar a avó, por exemplo, por conta de uns trocados para a droga? Se tenho algo é à custa de muito trabalho.</i></p> <p><i>Não tenho medo de morrer, mas de sofrer e de fazer sofrer. Conheço um senhor que ficou na cama e não reconhecia ninguém. Ficou anos assim... Tenho que fazer um testamento para desligar a máquina- não prolongar a vida artificialmente.... Nos custa ver sofrer uma pessoa assim...Gostaria de acordar morto...</i></p> <p><i>Z A mim morreram um sobrinho neto, outro familiar com ataque cardíaco, uma prima por choque anafilático...</i></p> <p><i>Sou muito emotivo, qualquer coisa, choro. Nosso casamento sempre teve muito carinho, somos casados há 55 anos... Ter criado os filhos e um cunhado... meu sogro chegou a dizer-me que o filho dele era eu.... Nós não esperamos que nos telefonem, sabemos que eles têm a vida ocupada.... Somos um clã. Cumprimos algumas obrigações, demos alguns anos de vida nisso, mas o coroar da vida são os filhos que se dão bem, sem invejas.... Digo que não devemos cobrar... (sobre sexualidade e velhice) Nenhum problema quanto a isso, somos sexualmente ativos. Gosto de brincar com o dizer: Nosso Senhor não tirou a idéia...</i></p> <p><i>Eu tinha muita paciência com velhos, quando novo e queria que, quando fosse velho, tivesse gente para conversar comigo. Não tenho falta disso.</i></p>	<p><i>como era ((Não se lembra de tê-lo pego ao colo)) ... Tenho boas recordações do pai da minha madrastra e da irmã dela [uma querida] Ele ficou casado com minha mãe só por 02 anos, e o que levou ao divórcio, hoje sei que foi uma mentira (ele pesquisou)... Hoje se fala em 'bullying', mas isso já tínhamos naquela época...colocavam alcunhas nos nossos nomes, que nem sempre eram agradáveis.... Meu pai casou-se 03 vezes. Na última fui contra...à medida que as coisas se compuseram (aceitou)... foi quem cuidou dele com muita dedicação.... Não quis nada dele [quando morreu].... Disse a ela que tudo o que ele tiver é seu... tudo que podia me dar era em vida...Ela cuida da campa onde ele está (que é minha), até hoje. Sou muito emotivo. Nosso casamento sempre teve muito carinho... TER CRIADO OS FILHOS E UM CUNHADO [filho extraconjugal do sogro], ((sente orgulho)) ... Meu sogro chegou a dizer-me que o filho dele era eu...</i></p> <p>4.REDE <i>... o Jumbo, é como uma mercearia de bairro: falamos e brincamos com toda a gente!</i></p> <p>5.SEXUALIDADE <i>[Sexualidade na velhice] NENHUM PROBLEMA QUANTO A ISSO, SOMOS SEXUALMENTE ATIVOS. Gosto de brincar com o dizer: Nosso Senhor não tirou a idéia...</i></p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro 1.5 - P5

P6	Recortes	Palavras-chave
<p>Por favor, não me chame de dona. Não sou dona de nada. Não sou dona de nada, nem da minha vida sou dona! Só estamos aqui!... Meu pai foi empregado da farmácia a vida toda. Faleceu aos 94 anos. Era um empregado sempre contente. Ele lavava frascinhos na época em que os remédios eram feitos em casa. Era um querido de toda a gente. Minha mãe era costureira. Faleceu aos 92 anos. Tenho 03 (01 rapaz. e 02 raparigas), não 04 irmãos: um deles é de relação extra matrimonial do meu pai. Sou a mais nova...</p> <p>Z [em relação à meia- irmã do meu marido] Tenho um desgosto enorme por isso. Eu telefono a ela, mas ela não nos telefona...</p> <p>Meu nome é o de minha madrinha, mas nem eu, gostamos do nome; e ela ficou triste, quando minha mãe disse ter dado o nome dela para mim... Não sei porque não gosto. Minha família é dos J. Tenho um neto, que está a estudar Medicina, para ser médico, se Deus quiser, que se chama JG.</p> <p>Gosto da palavra velho! Mas quando começam a se queixar não lhes dou oportunidade de queixas. Eu também tenho dores, mas não ligo nada.... Uma vez nos ligaram. Era um convite para uma pesquisa.... Perguntaram-nos se tínhamos pressão alta, diabetes... não tínhamos nada... e não acreditaram, como era possível? Nos nossos relacionamentos há um senhor de 95 anos e ficamos sabendo do aniversário dele na padaria que frequentamos e ele estava lá.... Comprei um bolo de arroz e pedi a toda gente que estava lá para me ajudar a cantar parabéns para ele- ele não tem família... Ele ficou com os olhos cheios de lágrimas.... Não custa nada...</p> <p>Fazemos tudo a pé, os dois. Às 2as e 6as feiras J vai à cidade.... Quando vamos ao Jumbo, é como uma mercearia de bairro; falamos e brincamos com toda a gente! Os filhos todos sabem...[da disposição de vontade de não ficar ligado a aparelhos].</p> <p>Meu marido é emotivo, não teve carinho na infância...Mas é de tal modo amigo do clã, que quando voltamos de Angola e fui ser professora de aldeia e levei uma das nossas filhas, que era minha aluna e passávamos a semana lá, enquanto ele ficava em Viseu trabalhando com um dos nossos filhos (enquanto a outra estudava em Coimbra), todos os dias ele escrevia-me uma carta, mesmo na 6ª. feira, o dia em que eu costumava voltar e mas enviava. Quando eu retornava para a aldeia, na semana seguinte, havia lá uma carta a minha espera... Pequenos nadas, que não são nada pequenos...</p> <p>(seu marido construiu o que gostaria de ter recebido) Sim... (sobre sexualidade e envelhecimento) Fiz uma histerectomia total e foi a melhor</p>	<p>3.REDE Nos nossos relacionamentos há um senhor de 95 anos e ficamos sabendo do aniversário dele na padaria que frequentamos e ele estava lá.... Comprei um bolo de arroz e pedi a toda gente que estava lá para me ajudar a cantar parabéns para ele- ele não tem família... Ele ficou com os olhos cheios de lágrimas.... Não custa nada...</p> <p>1.VELHICE</p> <p>Gosto da palavra velho! Mas quando começam a se queixar não lhes dou oportunidade de queixas. Eu também tenho dores, mas não ligo nada.... Uma vez nos ligaram. Era um convite para uma pesquisa.... Perguntaram-nos se tínhamos pressão alta, diabetes... não tínhamos nada... e não acreditaram, como era possível?</p> <p>2.VALORES</p> <p>MEU PAI FOI EMPREGADO DA FARMÁCIA A VIDA TODA ...sempre contente...era um querido de toda a gente. Faleceu aos 94 anos. Minha mãe era costureira. Tenho o nome de minha madrinha... nem ela e eu gostamos do nosso nome. Nossa família é dos J. Meu marido é emotivo, não teve carinho na infância. Ele é de tal modo amigo do clã, que quando voltamos de Angola e [época de empregos difíceis] fui ser professora na aldeia, e levei uma das filhas, minha aluna comigo, passávamos lá a semana, e ele em Viseu, trabalhando com um de nossos filhos, ele escrevia-me uma carta todos os dias, mesmo na 6ª. feira, quando voltávamos.... Quando eu retornava, a carta estava lá me esperando. Pequenos nadas, que não são nada pequenos. ((Comentário meu: ele construiu o que gostaria de ter recebido)).... Sim...</p> <p>4.SONHOS (?) (concorda com P5)). Os filhos todos sabem [do desejo</p>	<p>Sendo solidário na longevidade.</p> <p>Longevidade: ultrapassando as dores.</p> <p>Nostalgia: as lembranças que libertam.</p> <p>Longevidade: a partilha das construções e vontades.</p>

<p><i>coisa que aconteceu e isso foi há muitos anos. Minha ginecologista disse-me que eu tinha o útero invertido, o que causa infertilidade. Mas tive 03 filhos e até o 3º. usei o calendário. A partir daí, não mais [filhos].</i></p> <p><i>Não, nós não somos...[o retrato dos velhos de Portugal]</i></p> <p><i>Somos bem resolvidos.... Foi uma tarde muito boa, esta. Se precisar de mais alguma coisa, por favor, somos uns velhos chatos e conversadores... Tem uma filha maravilhosa...</i></p>	<p><i>do pai de não ficar ligado a uma máquina para morrer] ...</i></p> <p>5.SEXUALIDADE</p> <p><i>Sexualidade. Fiz uma histerectomia total e foi a melhor coisa que aconteceu e isso foi há muitos anos. Minha ginecologista disse-me que eu tinha o útero invertido, o que causa infertilidade. Mas eu tive 03 filhos, e até o 3º. Usei o calendário...</i></p>	
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

Quadro 1.6 - P6

5.2. 2ª Etapa - Descrição estrutural do conteúdo

Descrição estrutural do conteúdo: A estrutura do conteúdo foi sinalizada correlacionando- a aos núcleos de sentido (tópicos tratados).

Os núcleos de sentido ou categorias (temas)

Os recortes das narrativas, que seguem abaixo, constituem unidades de contexto e compõem os núcleos de sentido, ao redor dos quais os participantes se exprimiram.

As narrativas forneceram dados, que contemplaram categorias de acordo com os objetivos da pesquisa. Essas categorias são:

- **Categoria 1: Vivendo a velhice**
- **Categoria 2: Realizando novos projetos e sonhos**
- **Categoria 3: Lembrando o passado**
- **Categoria 4: Mantendo e expandindo a rede**
- **Categoria 5: A sexualidade na velhice**

Categoria 1 - Vivendo a velhice

Participante P1 (P1): (?). *Desculpe o atraso, eu estava no salão, me preparando para o fim- de semana. (!) Cabelo, unha...É preciso nos cuidar, certo? TAMBÉM ACREDITO QUE NO ENVELHECIMENTO, DEVEMOS OCUPAR A CABEÇA E O ESTUDO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS AJUDA MUITO. É PRECISO CUIDAR DO CORPO, MAS DA MENTE TAMBÉM. TENHO ATIVIDADES CORPORAIS. FAÇO PILATES ..., CAMINHADAS, ...PROCUREI ESTUDAR LÍNGUAS, ... FIZ INGLÊS POR 09 ANOS, ESPANHOL NO MIGUEL DE CERVANTES ... E FRANCÊS, ANTERIORMENTE... FICOU PROVADO, ... CIENTÍFICAMENTE... ...PARA SE REDUZIR A VELOCIDADE DESSE PROCESSO [envelhecimento] DA NATUREZA, PROCURO FICAR CONECTADO NO MUNDO. TODAS ESSAS ATIVIDADES FAZEM-ME SENTIR BEM... Outro aspecto é a terapia... Faço até hoje. Corpo, cérebro e espírito... Estudo até hoje. Leio livros sobre Psicologia...*

Participante P2 (P2): *Envelhecer... Acho que estou com a vida boa...Não sei... Uma consequência normal de nascer, viver...Muitas vezes a gente trabalha, ou usa a aposentadoria para sustentar encargos... duas gerações, quando desempregados... Olha... eu ia sair e me olhei no espelho... e pensei: não vou passar mais ruge, porque o ruge fica impregnado e faz uma canaleta na pele e acentua onde tenho rugas.... Minhas rugas são o meu viver.... Conseguimos economizar...guardar- garantiu certa tranquilidade para vivermos o envelhecimento e um tantinho, que permite ajudar os filhos, se eles necessitam... A vida é tranquila. Meu marido tem muita paciência. Eu fiz 19 cirurgias...E olha, a gente sente dor, geme, chora, tem repouso, recuperação, necessita de companhia no hospital, fica chata... mas ele sempre teve muita paciência comigo... Cuido-me com os remédios, porque sou perseverante. Mas, não consigo evitar o que vai me acontecendo...Ah, ((hidroginástica)) eu comecei...fiz uma temporada, mas o problema do cloro no cabelo... Alguns médicos eram a favor, outros contra... Operei muito o meu pé, por conta de um neuroma... um dedo fica duro, o outro repuxado.... Não posso caminhar muito. Tenho até um cartão de deficiente ambulatorial, além do cartão do idoso...Mas, agora não estou realizando nenhuma atividade física. Aliás, até à lavanderia, vou de carro, e é no quarteirão debaixo...*

Participante P3 (P3): *Ser velho em Portugal não é das coisas mais engraçadas de se contar... Velhice não é estatuto de quem teve vida ativa... E, em relação a mim, ainda hoje, não me dei conta que sou velho... Todos os dias vou ao ginásio (desportos). Sábados e domingos damos ((a esposa e ele)) umas voltinhas no Fontelo ((parque)). Agora ainda me recupero da Quimioterapia, estou retornando aos poucos... Doença para mim, foi algo que aconteceu, mas não esmoreci por causa disso.... Preenchemos nossa vida. Hoje, nosso objetivo é fazer com que nossa vida não seja como a de tantas pessoas ((velhos, como eles)) ...*

Participante P4 (P4): *Temos, uma vida bonita... Em casa, ninguém pensa que é velho. Eu não ia deixar.... Faço muitas coisas e vejo colegas minhas com 50 anos, que são umas chatas. Eu não tenho nada, estou sempre bem-disposta para tudo. Sou uma doida, estou sempre a pensar nos outros.... Não ando com velhos. Só na hidro é que ando. FAÇO TUDO NO PALÁCIO DO GÊLO ((shopping center onde fica a*

academia)). *Faço natação ((50 piscinas)) Ioga; pilates; 01 hora de ginásio antes do bodyballance; e ginásio duas vezes na semana cada; e hidroginástica 03 vezes na semana... Habitamo-nos a uma vida sempre cheia e diferente, que hoje não acho que custa o que faço hoje.... TEMOS QUE NOS ADAPTAR. TENTAMOS FAZER COM QUE A VELHICE NÃO SEJA UM PROBLEMA, COMO É PARA TANTA GENTE. Somos independentes, mas nem poderíamos depender ((ela explica que não ter filhos foi uma opção)).*

Participante P5 (P5): *Fazemos tudo a pé ... às 2as e 6as feiras vou à cidade.... Faço caminhadas, faça chuva ou sol, é o meu esporte. Tenho uma quintazinha e planto rosas, e algumas verduras.... Ter velhice resolvida é estar resolvido com os filhos, com a sociedade, com a família.... Não temos quaisquer problemas.... O que posso faço dentro de casa....*

P6: *Gosto da palavra velho! Mas quando começam a se queixar não lhes dou oportunidade de queixas. Eu também tenho dores, mas não ligo nada.... Uma vez nos ligaram. Era um convite para uma pesquisa.... Perguntaram-nos se tínhamos pressão alta, diabetes... não tínhamos nada... e não acreditaram, como era possível?*

Participante P6 (P6):*Gosto da palavra velho! Mas quando começam a se queixar não lhes dou oportunidade de queixas. Eu também tenho dores, mas não ligo nada... Uma vez nos ligaram...[para uma entrevista]... Perguntaram-nos se tínhamos pressão alta, diabetes,.... não tínhamos nada... E não acreditaram, como era possível?*

Categoria 2 - Realizando novos projetos e sonhos

Participante P1 (P1): ... Aos 60 anos de idade, fundei o Instituto “X”.... O instituto foi um marco, ... porque depois de trabalhar 20 anos com consultoria, ... no ano 2000, fundei esse instituto junto com minha família: ...minha mulher e dois dos meus filhos [tenho 04, e dois dos filhos trabalham comigo] ... consegui começar nova atividade aos 60 anos. Hoje, ... esse instituto tem 16 anos...tem seus altos e baixos ... Tive a bênção, graças a Deus, e a satisfação de ter uma instituição que teve sucesso... A cabeça até trabalha mais com o entusiasmo e a dedicação, a gente fica sempre ocupada... Passei a ter a possibilidade de descobrir novos caminhos.... Acho que sou uma pessoa que sempre procura por novas experiências. Não vou me deixar à margem, ou deixar me dominar pelo que a sociedade me dá... Não há possibilidade de cuidar do outro se não cuidamos de nós mesmos... Trabalho com projetos sociais, educação e tecnologia...

Participante P2 (P2): ...Tem a parte dos netos...uma coisa boa. ... [A atividade filantrópica]. Ah...essa é uma delícia...Meu sonho atual é ter uma consulta com ele... ((médico que tem um banco de dados com 12.000 biópsias de músculo)) ..., e que está agendada para março de 2017. Não sei se espero o resultado da consulta, ou se inicio ((a atividade física)) ... Quero estar atualizada, lendo...

Participante P3 (P3): Agora ando um pouco cansado, porque tive alimentação por sonda, após a cirurgia, mas encaro isso como algo que aconteceu e tenho que superar, e não me queixo... ((Realizou muitos sonhos e agora está vencendo um câncer. Concorda com o comentário de que nasceu de novo há um ano)) Sim, é verdade!

Participante P4 (P4): AINDA HOJE PENSO NO FUTURO.... FAÇO MUITAS COISAS.... SOU UMA DOIDA, ESTOU SEMPRE A PENSAR NOS OUTROS... Agora mudei tudo para o período da manhã, por conta da doença do meu marido....

Participante P5 (P5): Sinto-me lisonjeado.... Tenho orgulho dos meus netos e, quando os pais estão em casa eles os comandam. Tenho 03 filhos: um rapaz e 02 raparigas. Uma delas mora em Coimbra e a outra em Setúbal. O que estudou menos foi o rapaz ((reflexão sobre a família que tem, em relação à família de origem e ao que vê na TV e lê nos jornais, sobre violência)) Às vezes, a casa é cheia, umas 14 pessoas. É uma alegria ter os netos.... Eles ainda vêm passar as férias conosco... Os de Setúbal têm 6, 14 e 16 anos. Temos um com 17 anos..., mas esse tem namorada, já não vem. Adoram vir à casa dos avós! Não tenho medo de morrer, mas de sofrer e fazer sofrer.... Tenho que fazer um testamento para desligar a máquina- não prolongar a vida artificialmente.... Nos custa ver sofrer uma pessoa assim...Gostaria de acordar morto...

Participante P6 (P6): ((concorda com P5)). Os filhos todos sabem [do desejo do pai de não ficar ligado a uma máquina para morrer] ...

Categoria 3 - Lembrando o passado

Participante P1 (P1): (Hum) ... *Preciso falar da minha história de vida ... Como disse, sou carioca, ... filho de militar, ...criado no Paraná... Meu pai era engenheiro do exército e ... eu segui engenharia... Há outros marcos: ... o casamento, o nascimento dos filhos, a formatura...*

Participante P2 (P2): *TIVE UMA COISA BOA: CRESCI NO INTERIOR, ATÉ CASAR. Só temo as gerações do meu filho e netos... ACOMPANHEI MEU MARIDO FAZER CARREIRA, MAS PRIMEIRO, DOU GRAÇAS A DEUS QUE CASEI, PORQUE NO MEU TEMPO, SE A GENTE NÃO CASASSE... Tive e tenho um companheiro muito ajuizado, que pensa muito para gastar... Meu marido conseguiu fazer carreira no Banco do Brasil... FUI PROFESSORA PRIMÁRIA E MÃE PARA CUIDAR DE 03 FILHOS E UM MARIDO. MINHA SAÚDE SEMPRE FOI PRECÁRIA, SEMPRE. CASEI-ME COM UM RIM SÓ. Nas minhas moléstias, nas muitas recuperações, deixava minha cestinha com lãs, agulhas, linhas do meu lado, na cama... Ele sempre teve muita paciência comigo... Filho não tem tempo. ... Acho normal ter nostalgia. As lembranças ruins... ah essas podem ser refletidas e tomar outro sentido com o tempo...*

Participante P3 (P3): *Meu nome foi inspiração para outros que vieram depois na família.... Talvez porque tenha sido um bom rapazito. Meu pai era marceneiro... sempre foi um homem de trabalho.... Morreu aos 80 e tal anos.Minha mãezinha era costureira, fazia colchões...faleceu com 100 anos e 01 mês. Era uma família modesta. As nossas meninices (da esposa e dele) foram difíceis, mais a dela do que a minha. Alguns problemas poderiam causar outros problemas, mas, graças a Deus, foram sanados- Saí de Viseu aos 22 anos...fui para Covilhã...depois para Lisboa... me fez acordar para a vida. Encontrei minha cara metade. VI UMA CARA CONHECIDA NO ELÉTRICO E FUI A CORRER ATRÁS DO ELÉTRICO, NA RUA DA PALMA. ENTREI, PUXEI CONVERSA- COMO O FADO DA AMÁLIA RODRIGUES- NA RUA DA PALMA 'DEIXEI PRESA A MINH 'ALMA'. Fazemos um par homogêneo. TIVE SORTE DE TER UM EMPREGO QUE, À PRIMEIRA VISTA, NADA TEM A VER COM UMA PESSOA QUE VEM DO INTERIOR. Tive oportunidades.... Desempenhei funções...fui [bom profissional] e cheguei a exercer um cargo equiparado a diretor. Fui um incentivador de inovações [foram criadas por mim].... Depois quando [tempos difíceis promoveram dispensa de muitos empregados] fui escolhido para ficar à frente de um serviço, que antes necessitava de 45 empregados para funcionar. Tivemos uma vida sempre cheia...Também fui dirigente sindical...e secretário de Henrique Medina, o pintor que ficou conhecido por ter pintado o quadro que aparece no filme ' O retrato de Dorian Gray'...*

Participante (P4): *TIVEMOS UMA VIDA BONITA... Nos agarramos um ao outro- tanto, que, quando fiquei grávida, fiz um aborto- Depois nos agarramos aos filhos dos outros. Meus pais eram da aldeia de Cota e tiveram 07 filhos: 06 raparigas e um rapaz, que viveu em Lisboa e morreu lá Meu pai faleceu aos 73 anos; minha mãe viveu até os 78 anos. Hoje sou mais compreensiva, não sofro como sofria antes ((antecipação)) Meu marido ficou doente, encaramos bem, como ter que passar por algo.... Minhas irmãs morreram e eu*

encarei bem. Não sei se é do Ioga... Apesar de não termos tido filhos em casa sempre tivemos crianças, mas hoje, passa uns anos, sem irem a minha casa.... As que não são família, sempre nos vêm ver....

Participante 5 (P5): *Sou filho único...todas as bagunças que fazia, a culpa não dava para dividir com ninguém (ele ri)...- Meu pai me criou... só vim a saber quem era minha mãe quando tinha idade de ir para a escola... (de um jeito triste) através de uma senhora que vendia castanhas. Ele foi trabalhar no comércio aos 10 anos... entendo e porque era como era ((Não se lembra de tê-lo pego ao colo)) Tenho boas recordações do pai da minha madrasta e da irmã dela [uma querida] Ele ficou casado com minha mãe só por 02 anos, e o que levou ao divórcio, hoje sei que foi uma mentira (ele pesquisou)... Hoje se fala em 'bullying', mas isso já tínhamos naquela época...colocavam alcunhas nos nossos nomes, que nem sempre eram agradáveis.... Meu pai casou-se 03 vezes. Na última fui contra...à medida que as coisas se compuseram (aceitou)... foi quem cuidou dele com muita dedicação.... Não quis nada dele (quando morreu).... DISSE A ELA QUE TUDO O QUE ELE TIVER É SEU... TUDO QUE PODIA ME DAR ERA EM VIDA...Ela cuida da campa onde ele está (que é minha), até hoje.Sou muito emotivo. Nosso casamento sempre teve muito carinho... TER CRIADO OS FILHOS E UM CUNHADO ((filho extraconjugal do sogro)), ((sente orgulho)) Meu sogro chegou a dizer-me que o filho dele era eu...*

Participante 6 (P6): *MEU PAI FOI EMPREGADO DA FARMÁCIA A VIDA TODA...sempre contente...ERA UM QUERIDO DE TODA A GENTE. Faleceu aos 94 anos. Minha mãe era costureira. Tenho o nome de minha madrinha... nem ela e eu gostamos do nosso nome. Nossa família é dos Js.Meu marido é emotivo, não teve carinho na infância. Ele é de tal modo amigo do clã, que quando voltamos de Angola e [época de empregos difíceis] fui ser professora na aldeia, e levei uma das filhas, minha aluna comigo, passávamos lá a semana, e ele em Viseu, trabalhando com um de nossos filhos, ele escrevia-me uma carta todos os dias, mesmo na 6ª. feira, quando voltávamos.... QUANDO EU RETORNAVA, A CARTA ESTAVA LÁ ME ESPERANDO. PEQUENOS NADAS, QUE NÃO SÃO NADA PEQUENOS. (Comentário da pesquisadora: ele construiu o que gostaria de ter recebido).... Sim...*

Categoria 4 - Mantendo e expandindo a rede

Participante 1 (P1): (No Amparo Maternal). *Eu tinha a função de resgatar nas mães solteiras a relação com o ente masculino da família, porque elas costumavam ser expulsas de casa...Sem marido e sem o pai para prover as necessidades, e com um recém-nascido para cuidar.....[Hoje].... A instituição está assentada nos valores... Família... Sobre a rede, ... procurar estar com a rede ativa..., romper a barreira de isolamento que a sociedade impõe... ampliar...procurar interesses para formar novas redes. Não consigo entender ficar na frente da TV...Tenho cartão do Reserva Cultural, ...cinema é extremamente valioso. Fui à amostra de cinema e assisti a 20 filmes. Nem sempre minha esposa me acompanha... Fui à FLIP, às Olimpíadas e visitei o Museu do Amanhã, no Rio (mostra fotos de suas visitas e a família) ...Sobre o casamento, uma coisa é minha vida individual, outra, a familiar (casal) ...Não deixo de ser indivíduo. Eu convido, se não quiser ir, eu vou ao cinema, palestras, teatro, como estou aqui, agora. ... Mas eu me sinto conectado no mundo....conectado com tudo ... Outra coisa, é quando se tem uma vida comum, não perder sua individualidade. O casamento não é uma prisão. O casamento tem que ser estável, agradável...*

Participante 2 (P2): *Meu marido tem a pescaria dele; eu, os eventos do Centro Espírita, aos quais vou sozinha. Acho saudável.... Eu tinha uma amiga que como eu sempre colaboramos...e até hoje... na confecção de casaquinhos ...[para o Amparo Maternal] ... Olha, eu sempre tive colegas na escola..., não amigas, dessas de levar para casa e frequentar a família, para quem você conta tudo... Amiga para mim tem um sentido de família...Então, os amigos eram os do meu marido, com quem saíamos. Não tenho a minha amiga da praia, mas os amigos dele...sempre dependi dos amigos dele...Não sei porque desenvolvi isso... Eu tenho as amigas da rede de solidariedade, sim, com elas eu me abro, elas me acolhem, me dão ombro... Eu as mantenho. Nos reunimos algumas vezes para um chá, mas não consigo maior frequência... Quanto às atividades, se forem à noite, ou distante... compro as rifas delas. Durante o dia, eu vou...Não tenho tanta atividade quanto poderia, se eu fosse mais flexível, ou meu marido mais... ele não gosta e não entende isso de espiritismo... Perdi o contato com algumas dessas amigas...Eu nem o convido para essas atividades, vou com minhas amigas...*

Participante 3 (P3): [A gama de atividades em que se envolveu durante toda a vida o fez sempre ter muitos relacionamentos].

Participante 4 (P4): *Aconselhamos as pessoas a fazerem atividades. (Por conta das atividades desportivas) ... Toda a gente sabe o meu nome [no Palácio do Gêlo, onde faço as atividades]. ... A dra. é maravilhosa. Eu não tomo remédios e ela sempre me arruma coisas naturais...*

Participante 5 (P5): ... o Jumbo, é como uma mercearia de bairro: falamos e brincamos com toda a gente!

Participante 6 (P6): *Nos nossos relacionamentos há um senhor de 95 anos e ficamos sabendo do aniversário dele na padaria que frequentamos e ele estava lá.... Comprei um bolo de arroz e pedi a toda gente*

que estava lá para me ajudar a cantar parabéns para ele- ele não tem família... Ele ficou com os olhos cheios de lágrimas.... Não custa nada...

Categoria 5 - A sexualidade na velhice

Participante 1 (P1): *Muito bem...Acho que enquanto há vida, há desejo, uma das questões essenciais. E a vida saudável inclui a sexualidade também. Não é só alimentar-se, cuidar do corpo e da mente. Temos que aprender a nos relacionar com o desejo. Não podemos dizer que acabou. Todo mundo tem condições para, de certo modo, encontrar como viver a sua sexualidade. É prioritário.*

Participante 2 (P2): *Ela continua existindo. Tudo com mais calma. Não com a euforia, nem com a obrigação...É uma confiança, não há a obrigação de comparecer...há uma certeza do que se está fazendo...*

Participante 3 (P3): *((Sério)). Nossa sexualidade terminou com a doença ((câncer de estômago)) e com a medicação que faço uso para a próstata...*

Participante 4 (P4): *((Sorri ao escutar a crônica Ruido de Passos)). Agora tudo é diferente, mas encaramos como natural. Aos homens assusta mais.*

Participante 5 (P5): *NENHUM PROBLEMA QUANTO A ISSO, SOMOS SEXUALMENTE ATIVOS. Gosto de brincar com o dizer: Nosso Senhor não tirou a idéia...*

Participante 6 (P6): *Fiz uma histerectomia total e FOI A MELHOR COISA QUE ACONTECEU e isso foi há muitos anos. Minha ginecologista disse-me que eu tinha o útero invertido, o que causa infertilidade. Mas eu tive 03 filhos, e até o 3º. Usei o calendário...*

5.3 3ª Etapa - Abstração analítica das narrativas

Distanciando-me dos detalhes, procurei verificar as expressões abstratas de cada período de vida do participante, para uma possível reconstrução de sua biografia.

A identidade das narrativas tomadas tinha uma assinatura própria: a singularidade do eu de cada um. Após a oitiva das narrativas, procurei pelos contextos de inserção sociocultural de cada participante, para imaginar o viver, o sentir e o ser no contextual próprio, e relacioná-los com mitos, música, valores, metáforas de sentido, que pudessem mimetizá-los, ou assemelhá-los. Como resultado da reflexão, delinee o quadro 3 e uma figura (Figura 1) representativa do confronto do ciclo familiar e individual, conforme consta abaixo.

P3, P4,	Ai, Mouraria (Fado. Letra: Amadeu do Vale; Música: Frederico Valério). Anima/animus. A jornada do herói. Valores: Subjetividade.Saúde.Vida profissional (A jornada do herói). Família credenciada.
P1, P2.	Aquarela do Brasil (Samba. Letra de Ary Barroso (1939). A jornada do herói. Repetição de padrão familiar. Repetição de padrão familiar (gênero: papéis). Valores: Saúde. vida profissional e vida familiar.
P5, P6.	Lili (Hi Lili, Hi lo ⁶⁴ . Autoria (1952): Destch, H e Kaper, B. Versão brasileira: Haroldo Barbosa) Construção de castelo (novo paradigma) Realizar o mito do amor romântico. Repetição de padrão (ela):Viver a imagem do espelho do pai (<i>o querido de toda a gente</i>). Valores: Família.

Quadro 2 - Metáforas, associações, valores e mitos.

⁶⁴ A música foi tema do filme “Lilli”, da Metro Goldwin Meyer, lançado em 1953, dirigido por Charles Walters, com Leslie Carron, Mel Ferrer, Jean- Pierre Aumont e Zsa Zsa Gabor. Conta a história de uma órfã francesa, adotada por um circo. Ela fica sozinha em uma cidade e se apaixona pelo mágico, que a vê, apenas, como uma menina. O filme ganhou o Oscar pela trilha sonora. No Brasil ganhou uma versão em português e foi interpretada por muitos artistas, entre eles, Gal Costa.

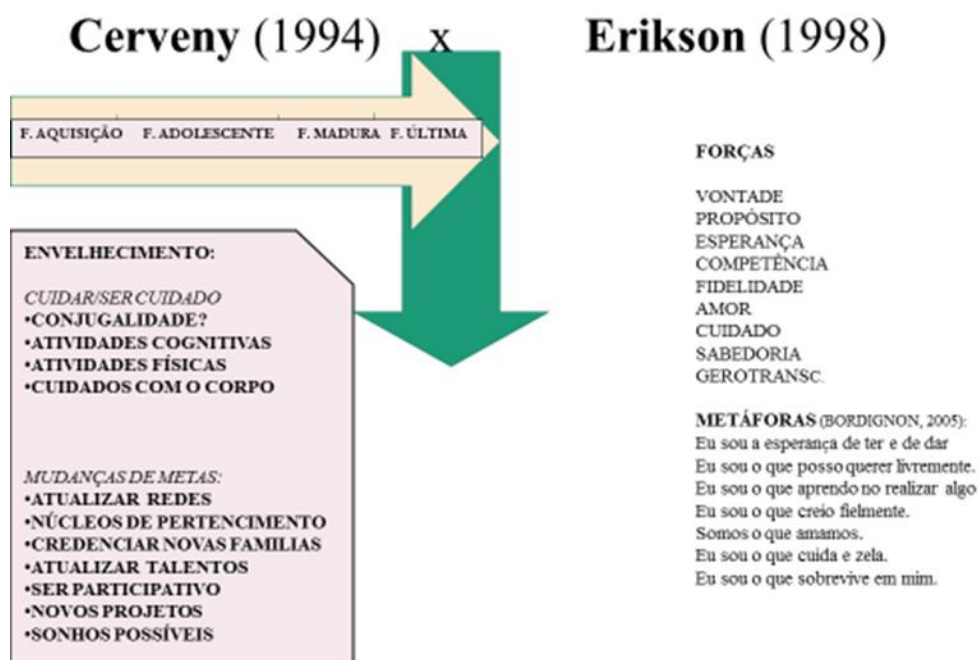


Figura 1 - Entrelaçando o C. Individual de Erikson (1998) com C. Vital de Cerveny (1984)

Participante 1 (P1). M, brasileiro, carioca, 76 anos, casado há 54 anos (1962), filho de militar e engenheiro *como o pai*, 4 filhos, 4 netos. Mudou-se para São Paulo ainda solteiro, por conta do pai ser militar. Valor: Importância dada à família. Formação de novo núcleo familiar: Fase de Aquisição (Cumprimento das necessidades da família); Fase Adolescente, um preparo para a vida adulta: seguir o modelo paterno na profissão. O pai é militar, mas ele não abraça essa carreira; Fase Adulta: O casamento o faz assumir o papel de provedor, o qual é compartilhado com a esposa (psicóloga); assume um papel protetor para a família. Sente orgulho que alguns de seus filhos compartilhem do sonho que realiza. Adota um trabalho voluntário, de preservação de laços com a família, nas adolescentes grávidas. Mantém ativa a rede social e de apoio.

Subjetividade: Refere que preserva também sua individualidade, e estimula que a esposa também a tenha. Demonstra o cuidado de si, nesta fase de vida que atravessa e a importância da manutenção e renovação de vínculos de amizade. Vive a sexualidade ativamente, procurando conhecer melhor o corpo. Recusa-se a vestir estereótipo redutor ligado à velhice.

Velhice

TAMBÉM ACREDITO QUE NO ENVELHECIMENTO, DEVEMOS OCUPAR A CABEÇA E O ESTUDO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS AJUDA MUITO. É PRECISO CUIDAR DO CORPO, MAS DA MENTE TAMBÉM. TENHO ATIVIDADES CORPORAIS. FAÇO PILATES ..., CAMINHADAS, ...PROCUREI ESTUDAR LÍNGUAS,

... FIZ INGLÊS POR 09 ANOS, ESPANHOL NO MIGUEL DE CERVANTES ... E FRANCÊS, ANTERIORMENTE... FICOU PROVADO, ... CIENTÍFICAMENTE... ...PARA SE REDUZIR A VELOCIDADE DESSE PROCESSO [envelhecimento] DA NATUREZA, PROCURO FICAR CONECTADO NO MUNDO. TODAS ESSAS ATIVIDADES FAZEM-ME SENTIR BEM... Outro aspecto é a terapia... Faço até hoje. Corpo, cérebro e espírito... Estudo até hoje...

Não vou me deixar à margem, ou deixar me dominar pelo que a sociedade me dá... Não há possibilidade de cuidar do outro se não cuidamos de nós mesmos...Sobre o casamento, uma coisa é minha vida individual, outra, a familiar (casal) ...Não deixo de ser indivíduo. Eu convido, se não quiser ir, eu vou ao cinema, palestras, teatro, como estou aqui, agora. ... Mas eu me sinto conectado no mundo...conectado com tudo ... Outra coisa, é quando se tem uma vida comum, não perder sua individualidade. O casamento não é uma prisão. O casamento tem que ser estável, agradável...

Sonhos

... Aos 60 anos de idade, fundei o Instituto "X"... O instituto foi um marco, ... porque depois de trabalhar 20 anos com consultoria, ... no ano 2000, fundei esse instituto junto com minha família: ...minha mulher e dois dos meus filhos [tenho 04, e dois dos filhos trabalham comigo] ... consegui começar nova atividade aos 60 anos. Hoje, ... esse instituto tem 16 anos...tem seus altos e baixos ... Tive a benção, graças a Deus, e a satisfação de ter uma instituição que teve sucesso... A cabeça até trabalha mais com o entusiasmo e a dedicação, a gente fica sempre ocupada... Passei a ter a possibilidade de descobrir novos caminhos.... Acho que sou uma pessoa que sempre procura por novas experiências.

Lembrando o passado

Preciso falar da minha história de vida ... Como disse, sou carioca, ... filho de militar, ...criado no Paraná... Meu pai era engenheiro do exército e ... eu segui engenharia... Há outros marcos: ... o casamento, o nascimento dos filhos, a formatura...

Rede

Sobre a rede, ... procurar estar com a rede ativa..., romper a barreira de isolamento que a sociedade impõe... ampliar...procurar interesses para formar novas redes. Não consigo entender ficar na frente da TV...Tenho cartão do Reserva Cultural, ...cinema é extremamente valioso. Fui à amostra de cinema e assisti a 20 filmes. Nem sempre minha esposa me acompanha... Fui à FLIP, às Olimpíadas e visitei o Museu do Amanhã, no Rio (mostra fotos de suas visitas e a família) ...

Sexualidade

Muito bem...Acho que enquanto há vida, há desejo, uma das questões essenciais. E a vida saudável inclui a sexualidade também. Não é só alimentar-se, cuidar do corpo e da mente. Temos que aprender a nos relacionar com o desejo. Não podemos dizer que acabou. Todo mundo tem condições para, de certo modo, encontrar como viver a sua sexualidade. É prioritário.

Participante 2 (P2). F, 76 anos, brasileira, casada há 54 anos, professora, 3 filhos, 6 netos.

Uma vida marcada por problemas de saúde. A carreira de professora foi substituída pela de esposa e mãe. Vida parental e conjugal foram privilegiadas em relação à individual. A prática da religiosidade lhe fornece amizade, força e refúgio, mas não está partilhada no companheirismo conjugal. É nela que vive parte de sua individualidade.

Velhice

Envelhecer... Acho que estou com a vida boa...Não sei... Uma consequência normal de nascer, viver...Muitas vezes a gente trabalha, ou usa a aposentadoria para sustentar encargos... duas gerações, quando desempregados... Olha... eu ia sair e me olhei no espelho... e pensei: não vou passar mais ruge, porque o ruge fica impregnado e faz uma canaleta na pele e acentua onde tenho rugas.... Minhas rugas são o meu viver.... Conseguimos economizar...guardar- garantiu certa tranquilidade para vivermos o envelhecimento e um tantinho, que permite ajudar os filhos, se eles necessitam... A vida é tranquila.

Rede

Meu marido tem a pescaria dele; eu, os eventos do Centro Espírita, aos quais vou sozinha. Acho saudável.... Eu tinha uma amiga que como eu sempre colaboramos...e até hoje... na confecção de casaquinhos ...[para o Amparo Maternal] ... Olha, eu sempre tive colegas na escola..., não amigas, dessas de levar para casa e frequentar a família, para quem você conta tudo... Amiga para mim tem um sentido de família...Então, os amigos eram os do meu marido, com quem saíamos. Não tenho a minha amiga da praia, mas os amigos dele...sempre dependi dos amigos dele...Não sei porque desenvolvi isso... Eu tenho as amigas da rede de solidariedade, sim, com elas eu me abro, elas me acolhem, me dão ombro... Eu as mantenho. Nos reunimos algumas vezes para um chá, mas não consigo maior frequência... Quanto às atividades, se forem à noite, ou distante... compro as rifas delas. Durante o dia, eu vou...Não tenho tanta atividade quanto poderia, se eu fosse mais flexível, ou meu marido mais... ele não gosta e não entende isso de espiritismo... Perdi o contato com algumas dessas amigas...Eu nem o convido para essas atividades, vou com minhas amigas...

Sonhos

Tem a parte dos netos...uma coisa boa. ... [A atividade filantrópica]. Ah...essa é uma delícia...Meu sonho atual é ter uma consulta com ele... ((médico que tem um banco de dados com 12.000 biópsias de músculo)) ..., e que está agendada para março de 2017. Não sei se espero o resultado da consulta, ou se inicio ((a atividade física)) ... Quero estar atualizada, lendo...

Lembrando o passado

TIVE UMA COISA BOA: CRESCI NO INTERIOR, ATÉ CASAR. Só temo as gerações do meu filho e netos... ACOMPANHEI MEU MARIDO FAZER CARREIRA, MAS PRIMEIRO, DOU GRAÇAS A DEUS QUE CASEI, PORQUE NO MEU TEMPO, SE A GENTE NÃO CASASSE... Tive e tenho um companheiro muito ajuizado, que pensa muito para gastar... Meu marido conseguiu fazer carreira no Banco do Brasil... FUI PROFESSORA PRIMÁRIA E MÃE PARA CUIDAR DE 03 FILHOS E UM MARIDO. MINHA SAÚDE SEMPRE FOI PRECÁRIA, SEMPRE. CASEI-ME COM UM RIM SÓ. Nas minhas moléstias, nas muitas recuperações, deixava minha cestinha com lãs, agulhas, linhas do meu lado, na cama... Ele sempre teve muita paciência comigo... Filho não tem tempo. ... Acho normal ter nostalgia. As lembranças ruins... ah essas podem ser refletidas e tomar outro sentido com o tempo...

Sexualidade

Ela continua existindo. Tudo com mais calma. Não com a euforia, nem com a obrigação...É uma confiança, não há a obrigação de comparecer...há uma certeza do que se está fazendo...

A história dela

Arlene Moreira

Sim, sei que deveria

Feliz eu seria.

Por cumprir sonhos femininos

Da época em que vivi.

Com alguém gentil me casei

E o magistério abracei

Na vida pública.

Pela função solitária e múltipla

Vida privada do lar, o deixei...

*Existe um que distante
Um sabor que sei degustar
De esposa exemplar.
Sinto não ter sido possível
A individualidade aprimorar.
Pela sorte do gênero,
Prendi-me nas malhas
Tecidas do lar
Na dedicação exigida
Pela cultura secular
Da maternidade,
Na dócil feminilidade,
Deixei-me ficar.
Pelo sonho cumprido
Deixei-me levar...
Experiências alheias
E amigos compartilhei.
No corpo marquei
O sofrer calado do gênero,
Na desigualdade que abracei.
Potencialmente sou
O que nunca experimentei.
Do envelhecimento falo
A individualidade que neguei,
A parte boa, os netos,
E, como receita,
O poder ajudar
O próximo e o distante
Ao meu alcance.*

Participante 3 (P3). M, português, 83 anos, casado há 55 anos, ensino médio, não tem filhos, não tem netos.

Mostra-se orgulhoso da construção de um crescimento individual ao longo da vida. Exibe sua força de vontade ante os desafios, no enfrentamento de situações, que o fizeram ver mais longe e aproveitar as oportunidades, quando estas chegaram. É evidente a importância que deu à família e aos contatos familiares ao longo da vida. Vínculos conjugais fortes. Escolha de não ter filhos. Planejamento da velhice. Tratamento de problemas de saúde atual.

Velhice

Ser velho em Portugal não é das coisas mais engraçadas de se contar... Velhice não é estatuto de quem teve vida ativa... E, em relação a mim, ainda hoje, não me dei conta que sou velho... Todos os dias vou ao ginásio (desportos). Sábados e domingos damos ((a esposa e ele)) umas voltinhas no Fontelo ((parque)). Agora ainda me recupero da Quimioterapia, estou retornando aos poucos... Doença para mim, foi algo que aconteceu, mas não esmoreci por causa disso... Preenchemos nossa vida. Hoje, nosso objetivo é fazer com que nossa vida não seja como a de tantas pessoas ((velhas, como eles)) ...

Sonhos

Agora ando um pouco cansado, porque tive alimentação por sonda, após a cirurgia, mas encaro isso como algo que aconteceu e tenho que superar, e não me queixo... ((Realizou muitos sonhos e agora está vencendo um câncer. Concorda com o comentário de que nasceu de novo há um ano)) Sim, é verdade!

Rede

(A gama de atividades em que se envolveu durante toda a vida o fez sempre ter muitos relacionamentos).

Lembrando o passado

Meu nome foi inspiração para outros que vieram depois na família.... Talvez porque tenha sido um bom rapazito. Meu pai era marceneiro... sempre foi um homem de trabalho.... Morreu aos 80 e tal anos.Minha mãezinha era costureira, fazia colchões...faleceu com 100 anos e 01 mês. Era uma família modesta. As nossas meninices (da esposa e dele) foram difíceis, mais a dela do que a minha. Alguns problemas poderiam causar outros problemas, mas, graças a Deus, foram sanados- Saí de Viseu aos 22 anos...fui para Covilhã...depois para Lisboa... me fez acordar para a vida. Encontrei minha cara metade. VI UMA CARA CONHECIDA NO ELÉTRICO E FUI A CORRER ATRÁS DO ELÉTRICO, NA RUA DA PALMA. ENTREI, PUXEI CONVERSA-

COMO O FADO DA AMÁLIA RODRIGUES- NA RUA DA PALMA 'DEIXEI PRESA A MINH 'ALMA'. Fazemos um par homogêneo. TIVE SORTE DE TER UM EMPREGO QUE, À PRIMEIRA VISTA, NADA TEM A VER COM UMA PESSOA QUE VEM DO INTERIOR. Tive oportunidades.... Desempenhei funções...fui [bom profissional] e cheguei a exercer um cargo equiparado a diretor. Fui um incentivador de inovações [foram criadas].... Depois quando [tempos difíceis promoveram dispensa de muitos empregados] fui escolhido para ficar à frente de um serviço, que antes necessitava de 45 empregados para funcionar. Tivemos uma vida sempre cheia...Também fui dirigente sindical...e secretário de Henrique Medina, o pintor que ficou conhecido por ter pintado o quadro que aparece no filme ' O retrato de Dorian Gray'...

Sexualidade

((Sério)). Nossa sexualidade terminou com a doença ((câncer de estômago)) e com a medicação que faço uso para a próstata...

Participante 4 (P4). F, portuguesa, casada há 55 anos, ensino médio. Não tem filhos, não tem netos. Sempre foi ativa. Opção por não ter filhos. Sempre acompanhou o marido. Cumplicidade na relação. Amplo círculo de amizades, hoje atualizado pelas atividades em que se envolve. E anteriormente, pelas atividades que o marido se envolveu. Vínculo conjugal forte.

Velhice

...Temos uma vida bonita...Em casa, ninguém pensa que é velho. Eu não ia deixar... Faço muitas coisas e vejo colegas minhas com 50 anos, que são umas chatas. Eu não tenho nada, estou sempre bem disposta para tudo. Sou uma doida, estou sempre a pensar nos outros... Não ando com velhos. Só na hidro é que ando. FAÇO TUDO NO PALÁCIO DO GELO ((shopping center onde fica a academia)). Faço natação ((50 piscinas)), Ioga, Pilates, 01 hora de ginásio, antes do bodyballance, e ginásio duas vezes na semana cada. Faço hidroginástica 03 vezes na semana...Habituo-nos a uma vida sempre cheia e diferente, que hoje não acho que custa o que faço...TEMOS QUE NOS ADAPTAR. TENTAMOS FAZER COM QUE A VELHICE NÃO SEJA UM PROBLEMA, COMO É PARA TANTA GENTE. Somos independentes, mas nem poderíamos depender... ((ela explica que não ter filhos foi uma opção)).

Sonhos

AINDA HOJE PENSO NO FUTURO...FAÇO MUITAS COISAS...SOU UMA DOIDA, ESTOU SEMPRE A PENSAR NOS OUTROS...Agora mudei tudo para o período da manhã, por conta da doença do meu marido...

Rede

Aconselhamos as pessoas a fazerem atividades. ..Toda a gente sabe o meu nome ((por conta das atividades desportivas))... A Dra. é maravilhosa. Eu não tomo remédios e ela sempre me arruma coisas naturais...

Lembrando o passado

TIVEMOS UMA VIDA BONITA... Nos agarramos um ao outro tanto, que, quando fiquei grávida, fiz um aborto. Depois nos agarramos aos filhos dos outros. Meus pais eram da aldeia de Cota e tiveram 07 filhos: 06 raparigas e 01 rapaz, que viveu até os 78 anos. Hoje sou mais compreensiva, não sofro como sofria antes ((antecipação))...Meu marido ficou doente, encaramos bem, como ter que passar por algo...Minhas irmãs morreram e eu encarei bem. Não sei se é do Ioga...Apesar de não termos tido filhos em casa, sempre tivemos crianças, mas hoje, passam os anos sem irem lá ter... As que não são família, sempre nos vêm ver...

Sexualidade

((Sorri ao escutar a crônica Ruído de Passos))...Agora tudo é diferente, mas encaramos como natural. Aos homens custa mais.

Participante 5 (P5). M, português, casado há 55 anos, curso técnico, 3 filhos, 11 netos.

Importância dada à família. Construção de outro padrão. Filho único. Construiu a família que sonhou. Pai presente e amoroso, marido afetuoso e romântico. Resolução de problemas de família de origem lhe deu outro padrão familiar e resgate de vínculos sem rancores. Boas relações familiares. Renovação da rede de amizade.

Velhice

Fazemos tudo a pé ... às 2as e 6as feiras vou à cidade.... Faço caminhadas, faça chuva ou sol, é o meu esporte. Tenho uma quintazinha e planto rosas, e algumas verduras.... Ter velhice resolvida é estar resolvido com os filhos, com a sociedade, com a família.... Não temos quaisquer problemas.... O que posso fazer dentro de casa....

Sonhos

... Tenho que fazer um testamento para desligar a máquina- não prolongar a vida artificialmente.... Nos custa ver sofrer uma pessoa assim...Gostaria de acordar morto...

Rede

... o Jumbo, é como uma mercearia de bairro: falamos e brincamos com toda a gente!

Lembrando o passado

Sou filho único...todas as bagunças que fazia, a culpa não dava para dividir com ninguém [ele ri]...- Meu pai me criou... só vim a saber quem era minha mãe quando tinha idade de ir para a escola... (de um jeito triste) através de uma senhora que vendia castanhas. Ele foi trabalhar no comércio aos 10 anos... entendo e porque era como era ((Não se lembra de tê-lo pego ao colo)) Tenho boas recordações do pai da minha madrasta e da irmã dela [uma querida] Ele ficou casado com minha mãe só por 02 anos, e o que levou ao divórcio, hoje sei que foi uma mentira ((ele pesquisou)).... Hoje se fala em 'bullying', mas isso já tínhamos naquela época...colocavam alcunhas nos nossos nomes, que nem sempre eram agradáveis.... Meu pai casou-se 03 vezes. Na última fui contra...à medida que as coisas se compuseram [aceitou]... foi quem cuidou dele com muita dedicação.... Não quis nada dele [quando morreu]... DISSE A ELA QUE TUDO O QUE ELE TIVER É SEU... TUDO QUE PODIA ME DAR ERA EM VIDA...Ela cuida da campa onde ele está (que é minha), até hoje.Sou muito emotivo. Nosso casamento sempre teve muito carinho... TER CRIADO OS FILHOS E UM CUNHADO [filho extraconjugal do sogro], ((sente orgulho por isso)) Meu sogro chegou a dizer-me que o filho dele era eu...

Sexualidade

NENHUM PROBLEMA QUANTO A ISSO, SOMOS SEXUALMENTE ATIVOS.Gosto de brincar com o dizer: Nosso Senhor não tirou a idéia...

Participante 6 (P6). F, portuguesa, 76 anos, casada há 55 anos, professora, 3 filhos, 11 netos. Repetição de padrão familiar de origem. Exercício profissional conjugado com o compartilhamento da parentalidade na conjugalidade. Relações familiares em complementariedade. As condições financeiras em determinada fase do ciclo familiar, impuseram-lhe o exercício da profissão em local distante da moradia do casal, onde permanecia com um dos filhos do casal. A família (acordeão) se recompunha aos finais de semana, na totalidade parental e conjugal. Relata que a comunicação por carta, enviada pelo marido às sextas feiras ao lugar onde lecionava, era como se a parte distante da família estivesse perto, mantendo laços e uma presença virtual. Dava identidade ao casal, enquanto construtores de um futuro.

Velhice

Gosto da palavra velho! Mas quando começam a se queixar não lhes dou oportunidade de queixas. Eu também tenho dores, mas não ligo nada.... Uma vez nos ligaram. Era um convite para uma pesquisa.... Perguntaram-nos se tínhamos pressão alta, diabetes... não tínhamos nada... e não acreditaram, como era possível?

Sonhos

((concorda com P5)). Os filhos todos sabem [do desejo do pai de não ficar ligado a uma máquina para morrer]

...

Rede

Nos nossos relacionamentos há um senhor de 95 anos e ficamos sabendo do aniversário dele na padaria que frequentamos e ele estava lá.... Comprei um bolo de arroz e pedi a toda gente que estava lá para me ajudar a cantar parabéns para ele- ele não tem família... Ele ficou com os olhos cheios de lágrimas.... Não custa nada...

Lembrando o passado

MEU PAI FOI EMPREGADO DA FARMÁCIA A VIDA TODA...sempre contente...ERA UM QUERIDO DE TODA A GENTE. Faleceu aos 94 anos. Minha mãe era costureira. Tenho o nome de minha madrinha... nem ela e eu gostamos do nosso nome. Nossa família é dos Js.Meu marido é emotivo, não teve carinho na infância. Ele é de tal modo amigo do clã, que quando voltamos de Angola e [época de empregos difíceis] fui ser professora na aldeia, e levei uma das filhas, minha aluna comigo, passávamos lá a semana, e ele em Viseu, trabalhando com um de nossos filhos, ele escrevia-me uma carta todos os dias, mesmo na 6ª. feira, quando voltávamos.... QUANDO EU RETORNAVA, A CARTA ESTAVA LÁ ME ESPERANDO. PEQUENOS NADAS, QUE NÃO SÃO NADA PEQUENOS. (Comentário da pesquisadora: ele construiu o que gostaria de ter recebido).... Sim...

Sexualidade

Fiz uma histerectomia total e FOI A MELHOR COISA QUE ACONTECEU e isso foi há muitos anos. Minha ginecologista disse-me que eu tinha o útero invertido, o que causa infertilidade. Mas eu tive 03 filhos, e até o 3º. Usei o calendário...

5.4 4ª Etapa - Análise do conhecimento

Análise do conhecimento. Nela, o participante explicitou suas escolhas em relação aos acontecimentos na vida e em relação ao próprio eu (os por quês, os projetos biográficos que orientam a ação).

Fiz aqui uma associação entre as narrativas ouvidas dos participantes de acordo com os respectivos mitos familiares (a jornada do herói; o realizar o amor romântico, o mito do esforço compensado); os arquétipos (anima/ animus); os valores de escolha/padrão (a vida familiar e/ou a vida profissional) e a influência dos contextos do espaço, tempo, lugar e posição social, conforme detalhado anteriormente, levando em conta as palavras chave que me vieram na montagem da .

Nesse sentido, estabeleci um quadro de aproximação (Quadro 3), o qual segue abaixo.

P1	Cuidados com o eu e com o outro. Projetos de sonhos, realiza. Fuga de estereótipos. A família é um alimento para o pertencimento. Amplia a rede, promove união e exerce a cidadania.
P2	Um corpo que fala. Na família, cumpre o gênero. Cria novas redes em movimentos, amplia e recua. Às vezes espera acontecer, realizando sonhos antigos e novos, na dependência da saúde. A nostalgia é o filme da vida.
P3	O corpo foi ao encontro do inesperado (doença). Adaptação e luta para vencer a doença (sonho). Na luta, perda de alguns prazeres (sexualidade). Ser velho, mas também herói dos muitos desafios na realização de sonhos do jovem, que chegou a velho, mas continua jovem.
P4	Família ampliada. Afetividade na família. Adaptação ao hoje. Cuidados consigo mesmo e com o amor de toda a vida. Fuga de estereótipos. O futuro é hoje, cada dia por viver. Consequências da doença na vida afetiva. Nostalgia é o filme da vida.
P5	Aprendizado: olhar diferente para a vida. Sou as raízes que carrego (<i>construção do clã</i>), mas também, a árvore que dá novos e belos frutos. Novas redes, solidariedade. Vivência da sexualidade/ afetividade na velhice. Planejar o fim sem dor é também um sonho.
P6	Solidariedade. Lembranças que libertam, por que alimentam. Construções de felicidade partilhadas.

Quadro 3 - O que as narrativas levaram para a análise

Das narrativas ouvidas

Arlene Moreira

*As vozes chegaram**Aos meus ouvidos**E me lançaram**Em suas teias de vida.**Mostraram-me o dado**E o construído**E, nas vozes,**Por vezes, embargava**A emoção contida.**Os relatos mostram**Heróis e heroínas**Suas lutas e conquistas**Às vezes, a partir de ruínas...**Amor e orgulho tomaram**Conta da estrada,**Sem esconderem nada.**Do começo ao fim**Reconheci vontade,**Resistência,**Determinação,**Superação**No tecido da estrada.**O olhar de sentido**Pelo dever cumprido,**Nos lábios que se abrem,**Nas almas que se tocam,**Nessas vozes que reconhecem,**Que, ao final, na escrita da vida,*

A construção do castelo

É o que fica.

Com relação a P1: Havia um mentor familiar, que era uma imagem a ser seguida (O mito do herói). Nessa inspiração seguiu a mesma profissão. Detalhou percursos para a vida profissional e viveu o valor da família no novo núcleo familiar que formou. Deste modo, repetiu o padrão familiar e seguiu as pegadas do herói, nos valores (Família, pertencimento) que o moviam.

Com relação a P2: Repetição de padrão de gênero para as opções disponíveis no contexto de cidade do interior e da época em que cresceu. A individualidade parece ter sido deixada e permanece um pouco de lado, privilegiando a vontade do cônjuge nas escolhas. Realça a debilidade na saúde. Realça a escolha de viver o padrão do papel feminino de esposa e mãe, em voga à época em que se casou; a adoção dos amigos pelo marido e dos ambientes frequentados (trabalho, praia), que são adotados como sendo do casal. Reconhece a fragilidade pessoal na contraposição a essas escolhas; mas, também, aprecia o cuidado recebido do outro. Valor da família prevalece sobre o valor profissional. Relação hierárquica prevalente do sexo masculino.

Com relação à P3 e P4: Ano de 1958: os dois estavam em Lisboa. Estar em Lisboa, em 1958, era estar no centro dos acontecimentos (*um acordar para a vida*) e das mudanças. Portugal estava em vias de viver o Estado Novo. Ambos provinham de uma cidade pequena e se encontraram em Lisboa, na Rua da Palma... com inúmeras oportunidades de portas por abrir. A música os uniu para a possibilidade de realizar a aventura de suas vidas na canção interpretada por Amália Rodrigues, conhecida fadista portuguesa. Circunstâncias múltiplas colocaram as duas metades da laranja em contato, que, assim, ficou inteira (anima/ animus, JUNG, 1973). Ambos saíram do mesmo ponto de partida e chegaram a um ponto comum, sem que nenhum deles tivesse idéia do porquê. Algo estava escrito nas estrelas e a canção reproduzira. A história, que se desenrolaria, mostraria aos dois, o quanto era possível, para ele (25 anos), realizar a jornada do herói, com possibilidades de crescer profissionalmente, e voltar vitorioso para a cidade natal...; para ela (24 anos), viver o amor romântico sonhado, quem sabe... eterno. Ele aproveitou as oportunidades, utilizou os conhecimentos de seus aprendizados, somou contatos para realizar as mudanças e galgou espaços de poder e posições que lhe asseguraram poder planejar o futuro. Ela foi a companheira que desejou ser,

para o par que idealizou para si. Uniram-se no arquétipo animus/ anima. Refletiram sobre as fraquezas e os pontos fortes, tiveram fé e confiança para realizar os sonhos; reconheceram o par *puer aeternus- puer animus* que os leva a crescer; colocando-os no empreendedorismo da vida, com leveza e maior abertura de significados para os acontecimentos à volta. A magia esteve nas crenças que tiveram. Só a doença não foi programada.

Ai mouraria

Amália Rodrigues (intérprete)

Ai mouraria

Da velha Rua da Palma

Onde eu um dia

Deixei presa a minha alma

Por ter passado

Mesmo a meu lado

Certo fadista

De cor morena

Boca pequena

E olhar trocista

Ai mouraria

Do homem do meu encanto

Que me mentia

Mas que eu adorava tanto

Amor que o vento

Como um lamento

Levou consigo

Mais que ainda agora

A toda a hora

Trago comigo

Ai mouraria

Dos rouxinóis nos beirais

Dos vestidos cor-de-rosa

Dos pregões tradicionais

Ai mouraria

Das procissões a passar

Da Severa em voz saudosa

Da guitarra a soluçar.

A jornada do herói se confirmou (*Ainda não me dei conta que sou velho*) e foi uma inspiração para outros (*meu nome foi uma inspiração para outros na família*). Aproveitou as oportunidades e ocupou cargos, que nunca imaginaria ser possível, vindo de onde veio. *Preenchemos nossa vida...que não seja como a de tantos (velhos) como nós...*

Hoje, não eles têm filhos por opção, mas uma grande família credenciada, proveniente das muitas atividades em que se envolvem.

Com relação a P5 e P6: Existe uma escolha pelo valor da família, e a vivência de um novo paradigma: a construção do castelo, como um lugar de pertencimento e de amor, para ele; e de repetição de padrão familiar para ela. O romantismo esteve e está presente na relação, inclusive no envelhecimento. A vida profissional do casal forneceu a tranquilidade para planejar a velhice.

A música que me veio, posteriormente ao encontro com este casal, foi a do filme *Lili* (1953), do diretor Charles Walters, que recebeu o Oscar de melhor trilha sonora, à época. A música foi, originalmente, interpretada por Leslie Caron e recebeu uma versão em português.

*Lili (1953)*⁶⁵

(Versão de Haroldo Barbosa)

Um passarinho me ensinou

Uma canção feliz

E quando solitário estou

Mais triste do que triste sou

Recordo o que ele me ensinou

Uma canção que diz:

⁶⁵ On every tree, there is a Bird/ singing a song of love/ on every tree, there is a bird/ and every one I ever heard/ could break my heart without a word/ singing a song of love/. A song of love is a sad song/ Hi- Lilli Hi Lilli Hi-Lo/ a song of love is a song of woe/ don' t ask me how I know/ a song of love is a sad song/ for I have loved and it' s so/ I sit by my window and watch the rain/ Hi Lilli Hi-Lilli Hi- Lo/ tomorrow I'll probably love again/ Hi Lilli Hi-Lilli Hi- Lo.

*Eu vivo a vida cantando
Hi, Lili, hi, Lili, hi lo
Por isso sempre contente estou
O que passou, passou
O mundo gira depressa
E nessas voltas eu vou
Cantando a canção tão feliz que diz
Hi, Lili, hi, Lili, hi lo
Por isso sempre contente estou
Hi, Lili, hi, Lili, hi lo*

5.5 5ª Etapa - Comparação contrastante

Neste ponto, efetuei um desvinculamento do caso individual e fiz a comparação contrastante dos textos das entrevistas. Schütze (1983) sugere, inicialmente, que se faça a estratégia de comparação mínima entre entrevistas, por permitir maior grau de abstração (as situações encontradas em relação à primeira entrevista). Num segundo passo, a estratégia de comparação máxima, na qual o pesquisador seleciona as diferenças contrastantes em relação ao primeiro caso analisado, mas que ainda permitam comparação.

P1 e **P2** são brasileiros. **P1** chegou atrasado à entrevista e se desculpou, revelando o cuidado com o corpo. Confiante e mostrando desembaraço, por vezes se colocava como exemplo a ser seguido, para **P2**. Este, nestes momentos, se interpunha, mostrando, que as pessoas podiam ser e agir de maneiras diferentes, dentro de suas possibilidades. Como recebia incentivo para posicionar-se (de minha parte), não se deixava acuar. Desse modo, ambos puderam se expressar e manifestaram que viviam o envelhecimento de modo diferenciado, mas do melhor modo que lhes era possível vivê-lo. Realizavam ações que lhes davam prazer, mantinham os valores que prezavam e se sentiam felizes, fazendo o que faziam e como faziam. **P2** tinha filho desempregado mas, com as economias que o marido e ela auferiram durante a vida, auxiliavam o custeio desse filho. Esses participantes, apesar de mostrarem vivências diferentes de envelhecimento, são pessoas bastante leves e bem humoradas. Não se conheciam antes, mas ficaram sabendo que o marido de **P2** fazia Pilates na mesma academia que **P1**.

Comparação mínima entre P1 x P2 em relação à família, valores e atividade

A importância da família, enquanto valor, é percebida nesses dois participantes. Nesse segmento, o cumprimento do gênero é bem evidente em **P2**; enquanto o papel de cuidador da família é bem estabelecido em **P1**. Já **P2** necessita ser cuidado, embora também cuide (trabalho de voluntariado). **P2** não privilegiou o desenvolvimento profissional: a vida desenvolveu-se mais no interior do espaço privado e voltada para a própria saúde e a família. Recorda a sorte de se ter casado.

P1 abre-se para a vida, cumpre sua meta e volta-se para a realização do sonho. Desenvolve-se na profissão e em sua individuação. Com as novas atividades, amplia o círculo de convivência, o que permite ampliar também seu assistencialismo.

As lembranças do passado banham os momentos de **P1** e **P2**. Lembranças boas, de pertencimento. Existe certa *liberdade de movimentos*, como asas que se movimentam, nas narrativas de **P1**, em relação às de **P2**. E, nos sonhos de **P2**, percebe-se certa condicionalidade para a ação.

Comparação máxima

Na comparação máxima entre os participantes procurei salientar as diferenças contrastantes de **P3**, **P4**, **P5** e **P6**, em relação a **P1** e **P2**.

P3, **P4**, **P5** e **P6** são portugueses. **P3** e **P4** têm muito boa disposição e se mostram bem receptivos e confiantes. São mais velhos do que os participantes brasileiros (**P1** e **P2**), são casados entre si, ao contrário destes. Fazem tudo em casal. Têm muito bom relacionamento entre si e são afetuosos. A relação entre eles é de conhecimento. Frequentam o mesmo Centro de Saúde e têm a mesma médica de família. Não são vizinhos, mas moram na mesma cidade. Aceitaram o convite da médica de família para participarem da pesquisa.

FAMÍLIA. O único participante sem fratria é **P5**, pois é filho único. Todos os participantes portugueses têm como valor, a família. Entretanto, para **P5** esse valor é extremado, e demonstrado no orgulho e no amor que demonstra ter dos filhos, dos netos, nos encontros narrados. Talvez pela história familiar, este tenha sido o castelo que quis construir. A família é um valor, é um reconhecimento de que plantou sementes, que geraram frutos.

P3 e **P4** escolheram viver uma vida a dois. E se olham amorosos, mesmo na fase do envelhecimento. Fizeram escolhas pelo crescimento profissional. Construíram identidades nunca possíveis de serem imaginadas, partindo de onde partiram. **P3** galgou posições de comando sabendo usar relacionamentos e redes. Sentem-se orgulhosos com o construído. Reconhecem que não podem esperar por ninguém. Não esperavam ter que enfrentar um problema de saúde, mas o enfrentam juntos, fortalecidos um no outro, nos olhos que se olham há tanto tempo, nas mãos que se aquecem de carinho. **P4** cuida de si e de **P3**.

Este é um ponto diferencial importante, em relação a **P1** e **P2**. **P1** cuida de si, e é também cuidador, mas o cuidado com a alteridade é ampliado. Do mesmo modo, **P5** e **P6** são

cuidadores, cuidam do clã familiar, adotam outros nesse clã. **P1** renova laços familiares, aproximando pais que cortam laços com as filhas adolescentes que engravidam.

ENVELHECIMENTO. A saúde influencia no modo de vivenciar a velhice. Traz certa angústia e incerteza. Isso é visível em **P2** e **P3**. Os sonhos, na vigência de problemas de saúde são referentes ao restabelecimento dela.

SONHOS. Só podem ser vividos quando a saúde está presente, para que se possa usufruir o que foi construído. Isso é visível em **P5** e **P6**. O medo é com o sofrimento. **P5** vivenciou o sofrimento do pai. **P2** vive com os fantasmas das cirurgias que realizou. **P5** não quer sofrer. **P2** quer se livrar do sofrimento. Uns sonham com a saúde (**P2, P3**), outros em não sofrer (**P5**), outros em unir pessoas (**P1**), para que elas tenham quem as cuide. Outros ainda, têm esperança de vencer um mal não convidado (**P3, P4**). E todos parecem viver a velhice com seus sonhos.

REDE. Todos os participantes portugueses moram em Viseu, uma linda cidade, mas menor do que São Paulo, a cidade de **P1** e **P2**. Os laços entre as pessoas em Viseu é mais estreito, podem se conhecer melhor, sabem as referências familiares, encontram-se no supermercado, no shopping, na academia. Acabam por se conhecer e dar-se por conhecidos. **P2** soube que o marido conhecia **P1**, através da participação na pesquisa, mas moram no mesmo bairro, na mesma rua.

LEMBRANÇAS. A nostalgia se apresentou nas narrativas de vida. A diferenciação máxima entre **P3, P4, P5** e **P6** para com: **P1** e **P2**, começa pela cultura, entra com a música, a lembrança da casa paterna, os caminhos percorridos pelas oportunidades, que foram aparecendo no caminho de cada um deles. Boas, ou não tão boas, por agregarem segredos ou carências, a passagem do tempo serviu para outras ancoragens e compreensões dos fatos. Parece que o tempo saneou mágoas, trabalhou os esgarçamentos da teia intergeracional e ressignificou os fatos. Lembram-se dos antepassados como *queridos de toda a gente* (**P6**); *superação de preconceitos* (**P5**); *com maior compreensão da vida* (**P4**); com o reconhecimento de ter sido um filho para quem não foi um pai (**P5**). Os acontecimentos da vida foram *de sonho vivido e nunca imaginado* (**P3**). Tudo o que viveram parece ter contribuído para a construção do castelo que desejaram. Os participantes brasileiros são também permeados pela cultura, mas o samba é mais leve do que o fado.

(P1) não se prende ao lado do sofrimento, que vê nas adolescentes grávidas, expulsas de casa pela família. Ele quer reatar laços, possibilitar seguir caminhos diferentes para as duas partes, construir pontes para ultrapassar os abismos. Como um mediador, conversa com as famílias e pede por visões de possibilidades, ante fatos consumados. Parece-me que seu histórico tem certa influência nisso, mas também a visão de que, se o fato é consumado, como conviver com ele do melhor modo possível?

(P2) mostra um *curriculum* de doenças que superou, com a corridinha que dá ao atravessar a rua, ao final da entrevista, mas, também faz a reflexão, que cada uma delas constituiu a oportunidade de tecer enxovais de bebês de tantas futuras mães com poucas possibilidades financeiras. A doença teve seus propósitos, talvez.

SEXUALIDADE. Os participantes brasileiros referem, que vivem sua sexualidade satisfatoriamente, com mais calma, na qual, ainda está presente o desejo. Os participantes portugueses, P5 e P6, também o fazem. A histerectomia representou ótima solução para P6, que não se sentiu menos mulher por não ter mais útero para gerar filhos. P3 e P4 vivem um problema de saúde, que necessita de acompanhamento e cuidado. Talvez, até de aconselhamento em relação à continuidade da vivência da sexualidade.

Finalizando e pensando nos ciclos vitais de Cerveny (1994) e Erikson (1998), podemos dizer, que P1, P2, P3, P4, P5, e P6, no envelhecimento que vivem, se comprometem no cuidar do outro e de si, implementando adaptações para manterem-se ativos, na medida do possível. Do mesmo modo, vi presente nesses atores sociais a mudança de metas, assim como conjecturas de mudanças; o uso dos próprios talentos na comunicação e na ação comunitária, trazendo outros para o convívio e participação. Desse modo, conseguem chamar os atores mais tímidos para que se agreguem, ao mesmo tempo em que, eles mesmos, se adequam a novos núcleos de pertencimentos e compõem novas *famílias credenciadas*.

O que podem querer, ainda, os velhos? Já viveram tudo? Não. Podem querer políticas públicas que lhes permitam viver a vida com acesso a serviços e assistência adequada para viverem, ou terem uma morte sem sofrer, nem fazer sofrer. Terem a esperança de poder dar e receber o afeto, a gentileza e o exemplo de vida digna. De querer viver e ser o que simplesmente são, ainda atores de suas vidas, sendo fiéis ao que aprenderam e aprendem a seu modo. Poderem realizar seus novos, ou pequenos sonhos. Deixar a invisibilidade, diante de tanta vida espalhada nas gerações que ajudaram a nascer. Afinal, amar, cuidar e zelar da criança que sobrevive em si, ainda é o que podem fazer até o apagar da luz da estrela.

CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

O projeto de doutorado *Longevidade: novas conquistas, novos espelhos, novos olhares*, foi submetido à Comissão de Ética/Plataforma Brasil e aprovado sob o **CAAE nº: 53561.715.2.0000.5482**.

Para o desenvolvimento sequencial, elaborei um projeto piloto para a aplicação dos temas e verificação de possíveis necessidades de ajustamento. Feitos os necessários ajustes, parti para a execução dos convites de participação e agendamentos de coleta das narrativas. Os convites percorreram vários espaços: salões de beleza, academias de natação e de Pilates, pessoas conhecidas, conhecimentos de terceiros, condomínios de moradores de amigos, clientela de estabelecimentos comerciais. Muitos dos que aceitaram o convite inicial, não estão inclusos nas narrativas colhidas por diferentes motivos. Mas agradeço a todos, inclusive aos que aceitaram e não participaram. Aos que aqui deixaram suas impressões de vivência, expliquei os objetivos do estudo.

Tive o cuidado de esclarecer detalhes, que despertaram alguma dúvida, para melhor compreensão dos mesmos, em respeito ao que estatui a **Resolução 466/2012** do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Inclusive, disse que a manifestação de vontade em participar, mesmo após o aceite com a assinatura, poderia ser retirada, a qualquer tempo, se assim o desejassem.

Do mesmo modo, esclareci, que a participação não comportava qualquer benefício financeiro, assim como não era esperado nenhum dano. Entretanto, em caso de algum desconforto psíquico, durante ou após a mesma, eu me comprometia a prestar o atendimento necessário, ou mesmo interromper a continuidade da participação.

E, na certeza do bom entendimento dessas condições, solicitei a assinatura do Termo do Consentimento Livre e Esclarecido, de que fala a Resolução CNS acima citada. Durante todo o processo do desenrolar da pesquisa, e, particularmente, na tomada das narrativas, procurei manter nas relações entre os participantes e a minha própria, o respeito devido ao outro, uma oitiva empática e isenta de preconceitos, bem como um relacionamento equilibrado entre as partes.

Acredito que fui bem sucedida em meus objetivos. Os participantes disseram que gostariam de receber o *feed back* da participação desta pesquisa.

A gratidão é o selo que aponho a esta parceria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma reflexão fiz, em relação a reunir pessoas nessa faixa etária, com data e hora marcada com antecedência: nessa época da vida, percebe-se como pequenas coisas podem virar impedimentos para cumprir horários e compromissos. Uma pequena dor pode motivar uma visita urgente ao médico ou ao hospital, mesmo quando as condições gerais de saúde são boas. Quando apenas 01 ou 02 pessoas compareciam, era com elas que eu me reunia, pois, o que essas pessoas queriam era fazer a narrativa de como viviam o envelhecimento. Achei que não era correto remarcar. As duas partes poderiam oportunidades para trocar modos de viver. Então, *carpe diem...*

Ser velho não é fácil. São desafios que recomeçam nesta terceira etapa da vida. Aceitar as limitações e encontrar motivos para superá-las. É preciso manter desperta a curiosidade da criança interna, para arriscar-se a viver novos e pequenos desafios e se descobrir ainda vivente. É preciso manter pequenos projetos, zerar rancores, abandonar fardos do passado, não acumular desgostos e manter a janela do perdão aberta para o ar arejar a vida. Na nossa árvore de costados, as gerações consumiram vida, palmilharam caminhos que continuamos, assim como continuarão a fazê-los nossos descendentes. Nossos atores sentem o revigorar do vento da janela aberta, assim como o tempo que vivem como o de não remoer rancores. Aceitam a dádiva da vida. Existe a idéia de que “lá em casa ninguém é velho, eu não deixo (P3, P4)”, ou, “não queremos ser como tantos... (velhos)”. Existe o desejo de fugir ao estereótipo redutor, ante o preconceito que percebem ou sentem. Existe a sensação da manutenção da liberdade no viver em suas próprias casas (P1, P2). Viverem sós, morarem sós deixa de significar unicamente a redução de laços afetivos para eles. Sim, o tempo se escoou na ampulheta da vida...

Para alguns, a opção de não ter filhos lhes deu famílias de escolha, ou quase família de agregados. Eles têm consciência de que a situação financeira lhes permite a vivência que usufruem, mas sabem, que essa vivência não é igual para muitos outros (P5, P6). Reconhecem que adveio de muito trabalho, de gerenciamento de gastos, de previsibilidade, de oportunidades e de preparo para o futuro. Percebem também, o quão importante é o manter-se envolvido com algo, em novas habilidades e desafios, em atividades física e mental, o que também lhes traz novos integrantes às suas redes de pertencimento (P1, P2, P3, P4, P5, P6).

A família é um valor. E a experiência da avozidade, um prêmio.

Sobre a diferença de gênero e os papéis destinados, cumpridos ou não, o evocar trouxe à lembrança o destino do casamento para a mulher de uma época, assim como os papéis a

serem exercidos por ela, particularmente o da maternidade. Na execução desse papel, muitas vezes a profissão era deixada de lado, privilegiando escolhas que julgavam pertinentes. E isso ocorreu, mesmo quando se tratou de profissões ‘adequadas’ à condição feminina, como era o caso do magistério. Havia na época vivida uma imposição, pela qual a esposa devia acompanhar o marido. Isso significava, também, abrir mão de certas atividades nas quais a mulher pudesse se envolver. Essas imagens de passividade foram construídas culturalmente e eram exigidas na prática das configurações sociais, religião e costumes. Era o lastro das tradições, da educação recebida, da cultura, da historicidade do tempo. Do mesmo modo e, na mesma esteira das tradições e educação, um pouco da individualidade acabava por ser restrita, em relação ao círculo de amizades. As amizades do casal, deviam ser as referenciadas pelo marido (P2).

Com relação ao desenvolvimento das identidades formadas ao longo de suas vidas. Os participantes conseguem, ao rememorar, traçar um trajeto, entre a linha de partida e o ponto de chegada. Percebem o alçar do vôo nas ordens social, laboral, doméstica, profissional. Reconhecem-se diferenciados, vitoriosos por alcançar a estrela da auto-estima. Por isso, realçam suas histórias de vida, mostram que pretendem superar conflitos e preconceitos. Não se reconhecem no espelho redutor e deformante de um construto cultural.

Acreditamos que nosso estudo mostrou faces de pessoas envelhecidas felizes, por fazerem da velhice um período em que ainda é possível desenvolver e realizar sonhos. A atividade que passaram a realizar não se prende, apenas aos novos projetos, mas no modo de encarar o envelhecimento, na vivência de sua sexualidade, na manutenção de suas redes de apoio e de pertencimento. Com relação à nostalgia, a relacionamos como um recurso interno, possível de ser acionado individualmente, e que reaviva boas lembranças, dá uma compreensão alargada aos acontecimentos passados e parece auferir ânimo ao olhar a vida. É o caso da materialidade da comunicação por cartas, que serviu para manter aquecida a afetividade e a identidade do casal, no fragmento temporal de separação profissional. E sinaliza um testemunho, inclusive, na construção da história de vida. É o caso da tessitura de roupas para crianças recém-natas, enquanto enfrentam a convalescença. Do mesmo modo, o reconhecimento do amor paternal dado por quem não era pai; recebido e transmitido, por quem não era filho; ou as tentativas de religar laços afetivos entre gerações..

O liame de ligação que fazemos entre resiliência e nostalgia se assenta nas narrativas que ouvimos; nas percepções que temos daquilo que sentimos; nos fenômenos observados pelos autores que estudaram o fenômeno resiliência; nas histórias de superação ante as adversidades impostas ao longo da vida; na importância dos laços afetivos mantidos ao longo

dela e que alimentam as lembranças, se apresentam em fotos nas molduras dispostas na casa, testemunhos de vida que fazem presença, mesmo na ausência. É esse liame entre resiliência e nostalgia que leva os idosos a encontrar a força daqueles com quem se relacionaram e os amaram, e lhes dá apoio e segurança, como uma fortaleza interna. Todos esses fatores fazem uma orquestra e travam um diálogo interno.

Para os participantes da pesquisa, viver o envelhecimento, enquanto fato, é visto como um processo natural (**P1, P2, P3, P4**), com adaptações a serem feitas (**P3, P4, P5, P6**), obstáculos a serem superados (**P3, P4, P5, P6**), e oportunidades que se abrem para realizações (**P1, P2, P3, P4, P5, P6**). Essa progressão da vida tem um limite certo, definido, porém, indeterminado; e, se ninguém dele escapa (**P5**), pelo menos podemos nos preparar para quando a hora chegar (**P1, P5**). O importante é cuidar de si (**P1, P2**), cuidar do outro (**P1, P2, P4, P5**), fugir aos estereótipos redutores (**P1, P3, P4**), dar significado à vida, não perder o foco, não se deixar abater pelos infortúnios (**P3, P4, P5, P6**), realizar os sonhos e os projetos (**P1, P2, P3, P4, P5, P6**), como se fosse uma marca, que os define em vida (**P3**). O passado é uma referência que trazem para o presente, seja para um reforço (**P1, P2, P6**), ou para uma mudança de padrão (**P3, P4, P5**), que lhes dá certeza e força nas incertezas. Os membros da família de origem vão saindo, por morte, escolha, ou distância física, dando lugar à entrada de pessoas credenciadas, provenientes de outros meios sociais em que circulam (**P1, P2, P3, P4, P5, P6**), ganhando importância e lugares de afeto nos corações (**P2, P3, P4**).

Acredito que o presente estudo apresenta a longevidade como processo, que não retira o valor atribuído aos atores que performatizam seus papéis. Quanto aos objetivos, acredito tê-los alcançado, na medida em que mostramos a singularidade de cada velhice e seu contexto. Importante pontuar o quanto a afetividade traz energia aos laços na família e nas relações interpessoais.

Acredito que a sexualidade na longevidade merece estudos mais aprofundados e um espaço no qual a questão das consequências do envelhecimento possam ser discutidas e tratadas para vive-la com qualidade. Entendo que é um estudo que necessita continuidade, na percepção de abraçar novos aspectos, perspectivas e contextos do envelhecimento. A colheita da safra da vida, pode ser uma simples consequência das escolhas dos caminhos, mas requer abertura para as possibilidades de escolha, vez que o envelhecimento não é o fim, mas o caminho natural da vida que um dia todos devem trilhar, se não morrem antes: matéria viva que retorna ao espaço cósmico.

Afinal, como diz Erin Hanson...

Matter by Erin Hanson⁶⁶

*You may not believe in magic,
 But don't you think it strange,
 The amount of matter in our universe,
 Has never slightly changed,
 That all which makes your body,
 Was once part of something more,
 And every breath you ever breathe,
 Has seen it all before,
 There are countless scores of beauty,
 In all the things that you despise,
 It could once have been a shooting star,
 That now makes up your thighs,
 And atoms of forgotten life,
 Who've long since ceased to roam,
 May now have the great honour,
 To call your crooked smile their home,
 You may not believe in magic,
 But I thought that you should know,
 The makings of your heart were born,
 Fourteen billion years ago,
 So next time you feel lonely,
 When this world makes you feel small,
 Just remember that it's part of you,
 And you're part of it all.*

⁶⁶ Erin Hanson (<<http://thepoeticunderground.tumblr.com>>) Matéria. Eric Hanson (tradução Arlene Moreira).
 Você pode não acreditar em mágica. /Mas não acha estranho/A quantidade de matéria no universo/Que muda lentamente/ Tudo o que é parte de seu corpo/ Foi, em algum momento, parte de algo, / E cada respirar seu, que é dado, /Já fez acontecer, belezas incontáveis. / Coisas que você nem nota,/ Podem ter sido matéria perdida/ De alguma estrela cadente./ Os átomos que constituem suas pernas/ Podem ter sido vida perdida/ Que fizeram longa caminhada./ Eles podem não ter a honra
 De chamar de lar/ O Carbono do qual é feito seu sorriso, /Mas as fibras de seu coração / Foram constituídas/ Há 14 milhões de anos atrás. / Então, a próxima vez/ Que este mundo/ O fizer se sentir sozinho, / Apenas se lembre que você é parte dele./ E ele, parte de você.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ANTON, B. et al. Can we delay ageing? The biology and science of ageing. **Annals of the New York Academy of Sciences**, vol.1057, p. 525-35, 2005.

ARCURI, I.P.G. Velhice e Espiritualidade- Metanóia, “ A segunda metade da vida”, segundo Carl Gustav Jung. **Revista Kairós Gerontologia**, v.15, n.3, p. 87-104. São Paulo (SP), Brasil, 2012. ISSN 2176-901X.

_____. (Org.). A Arte e o Envelhecimento. In: Envelhecimento e Velhice: um guia para a vida. São Paulo: Vetor, 2006.

BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. A poética do espaço. **Os Pensadores XXXVIII**. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1974.

BAGNO, M.; RANGEL, E. O. Tarefas da educação linguística aplicada. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v.5, n.1, 2005.

BALTES, P.B. Theoretical propositions of the lifespan developmental psychology: On the dynamics between growth and decline. **Developmental Psychology**, 23, p. 611-696, 1987.

_____.; BALTES, M.M. Psychological perspectives on successful aging: The model of selective optimization wit compensation. **Successful Aging. Perspectives from Behavioral Sciences**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-34, 1990.

_____.; SMITH, J. New Frontiers in the Future of Aging: From Successful aging of the Young Old to the Dilemmas of the Fourthage. **Gerontology**, 49, p. 123-135, 2003.

BARBOSA, A.A. **Nostalgia e melancolia nos cinemas de Philippe Garrel e Sofia Coppola**. 2013. 134 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. 2013.

BARTHES, R. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, R. et al. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BASTOS, L.C; BIAR, L.A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **DELTA, 31 - ESPECIAL**, 2015. p. 97-126. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445083363903760077>. Acesso: 10.05.2016.

BATISTONI, S.S.T Emoções e envelhecimento. Perspectivas emergentes. In: DEUSIVANIA V.S.F.; LUDGLEYDSON, F.A.; JANARI, S.P. (Orgs.). **Velhices. Temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar**. Campinas: Editora Alínea, p.71-86, 2016.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.

BENGHOZI, P. **Malhagem, Filiação e Afiliação: Psicanálise dos vínculos casal, família, grupo**. São Paulo: Ed. Vetor, 2010.

BENJAMIN, W. O Narrador. In: BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M; ADORNO, T; HABERMAS, J. **Os Pensadores** (textos escolhidos). São Paulo: Editor Victor Civita, 1975, p.63-82.

BERGSON, H. **Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BORDIGNON, N.A. El desarrollo psicosocial de Erik Erikson. El diagrama epigenético del adulto. **Revista Lasallista de Investigación**, Julho-dezembro, ano/vol.2, n.2 Corporación Universitaria Lasallista. Antioquia, Colombia, p.50-63, 2005.

BOWLBY, J. **Formação e rompimento de laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

_____. **Perda, Tristeza e depressão**. Vol.3. Coleção Apego e Perda. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BOYM, S. **The Future of Nostalgia**. New York: Basic Books, 2001.

BRAIT, B. **História e alcance teórico-metodológico**. In: FIGARO R.(Org.). **Comunicação e análise do Discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p.84.

BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega**. Vol. 1. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996.

BRANDÃO, HELENA N. **Enunciação e construção do sentido**. In: FIGARO R(Org.). **Comunicação e análise do do discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

BRASIL. **Constituição Federal Brasileira/ 1988**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 20.ago 2015.

_____. **Código Penal Brasileiro**. LEI 7.209/1984. Disponível em: <<http://planalto.gov.br>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

_____. **Código Civil Brasileiro**. LEI 10.406/2002. Disponível em: <<http://planalto.gov.br>>. Acesso em: 16 ago 2017.

_____. DECRETO 58.047/15.05.2012. Institui o **Programa Estadual “São Paulo Amigo do Idoso e o selo Amigo do Idoso”** e dá providências completas. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

_____. **Estatuto do Idoso** LEI 10.741/2003 e DECRETO 2.170/97 que a regulamenta.. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

_____. **Lei municipal 11.468/94**, dispõe sobre a colocação de assento nas farmácias e drogarias, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.documentação.camara.sp.gov.br>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

_____. Lei 12.213/ 20.01.2010, dispõe sobre o **Fundo Nacional do Idoso**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 21 jul. 2015.

_____. **Política Nacional do Idoso (PNI)**. LEI 8.842/94 e DECRETO 1.948 que a regulamenta. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 21 jul. 2015.

_____. **Prioridade de Atendimento**. LEI 10.048/00 a qual regula a prioridade de atendimento. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 21 jul. 2015.

_____. **Trâmite Processual**. LEI 10.173/01. Dá privilégios no trâmite processual. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 21 jul. 2015.

BRITO DA MOTTA, A. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: PEIXOTO, C.E. (Org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.109-144.

BRUNDTLAND, G.H. Envelhecimento bem-sucedido. In: MENENDEZ, C. **Envelhecimento bem-sucedido**. São Paulo: SEMESP, 2003.

BURITI C.O; E AGUIAR, J.O. Gênero, Identidades e Meio Ambiente: Polissemias Historiográficas. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v.6, n.2, p.136-160, nov. 2009. ISSN 1807-1384.

Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2009v6n2p136/11493>>. Acesso em 14 ago. 2017.

CAMPEDELLI, M.A. **A identidade do velho no mundo contemporâneo**. 2009. 237p. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009.

CARIDADE, A. Longevidade e gerotranscendência. **Portal do Envelhecimento**. PUC/SP, 2011. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/artigos/artigo789.htm>> . Acesso em: 23 dez. 2016.

CARTENSEN, L.L. Evidence for a lifespan theory of socioemotional selectivity. **Current Directions in Psychological Science**, 4(5), p.151-156, 1995.

CASTRO, G.G.S. O idadismo como viés cultural refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. **Galáxia (São Paulo Online)**, n.31, p.79-91, abr. 2016. Disponível em: <<http://www.dx.doi.org/101590/1982-25542016120675>> . Acesso em: 15 mai. 2017.

_____. Precisamos discutir o idadismo na comunicação. **Comunicação & Educação**, v.20, n. 2, São Paulo: USP, 2015, p.101-114.

COMISSÃO ECONOMICA PARA A AMERICA LATINA E O CARIBE (CEPAL). **Panorama Social da América Latina (2016)**. Disponível em: <<http://www.repositorio.cepal.org>> . Acesso em: 20 mai. 2017.

CERBÉRIO, M.R. **El cielo puede esperar. La 4a. edad: Ser anciano em el siglo XXI**. Collection Terapia Familiar Ibero-americana. Madrid Ediciones: Morata, S.L, 2013.

CERVENY, C.M.O. **A família como modelo- desconstruindo a patologia**. Campinas: Editorial Psi II, 1994.

_____.; BERTHOUD, C.M.E e cols. **Família e ciclo vital- nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 1997.

CHARLES, S.T.; CARSTENSEN, L.L. Social and Emotional Aging. **Annual Review of Psychology**, 61, p.383-409, 2010.

CIAMPA, A.C. **A estória de Severino e a história de Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

CORONA, G et al. Age- related changes in general and sexual health in middle aged and older men. Results from the European Male Aging Study (EMAS). **The Journal of sexual medicine**, 7 (4pt1), p.1362-1380, 2010.

CORREIA LIMA, MANOLITA. A educação: quando o futuro ressignifica o passado. **Revista ESPM**, v.18, n.5, p.64-73, Set- Out, 2011. Disponível em: <<http://www.arquivo.espm.br>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

CORREIA, C.M.C. **Semiose e desenvolvimento cognitivo. Estudo sobre as estratégias de construção dos processos sógnicos em sequência lógica**. 2001. Disponível em: <www.filologia.org.br/vicnlf/anais/semiose.html>. Acesso em: 20 out. 2016.

COSTA, A.P.F; SANTOS, P.M. As percepções do envelhecimento e as práticas idadistas em contextos de saúde: Implicações na atividade física dos Idosos. **Actas de Gerontologia**, vol. 1, no.1, p.1-11, 2013.

COSTA FELIX, M.J. **Envelhecer sem ficar velho**. Alfragide, Pt: Ed. Oficina do Livro, 2013.

COUTO, M.C.P.P; KOLLER, S.H; NOVO, R; SOARES, P.S. Avaliação de Discriminação contra Idosos em Contexto Brasileiro- Ageísmo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 25, n. 4, p.509-518, out- dez 2009.

CYRULNIK, B. **De corpo e alma. A conquista do bem-estar**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

_____. **Falar de amor à beira do abismo**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.

DEBERT, G.G.; SIMÕES, J.A. Envelhecimento e velhice na família contemporânea. In: FREITAS, E.V. et al. (Eds.). 2.ed. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p.1366-73.

ECO, U. **Sobre os espelhos e outros Ensaios. O Signo, a Representação, a Ilusão, a Imagem**. Ed. Relógio D'Água: Lisboa, 2016.

ERIKSON, E. **O ciclo de vida completo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FÁVERO, M. H. **Psicologia do Gênero: psicobiografia, sociocultural e transformações**. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

FELIX, M. J. C. **Envelhecer sem ficar velho**. Alfragide (Portugal): Oficina do Livro, 2013.

FERRIGNO, J.C. Educação para os velhos, educação pelos velhos e a co- educação entre as gerações: Processos de educação formal e informal. In: M. B. Park & L.A. Groppo (Org.). **Educação e Velhice**. Holambra: São Paulo, 2009.

FLANERY, M. R.S. **Uma introdução à análise linguística da narrativa oral: abordagens e modelos**. Campinas: Ponte Editores, 2015.

FLEURY, H.J; NAJJAR ABDO, C.H. Envelhecimento, doenças crônicas e função sexual. In: **Revista APM. Diagnóstico e Tratamento**. São Paulo, vol.17, edição 4. out/nov./dez 2012.

FORTES, I. O sofrimento na cultura atual: hedonismo versus alteridade. In: PEIXOTO JÚNIOR, C.A. (org.). **Formas de Subjetivação**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2004.

FRANKL, V.E. **Um sentido para a vida: psicoterapia e Humanismo**. São Paulo: Ed. Santuário, 1989.

FREITAS, M.C.; QUEIROZ, T.A.; SOUSA, J.A.V. O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. **Rev.Esp. Enferm USP**, 44 (2), p.407-512, 2010.

FREUD, S. **O estranho**. Edição standart brasileira das obras psicológicas completas, V.XVII. Rio de Janeiro: Editora Imago. [1919, p.309].

FUREDI, F. **Singleton Society, spiked life**. Disponível em: <www.spiked-online/Articles/00000002D3A7.htm>. Acesso em: 10 jun. 2016.

GALANO, M.H. Família e História. In: CERVENY, CMO (Org.). **Família e...** São Paulo: Ed Casa do Psicólogo, 2011.

GARCÍA, H.; MIRALLES, F. **Ikigai. Viva bem até os cem. Os segredos dos centenários do Japão para uma vida longa e feliz**. Porto: Ed. Albatroz, 2016.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** (Trabalho original publicado em 1973). Trad. F. Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIBSON, C. **Como compreender símbolos: Guia rápido sobre simbologia.** São Paulo: SENAC, 2012.

GRAGNOLATI, G. et al. (orgs.). **Envelhecimento em um País mais velho. Implicações do Envelhecimento populacional para o crescimento econômico, a redução da pobreza, as finanças públicas e a prestação de serviços,** 2011. Workshop Envelhecimento em um País mais velho. Implicações do Envelhecimento populacional para o crescimento econômico, a redução da pobreza, as finanças públicas e a prestação de serviços. Brasília, abril de 2010. Disponível em: <http://www.siteresources.worldbank.org/BRAZILINPOREXTN/Resources/3817166-1302102548192/Envelhecendo_Brasil_Sumario_Executivo.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2014.

GRAHAM, J.A. **Reimagining the Self: The sage, the wise old one, and the elder.** 2013. Disponível em: <www.yungatlanta.com>. Acesso em: 17 mar. 2016.

HALBWACHS, MAURICE. **A memória coletiva.** Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

_____. A memória dos idosos e a nostalgia do passado. Trad. Mauro Guilherme Pinheiro Cury. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 7, n. 21, p. 633-658, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.foxitsoftware.com>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

HALL, S. **Identidade Cultural na pós- modernidade.** Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2014.

HALL E.T. **The dance of life: The other dimension of time.** Garden City, New York, USA: Anchor/ Doubleday, 1983

HEIN, M.A; ARAGAKI, S.S. Saúde e Envelhecimento: um estudo de dissertações de mestrado brasileiras (2000- 2009). **Ciência e Saúde Coletiva**, v.17, n.8, Rio de Janeiro, ago.2012 Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

HELMAN, C.G. Cultural aspects of time and ageing. Time is not the same in every culture and every circumstance; our views of ageing also differ. **EMBO Reports**, 6, p.54-58. 2005. Disponível em: <<http://online.com/doi/10.1002/WileyOnlineLibrary>>. Doi:10138/sj.embor.7400402. Acesso em:12 ago. 2016.

HOFER, J. Dissertatio medica de Nostalgia oder Heimweg. Ed. original, 1688. **Bulletin of the History of Medicine**, 2, p.376-391, 1934.

HOLBROOCK, M.B. Nostalgia and Consumption preferences: Some emerging patterns of consumer tastes. **Journal of Consumer Research**, v.20, n.2, p.245-256, September 1993. DOI: 10.1086/209346 Source RePEc. Disponível em: <<http://www.researchgate.net>>. Acesso em: 16 fev. 2015.

HOWES, D. **Scent, Sound and Synaesthesia**. Handbook of material culture, p.161-172, 2006.

HOYLE, F. **Of men and galaxies**. London: Heinemann, 1965. p.65.

INFANTE, F. A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Tradução de Valério Campos. Porto Alegre, RS: Artmed, p.23-38, 2005.

INGOLD, T. **Evolution in four dimension: genetic, epigenetic, behavioral and symbolic variation in the history of life**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2000.

_____. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. Londres: Routledge, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **População residente por sexo e grupos de idade, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação**. Disponível em: <www.censo2010.IBGE.gov.br/sinopse/index.php/1.12>. Acesso em: 16 mai. 2013.

_____. Censo 2010. **Mortalidade infantil**: 1990, 2000, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> . Acesso em: 20 jan. 2015.

_____. Censo 2010 - **Indicadores Sociais Municipais**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/.../censo2010/.../indicadores_sociais_municipios.p.d....>. Acesso em: 22 ago. 2014.

_____. **Amostra de domicílios contínua**. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> .Acesso em 09 abr. 2017.

JOVCHELOVICH, S; BAUER, M.W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.

JUNG, C. G. **A prática da Psicoterapia**. Petrópolis: Vozes, 1972.

KAHNEMAN, D. **Rápido e devagar: duas formas de pensar**. São Paulo: Ed. Objetiva, 2015.

KANSO, S. Compressão da mortalidade no Brasil. In: A.A.CAMARANO (Org.) **Novo regime demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento?** Rio de Janeiro: Ipea, 2014, p.491-509.

KASSEL, B. Age and Ageing. **British Geriatrics Society**, 30, p.121-124. 2001.

KITE, M.E; JOHNSON, B.T. Attitudes toward Younger and Older Adults: An updated Meta-Analytic Review. **Journal of Social Issues**, 61(2), p.241-266, 2005. Doi:10.1111/j.1540-4560.2005.00404.x

Disponível em: <<http://www.researchgate.net/publication/227642622>>. Acesso em: 21 mai. 2017.

KROM, M. **Desvendando Mitos. O uso de uma leitura evolutiva e Instrumental mítica**. Bauru, São Paulo: Edição do Autor, 2014, p.31.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: **Escritos**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.96-103.

LAZZARESCHI, N. Lazer: A recuperação do sentido da vida na velhice. **Revista Kairós**, São Paulo, v.1, n.5, p.181-200, 2002.

_____. A aposentadoria no contexto das transformações das condições de trabalho. **Revista Kairós Gerontologia**, v.18, n.3, p.29-56, 2015. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP, Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP).

LAURENTI, R. Mortalidade infantil nos Estados Unidos, Suécia e Estado de São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, v.21, n.3, p.268-273, 1987. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-891019870000300013>> . Acesso em 09 fev. 2015.

LEFEVRE, F; LEFEVRE, A.M.C. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2003.

_____. O sujeito que fala. **Interface- Comunic, Saúde, Educ**, v.10, n.20, p.517-524, jul/dez 2006.

_____.; COSTA MARQUES, M.C. Discurso do sujeito coletivo, complexidade e auto-organização. **Cienc. Saúde coletiva**, vol.14, no. 4, Rio de Janeiro, jul/ago, 2009.

LIMA, P.M.R; COELHO, V.L.D. A arte de envelhecer: um estudo exploratório sobre a história de vida e o envelhecimento. **Psicol.cienc.prof.**, vol.31.Brasília, 2011. Disponível em: <<http://dx.oai.org/10.1590/S1414-9893011000100002>>. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?pid=S141498932011000100002&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 nov. 2015.

LINS de BARROS, M.M. Trajetória dos Estudos de Velhice no Brasil. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 52, p.109-132, 2006.

LISPECTOR, C. Ruído de Passos. In: **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.55-6.

LUTHAR, S.; CICHETTI, D.; BECKER, B. The construct of resilience: A critical evaluation and guidelines for future work. **Child Development**, 71 (3), p.543-558, 2000.

MA, ERIC; FUNG, A. Negotiating Local and National Identification: Hong Kong Identity Survey 1996- 2006. **Asian Journal of Communication**, 17 (2); p.172-185, 2007.

MACHADO, H.V. A identidade e o contexto Organizacional: Perspectivas de Análise. **RAC, Edição Especial**, p.51-73, 2003.

MANZINI, E.J. Entrevista semi- estruturada: análise de objetivos e de roteiros. **II Seminário Internacional sobre Pesquisas e Estudos. USC. Bauru**, 2004. Disponível em: <<http://www.sepq.org.br/Isipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>> . Acesso em: 02 nov. 2015.

MAURITTI, R. **Viver só. Mudança social e estilos de vida**. Lisboa: Editora Mundos Sociais, 2011.

MENDES, F.R. **Conspiração grisalha: segurança social, competitividade e gerações**. Oeiras, Pt: Celta Editora, 2005.

MENDONÇA, J.T. In: FELIX, M.J.C. **Envelhecer sem ficar velho**. Alfragide: Oficina do Livro, 2013, Portugal.

MINICHIELLO, V; BROWNE, J; E KENDIG, H. Perceptions and Consequences of Ageism: Views of Older People. **Aging and Society**, 20, p.253-278, 2000.

MOREIRA, M.A.A; CERVENY, C.M.O. **What happens when us enhances me?** International Academic Forum (IAFOR). Trabalho apresentado em The European Conference on Psychology & Behavioral Sciences. Brighton, UK, 3-5 JUL. 2017.

_____. **Maratonas e Longevidade: um olhar para a autoestima**. 2013. 165p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Brasil, 2013.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários para a educação do futuro**. São Paulo: Cortez Ed.; Brasília: Unesco, 2013.

_____. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigação em Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

_____. On Social Representation. In: FORGAS, J.P. (Org.). **Social Cognition- Perspectives on Everyday understanding**. London: Academic Press, 1981.

MUCIDA, A. **Escrita de uma memória que não se apaga- Envelhecimento e Velhice**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p.51.

_____. **O sujeito não envelhece. Psicanálise e velhice**. 2ª. edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NELSON, T. Ageism: Prejudice against our feared future self. **Journal of Social Issues**, 61, p. 207-221, 2005.

NERI, M. L. Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos. **Psico-USF**, v.9, n1, p.109-110, jan-jun, 2004.

NERI, A. L. O legado de Paul Bartes à Psicologia do Desenvolvimento. **Temas Psicol**, v.14, n.1, p.17-34. Ribeirão Preto, jun 2006.

NUSSBAUM, M.C. Educação para o lucro, Educação para a Liberdade. **Revista on line: Redescrições do GT de Pragmatismo e Filosofia Norte -Americana**. Ano I, n.1, 2009.

OGG, J. **Living Alone in LaterLife**. Londres: Institute of Community Studies, 2003.

OLIVEIRA, K.L.G; PASSERINO, L.M. Apropriação de novas práticas culturais de letramento digital por idosos. **RETEME**, São Paulo, v.2, n.2, p.96-109, jan. /jun. 2012.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS **Resolução n.46 para o idoso**, aprovada na Assembléia Geral da ONU em 16.12.1991. Ratificada pelo Brasil em 28.09.1989. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm>. Acesso em: 10 mar. 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS- WHO). **Envelhecimento Ativo: uma política de saúde**. Brasília (DF): Organização Pan- Americana da Saúde, 2005. Disponível em: <<http://www.bvsmis.saude.gov.br>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

_____. **Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde**. Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (divulgação), 2016. Disponível em: <<http://www.sbgg.org.br>> . Acesso em: 10 nov. 2016

PALMORE, E.B. The Ageism Survey: First Findings. **The Gerontologist**, 41, p.572-575, 2004.

_____. Ageism comes age. **The Journals of Gerontology: Series B**, Vol.70, Issue 6,1 November 2015, p.873-875. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/geronb/gbv079>> . Acesso em: 20 mai. 2017.

PATRÍCIO, K.P; RIBEIRO, H; HOSHINO,K; BOCCHI,S.C.M. O segredo da longevidade segundo as percepções dos próprios longevos. **Cienc. Saúde coletiva**, vol.13, no.4, Rio de Janeiro july/aug.2008. Disponível em: <<http://www.dx.doi.org/10.1590/S1413-81232008000400015>> . Acesso em: 04 jul. 2016.

PATRICIO, K.P; HOSHINO, K; RIBEIRO, H. Resignificação existencial do pretérito e longevidade humana. *Saude e sociedade*,v.18,n.2,São Paulo. Apr./June2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 10 fev. 2015.

PEARL, R. **The Biology of Death**. New York: **J. B. Lippincott & Co.**, 1922, 275p.

PEIXOTO, Clarice. E. Resenhas. A imagem da velhice nas telas do cinema documentário. **Cadernos Pagu** (13)1999, p. 357-369. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br>>. Acesso em: 15 set. 2015.

_____. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote e terceira idade.... In: BARROS, M.M.L. (Org.). Velhice ou Terceira Idade? **Estudos Antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

PEIXOTO, J.L. Velhos- Novos, Novos- Velhos, Velhos- Velhos, Novos-Novos. **Caderno Magazine**, 14 fev. 2016. **Suplemento do Diário de Notícias**, no. 258/128. Disponível em: <<http://noticiasmagazine.pt/velhos-novos,novos-velhos,velhos-velhos,novos-novos>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

PENN, M.J.; KINNEY, Z. **Microtendências. As pequenas mudanças que estão a transformar o mundo em que vivemos**. Alfragide: Editora Lua de Papel, 2008.

PÉREZ V.; SIERRA, F. Biología del Envejecimiento. **Revista Medica de Chile**, vol. 137, n.2, p. 296-302, 2009.

PIMENTA, A.C.O tempo em Freud. **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte, MG, N.41, P.59-66. Julho/2014. Disponível em: <<http://www.cbp.org.br>>. Acesso em:10 fev. 2015.

PIRES, A.P. Amostragem e Pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. 2008. In: POUPART, J. et al. (org.). **A Pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2010, p.154-211.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p.3-15. 1989.

POUPART, J. et al. (org.). **A Pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2010.

PRAZERES, J.F.C.P. **Avaliação da qualidade de vida das pessoas idosas em contexto de cuidados de saúde primários. A problemática do utente diabético**. 2012. 117p. Dissertação (Mestrado em Medicina). Universidade de Coimbra, Portugal, 2012.

PUSSETI, C. (Coord) et al. **Migrantes e Saúde mental. A construção da competência cultural.** Biblioteca Nacional de Portugal. Estudos 01; 33. Edição Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACDI, I. P.). Lisboa: 1ª. Edição, outubro de 2009.

QUARESMA, M.L.; RIBEIRINHO, C. Envelhecimento: Desafios do Século XXI. **Revista Kairós Gerontologia**, 19(3), p.20-49, 2016. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.

QUARESMA, M. L. Questões do Envelhecimento nas sociedades contemporâneas. **Revista Kairós Gerontologia**, 11(2), dez. 2008, p.21-47 .

REVUZ, A. Heterogeneidade (s). Enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 19. Trad. C.Cruz e J.W. Gerardi. Campinas: IEL/ UNICAMP, jul.dez. 1990, p.26.

_____. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido.** Porto Alegre: **EDIPUCRS**, 2004.

ROSA GUIMARÃES, J. **Primeiras Histórias.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

ROUTLEDGE, C. et al. **The past makes the present meaningful: Nostalgia as an existencial resource.** Journal of Personality and Social Psychology, 101,638-652, 2011. Doi: 10.1037/a0024292.

RUTTER, M. **Resilience: Some Conceptual Considerations.** Trabalho apresentado em Iniciatives Conference on Fostering Resilience, Washington D. C., dez. 1991.

SANT' ANNA, D.B. **Corpos de Passagem. Ensaio sobre a subjetividade contemporânea.** São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANTOS, D. F.; MOREIRA, M. A. A. Imagem Social e Identidade na Velhice. In: CERVENY, C.M.O. (Org.). **Manual da Longevidade. Guia para a melhoria da qualidade de vida dos idosos.** Curitiba: Ed. Juruá, 2015, p.15-39.

SANTO AGOSTINHO, **Confissões, Livro XI, 14 (17).** Coleção: Os Pensadores. Trad. J.O. Santos e A.A. Pina. São Paulo: Ed. Abril, 1973.

SARTI, C. A. **A família como ordem simbólica.** Psicologia USP, 2004, 15(3), p.11-28, 2004

SCARMEAS, N; STERN, Y. Cognitive reserve and life-style. **Journal of Clinical and Experimental Neuropsychology**, v.25, n.5, p.625-633, Aug. 2003.

Doi: 10.1076/jcen.25.5.625.14576. Disponível em:

<<http://www.ncbi.nlm.gov/pmc/article/PMC3024591>>. Acesso em: 14 mai. 2017.

SCHNEIDER R. H; E IRIGAY T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia (Campinas)**,v.25 (4), out./dezembro, p.585-593, 2008.

SHIBATA, L; CERVENY, CMO. **Em busca de um novo caminho. O pós- carreira como oportunidade de realização de potencialidades**. 2006. 164 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2006.

SILVA LOPES, G. Envelhecimento e interdisciplinaridade: uma prática em construção. In: TRENCH, B.; COSTA ROSA, T.E. (Org.). Nós e o Outro: Envelhecimento, Reflexões, Práticas e Pesquisa. **Temas em Saúde Coletiva**, 13. Instituto de Saúde, Governo do Estado de São Paulo. São Paulo, 240 p., 2011.

SOUZA FILHO, A. B. **A idade dos personagens bíblicos**. Disponível em: <<http://www.bibliapage.com/idade.html>>. Acesso em: 05 nov. 2014.

SPITZ, R.A. **Hospitalism- An inquiry into the genesis of human communication**. New York: Internacional Universities Press, 1945.

STORR, A. **As idéias de Jung**. São Paulo: Cultrix, 1973.

STRAUSS, W.; HOWE, N. **Millennials Rising: The Next Generation**. Cartoons by R.G. Matson. New York: New York Vintage Original, 2000.

STUART, H, I; VERONESE, M.A.V; NUNES, M.L.T. **A psicologia do envelhecimento: uma introdução**. São Paulo: Ed. Artmed, 2002.

TAJFEL, H.; TURNER, J.C. The Social Identity Theory of Inter Group Behavior. In: WRCHEL, S; AUSTIN, W.G. **Psychology of Intergroup Relations**. Chicago: Nelson- Hale Publishers, 1986.

TEIXEIRA, I; GUARIENTO, M.E. Biology of ageing: theories, mechanisms, and perspectives. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol 15, 6, p.2845-57, 2010.

TIEFER, L. The social construction and social effects of sex research: the sexological model of sexuality. In: TRAVIS, C.B; WHITE, J.W. (Eds.). **Sexuality, society and feminism**. Washington, DC: American Psychological Association, 2000, p.79-107.

TÓTORA, S. Apontamentos para uma ética do envelhecimento. **Revista Kairós**, São Paulo, v.11, n.1, p.21-38, jun.2008. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

TROEN, B.R.The biology of ageing. **The Mount Sinai Journal of Medicine**, New York, vol.70, 1, p.3-22, 2003.

TUNSDALL, J. **Old and alone. A sociological study of old people**. Londres: Routledge e Kegan Paul, 1966.

VIEIRA, K.F.L.; MIRANDA, R. SOUZA; COUTINHO, M.P.L. Sexualidade na Velhice: um estudo das representações sociais. **Psicologia e Saber Social**, 1 (1), p.120-128, 2012.

VON FRANZ, M.L. **The problem of the Puer Aeternus**. 3rd Edition. Toronto: Inner City Books, 2000.

VOSNIAK, D.; FALCÃO, D.V.S. A importância dos recursos psicológicos e familiares para o bem-estar. In: FALCÃO, D.V.S; ARAÚJO, L.F.; PEDROSO, J.S. (Orgs.) **Velhices. Temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar**. Campinas: Ed. Alínea, 2016, p.49-70.

WALLACE, H.M; ET AL. Comparison of infant mortality in the United States and Sweden. **J.Trop.Ped**, v.31, p.223-228, 1985.

WAN HE, D.G.; KOWAL, P.U.S. Census Bureau International Population Reports, P 95/16-1. **An Aging World**; 2015. U.S. Government Publishing Office, Washington, DC; 2016.

WEINART, B.T; TIMIRAS, P.S. Invited review: Theories of ageing. **Journal of Applied Physiology**, vol.95, 4, p.1706-16, 2003.

WELLER, WIVIAN. **Tradições hermenêuticas e interacionistas na pesquisa qualitativa: A análise de narrativas, segundo Fritz Schütze**. Paper apresentado no GT da 32ª. reunião anual da ANPED. Caxambu, MG, 04ª 07 de outubro de 2009. Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT_14-5656--iNT.PDF>. Acesso em 10 out. 2016.

WERNER , E; SMITH, R. **Overcoming the odds: High risk children from birt to adulthood**. New York: Cornell University Press, 1992.

WILLOX, J.; WILLOX, C; SUZUKI, M. Exceptional Human Longevity. In: KARASEK, M. (Ed). **Aging and Age Related Diseases. The Basics**. New York, NY: Nova Science Publisher, 2006, p.459-509.

WINNICOTT, D W. **O brincar e a realidade**. Tradução José Octaviano de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Editora Imago. 1975, p.153.

_____. O conceito do indivíduo saudável. In: WINNICOTT, D.W. **Tudo começa em casa**. Trad. P. Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p.17-30.

_____. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2011(4ª. Ed.).

YEOMAN, A.N.N. **Now and Neverland: Peter Pan and the Myth of eternal youth** (A psychological perspective on a cultural icon). Inner City Books, 1998.

YOUNG, Y; FRICK, K.D; PHELAN, E.A. Can successful aging and chronic illness coexist in the same individual? A multidimensional concept of successful aging. **Journal of the American Medical Directors Association**, vol.10, 2, p.87-92, 2009.

APÊNDICES

Apêndice 1 - Normas de Transcrição

Normas de Transcrição⁶⁷

?	entonação alta
,	entonação contínua
!	tom animado
...	pausa perceptível ou quebra de ritmo
LETRA	
MAIÚSCULA	pronúncia enfática
(())	comentários da transcritora
[]	no meio da linha: inclusão da transcritora para facilitar interpretação na fala de dois participantes: marca falas superpostas
Z	quando a fala de um dos participantes segue a fala de outro sem pausa

⁶⁷ As normas seguidas constam do modelo apresentado à p.111, do livro de Flannery (2015), já referido anteriormente.

Apêndice 2 - Narrativas do grupo brasileiro

Grupo brasileiro.

Data 18.11.2016

Duração: 1h30.

A adesão inicial foi de 04 pessoas. Entretanto, por problemas de saúde, 02 delas não compareceram. A vivência foi realizada com apenas 02 participantes. Um deles atrasou-se e desculpou-se pelo atraso, estava no barbeiro, “ cuidando-se”...

A sequência da vivência contemplou a apresentação do Projeto de Pesquisa, a apresentação e explicação sobre o porquê da assinatura para a permissão da filmagem e gravação de dados, e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cadastramento de dados bio, apresentação do pesquisador e agradecimento por consentirem e aceitarem participar da pesquisa.

Marcada para ter início às 15:00h, o início foi retardado em 15 minutos, aguardando participante. Como não aparecesse, demos início sem a presença dele, a qual só ocorreu com mais 15 minutos após iniciada.

Eu: Vamos tratar de alguns temas sobre o envelhecer e eu gostaria de ouvir dos senhores, o que pensam, sentem e como vêm o envelhecimento. Vivemos, muitas vezes sem refletir sobre a vida, como nos percebemos e como somos percebidos...

O fotógrafo Vladimir Kovlev, russo de 56 anos percebeu, que muitas pessoas com 50, 70, 80, 90 anos, hoje, estão imersas em atividades não esperadas para a idade. Ele as fotografou, exercendo essas atividades entre os anos 2011 e 2014, e elaborou um ensaio, publicado em 2015 e que faz parte de projeto russo-israelense, chamado “A idade da Felicidade”.

A senhora concorda que existe uma idade para se viver a felicidade?

P2: *Não...Muitas vezes a gente trabalha, ou usa a aposentadoria para sustentar encargos... duas gerações, quando desempregados... Como é o meu caso, lá em casa... filho e netos desempregados... Pode ser que na Rússia, ou outros países..., seja diferente....*

Leio o caso verídico, ocorrido com Freud, ao ver sua imagem refletida no espelho, o qual foi exposto de sua cabine de trem, após um solavanco no vagão em que viajava. E pergunto sobre reconhecer-se no espelho.

P2: *... Olha... eu ia sair e me olhei no espelho... e pensei: não vou passar mais ruga, porque o ruga fica impregnado e faz uma canaleta na pele e acentua onde tenho rugas.... Vou deixar a cara lavada mesmo...O querer melhorar, às vezes estraga...Minha rugas são meu viver. Viver o envelhecimento é normal, uma consequência do existir. Tive uma coisa boa: cresci no interior, até casar. Só temo as gerações do meu filho e netos... Acompanhei meu marido fazer carreira, mas primeiro, dou graças a Deus que casei,...porque no meu tempo, se a gente não casasse... Tive e tenho um companheiro muito ajuizado...que pensa muito para gastar.*

Com isso, conseguimos economizar...guardar... e garantiu certa tranquilidade para vivermos o envelhecimento e um tantinho, que permite ajudar os filhos, se eles necessitam. Mas tenho pena da geração dos meus filhos...não sei o que os esperam... Meu marido conseguiu fazer carreira no Banco do Brasil... não estamos nadando, mas dá para ajudar filhos e netos. A vida é tranquila. Meu marido tem muita paciência. Eu fiz 19 cirurgias...E olha, a gente sente dor, geme, chora, tem repouso, recuperação, necessita de companhia no hospital, fica chata... mas ele sempre teve muita paciência comigo... Filho não tem tempo. Eu não tenho paciência...Temos nossas rugas, temperamentos diferentes, mas, no frígir dos ovos, minha vida tem sido boa...

Eu: Que sentido tem o envelhecer?

P2: *Envelhecer...Não sei... Um consequencia normal de nascer, viver...*

(Nesse momento entra “**P1**.” Explica o porquê do atraso. Pede para continuar, ele sabe do que se trata a pesquisa, pois foi convidado e aceitou participar. Entrega o TCLE assinado).

P1: *Com licença... Boa tarde...Prazer, meu nome é X Desculpe o atraso, eu estava no salão, me preparando para o fim- de semana...Cabelo, unha...É preciso nos cuidar, certo?...*

Eu: Correto...(apresento-me, pergunto se tem alguma dúvida sobre o TCLE; e introduzo **P2**).

P1:...Não... (diz que tem familiaridade com esses procedimentos no encargo em que desenvolve e continua...Estende a mão...) Prazer...Nasci em 04 de janeiro de 1940. Sou carioca, vivo no bairro há 44 anos...

P2: *Ah... como o cantor? Eu sou de 1940, também, de agosto...*

P1: *A primeira vez que vim morar em SP, foi em 1963, ano em que me casei. Tenho 53 anos de casado...*

P2: *Também me casei nesse ano... E você toca como ele?*

P1: *Não, o outro... (refere-se a outro artista com o mesmo nome...Minha avó era fã desse cantor...colocou o nome dele no meu pai. Meu pai deu-me o nome do cantor de sua geração, também X... Pois é temos a mesma idade e o mesmo tempo de união com o cônjuge...*

(O senhor **P1** se apresenta impecável, vestindo um suéter vermelho, anéis nos dedos, pulseira no punho direito; unhas feitas, cabelo cortado, bem articulado. A dona do estabelecimento pergunta aos participantes, se desejam tomar algo, uma água? “**P2**“aceita uma água; “**P1**” deseja chocolate...À medida que fala, come os bombons, um a um).

Eu: Estamos falando sobre o envelhecimento e as oportunidades; como nos percebemos e como somos percebidos; que valores importam hoje. Muitas vezes a gente não percebe que envelheceu. Mesmo Freud, no trecho que passo a ler, se estranha com o tempo,pois percebeu corpo. Conversando com P2, ela me disse que vê o envelhecimento como um curso natural da vida. Qual é a sua opinião? Para o senhor, como é envelhecer hoje? O que é viver a longevidade?

P1: (Hum)... *Preciso falar da minha história de vida para dar o testemunho... Como disse, sou carioca, ... filho de militar, ...criado no Paraná... Meu pai era engenheiro do exército e ... eu segui engenharia...Tem um ponto que contribui...Aos 60 anos de idade, fundei o Instituto “X”... aqui está o cartão (tira- os do bolso da camisa sob o séter e distribui o cartão para mim e para “**P2**”)... O instituto foi um marco,... porque depois de trabalhar 20 anos com consultoria,... no ano 2000, fundei esse instituto junto com minha família: ...minha mulher e dois dos meus filhos (temos 04)... Há outros marcos: ... o casamento, o nascimento dos filhos, a formatura... mas o interessante é esse, ...porque consegui começar nova atividade aos 60 anos. Hoje,... esse instituto tem 16 anos. Como toda organização, ...tem seus altos e baixos, o que é natural... Tive a benção, graças a Deus, e a satisfação de ter uma instituição que teve sucesso...*

P2: *Qual o objetivo da instituição?*

P1: *... A finalidade?... Trabalho com projetos sociais, educação e tecnologia...Está sendo uma experiência maravilhosa... Aposentei-me aos 59 anos como engenheiro...Passei a ter a possibilidade de descobrir novos caminhos...Hoje tenho 03 dos meus filhos mais próximos: minha filha mais velha é doutora em Educação pela USP; trabalha comigo e é diretora técnica do instituto...*

P1: *Essa organização é sonho antigo, ou simplesmente apareceu?*

P2: *É...tem algo,...uma sementinha lá na década de 80... Eu e minha esposa trabalhávamos no Amparo Maternal...sabem o que é?*

P2 e Eu: *Sim...*

P1: *Ela era presidente das voluntárias..*

P2: *Eu tinha uma amiga que como eu sempre colaboramos...e até hoje... na confecção de casaquinhos para essa instituição...*

P1: *Pois é...Eu tinha a função de resgatar nas mães solteiras a relação com o ente masculino da família, porque elas costumavam ser expulsas de casa...Sem marido e sem o pai para prover as necessidades, e com um recém nascido para cuidar... Foi esta semente que germinou a idéia da organização do projeto na área social...e assim foi...*

Eu: **O senhor se sente realizado?**

P1:*Totalmente. É uma ocupação maravilhosa. A cabeça até trabalha mais com o entusiasmo e a dedicação, a gente fica sempre ocupada... Também acredito que no envelhecimento, devemos ocupar a cabeça e o estudo de línguas estrangeiras ajuda muito. É preciso cuidar do corpo, mas da mente também. Tenho atividades corporais. Faço Pilates há 10 anos, caminhadas, isso tudo...Procurei estudar línguas. Fiz Inglês por 09 anos, Espanhol no Miguel de Cervantes na Paulista e Francês, anteriormente...Ficou provado, cientificamente...Isso mexe com áreas do cérebro que evita o natural envelhecimento e habilidades que vão sendo perdidas...Para se reduzir a velocidade desse processo da natureza, procuro ficar conectado no mundo. Todas essas atividades fazem-me sentir bem...*

Eu: **E a senhora, em que atividades se envolve?**

P2: *Atualmente?...Fui professora primária e mãe para cuidar de 03 filhos e um marido. Minha saúde sempre foi precária, sempre. Casei-me com um rim só. Sempre tive problemas de saúde. Sou espírita e sempre me ocupo em arrecadar coisas para bazares:pedir,recolher e entregar. O que faço até hoje para entidades beneficentes...Nas minhas moléstias, nas muitas recuperações, deixava minha cestinha com lãs, agulhas, linhas do meu lado, na cama... Faço isso até hoje, inclusive contribuindo com enxoval para mães solteiras, ou pessoas idosas em asilos...*

Eu: **Vejo em comum em vocês dois esse olhar para o outro, para o cuidar...**

(Eles concordam).

Eu:...**Percebo, que o senhor tem esse olhar de cuidar do outro e de si; a senhora também, enquanto recebe o cuidado do outro...**

P1: *Não há possibilidade de cuidar do outro se não cuidamos de nós mesmos...*

P2: *Cuido-me com os remédios, porque sou perseverante. Mas, não consigo evitar o que vai me acontecendo...*

Eu: Existe um pensamento atual de que o velho não está mais para realizar,ou sonhar nada...que só espera a morte.

P1: Sim, é verdade...infelizmente...

Eu: Eu tenho um olhar diferente: de realizar sonhos, de olhar para o outro, como uma semente da; vida... Como éfoi a vida social de vocês ao longo do tempo?

P2: Olha, eu sempre tive colegas na escola..., não amigas, dessas de levar para casa e frequentar a família, para quem você conta tudo... Amiga para mim tem um sentido de família...Então, os amigos eram os do meu marido, com quem saíamos.Não tenho a minha amiga da praia, mas os amigos dele...sempre dependi dos amigos dele...Não sei porque desenvolvi isso...

Eu: E na atividade filantrópica?

P2: Ah...essa é uma delícia...Eu tenho as amigas da rede de solidariedade, sim, com elas eu me abro, elas me acolhem, me dão ombro...

Eu: Você acha que a rede está se expandindo ou reduzindo?

P2: Eu as mantenho. Nos reunimos algumas vezes para um chá, mas não consigo maior frequência...As vezes nos falamos...Quanto às atividades, se forem à noite, ou distante... compro as rifas delas. Durante o dia, eu vou...Não tenho tanta atividade quanto poderia, se eu fosse mais flexível, ou meu marido mais... ele não gosta e não entende isso de espiritismo... Perdi o contato com algumas dessas amigas...Eu nem o convido para essas atividades, vou com minhas amigas...

Eu: Qual o seu lazer? Faz atividade física?

P2: Ler, ver TV, crochet, bordado...Agora não. Os médicos estão me cobrando muito...Tenho uma porção de problemas de saúde. Estou relutando...Espero a consulta de um médico que tem 12.000 biópsias de músculo, o maior banco de biópsias, e que está fazendo uma pesquisa. Meu sonho atual é ter uma consulta com ele, que está agendada para março de 2017. Acho que ele não vive de consulta. Estou pensando: é preguiça que me impede de praticar atividade física? Não sei se espero o resultado da consulta, ou se a inicio...Tenho uma contratura muscular...nem sei se é,...que quando vem dá muita dor...

P1: A senhora é daqui da região? Tem um estúdio de Pilates aqui perto. Tenho uma porção de amigos lá...

P2: Eu sei, meu marido frequenta...

Eu: E hidroginástica? A senhora vai ao cinema?

P2: Ah, eu comecei...fiz uma temporada, mas o problema do cloro no cabelo... Alguns médicos eram a favor, outros contra... Operei muito o meu pé, por conta de um neuroma...E aí, tem as consequências: um dedo fica duro, o outro repuxado. Então não posso caminhar muito. Tenho até um cartão de deficiente ambulatorial, além do cartão do idoso...Mas, agora não estou realizando nenhuma atividade física. Aliás, até à lavanderia, vou de carro, e é no quarteirão debaixo...Estou andando pouco. Na Tutóia até dá, mas para voltar é puxado, porque é subida...Aqui no bairro é muito sobe e desce... Não, não vou ao cinema.

P1: Para andar, a Paulista é melhor, mas a Teixeira ((rua)) é puxada...

P2: Tomo um taxi daqui até a Paulista, quando preciso apanhar o metrô...Essas dores não são brincadeira...Por conta delas, tomei alguns tombos, quando estive em Gramado. Sei que arrumo desculpas para não fazer Pilates...

Eu: Senhor P1 , agora gostaria de saber do senhor sobre sua rede social e como sua atividade influencia, ou influenciou sua rede. E sobre os valores que o motivam para sair de casa, a cada dia.

P1: (acabaram-se os bombons) ...*Eu trabalho com jovens, com famílias, com adolescentes. A instituição está assentada nos valores... Família... Sobre a rede, acredito que a pessoa deve procurar estar com a rede ativa. Você precisa procurar fazer caminhadas, romper a barreira de isolamento que a sociedade impõe... ampliar...procurar interesses para formar novas redes. Não consigo entender ficar na frente da TV. Nossa geração conheceu a radionovela, o cinema e a TV...o cinema não perdeu para o DVD....Tenho cartão do Reserva Cultural, para mim, por exemplo, cinema é extremamente valioso. Fui à amostra de cinema e assisti a 20 filmes. Nem sempre minha esposa me acompanha... Fui à FLIP, às Olimpíadas e visitei o Museu do Amanhã, no Rio (mostra fotos de suas visitas e a família)...*

Sobre o casamento, uma coisa é minha vida individual, outra, a familiar (casal)...Não deixo de ser indivíduo. Eu convido, se não quiser ir, eu vou ao cinema, palestras, teatro, como estou aqui, agora. Acho natural, se ela não quiser... Mas eu me sinto conectado no mundo. Na política, a polis é o saber conviver na sociedade...Hoje, ela é transformada numa coisa ruim. Sou conectado com tudo, não sei o quanto mais posso contribuir... Outra coisa, é quando se tem uma vida comum, não perder sua individualidade. O casamento não é uma prisão. O casamento tem que ser estável, agradável...

Eu: **Gostei de ouvir a fala de vocês, porque muito do que deveria contemplar na pesquisa, já está incluso nelas...É importante se colocar na vida para arrancar os rótulos que são dados aos velhos. Muitas vezes, quando se fala dos tempos passados, torna-se chato. Nostalgia já foi considerada doença mental. Mas, voltar-se às lembranças é , de certo modo, retomar o amor e o amparo das memórias e dos antepassados.**

P2: *Acho normal ter nostalgia. As lembranças ruins... ah essas podem ser refletidas e tomar outro sentido com o tempo...*

P1: *Outro aspecto é a terapia. Faço até hoje. Corpo, cérebro e espírito...Não é ser louco para fazer ou não, e dispensar... Precisamos nos conhecer. Estudo até hoje. Leio Freud, Jung... Minha esposa é psicóloga.*

L: *Minha vida está muito boa... Meu marido tem a pescaria dele; eu, os eventos do Centro Espírita, aos quais vou sozinha. Acho saudável.*

Leio a crônica “ Ruído de Passos”, de Clarice Lispector e introduzo o tema sexualidade na longevidade. Pergunto o que acham a respeito do pensamento corrente de que não há sexualidade entre os idosos.

P1: *Muito bem...Acho que enquanto há vida, há desejo, uma das questões essenciais. E a vida saudável inclui a sexualidade também. Não é só alimentar-se, cuidar do corpo e da mente. Temos que aprender a nos relacionar com o desejo. Não podemos dizer que acabou. Todo mundo tem condições para, de certo modo, encontrar como viver a sua sexualidade. É prioritário.*

P2: *Ela continua existindo. Tudo com mais calma. Não com a euforia, nem com a obrigação...É uma confiança, não há a obrigação de comparecer...há uma certeza do que se está fazendo...*

Leio a poesia Nostalgia, de minha autoria, cuja cópia ofereço a cada um dos participantes e lhes agradeço a participação e o partilhamento de suas opiniões na dinâmica. Passo a palavra a eles para que digam sobre o envelhecimento, como se sentem.

P1: *Acho que sou uma pessoa que sempre procura por novas experiências. Não vou me deixar à margem, ou deixar me dominar pelo que a sociedade me dá...*

P2: *Acho que estou com uma vida boa. Quero estar atualizada, lendo...Tem a parte dos netos...uma coisa boa.*

P1: *Os netos, é outra história... Tenho 04 netas, a mais velha está na Austrália e a dona do estabelecimento a conhece...quando ela vem para o Brasil, fica hospedada comigo.*

Agradeço o partilhamento e os convido para tomarem um lanche, com direito a chocolate, também. Aceitam com prazer. “P1” mostra mais fotos tiradas com seu celular. “ P2” está mais alegre e leve e ao sair do local da vivência e atravessar a rua, porque o semáforo abriu para carros, dá uma corridinha...

Apêndice 3 - Narrativas do grupo portugues

Grupo português.

Data do encontro: 03.11.2016.

Duração do encontro: 1:50:30 h.

No. De participantes: 04 (quatro: 02 homens e 02 mulheres).

Local: Viseu, em local próximo ao Centro de Saúde de onde foram encaminhados.

O convite foi feito à Médica de Família, que prontamente fez a indicação de participantes com mais de 70 anos, para fazerem parte da pesquisa. O convite, enviado por e-mail, inicialmente, e, depois, pessoalmente, detalhou título e objetivos. Também os participantes receberam explicações sobre o projeto, antes da adesão à manifestação do desejo de participarem, por escrito, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Houve a tentativa de filmagem, porém foi frustrada por pane na aparelhagem, embora testada antecipadamente. Restou a gravação do inteiro teor da conversa, através de telefone celular APPLE 6G.

Temas tratados:

1. Como é ser velho em Portugal?
2. Como se vê hoje? Que sentimentos afloram no viver esse envelhecimento? Um balanço.
3. Fatores que contribuem ao bom envelhecimento. Dependência/ Independência.
4. Atividades que desempenham?
5. Como é a rede social?

Inicialmente, foi feita a apresentação do projeto e do pesquisador; e colhidas algumas informações referentes à identificação dos participantes.

Transcrição da conversa.

Pesquisador (P): *Permitam que me apresente. Meu nome é Arlene, sou médica e doutoranda em Psicologia Clínica. Sou também mãe de vossa médica e pedi a ela se poderia me indicar alguns participantes para minha pesquisa. Venho pesquisando sobre a Longevidade. Sei que em Portugal o número de idosos é grande e gostaria de saber como é ser velho em Portugal. Também percebo que o envelhecimento está mudando, e é sobre a mudança que me debruço na minha pesquisa...*

Mas também gostaria de saber se foi difícil chegar aqui e se os senhores já se conheciam. Como foi a vinda dos senhores até aqui? Vou propor alguns assuntos para conversarmos e gostaria de saber de os senhores permitem

a gravação e filmagem do conteúdo de nossa conversa, ou se opõem a elas. Como se trata de pesquisa a ser divulgada, esses procedimentos são importantes... Caso depois queiram retirar a autorização, não há nenhum óbice quanto a isso...

P4: Sim, aqui velhos é que não faltam...

P3/P5: Nós somos de Viseu e já nos conhecemos há anos...

P6: Eu não a conhecia (referindo-se a P6), só agora...

P3, P4, P5 e P6: Não há problemas alguns...

P5/P6: Viemos caminhando...

P: Gostaria que me contassem como era a família dos senhores...

P3: Sou de Viseu.... Meus pais tiveram 03 filhos e eu sou o mais velho. Tive uma infância difícil. As nossas meninices foram difíceis, mais as dela do que as minhas... Saí de Viseu aos 22 anos e fui para Covilhã, numa casa que foi uma escola para mim. Houve um problema no estabelecimento em que eu trabalhava, em Viseu, que forçou minha saída. Aos 25 anos fui para Lisboa. Minha ida a Lisboa me fez acordar para a vida. Encontrei minha cara metade. Vi uma cara conhecida no elétrico e fui atrás do elétrico a correr, na Rua da Palma. Entrei e puxei conversa com ela “lembra, fomos vizinhos em Viseu”... Há um fado, que a Amália Rodrigues⁶⁸ canta, que fala da Rua da Palma, “onde deixei presa minh’alma”, no caso, é verdade... A P4 contribuiu muito para que eu mudasse a perspectiva da vida. Pronto, isso nos levou a casar e a pensar no futuro. Se calhar, o futuro era uma coisa muito longe... Fazemos um par homogêneo. Não temos filhos, mas sempre temos trabalho com os filhos dos outros. Minha mãezinha faleceu com 100 anos e 01 mês ...Ela fazia ajour, era costureira, iniciou por fazer colchões, que eram costurados e depois enchidos com palha...Mas se especializou no ajour... Meu pai era um marceneiro, um bom artífice.... até quase o fim da vida. Também era fiscal dos campos de futebol. Sempre foi um homem de muito trabalho. Morreu aos 80 e tal anos... Era uma família modesta...

P4: Meus pais eram da aldeia de Côta, tiveram 07 filhos: 06 raparigas e 01 rapaz, o mais velho, que viveu em Lisboa e morreu lá aos 62 anos. Teve filhos, e netos lá... Meu pai faleceu aos 73 anos; minha mãe viveu até os 78 anos. Meu nome é o nome de minha mãe e da mãe dela. Mas não gosto do meu nome. Ainda hoje penso no futuro.... Tivemos, temos, uma vida bonita. Nos agarramos um ao outro. Nos agarramos tanto que quando fiquei grávida, fiz um aborto. Depois nos agarramos aos filhos dos outros. Ensinei a nadar todos eles.

P6: Por favor, não me chame de dona. Não sou dona de nada, nem da minha vida sou dona! Só estamos aqui!... Meu pai foi empregado da farmácia a vida toda. Faleceu aos 94 anos. Era um empregado sempre contente. Ele lavava frasquinhos na época em que os remédios eram feitos em casa. Era um querido de toda a gente. Minha mãe era costureira. Faleceu aos 92 anos. Tenho 03 (01 rapaz e 02 raparigas), não 04 irmãos: um deles é de relação extra matrimonial do meu pai. Sou a mais nova...

P5: Nós o criamos, o rapaz, eu e minha mulher...

P5: Minha família é complicada, e para minha história, uma folha não chega.

(Ele me vê tomando notas de campo. Digo-lhe que tenho mais)

P5: Sou filho único, o que é triste, pois todas as bagunças que fazia, a culpa não dava para dividir com ninguém (ele ri). Era só eu.... Meu pai era de Campo Lindo e veio para Viseu aos 20 anos e pouco. Casou-se com minha mãe, uma união que não durou muito, eu tinha 02 anos e fui dado para ele criar. Só vim a saber

⁶⁸ Fadista portuguesa. O fado a que se refere é “Ai Mouraria”.

quem era minha mãe, quando tinha idade de ir à escola (6-7 anos). Uma senhora que vendia castanhas, perto da escola me chamou e perguntou se eu queria conhecer a mãe e mostrou- ma. Um jeito triste de saber.... O que levou ao divórcio o meu pai, sei hoje, que foi uma mentira. Nessa altura meu pai estava casado com a pessoa que eu julgava ser minha mãe, mas, na verdade, era minha madrasta. Não me lembro de meu pai pegar-me ao colo. Ele aos 10 anos foi trabalhar para o comércio e entendo que tinha uma vida dura e era como era... Só tenho boas recordações do pai da minha madrasta, que era capitão do exército e fez a campanha da África, inclusive, esteve no Brasil. E da irmã dela, que era mesmo uma querida. Hoje se fala em bullying, mas isso já tínhamos naquela época. Colocavam alcunhas nos nossos nomes, que nem sempre eram agradáveis, mas ríamos deles.... Hoje os papás estão na escola e os meninos mais velhos se misturam com os mais novos... isso não era permitido. Os padrões hoje são diferentes. Tenho uma meia irmã por parte de mãe, mas minha relação com ela é nenhuma, a família dela sempre interpôs dificuldade...

P6: *Tenho um desgosto enorme por isso. Eu telefono a ela, mas ela não nos telefona...*

P5: *.... Meu pai casou-se 03 vezes. Na última, eu fui contra, ele tinha idade, mas a senhora com quem ele se casou, foi quem cuidou dele com muita dedicação. Mesmo hoje, a campa onde ele está é minha, mas ela a conserva sempre limpa e com flores.... Quando ele morreu ela me ligou e eu lhe disse: tudo que meu pai tiver é seu, eu não quero. Ela me contou que o gerente do banco não a deixava mexer no dinheiro. O gerente era meu conhecido, andou comigo na escola, e eu liguei para ele e pedi-lhe que a deixasse levantar o dinheiro. Imagine que meu pai tinha 94 anos e fizeram-no fazer uma aplicação por 12 anos! Tudo o que meu pai podia me dar era em vida. Ela sabia que eu havia sido contra o casamento, mas isso foi antes, à medida que as coisas se compuseram... e ela sempre o tratou bem.*

P: O seu nome foi uma inspiração ou inspirou outros na família?

P3: *Meu nome foi uma inspiração para outros na família...Depois de mim apareceram mais 03 Y. Antes, não havia nenhum. Aqui em Portugal, há o hábito do afilhado (a) ter o nome do padrinho/ (madrinha) ... Meu padrinho era sapateiro, pai do rapaz que esteve na farmácia, mas não se chamava Y... Meu nome foi o primeiro, talvez porque tivesse sido um bom rapazito...*

(Ele e o P5 recordam-se de quem trabalhava na farmácia e seus nomes e filiações...)

P6: *Meu nome é o de minha madrinha, mas nem ela, nem eu, gostamos do nome; e ela ficou triste, quando minha mãe disse ter dado o nome dela para mim... Não sei porque não gosto. Minha família é dos X. Tenho um neto, que está a estudar Medicina, para ser médico, se Deus quiser, que se chama XX.*

P5: *Meu nome é igual ao de meu padrinho. Também não gosto do meu nome.*

P4: *A mãe de minha mãe e minha mãe eram X...*

P: Como é ser velho em Portugal?

P4: *Em casa, ninguém pensa que é velho. Eu não ia deixar....*

P6: *Gosto da palavra velho! Mas quando começam a se queixar não lhes dou oportunidade de queixas. Eu também tenho dores, mas não ligo nada.... Uma vez nos ligaram. Era um convite para uma pesquisa.... Perguntaram-nos se tínhamos pressão alta, diabetes... não tínhamos nada... e não acreditaram, como era possível? Nos nossos relacionamentos há um senhor de 95 anos e ficamos sabendo do aniversário dele na padaria que frequentamos e ele estava lá.... Comprei um bolo de arroz e pedi a toda gente que estava lá para me*

ajudar a cantar parabéns para ele- ele não tem família... Ele ficou com os olhos cheios de lágrimas.... Não custa nada...

P3: *Ser velho em Portugal não é das coisas mais engraçadas de se contar. Suponho que depois de 25 de abril houve muitas transformações, mas não tão boas para se ter uma vida ativa... Velhice não é estatuto de quem teve vida ativa... A sociedade não está preparada para um estatuto de preferência para os velhos. E, em relação a mim, ainda hoje, não me dei conta que sou velho. Todos os dias vou ao ginásio (desportos). Sábados e domingos damos umas voltinhas no Fontelo (parque). Agora ainda me recupero da Quimioterapia, estou retornando aos poucos... Doença para mim, foi algo que aconteceu, mas não esmoreci por causa disso. Continuo a pensar da mesma maneira. Agora ando um pouco cansado, porque tive alimentação por sonda, após a cirurgia, mas encaro isso como algo que aconteceu e tenho que superar, e não me queixo...*

P4: *Faço muitas coisas e vejo colegas minhas com 50 anos, que são umas chatas. Eu não tenho nada, estou sempre bem-disposta para tudo. Sou uma doida, estou sempre a pensar nos outros.... Não ando com velhos. Só na hidro é que ando. Faço tudo no Palácio do Gêlo (shopping center onde fica a academia). Faço natação (50 piscinas!) Ioga; pilates; 01 hora de ginásio antes do bodyballance; e ginásio duas vezes na semana cada; e hidroginástica 03 vezes na semana...*

P5: *Já estou cansado só com as atividades de PR...*

P5/P6: *Fazemos tudo a pé, os dois. Às 2as e 6as feiras P5 vai à cidade.... Quando vamos ao Jumbo, é como uma mercearia de bairro: falamos e brincamos com toda a gente!*

P5: *Faço caminhadas, faça chuva ou sol, é o meu esporte. Tenho uma quintazinha e planto rosas, e algumas verduras...*

P: O que é ter uma velhice resolvida?

P5: *Ter velhice resolvida é estar resolvido com os filhos, com a sociedade, com a família.... Não temos quaisquer problemas.... Tenho orgulho dos meus netos e, quando os pais estão em casa eles os comandam. Tenho 03 filhos: um rapaz e 02 raparigas. Uma delas mora em Coimbra e a outra em Setúbal. O que estudou menos foi o rapaz. O que posso faço dentro de casa.... Às vezes, a casa é cheia, umas 14 pessoas. É uma alegria ter os netos.... Cabem todos.... Eles ainda vêm passar as férias conosco... Os de Setúbal têm 6, 14 e 16 anos. Temos um com 17 anos... Mas esse tem namorada, já não vem. Vamos busca-los em Mangualde... Adoram vir à casa dos avós!*

P3: *Sinto que não estou velho, que tenho possibilidade de vida ativa...*

P4: *Agora mudei tudo para o período da manhã, por conta da doença do C. Ele foi operado há 01 ano... a Dra. Disse, por conta de uma tossezinha do P3, e porque outros exames não deram nada, que era bom ele fazer uma endoscopia e o resultado foi para ela e ela conseguiu que ele fosse operado em 02 a 3 dias a seguir...E o médico que o operou, disse que era bom ele fazer uma quimioterapia antes da cirurgia, se calhasse, dispensaria fazer depois. Foi sorte!*

P: *Sr. P3 nasceu de novo há um ano!*

P3: *É verdade!*

P5: *Eu me sinto lisonjeado porque vejo/ ouço na TV, nos jornais, o que se faz aos velhos, os netos e os filhos... O que nos choca é a maneira com a sociedade nos trata. No aspecto humano, matar a avó, por exemplo, por conta de uns trocados para a droga? Se tenho algo é à custa de muito trabalho.*

P4: *Meu marido vai às compras, à farmácia, ao Jumbo, enquanto estou na atividade desportiva...*

P5: *Não tenho medo de morrer, mas de sofrer e de fazer sofrer. Conheço um senhor que ficou na cama e não reconhecia ninguém. Ficou anos assim... Tenho que fazer um testamento para desligar a máquina- não prolongar a vida artificialmente.... Nos custa ver sofrer uma pessoa assim...Gostaria de acordar morto...*

P6: *Os filhos todos sabem...*

P: Um balanço do viver?

P4: *Hoje sou mais compreensiva, não sofro como sofria antes (antecipação) Meu marido ficou doente, encaramos bem, como ter que passar por algo.... Minhas irmãs morreram e eu encarei bem. Não sei se é do loga.*

P5: *A mim morreram um sobrinho neto, outro familiar com ataque cardíaco, uma prima por choque anafilático...*

P4: *Há um ano, com a cirurgia do meu marido, a vida se alterou.... Não me queixo, com a cirurgia do meu marido, ... vou para minhas atividades, deixo tudo preparado antes, pois ele come pouco, mas tem horas certas para comer...*

P5: *Sou muito emotivo, qualquer coisa, choro. Nosso casamento sempre teve muito carinho, somos casados há 55 anos.... Ter criado os filhos e um cunhado... meu sogro chegou a dizer-me que o filho dele era eu.... Nós não esperamos que nos telefonem, sabemos que eles têm a vida ocupada.... Somos um clã. Cumprimos algumas obrigações, demos alguns anos de vida nisso, mas o coroar da vida são os filhos que se dão bem, sem invejas.... Digo que não devemos cobrar...*

P6: *Meu marido é emotivo, não teve carinho na infância...Mas é de tal modo amigo do clã, que quando voltamos de Angola e fui ser professora de aldeia e levei uma das nossas filhas, que era minha aluna e passávamos a semana lá, enquanto ele ficava em Viseu trabalhando com um dos nossos filhos (enquanto a outra estudava em Coimbra), todos os dias ele escrevia-me uma carta, mesmo na 6ª. feira, o dia em que eu costumava voltar e mas enviava. Quando eu retornava para a aldeia, na semana seguinte, havia lá uma carta a minha espera... Pequenos nada, que não são nada pequenos...*

Eu: *Atos com significado.... Seu marido me disse que uma página era pouco para guardar a história dele. Vejo que ele construiu o que gostaria de ter recebido*

P6: *Sim...*

P3/P4: *Nós somos casados há 54 anos, faz este mês.... As nossas meninices foram difíceis, mais as dela do que as minhas. Alguns problemas poderiam causar outros problemas, mas graças a Deus foram sanados...*

P4: *Apesar de não termos tido filhos (nossa opção) em casa sempre tivemos crianças, mas hoje, passa um anos, sem irem a minha casa...As que não são família, sempre nos vêm ver...*

P3: *Nossa vida econômica... Em Lisboa correu bem, mas fruto de grande trabalho, de procura e de estudo. Tive a sorte de ter um emprego que, à primeira vista, nada tem a ver com uma pessoa que vem do interior. Tive a sorte de ir para uma empresa que me deu muitas possibilidades. Quando apareceu a guerra, não era possível contratar.... Vindo visitar os pais em Viseu, soube que o manda chuva da companhia tinha andado ao colo de uma tia minha... E eu disse à minha mãe da chateação que tinha por não entrar na empresa. Minha mãe disse-*

me para falar com essa minha tia. Eu era solteiro, então. O manda chuva da empresa disse-me para eu embarcar no barco, mesmo sem que houvesse uma contratação, eu iria aprendendo e quando chegasse a hora, eu estaria pronto para assumir a vaga. Fiquei 3 anos nessa condição de aprendiz. Eu criara um esquema dos horários de navios em Lisboa. Passado o tempo, entrei na companhia. E, em 12 anos, ocupei de aspirante, 1º. Oficial, 2º. Oficial, até o cargo de chefe de sessão, uma categoria equiparada a diretor.

P4: *Somos independentes, mas nem poderíamos depender (não temos de quem...).*

P3: *Além de ser um profissional, entrei no assistencialismo da empresa (sindicato). Havia um grupo desportivo: gerimos 03 refeitórios; 01 teatro; 01 bar; 01 biblioteca; 01 serviço de assistência dentária; 01 serviço de enfermagem. Fui um incentivador dessas criações. Depois houve uma dispensa em massa, mas fui escolhido para a frente de um serviço, que antes necessitava de 45 empregados para funcionar.*

Eu: **O senhor foi se adaptando a todas as circunstâncias...**

P3: *Fui além disso, dirigente sindical nos tempos livres. A SGTP criou uma agência de viagens só para trabalhar com sindicatos. Fui também secretário de Henrique Medina, que tem um irmão que esteve no Brasil, inclusive... Henrique Medina foi o pintor que ficou conhecido por ter pintado o quadro que aparece no filme “ O Retrato de Dorian Gray’, no qual quem envelhece é o retrato, e não o retratado. Esse pintor tem, inclusive, um museu em Esposende...Mas Henrique Medina nunca gostou da Amália Rodrigues...Conhecemos esta história por termos convivido com ele por dezena de anos...*

P4: *A última vez que estivemos com ele foi no Minho...*

P3: *Tivemos uma vida sempre cheia...*

P4: *Habitamo-nos a uma vida sempre cheia e diferente, que hoje não acho que custa o que faço hoje.... Temos que nos adaptar. Tentamos fazer com que a velhice não seja um problema, como é para tanta gente.*

P3: *Preenchemos nossa vida. Hoje, nosso objetivo é fazer com que nossa vida não seja como a de tantas pessoas (velhos, como nós) ...*

P4: *Aconselhamos as pessoas a fazerem atividades. Toda a gente sabe o meu nome...*

Eu: Proponho uma reflexão para falar sobre sexualidade e apresento o texto “ Ruído de passos”, de Clarice Lispector. Indago o que pensam sobre a sexualidade na velhice e se estiverem desconfortáveis sobre o tema para expressarem- se, não há nenhum problema no não responderem.

Percebo muitos silêncios.

P4: Sorri ao escutar a crônica.

P6: Fiz uma histerectomia total e foi a melhor coisa que aconteceu e isso foi há muitos anos. Minha ginecologista disse-me que eu tinha o útero invertido, o que causa infertilidade. Mas tive 03 filhos e até o 3º. usei o calendário. A partir daí, não mais.

P5: *Nenhum problema quanto a isso, somos sexualmente ativos. Gosto de brincar com o dizer: Nosso Senhor não tirou a idéia...*

P4: *Nossa sexualidade terminou com a doença (câncer do estomago) e com a medicação que faço uso para a próstata...*

P4: *Agora é tudo diferente, mas encaramos como natural. Aos homens assusta mais.*

Minhas reflexões: Falamos do passado no presente. Vocês falaram que apesar de termos perdas, aumentaram a rede de convivência, nas atividades em que se envolvem. Vocês compram bolos para os amigos, fazem biscoitos para os netos e não só para os netos, arranjam coisas para fazer na vida que continua...

P6: *Fazemos coisas para pessoas que não são da família e temos bisnetos emprestados...*

EU: **Vou falar um pouco sobre Nostalgia.... Ela foi considerada doença cerebral, até que se descobriu que era apenas saudades. Que poderia ser um alimento para a auto- estima. A experiência passada faz com que se olhe para traz e se veja a construção do caminho que foi percorrido e que hoje palmilhamos. Nada seria possível se não fosse esse caminho.**

Gostaria de agradecer a vocês a presença e a colaboração dos senhores em minha pesquisa...

P3/P4: *Nós não somos o retrato dos velhos de Portugal.*

P5/P6: *Não, nós não somos...*

P5: *Eu tinha muita paciência com velhos, quando novo e queria que, quando fosse velho, tivesse gente para conversar comigo. Não tenho falta disso.*

P4: *A mim me enervam as pessoas moles...*

P6: *Somos bem resolvidos.... Foi uma tarde muito boa, esta. Se precisar de mais alguma coisa, por favor, somos uns velhos chatos e conversadores...*

P6: *Tem uma filha maravilhosa...*

P4: *Eu não tomo remédios e ela me arruma coisas naturais...*

Apêndice 4 - Ficha Biográfica dos participantes

Nome:

Idade:

Estado Civil:

Sexo:

Casado

Solteiro

Viúvo

Divorciado

Separado

Profissão

Escolaridade

Ensino primeiro grau:

Ensino Médio (2º. Grau) completo_____;

Incompleto:

Apêndice 5 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA PUC/SP

Resolução 466/2012-Conselho Nacional de Saúde/

O Sr(a) foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada: “LONGEVIDADE: NOVOS CONQUISTAS, NOVOS ESPELHOS, NOVOS OLHARES”, que tem como objetivo geral perceber e entender novas vivências da velhice. A pesquisa tem como objetivos específicos: entender a motivação da vida na velhice; perceber a presença dos sonhos no envelhecimento; entender a importância do lembrar na velhice; perceber como o pertencimento é mantido no envelhecimento; e entender a vivência da sexualidade na velhice.

Este é um estudo baseado em uma abordagem qualitativa, que utiliza a coleta de narrativas para posterior análise do discurso.

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, e em nenhum momento, será divulgado seu nome em qualquer fase do estudo. Sua privacidade sempre será assegurada, vez que seu nome, em caso de exemplificar determinada situação, será substituído de forma aleatória. Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados poderão ser divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação é voluntária, isto é, o (a) Sr (a) pode, a qualquer momento, recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir da participação na pesquisa e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará qualquer prejuízo em sua relação com o (a) pesquisador (a).

Sua participação nesta pesquisa diz respeito ao universo do envelhecimento, em temas a ele pertinentes, por meio de perguntas diretas ou reflexivas, relativas aos modos de vivências da Longevidade. A entrevista será gravada para posterior transcrição, cujo material será guardado por cinco (05) anos e incinerado, após esse período.

O (a) Sr (a) não terá qualquer custo ou compensação financeiros. Em caso de desconforto emocional a pesquisadora se compromete ao acompanhamento psicoterapêutico sem ônus de qualquer espécie. O benefício relacionado à sua participação será o de propiciar maior conhecimento científico para a área da Psicologia Clínica.

O Sr (a) receberá uma cópia deste termo no qual consta o celular/ email do (a) pesquisador (a), através do qual poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Agradecemos sua participação.

Nome do Orientador:

Nome do Orientando

Cel:

Cel:

e-mail:

e-mail:

DECLARO que os objetivos e detalhes desse estudo me foram explicados, conforme seu texto descritivo. Ao participar desse estudo, tenho plena autonomia para participar do estudo. Exerço minha vontade livre e isenta de coação, não sou obrigado (a) a participar e entendo que posso descontinuar a minha participação a qualquer momento, sem por isso ser em nada prejudicado (a). Foi-me explicado que meu nome não será utilizado nos documentos pertencentes a esse estudo e a confidencialidade dos meus registros será garantida. Estando ciente dos termos nos quais o estudo se processará, concordo em dele participar e cooperar com o pesquisador com as respostas aos quesitos e dados necessários na concretização do mesmo.

Nome do Pesquisado: _____.

R.G.: _____.

Data: ____/____/____.

Testemunha

Nome: _____ R.G.: _____.

DATA: ____/____/____.

Assinatura: _____.

Pesquisador

Nome: Maria Arlene de Almeida Moreira. R.G.: _____.

Equipe de Pesquisa

Prof. Dra. Ceneide M. de Oliveira Cervený, Coordenadora;

Maria Arlene de Almeida Moreira; doutoranda.

Apêndice 6 - Relação dos Estudos sobre Nostalgia em Oxford

EXPLORING NOSTALGIA.THE EXPLORING NOSTALGIA PROJECT.

3rd to 5th. July, 2015. Oxford. UK. 2015.

AUTRY R.. **Nostalgic Spaces in Between: Coney Island.** Wesleyan University, USA. Oxford, 2015.

BARNES, J.O. **Digital Stories: Making and Preserving Family Memories for the next Generation.** Sociology Programme, University of Waikato, Hamilton, New Zealand. Oxford, 2015.

BROCK, M. **Holding on the Lost Object: “Ostalgic” and the Material Remains of the Past.** Department of Psychosocial Studies, Berbeck, University of London, United Kingdom. Oxford, 2015.

DENG, T. **MuXin’s Nostalgic Poetic Salvation.** Hangzon Normal University, China. Oxford, 2015.

DREMEL, A; ZEKIC´ A. **Bringing the Past Back to the Future: The Politics of Memory on the Example of Yugonostalgia.** Oxford, 2015.

BELL, D. E. **The Promise of Return: Nostalgia and Ambivalente Commitments to Place in Arab and Afghan Refugee Experiences.** Saint John Fisher College, Rochester. United States. Oxford, 2015.

WONG,F; PUI, G. (2015) **The Golden Era before the Handover: The identity Politics.** The University of Hong Kong. Oxford, 2015.

JONSDOTTIR, H.T. **From American Graffiti to Pleasantville. How has the representation of Gender Changed in 1950’s Nostalgia?** University of Melbourne, Australia. Oxford, 2015.

JUCKES, D. **Ways to Feel the Past. Life writing, objects, and Nostalgia.** Curtin University, Perth, Australia. Oxford, 2015.

HANDLEY, A.G. **Ambivalent Nostalgia: Investigating Contemporary Mourning in Select Poems from Tony Harrison’s The School of Eloquence.** University of Łódź, Poland. Oxford, 2015.

KAM, L. Nostalgia to Colonialism as Toolkit to Fight Colonial Legacy: From the Queen's Pier and Star Ferry Pier's Demolition in 2006 to Umbrella Movement in 2014 in Hong Kong. Oxford, 2015.

MACDONALD, H. Toward a Poetics of Nostalgia. An Aristotelian Model of Aesthetic Memory. Mars Hill University, USA. Oxford, 2015.

MAY, N. Re- collecting Childhoods: Nostalgic Rupture and the Perpetual Return to Narratives of a Dis-Unified Self in Spize Jonze's 'Where the Wilds Things Are' (2008). University of Melbourne, Australia. Oxford, 2015.

MOREIRA, M.A.A.; CERVENY, M.O. Poetry and Nostalgia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, Brazil.2015.

MUKHERYEE, A. The Inheritance of Loss: Nostalgia and Trauma in Partition Histiography. Australian National University, Camberra, Australia. Oxford, 2015.

PANBEHCHI, M.L. Nostalgia, Memory and iPhone Camera Apps. Virginia Commonwealth University, United States. Oxford, 2015.

PHELAN, J. Accessing Nostalgia: Programming for Dementia in Museums. Learning Department, Victoria and Albert Museum, United Kingdom. Oxford, 2015.

OSÓRIO, M. Memorial University of Newfoundland, Canada. Oxford, 2015.

UTHAYOPHAS T. Longing for a Simple Past: Nostalgia Contribution to the Cycles of Military Coups in Thailand. Philosophy, Politics, and Economics, Brown University, USA. Oxford, 2015.